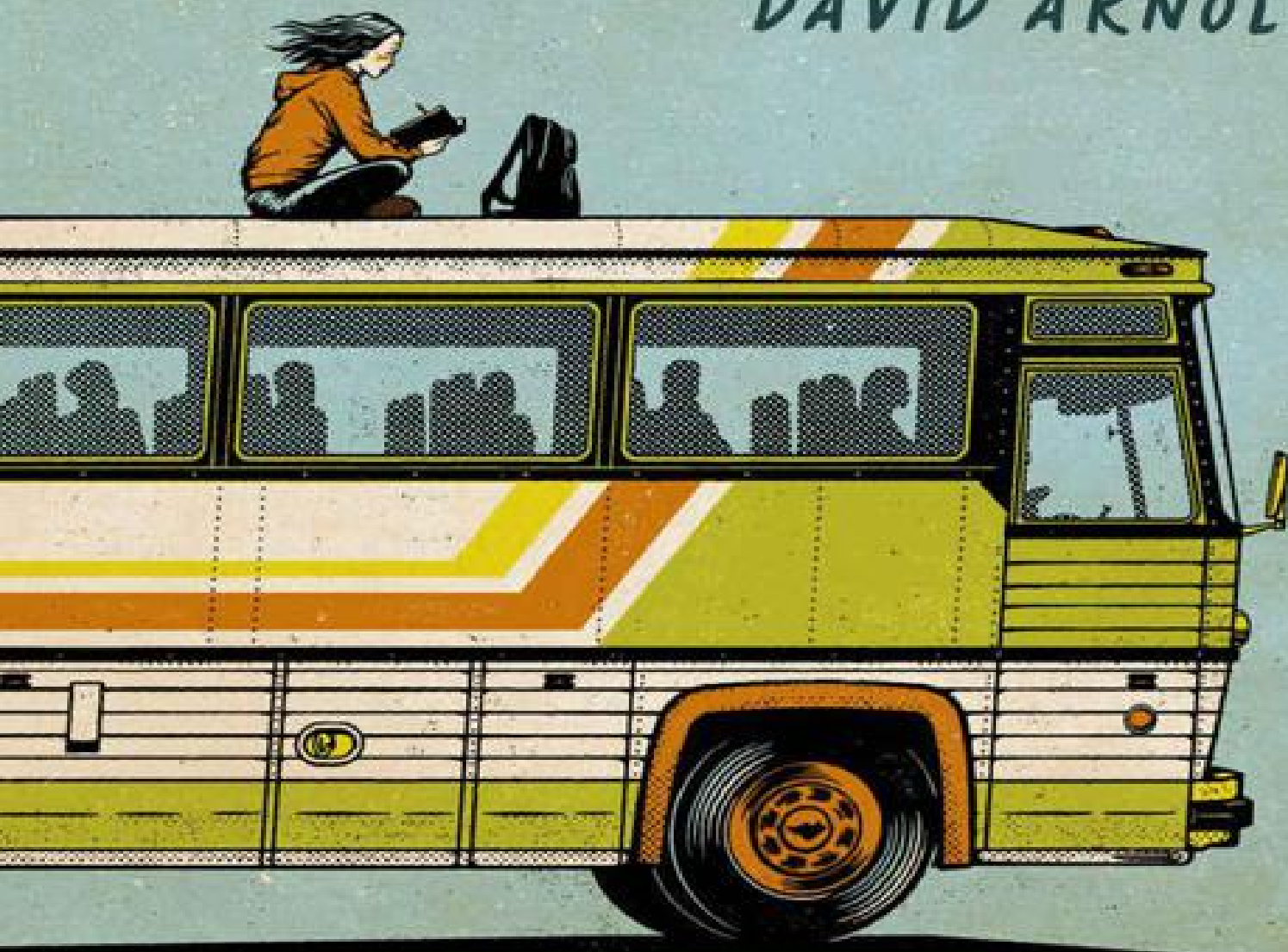


"UM LIVRO QUE FALA DA DOÇURA DA VIDA, DA CORAGEM DE QUEM AMA E DO QUE PRECISAMOS NOS AFASTAR PARA ENXERGAR O QUE ESTÁ AO NOSSO REDOR."

Wall Street Journal

MOSQUITOLÂNDIA

DAVID ARNOLD



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

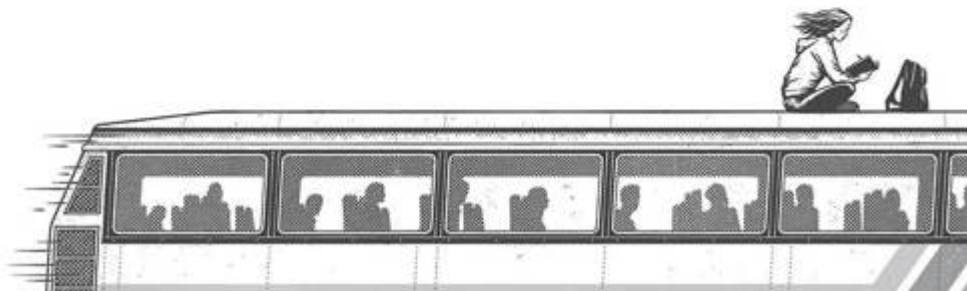
O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

MOSQUITOLÂNDIA

DAVID ARNOLD

Tradução de Alyne Azuma



Copyright © 2015 by David Arnold

TÍTULO ORIGINAL
Mosquitoland

PREPARAÇÃO
Rayssa Galvão

REVISÃO
Flora Pinheiro
Giu Alonso

PROJETO GRÁFICO ORIGINAL E ILUSTRAÇÕES DE MIOLO
Eileen Savage

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
Andrew Fairclough / Kindred Studio

ARTE DE CAPA
Theresa M. Evangelista

REVISÃO DE EPUB
Rodrigo Rosa

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-780-8

Edição digital: 2015

1ª EDIÇÃO

TIPOGRAFIA
Guardi

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



... Sumário ...

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Dedicatória

Jackson, Mississippi

1. Uma coisa só tem validade depois que é dita em voz alta
2. A proximidade desconfortável dos estranhos
3. O ônibus
4. Abilitol
5. A sexta carta

Yalobusha County, Mississippi

6. Às vezes você precisa de uma coisa
7. A metamorfose começa
8. Pedido de troca
9. A metamorfose termina
10. Levantamento
11. Hiena contra Gazela

Nashville, Tennessee

12. Anomalias
13. Tudo soa melhor em vinil

Independence, Kentucky

14. Travessuras gramaticais
15. Maldita atitude
16. Coelho branco
17. Pensando em fogos de artifício

- 18. Caleb
- 19. Os talismãs da decepção
- 20. Corra, corra, corra
- 21. Revelações na laje
- 22. A rainha da energia
- 23. As muitas perfeições de Beck Van Buren
- 24. Estradas cruzadas
- 25. Nossa única cor

Cincinnati, Ohio

- 26. Lembre-se do ponto de encontro!
- 27. A muitas falhas de Beck Van Buren
- 28. Devou Park
- 29. Apatia arquitetônica
- 30. Segundas-feiras de Kung Pao
- 31. Despedidas de faz de conta
- 32. A reta final

Ashland, Ohio

- 33. Balas de gelatina sabor pêssego
- 34. Estalagem de Ashland
- 35. Olfativa Lane
- 36. Notícias bombásticas

Cleveland, Ohio

- 37. O melhor pra ela
- 38. A redenção do boneco de palitinho
- 39. Solar da Montanha
- 40. A viagem de volta
- 41. Por trás das cortinas
- 42. Novos começos

Agradecimentos

Sobre o autor

Leia também

Para Stephanie e Winn,
os porquês por trás dos meus o quês

JACKSON, MISSISSIPPI

(1.524 quilômetros pela frente)

... **1** ...

Uma coisa só tem validade depois que é dita em voz alta

MEU NOME É Mary Iris Malone, e eu não estou nada bem.

... 2 ...

A proximidade desconfortável dos estranhos

1º de setembro — tarde

Querida Isabel,

Como membro da família, você tem o direito de saber o que está acontecendo. Meu pai concorda, mas diz que eu deveria evitar “assuntos pesados e depressivos”. Quando perguntei como ele sugeria que eu fizesse isso, considerando que nossa família tem certa tendência à depressão e a pegar pesado, ele revirou os olhos e bufou, como sempre. A questão é que sou incapaz de floreios, então aqui vai. As coisas como elas são, estilo Mim. Um papo cheio de “assuntos pesados e depressivos”.

Pouco mais de um mês atrás, eu me mudei das pradarias verdejantes de Ashland, Ohio, para a aridez seca de Jackson, Mississippi, com meu pai e Kathy. Nessa época, é possível que eu tenha arranjado alguns problemas na escola nova. Nada sério, sabe, mas isso é uma distinção sutil para os adultos quando eles decidem destruir a juventude de um adolescente. Meu novo diretor concorda com isso em gênero, número e grau. Ele marcou uma reunião para as dez da manhã, que teve como pauta apenas os crimes de Mim Malone. Kathy trocou de turno no Denny’s só para acompanhar meu pai, como membro da família. Eu estava na aula de álgebra II, assistindo ao caso de amor entre o sr. Harrow e os polinômios, quando meu nome ecoou pelos corredores pintados de coral.

— *Mary Iris Malone, favor comparecer à sala do diretor Schwartz. Mary Iris Malone, comparecer à sala do diretor.*

(Nem preciso dizer que eu não *queria* ir, mas quando o alto-falante convoca, os alunos atendem. Sempre foi e sempre será assim.)

A antessala que dá para a diretoria estava abafada, com uma decoração sufocante em tons de marrom e vermelho. Havia pôsteres motivacionais em todas as paredes, oferecendo encorajamentos de uma só palavra e imagens de águias majestosas sobrevoando montanhas arroxeadas.

Tive uma ânsia de vômito, mas engoli.

— Pode entrar — anunciou a secretária, sem olhar para mim. — Estão esperando você.

Atrás da mesa da secretária, a pesada porta de carvalho que leva à sala do sr. Schwartz, o diretor, estava entreaberta. Quando me aproximei, ouvi vozes do outro lado.

— Qual é mesmo o nome da mãe dela? — perguntou Schwartz, a voz abafada pelo bigode brilhante estilo anos 1970, sem dúvida uma relíquia dos tempos de glória.

— Eve — respondeu meu pai.

— Certo, certo — continuou ele. — É uma pena. Bem, espero que Mim valorize seu envolvimento, Kathy. Ela precisa de uma figura materna em um momento como este.

Kathy se pronunciou:

— Todos queremos que Eve melhore, sabe? E ela vai melhorar. Vai vencer a doença. Eve é uma guerreira.

Ainda do outro lado da porta, fiquei paralisada — por dentro e por fora.
Doença?

Schwartz (suspirando):

— Mim já sabe?

Meu pai (dando um suspiro diferente):

— Não. O momento não me pareceu adequado. Escola nova, amigos novos... manias novas, como o senhor pode ver.

Schwartz (dando risada):

— Exato. Bem, com sorte, as coisas vão se ajeitar para Eve em... Onde é mesmo que ela está?

— Cleveland. E obrigado. Estamos torcendo por ela.

(Todo bom personagem, Isa, seja na página ou na tela, é multidimensional. Os mocinhos não são de todo bons, os vilões não são de todo maus, e não deveria existir qualquer personagem que seja apenas uma coisa ou outra. Lembre-se disso quando eu contar a bizarrice que aconteceu em seguida, porque, apesar de eu não ser uma vilã, não sou imune à vilania.)

Nossa heroína se afasta da porta de carvalho e, com muita calma, sai da diretoria, do prédio da escola, do pátio. Ela caminha atordoada, tentando juntar as peças. Do outro lado do campo de futebol americano, atletas fortões a encaram com desdém, mas ela não lhes dá atenção. Seus bons e velhos sapatos de segunda mão a levam pela calçada esburacada, enquanto ela pensa nas três semanas de seca, sem cartas nem ligações da mãe. Nossa heroína pega o atalho atrás do Taco Hole, ignorando o aroma de carne. Ela anda pelas ruas solitárias da nova vizinhança, dá a volta no carvalho gigantesco e para por um instante à sombra da nova residência. Ela olha a caixa de correio — vazia, como sempre. Pega o celular, liga para a mãe pela centésima vez, ouve pela centésima vez a mesma voz robótica e fica de coração partido pela centésima vez.

Este número não recebe chamadas ou não existe.

Ela fecha o flip do telefone e olha para a casa nova, uma casa comprada pelo preço módico de “tudo em que ela sempre acreditou”. Então sussurra o refrão de uma de suas músicas favoritas:

— “Vidro, concreto e pedra.” — Mim sorri, prende o cabelo em um rabo de cavalo e termina o verso: — “É só uma casa, não um lar.”

Nossa heroína entra na casa e sobe as escadas de três em três degraus. Ignora o cheiro de casa nova — uma combinação estranha de desinfetante, tacos e negação obstinada — e vai para o quarto. Lá, enche a adorada mochila JanSport com o suficiente para passar a noite: uma garrafa d’água, produtos de higiene pessoal, roupas, remédios, maquiagem de guerra, lenços removedores de maquiagem e um pacote de batatinhas chips. Entra no quarto do pai e da madrasta e se ajoelha diante da cômoda de Kathy. Nossa heroína abre a última gaveta, enfia a mão por atrás de uma pilha de roupas íntimas de compressão da marca Spanx e pega uma lata de café com o rótulo HILLS BROS. MISTURA ORIGINAL. Depois de abrir a tampa, pega um maço de dinheiro e conta as notas de vinte dólares, com o rosto de Andrew Jackson estampado, até atingir a marca de 880 dólares. (A madrasta má superestimou o sigilo do esconderijo, pois nossa heroína vê *tudo*.)

Após colocar a lata na mochila, ela sai da casa que não é seu lar, corre uns oitocentos metros até o ponto de ônibus e pega uma linha que a leva até o terminal Jackson Greyhound. Fazia um tempo que ela sabia o onde: Cleveland, Ohio, 1.524 quilômetros de distância. Mas, até aquele dia, não sabia o como nem o quando.

O como: um ônibus. O quando: aquele instante, imediatamente, rápido.
E... fim de cena.

Mas você é uma Malone de verdade, portanto isso não é suficiente. Vai precisar de mais do que o onde, o como e o quando — vai precisar dos porquês. Vai pensar: *Por que nossa heroína não [inserir solução brilhante]?* A verdade é que os motivos são complicados. Tenho um trilhão de motivos, mas continuo sem fazer ideia de como eles vieram parar na minha cabeça.

Então talvez este relato seja isso mesmo, Isa: minha Lista de Motivos. Vou explicar os porquês por trás dos meus o quês, e você poderá ver por conta própria como tenho muitos motivos. Considere a conversa escusa entre meu pai, Kathy e o sr. Schwartz o Motivo nº 1. O caminho até Cleveland é longo, então vou tentar descansar, mas, por ora, saiba disto: meus motivos podem ser complicados, mas minha Missão é bem simples.

Chegar a Cleveland, encontrar minha mãe.

Uma continência para mim.

Aceito essa missão.

Câmbio e desligo,
Mary Iris Malone,
Suprema Salvadora de Mães



REFORÇAR AS LINHAS do boneco de palitinho que desenhei na capa do diário quase não faz diferença. Bonecos de palitinho são sempre meio magrelas.

Jogo o cabelo escuro por cima do ombro, encosto a testa na janela e fico impressionada com o mundo lá fora. Antes de Mississippi se revelar um lugar diabólico, ficar maravilhada era algo incrivelmente único. Mas há algum tempo isso passou a ser, não sei... mediano. Tragicamente medíocre. Para completar, uma chuva

de proporções apocalípticas castiga a terra nesse exato momento, e não consigo deixar de pensar que é merecido. Guardo o diário na mochila e pego o frasco de antidepressivos Abilitol. Colocar o comprimido na boca, engolir e repetir o processo todos os dias: esse é o hábito, e o hábito faz o monge, como meu pai gosta de dizer. Engulo o comprimido e guardo o frasco na mochila com um gesto definitivo. Também faz parte do hábito, como eu gosto de dizer.

— Que diabo você está fazendo aqui, mocinha?

Primeiro vejo o topete, uma mecha alta de cabelo duas fileiras de poltronas adiante, que está molhado e inclinado como a Torre de Pisa. O homem — um funcionário da empresa de ônibus chamado Carl, de acordo com o crachá ensopado na camisa de botão — é enorme. Até meio desajeitado. Ainda me encarando, ele pega um burrito não sei de onde, abre o papel-alumínio e o ataca.

Enchanté, Carl.

— Este é o ônibus que vai para Cleveland, não é? — pergunto, revirando a mochila. — Eu tenho a passagem.

— Mocinha — começa ele, com a boca cheia —, por mim, você poderia ter até o maldito bilhete dourado do Willy Wonka. Ainda não começamos o embarque.

Na minha cabeça, mil pequenas Mims lançam flechas em chamas em Carl, fazendo seu topete queimar e cair como uma linda labareda. Antes que uma dessas Mims metafísicas me cause problemas, ouço a voz da minha mãe ecoando em minha mente como um sino, o som da infância: *Afogue-o em gentilezas, Mary. Afogue-o pra valer.* Abro um sorriso inocente ao ouvir o sotaque britânico da minha mãe.

— Uau, que uniforme lindo, meu camarada. Acentua os músculos do seu peitoral.

A Torre Inclinada de Topete mastiga o burrito com calma, depois se vira e aponta para a porta aberta. Coloco a mochila nas costas e atravesso o corredor.

— Sério, camarada. Seu peitoral é incrível.

Saio pela porta e sou açoitada pela ventania antes que ele tenha tempo de responder. Imagino que não fosse isso que minha mãe queria dizer com afogar alguém em gentilezas, mas, sério, naquele momento, fui a única versão de mim que poderia ser.

Coloco o capuz e atravesso a estação até um toldo, pulando meia dúzia de poças cada vez maiores. Embaixo da cobertura, sete ou oito pessoas estão apertadas, olhando para o relógio, relendo o jornal ou fazendo qualquer outra coisa para evitar a proximidade desconfortável dos estranhos. Eu me encolho ao lado de um homem de meia-idade usando um poncho e observo a água pingando do toldo e formando uma pequena cachoeira.

— É o seu? — pergunta o homem de poncho, a centímetros de distância.

Por favor, não esteja falando comigo, por favor, não esteja falando comigo.

— Com licença — insiste ele, me cutucando. — Acho que seu telefone está tocando.

Tiro a mochila das costas e pego o celular. As notas melodiosas de “I Just Called to Say I Love You”, de Stevie Wonder, ecoam nas paredes da pequena prisão de lona e água. Stevie só toca quando Kathy liga, o que anula o sentimento da letra na mesma hora.

— Que lindo! — exclama o homem de poncho. — É seu namorado?

— Madrasta — sussurro, olhando para o nome na tela.

Kathy programou a música como seu “toque especial”. Faz tempo que quero mudar para algo mais apropriado, como a Marcha

Imperial do Darth Vader ou uma voz robótica que grita “Perigo! Perigo!” sem parar.

— Vocês devem ser próximas.

Com o celular tocando nas mãos, eu me viro para o homem.

— O quê?

— A música. Você e sua madrasta são próximas?

— Ah, sim, claro — respondo, reunindo todo o sarcasmo que tenho no corpo. Não atendo a chamada e jogo o celular na mochila.

— Somos muito próximas.

Ele assente, sorrindo de orelha a orelha.

— Que maravilha.

Não respondo. Minha cota de conversas com estranhos atingiu o limite. O limite da década.

— Então, aonde está indo, querida? — pergunta ele.

Bom, mais essa agora.

Respiro fundo e atravesso a pequena cachoeira, indo para a chuva. Ainda está caindo água pra caramba, mas não faz mal. É a primeira chuva de outono, minha favorita do ano. Talvez seja isso, ou a adrenalina das decisões que tomei hoje, que me faz me sentir impulsiva — ou, quem sabe, honesta. Às vezes é difícil saber a diferença.

Eu me viro para o homem de poncho e vejo seus olhos úmidos e brilhantes, mas não é choro nem chuva. É algo totalmente diferente. E, por uma fração de segundo, tenho a estranha sensação de que tudo e todos à nossa volta desapareceram. Somos só nós dois, condenados a encarar um ao outro em meio a uma tempestade voraz no terminal de ônibus, para todo o sempre.

— Sabe — grito mais alto que a chuva, quebrando a maldição —, tenho dezesseis anos.

As pessoas sob o toldo estão nos encarando, impossibilitadas de continuar a ignorar a proximidade desconfortável daqueles estranhos.

— Tudo bem — responde ele, assentindo, ainda sorrindo com aqueles olhos vítreos.

Tiro uma mecha de cabelo ensopada do rosto e aperto mais o cordão do capuz na cabeça.

— Você não devia conversar com garotinhas em terminais de ônibus. É esquisito, cara.

Ensopada e pensando na loucura do mundo, piso em todas as poças até as portas da estação Jackson Greyhound. Ao lado do portão de embarque C, um homem baixo usando uma boina de lã me entrega um folheto.

ESPECIAL DE FERIADO

FLANGO TSO \$4,50

P Q PAGAR MAIS? APAREÇA! MUITO FAMOSOS!

O folheto é uma fileira de dominós: a primeira peça cai e desencadeia uma sequência de lembranças: uma mensagem em branco em um biscoito da sorte derruba as tradições do Labor Day, o Dia do Trabalho neste país, que derruba o Elvis, que derruba os fogos de artifício, que derruba como as coisas costumavam ser, que derruba, e derruba...

A mil quilômetros de distância, sei que minha mãe está precisando de mim. É algo que sinto, e sinto com toda a força, com intensidade, com mais certeza do que já soube de qualquer outra coisa.

Quatro dias até o Dia do Trabalho.

Noventa e seis horas.

Não posso me atrasar.

... 3 ...

O ônibus

1º de setembro — tarde

Querida Isabel,

Estou entediada. Em um ônibus. Presa ao lado de uma senhora que não para de se inclinar na minha direção, como se quisesse puxar conversa. Então, para manter a sanidade, decidi escrever.

O feriado é o Motivo nº 2.

Sei o que você está pensando: *Jura, Mim? O Dia do Trabalho?* E com razão. O que a primeira segunda-feira de setembro tem de tão especial para o governo fechar todo o comércio em sua homenagem? Para ser sincera, se a escola não fechasse e o happy hour não fosse mais longo, acho que ninguém nem saberia que o feriado existe.

Exceto eu.

Em um desses feriados, seis ou sete anos atrás, minha mãe se levantou no meio do jantar e perguntou se eu queria sair para caminhar. Meu pai ficou de cabeça baixa, brincando com a comida no prato.

— Eve — sussurrou ele, sem olhar para cima.

Eu me lembro de rir, porque pareceu que ele estava dando nome para a comida. Minha mãe disse alguma coisa sobre fazer exercícios após as refeições ser bom para a digestão, segurou minha mão, e, juntas, saímos e ficamos andando pelas ruas silenciosas do bairro. Rimos, conversamos e rimos mais um pouco. Eu adorava quando ela ficava assim, animada, divertida e no clima de continuar animada e divertida. Não importava o que tinha acontecido no dia anterior ou o que aconteceria no dia seguinte, tudo o que importava era viver o momento.

Coisa rara.

Continuando...

Foi quando descobrimos aquilo. Ou melhor, encontramos *aquelas pessoas*. Nossa turma.

Eles moravam em Utopia Court, se é que dá para acreditar — um pequeno beco escondido nos limites do bairro. Quando viramos a esquina, foi como atravessar o espelho da Alice, só que, em vez do Jaguadarte e da Rainha Vermelha, encontramos revolucionários e idealistas, pessoas que amaldiçoavam o sistema, pessoas que se recusavam a reverenciar a mediocridade suburbana. Enquanto o restante da vizinhança assistia à TV ou jogava video game, aquele pequeno beco desencadeava explosões que durariam para sempre.

Eles entendiam a ideia de ser animado e divertido naquele momento.

Todo ano, minha mãe e eu voltávamos. Nós duas nos rendíamos aos assados, às barracas de limonada, às cervejas, à música alta, às crianças barulhentas, às bandeiras tremulando, aos fogos de artifício e aos banquetes. Participávamos daquilo com muita vontade, fome e sede, sabendo muito bem que levaria mais 364 dias para acontecer outra vez. (No primeiro ano, voltamos no Memorial Day — e *nada*. Nadinha. Parecia um estádio de basquete vazio. Foi a mesma coisa com o feriado de 4 de julho. Acho que Utopia Court estava mais para Nárnia do que para o espelho de Alice nesse aspecto. Nunca estava onde — ou melhor, *quando* — pensávamos que estaria.)

Resumo da história: diante da mediocridade suburbana, Utopia Court oferecia uma rebeldia genuína, e amávamos cada minuto daquilo.

Então esse é o cenário.

Vamos para a explicação.

Ano passado, assim que os fogos de artifício começaram a ganhar força, minha mãe largou a cerveja e começou a agradecer e a se despedir. Alguma coisa estava errada — nunca íamos embora tão cedo. Mas não comentei nada. O que importava para ela importava para mim. Relutante, eu a segui para o outro lado do espelho. Admiramos os fogos de artifício a distância, andando de mãos dadas (sim, eu dava a mão para minha mãe, mas nada na nossa relação era muito normal). De repente, ela parou. Essa imagem — da silhueta dela contra o céu escuro, enquanto fogos majestosos explodiam por toda parte — é uma lembrança que guardei no bolso de trás e que posso acessar e rever sempre que desejar, pois queria me lembrar dela daquele jeito para sempre, e sempre, e sempre... infinitos "para sempre".

— Mary — sussurrou minha mãe.

Ela não olhava para mim, e dava para ver que sua mente estava em algum lugar aonde eu nunca poderia ir. Esperei pelo que quer que fosse que minha mãe quisesse dizer, porque era assim que nosso relacionamento funcionava. Não havia por que questioná-la. Por alguns minutos, ficamos paradas na calçada tranquila, entre a rebeldia e a mediocridade. Enquanto os fogos de artifício morriam no céu, nossa calçada ficou mais escura, como se o show pirotécnico da Utopia fosse a única fonte de iluminação da cidade. Naquele instante, ela soltou minha mão e se virou para mim.

— Eu já fui amável — sussurrou. — Mas ele nunca me amou.

Aquele tom era familiar, como uma letra de música sobre os clichês trágicos da vida de uma adolescente gótica. Mas minha mãe não era mais jovem, e aquilo não era um clichê.

— Quem? — perguntei, com delicadeza. — O papai?

Ela não respondeu. Depois de um tempo, recomeçou a andar na direção de casa, da mediocridade, se afastando da rebeldia gloriosa. Percorri o restante do caminho ao lado dela, em silêncio.

Eu me lembro disso como se fosse ontem.

Eu me lembro porque foi a última vez que demos a mão.

Câmbio e desligo,
Mary Iris Malone,
Super-rebelde



— QUE SAPATOS INTERESSANTES. Onde é que a gente encontra sapatos que nem esses?

Acho que mantive a velhinha longe pelo máximo de tempo possível.

— São de segunda mão — respondo, guardando o diário na mochila.

— De qual loja?

— Hã... não lembro.

— Hum... Tem muitas tiras, não é? E é bem colorido.

A velhinha tem razão. Só a década de 1980, com o eletro-pop cheio de tons fúcsia, poderia produzir calçados tão extravagantes. Quatro tiras de velcro em cada pé, por garantia. Em casa, tenho um batalhão de tênis novinhos no guarda-roupa, tentativas de Kathy de repor mais peças da minha antiga vida.

— Minha madrasta odeia esses tênis — comento, reclinando o assento.

A velhinha franze a testa e se inclina para ver melhor.

— Bom, eu gostei muito deles. Têm certo requinte, sabe?

— Obrigada — respondo, sorrindo. *Quem hoje em dia ainda diz requinte?* Olho para os sapatos dela, de couro branco, com solas de sete centímetros e uma tira grossa de velcro. — Os seus também são legais.

O que começa como uma leve risada culmina em uma gargalha alta.

— Ah, sim — concorda ela, levantando os dois pés do chão. — *Très chic, non?*

Vou admitir que no começo eu estava um pouco aflita por sentar com uma senhora: os penteados antigos e volumosos, as blusas de tricô de gola alta, o cheiro de sopa de cebola e de morte iminente. Mas, conforme o ônibus enchia, restaram poucas opções de companheiro de assento: era a velhinha, o homem de poncho de olhos brilhantes ou um sócia de cento e trinta quilos do Jabba the Hutt, de *Star Wars*. Então eu me sentei com ela. Penteado antigo e volumoso? Confere. Blusa de tricô de gola alta? Confere. Nada que provocasse a ira da polícia da moda geriátrica. Mas o cheiro...

Eu estava tentando identificar o cheiro desde que me sentei. Sem dúvida não tinha nada de velho. Parecia... um *pot-pourri*, talvez. Sótãos abandonados, colchas feitas à mão. Malditos biscoitos caseiros com... um toque de canela. Exatamente isso.

Meu Deus, adoro canela.

A velhinha se ajeita no assento, derrubando a bolsa no chão sem querer. No colo dela, vejo uma caixinha de madeira mais ou menos do tamanho de uma caixa de sapato. É cor de vinho e tem um fecho de latão, mas o que mais me chama a atenção é a maneira como ela a segura na mão esquerda: com tanta força que os nós dos dedos estão brancos.

Pego a bolsa e a devolvo para a senhora. Ruborizada, ela a apoia outra vez em cima da caixa de madeira.

— Obrigada — diz, oferecendo um aperto de mão. — Aliás, me chamo Arlene.

Os dedos tortos apontam para todas as direções, definindo sob uma teia de aranha de veias inchadas e anéis enferrujados. Como era de se esperar, sua mão é macia. Para minha surpresa, a sensação é bem agradável.

— Sou Mim.

Ela levanta a mesma mão para arrumar o penteado.

— Que nome interessante. *Mim*. Quase tão interessante quanto esses sapatos.

Dou um sorriso educado.

— Na verdade, é um acronome.

— Um o quê?

— Meu nome de verdade é Mary Iris Malone. *Mim* é só um acrônimo, mas, quando eu era mais nova, achava que era um *acronome*, o que fazia todo sentido.

— Acronome. Que inteligente! — comenta Arlene.

— Mary era o nome da minha avó.

— É bem bonito.

Dou de ombros.

— Acho que sim. Não...

— Combina com os sapatos? — completa ela, sorrindo e me cutucando nas costelas.

Arlene está se revelando uma nova surpresa a cada minuto, com seus sapatos de velcro e seu modo de falar, cheio de expressões como “requinte” e “*très chic, non?*”. Será que ela seria tão adorável se eu contasse tudo, até as *NOTÍCIAS BOMBÁSTICAS*? Eu poderia fazer isso. Aqueles grandes olhos azuis excêntricos estão implorando.

— Então, quem está indo encontrar em Cleveland? — pergunta ela, apontando para minha mochila. A ponta de um envelope aparece no bolso lateral, o endereço do remetente bem visível.

Eve Durham
Caixa postal 449
Cleveland, OH 44103

Escondo o envelope.

— Ninguém. Meu... tio.

— Ah, é? — Arlene levanta as sobrancelhas. — Hum...

— Que foi?

— Eu só estava pensando que *Eve* é um nome interessante para um homem.

Como um padre durante a confissão, Arlene não me olha nos olhos. Ela une as mãos no colo, olha para a frente e espera que eu diga a verdade. Acabamos de nos conhecer, mas conceitos bobos

como o tempo quase não importam quando lidamos com um espírito familiar.

Eu me viro e olho pela janela. A mata densa passa em um borrão, mil árvores se transformando em uma.

— Meus pais se divorciaram três meses atrás — revelo, alto o bastante para que ela consiga ouvir acima do barulho do motor. — Meu pai encontrou uma substituta no Denny's.

— O restaurante?

— Pois é. A maioria das pessoas só vai lá para beber café. — Arlene não ri da minha piada, o que me faz gostar ainda mais dela. Algumas piadas não são feitas para serem engraçadas. — O casamento foi há seis semanas. Eles são casados agora. — Meu peito fica apertado quando ouço minhas palavras. É a primeira vez que falo isso em voz alta. — Eve é minha mãe. Ela mora em Cleveland.

Arlene toca delicadamente minhas costas, e fico com medo do que está por vir. O monólogo de frases de efeito. O sermão encorajador, pedindo coragem diante da dissolução da típica família americana. Está tudo no manual. Os adultos não conseguem se conter quando se trata de Palavras de Sabedoria.

— Ele é um bom homem?

Ao que parece, Arlene não leu o manual.

— Quem?

— Seu pai, querida.

Pela janela, vejo um mar de árvores, que agora passam em câmera lenta: cada tronco, uma âncora. Cada copa, uma onda. Mil galhos retorcidos, folhas e espinhos pontiagudos. Meu reflexo na janela parece um fantasma, translúcido. Faço parte do Mar de Árvores, dessa paisagem borrada.

— Todas as minhas pontas soltas — sussurro.

Arlene diz alguma coisa, mas sua voz soa abafada, como se ela estivesse no cômodo ao lado. O zumbido do motor também se dissolve. Tudo fica quieto. Ouço apenas minha respiração, meu coração batendo, a fábrica interna de Mim Malone.

Estou com seis anos, lendo no chão da nossa sala em Ashland. Tia Isabel, que veio de Boston fazer uma visita, está sentada na antiga escrivaninha do meu pai, escrevendo uma carta. Meu pai enfia a cabeça na sala. *"Isa, preciso da minha escrivaninha de volta. Já terminou?"* Tia Isabel não para de escrever. *"Parece que eu terminei, Bareth?"* Meu pai revira os olhos e bufa, inflando as narinas. *"O que é um bareth?"*, pergunto, olhando por cima do livro. Tia Isabel sorri, ainda debruçada nas cartas. *"É aquilo"*, responde ela, apontando para meu pai. Olho para ele, confusa. *"Achei que o nome dele fosse Barry."* Tia Isabel balança a cabeça. *"Achou errado, carneirinho."* Amo todos os apelidos dela, mas meu pai não acha graça. *"Está escrevendo um livro, Isa?"* Ela não responde. *"Isabel, estou falando com você."* *"Não está, não"*, retruca ela. *"Está zombando de mim."* Meu pai suspira, murmura alguma coisa sobre a futilidade da correspondência e sai da sala. Volto a olhar o livro por alguns instantes. *"Para quem você está escrevendo, tia Isabel?"*, pergunto. *"Para meu médico."* Em seguida, soltando o lápis, ela se vira para mim. *"Escrever meio que... amarra as pontas soltas do meu cérebro, sabe?"* Assinto, mas não entendo. Quando se trata da tia Isa, eu quase nunca entendo. *"Já sei"*, continua ela. *"Quando eu voltar para Boston, escreva para mim. Você vai entender do que estou falando."* Penso um pouco na proposta. *"Eu também tenho pontas soltas para amarrar, tia Isa?"* Ela sorri e ri, mas não sei por quê. *"Talvez, carneirinho. De todo jeito, você devia escrever. É melhor do que sucumbir à loucura do mundo."* Nesse momento, ela

faz uma pausa e olha para a soleira da porta, de onde meu pai acabou de sair. “*E é mais barato que tomar remédios.*”

O som volta. Ouço o zumbido constante do motor do ônibus misturado à voz de Arlene, afetuosa e chorosa:

— Você está bem, Mim?

Mantenho o olho bom na paisagem.

— A gente costumava preparar waffles — respondo.

Uma pequena pausa.

— Waffles, querida?

— Todo sábado. Meu pai misturava e batia a massa enquanto eu ficava sentada em um banquinho meio bambo e sorria. Depois eu despejava a massa na chapa e...

Mais uma pausa.

— E? — insiste Arlene.

— O quê?

— Você parou no meio da frase, querida.

A última frase da tia Isabel ecoa na minha cabeça. *Mais barato que tomar remédios... médios... médios...*

Eu me viro, cerro o maxilar e olho bem nos olhos de Arlene. Escolho as palavras com cuidado, prestando atenção em cada sílaba:

— Acho que meu pai é um bom homem que sucumbiu à loucura do mundo.

No começo, Arlene não responde. Na verdade, ela parece preocupada, ainda que eu não saiba se é por causa da resposta ou do meu comportamento nos últimos minutos. Então... seus olhos brilham, e ela assente.

— Acontece com muita gente, querida. Muita gente.

Continuamos a viagem em silêncio por um tempo, e não sei dizer quanto a Arlene, mas é bom estar tão perto de alguém sem sentir a

necessidade incessante de conversar. Nós duas poderíamos apenas ficar ali. E é disso que eu preciso agora.

Porque sou Mary Iris Malone, e eu não estou nada bem.

... 4 ...

Abilitol

COMECEI AS SESSÕES com o dr. Wilson há pouco mais de um ano. Os muitos diplomas emoldurados na parede garantiam a todos que ele era um médico de verdade e não, como eu temia, um palhaço profissional.

— O que você vê aqui, Mary?

— Esse não é meu nome, doutor... Meus pais não contaram?

Os lábios do médico formaram um sorriso discreto.

— Desculpe, *Mim*. O que você...

— Também não é esse — sussurrei.

O dr. Wilson olhou para meu pai em busca de ajuda, mas aquele poço estava seco havia muito tempo.

— Certo — disse ele. — Qual é o seu nome?

— Antoine — respondi, impassível.

— *Mim*, chega — reclamou meu pai. — Responda às perguntas do dr. Wilson.

A maioria das garotas da minha idade parou de dizer a verdade há tempos e começou a falar apenas o que todos querem ouvir. Mas, pouco antes do ensino médio, ou talvez muito antes, fiz uma escolha sobre o tipo de pessoa que eu seria e, mais importante, o tipo de pessoa que eu *não* seria.

— *Mim*? — insistiu o dr. Wilson. — Pode me dizer o que...

— Onde está seu urso, doutor? — interrompi.

— Desculpe. Meu o quê?

— Peraí... não vá me dizer que você é um médico sem urso.

O dr. Wilson franziu a testa e olhou para meu pai.

— A sala de espera do dr. Makundi tinha um... — papai suspirou, como se preferisse responder qualquer coisa, menos o que estava prestes a dizer... — um urso-pardo em tamanho real. Empalhado.

— Ah, é? — perguntou o dr. Wilson.

O sorriso dele tinha um quê juvenil que reconheci na mesma hora.

Ele se acha melhor que o dr. Makundi.

Peguei os cartões com os borrões de tinta e olhei um por um.

— Pênis, pênis, pênis... Uau, isso é uma vagina?

— Mim, pelo amor de Deus, por favor — reclamou meu pai.

Bati os cartões no tampo da mesa com força e mostrei o dedo do meio das duas mãos.

— O que você vê aqui, doutor?

Meu pai se levantou e olhou para minha mãe, que estava sentada em silêncio, as mãos no colo. Ela não sorria, mas também não estava brava.

— Está tudo bem, sr. Malone — garantiu o dr. Wilson, indicando com um gesto que ele voltasse a se sentar. Em seguida, virando-se para mim, disse: — Lembre-se da nossa conversa, Mim. Lembre-se da importância de verbalizar *exatamente* o que sente. Às vezes, uma coisa só tem validade depois que é dita em voz alta.

Revirei os olhos.

— Estou com raiva e...

— Comece com o seu nome — interrompeu o médico, levantando as mãos. — Seu nome completo, por favor.

— Meu nome é Mary Iris Malone.

— Continue — sussurrou.

Baixei a voz, porque, como tinha aprendido pouco antes, um sussurro falava mais alto que um grito.

— E eu não estou nada bem. Estou com raiva. E entediada. E acho que o dr. Makundi é um médico mil vezes melhor que você.

O sorriso de Wilson era irritante.

— E as vozes, Mim? Teve outro episódio nos últimos tempos?

— Você fala como se fosse, sei lá... epilepsia, ou algo do tipo. Como se eu passasse o dia babando e tendo convulsões — comentei, pegando um cartão de cima da mesa. — E borrões de tinta não são, sei lá, medievais? O que vem depois, lobotomia? Tratamento de choque? Meu Deus, isto está parecendo *Um Estranho no Ninho*.

Wilson assentiu, impassível.

— Podemos parar com os borrões de tinta, se quiser.

— Sim, eu quero. Quero muito.

Afastando a cadeira da mesa, Wilson abriu uma gaveta e pegou um aparelho de som que parecia ter sido atirado por um canhão. Ele vasculhou seus CDs.

— Que tal um pouco de música? Você gosta de Vivaldi?

— Makundi tinha Elvis.

— Infelizmente só tenho música clássica.

Que surpresa.

— Tudo bem. Bach, então. "Suíte Nº 1 para Violoncelo"?

Ele procurou mais um pouco e pegou um CD duplo de Bach.

— Tenho quase certeza de que tenho aqui o primeiro concerto para violoncelo.

— Suíte — corriji.

— Certo, certo — murmurou ele.

— Caramba, doutor, você é um idiota.

Meu pai afundou de novo na cadeira e escondeu o rosto nas mãos. A verdade é que ele estava por um fio, então aquilo deve ter sido a gota d'água.

O dr. Wilson fez mais algumas perguntas e rabiscou algumas anotações enquanto eu observava o consultório. Plantas acolhedoras. Cadeiras acolhedoras. Uma mesa de mogno que, sem dúvida, custava tanto quanto um Audi. E, às costas do bom médico, a parede da arrogância: contei sete diplomas emoldurados, pendurados com cuidado, orgulho e uma dose extra de idiotice. *Opa, você não acredita que eu sou importante? Bom, então como explica isto aqui?!?!?!?*

Wilson parou de escrever por um instante.

— Sua família tem histórico de psicose, não tem?

Meu pai assentiu.

— Minha irmã.

Depois de sublinhar algumas coisas de forma dramática, Wilson fechou meu prontuário e pegou um bloco de papel. Era menor e cor-de-rosa.

— Vou prescrever Aripapilazone — anunciou. — Dez miligramas, o que dá um comprimido por dia.

Pelo canto do olho, vi minha mãe colocar a mão na perna do meu pai e apertar. Ele mudou de posição, afastando a perna, e não disse uma palavra.

— Desculpe — interveio ela. Era a primeira coisa que minha mãe dizia desde que chegamos. — Isso é mesmo necessário? O dr. Makundi acreditava que remédios, no caso de Mim, seriam uma medida precipitada.

Wilson tirou os óculos, fez contato visual com meu pai por um breve momento e arrancou a receita do bloco.

— Infelizmente, o dr. Makundi e eu discordamos nesse assunto. A escolha é de vocês, claro, mas esta é minha... recomendação *profissional*.

Fui a única que notou a insinuação contra Makundi. Ou a única que se importou, na verdade. *Profissional*. Insinuar que a recomendação de Makundi era *inferior* à dele. Até onde eu sabia, Wilson, meu pai e o amor deles por remédios eram mais absurdos do que todos os ursos-pardos empalhados do mundo.

— Lemos sobre um remédio que está gerando bons resultados — comentou meu pai, olhando para a receita. — Qual era o nome, Eve? Abi alguma coisa...

Minha mãe cruzou os braços e desviou o olhar. Havia um brilho nos olhos dela que eu nunca tinha visto.

O médico assentiu.

— É este aqui. Aripapilazone é mais conhecido como Abilitol.

Uma melancolia tomou conta da sala. Uma mortalha negra de doença, leitos de morte e coisas horríveis de lugares horríveis. Aquela palavra mutante e híbrida, o casamento antinatural de dois conceitos tão diferentes. *E você, Abilitol, aceita a Vilania como seu legítimo patrocinador?* Eu queria gritar objeções àquele matrimônio profano, mas nenhuma palavra saiu. Minha boca estava grudenta e seca, cheia de areia. O dr. Wilson continuou sorrindo, tagarelando sobre os benefícios do Abilitol, enquanto meu pai assentia como um daqueles bonecos *bobblehead*, com suas cabeças balançantes, imune à sombra cada vez mais densa que cobria a sala.

Enquanto eles conversavam, olhei nos olhos da minha mãe. Dava para ver que ela também sentia a sombra crescendo.

Nenhuma de nós duas sorriu.

Nenhuma de nós duas falou.

Sentimos a sombra juntas.

... 5 ...

A sexta carta

ACORDO COM OS ruídos de uma viagem de ônibus pelo interior, o sol da tarde no rosto, a cabeça pesada de Arlene no ombro. (Não fossem os roncos, eu teria jurado que a velhinha estava morta ou em coma.) Limpando o fio de baba que escorre da sua boca e pinga no meu ombro, empurro a cabeça dela para o lado e coloco minha mochila no colo.

Como sou propensa a sonhos estranhos, sempre achei cochilos mais cansativos do que revigorantes, e esse não foi exceção. Sonhei com um projeto de ciências do quinto ano. Recebemos um mapa-múndi do qual tínhamos que recortar cada continente e depois remontá-los como eram milhões de anos atrás, quando não havia sete continentes distintos, e sim um supercontinente chamado Pangeia. Na vida real, fiz exatamente isso. Mas sonhos estranhos não dão a mínima para as regras da vida, então, no sonho, em vez de cortar os continentes, decidi cortar o pequeno estado do Mississippi. Porém, antes que eu conseguisse, a página se tornou a própria região, e eu me peguei olhando para o estado todo do alto: o grande retângulo com seus ângulos agudos, o maxilar pronunciado e, na base, o pequeno pescoço que vai até o Golfo de México. De repente, o Mississippi desmoronou diante dos meus olhos e afundou na água. Assim que ele desapareceu, um exército enorme de mosquitos assumiu o lugar. Milhões e milhões

deles, zumbindo para o nada, digerindo sangue quente, pairando acima da água salgada. Por um instante, eles ficaram no formato exato do Mississippi, então parecia que o estado ainda estava lá — só que zumbindo e flutuando.

Então o exército, de uma só vez, se voltou para mim. Foi aí que acordei.

Limpo o suor da testa e tento recuperar o fôlego que perdi durante o sonho. De alguma forma, os pistões do motor do ônibus em movimento, o burburinho dos passageiros e o ocasional estouro do escapamento ajudam. É a sinfonia do transporte, uma garantia reconfortante de que estou mais perto de minha mãe e mais longe da Mosquitolândia.

Bati de leve na mancha em meu ombro (cortesia da baba de Arlene) e abri a mochila. Alguma coisa no fato de ser caçada por demônios chupadores de sangue me fez querer checar outra vez meus recursos. Abro a tampa da lata de café Hills Bros. e conto setecentos dólares de vinte em vinte. A passagem de ônibus custou cento e oitenta, então eu...

Meu coração dá um salto no peito.

O. Que. Era. Aquilo?

Do fundo da lata, tiro um rolo de papel preso com um elástico. Minha epiglote palpita de puro fascínio. Que segredos Kathy poderia esconder em sua amada lata de café?

Arlene solta um grunhido, abre um olho, coça a penugem do queixo e, em seguida, deita a cabeça em meu ombro. Eu a empurro com cuidado na direção do corredor, onde sua cabeça pende por um segundo antes de voltar para o mesmíssimo lugar.

Saco. A velha é persistente.

Escondo o dinheiro e a lata de café de novo na mochila, enfio os papéis no bolso, seguro a cabeça de Arlene com a mão e me viro na

poltrona para olhar para um casal fofo atrás de nós.

— Olá, camaradas. — Por algum motivo, as pessoas prestam mais atenção quando você fala com sotaque britânico, algo que vi em primeira mão graças ao forte sotaque da minha mãe. — Eu preciso mesmo ir ao banheiro, sabe? Vocês se importariam se eu pulasse a poltrona? Tem uma velhinha simpática dormindo aqui, e estou com dificuldade de passar.

Usei meu melhor sotaque britânico.

Quando a boca dos dois se abre em um sorriso, decido mudar a designação de "casal fofo", pelo menos no que diz respeito aos dentes. Sério. Os dois precisam fazer uma visita (ou sete) a um ortodontista. E, antes mesmo que o sujeito abra a boca para falar, algo estala no meu cérebro.

— De onde você é, camarada? — pergunta o sr. Dentes Feios.

Quando a mãe da gente é inglesa, nossa percepção fica muito mais aguçada para identificar sotaques falsos em filmes e programas de TV, um dos motivos para o meu ser tão bom. E é também o motivo de eu saber que esse sujeito é, com toda certeza, inglês.

— Oxbridge — respondi.

Parabéns, Mim. Londres, Cambridge, Oxford, Liverpool, Dover... eu até *fui* a Londres. Duas vezes, na verdade, para eventos familiares. Mas não. Oxbridge. Maldita Oxbridge.

A sra. Dentes Feios sorri para o sr. Dentes Feios.

— Querido, você não tem um amigo que mora em Oxbridge?

Ele está segurando o riso.

— Ah, sim, querida, mas Nigel se mudou para Bumlickton, lembra?

— Era Bumlickton ou Loncamdonfordbridgeton?

Para minha infelicidade, eles também sabem reconhecer um sotaque britânico falso. Morrendo de rir à sua maneira monárquica, eles se levantam para me deixar passar. O que é difícil, por causa do compartimento de bagagem no teto, mas consigo. Vou até os fundos do ônibus (a risada dos ingleses ainda ecoando nos ouvidos), me espremo no banheiro do tamanho de uma caixa de fósforos e giro o trinco para a posição OCUPADO. Há um pequeno espelho acima da pia, e mal consigo ver meu rosto, mas, só por um momento, cogito usar a maquiagem de guerra. Faz tempo, não faz? Certo, tudo bem, eu a usei ontem à noite, mas, depois das *NOTÍCIAS BOMBÁSTICAS*, quem poderia me culpar? Enfio a mão no bolso, giro o batom com o pequeno anel prateado no meio e...

Paciência, Mary.

Respiro fundo e guardo o batom no bolso de novo, depois pego os papéis secretos de Kathy e me sento na tampa de plástico da privada. Tiro o elástico e desenrolo as folhas. A primeira é uma carta de amor nojenta do meu pai para a Kathy, algo que eu daria um rim para esquecer. Eu me levanto, abro a tampa da privada e jogo a carta lá dentro. As próximas seis folhas também são cartas, mas bem diferentes da primeira, escritas em uma letra cursiva bem familiar.

Kathy,

Em relação à última carta, minha resposta é não.

Além disso, por favor, não finja que não vou superar isso. Como vão as coisas na nova escola de Mary? Diga ao pai dela que eu perguntei.

Eve

.....

Kathy,

Eu não tenho televisão no quarto, e isso é um absurdo. Você se importa de verificar isso para mim? Ninguém aqui me escuta. E, sim, entendo que vai ficar ainda mais difícil antes de melhorar. Sou eu que estou doente.

Eve

.....

Kathy,

Essas pessoas idiotas não me escutam. Você perguntou sobre a TV?

E

.....

Kathy,

Estou melhor. Por favor, fale o mais rápido possível com Barry sobre um plano B.

E

.....

Kathy,

Sério. Eu vou morrer aqui.

Por favor, me ajude.

E

A sexta e última carta é praticamente um rabisco, sem saudação nem assinatura. Eu a leio dezenas de vezes.

Pense no que é melhor pra ela. Por favor, reconcidere.

Cada gota de sangue de Mim sobe para a cabeça, envolve meu cérebro com suas pequenas plaquetas e aperta. Não consigo respirar. Não consigo pensar.

Não consigo.

Minha mãe está com câncer. De mama, pulmão, fígado, não importa. Ou talvez com febre tifoide. As pessoas ainda pegam isso? Não sei. Ou ela pode ter contraído alguma forma de gripe aviária mortal. Quer dizer, são *pássaros*. Estão em todo lugar. Mas, não, isso é absurdo. Ou, pelo menos, digno de aparecer no jornal. Eu ficaria sabendo. Não, câncer é o principal suspeito. As pessoas têm câncer o tempo todo. Mas por que pedir ajuda logo a *Kathy*?

Quase sem perceber, cerro a mão direita, amassando as primeiras cinco cartas até transformá-las em uma bolinha de papel. Fico de pé e levanto a tampa de plástico. A carta de amor afundou, uma metáfora que vale seu peso em ouro. Jogo a bola epistolar lá dentro e aciono a descarga. Virando-me para o espelho, limpo a sujeira e encaro meu reflexo. É magrelo. Como um daqueles bonecos de palitinho.

Maldita Kathy.

Antes que o telefone de minha mãe fosse cortado, eu ligava uma vez por dia. Kathy dizia que talvez não fosse uma boa ideia. Que eu deveria dar um pouco de espaço para ela, como se estivéssemos falando de um menino bonito ou coisa do tipo.

Ainda em minhas mãos, a última carta parece uma bala de revólver, e, de repente, um novo pensamento me ocorre: *E se estas não forem as únicas cartas que Kathy está escondendo?* Minha mãe foi embora três meses atrás. Pelos primeiros dois meses, eu recebia uma carta por semana, mais ou menos. Então, três semanas atrás, as cartas pararam. Mas e se não tiverem parado? Kathy deixou bem claro que não queria que eu ligasse para minha mãe, então por que entregaria as cartas? Será que há outra lata de café em algum lugar com o equivalente a três semanas de correspondência materna?

Abro a mão e releio a bala.

Pense no que é melhor pra ela. Por favor, reconcidere.

Minha mãe estava falando de mim. E o melhor para mim é estar com ela. Mas Kathy não quer que eu ligue para ela. E não quer que eu escreva. Claro que não iria querer que eu me encontrasse com ela.

Lá no fundo, um novo ódio começa a destilar uma repugnância profunda, abismal e feroz. Enfio a sexta carta no bolso e pego a maquiagem de guerra. Em geral, esse é um processo sagrado, que requer bastante sutileza. Mas, neste momento, meu nível de sutileza está próximo do de um velociraptor. Estou desprovida de sutileza. Não tenho sutileza alguma.

Pouco antes de o batom encostar na pele pálida da minha bochecha, a privada atrás de mim solta um som parecido com um arrote. Em algum lugar abaixo dos meus pés, ouço um gargarejo estrondoso, e, pela primeira vez, vejo o aviso sob o espelho.

USE O CESTO DE LIXO PARA PAPEL HIGIÊNICO E
PRODUTOS DE HIGIENE FEMININA
NÃO JOGUE NO VASO

Mas que merda!

Ouçõ o barulho de água borbulhando em algum lugar atrás do vaso e sei o que vai acontecer em seguida.

Vamos por partes: *meus sapatos*. Guardo o batom e subo na pia na mesma hora em que um líquido cor de ferrugem começa a pingar do assento de plástico do vaso sanitário. Do meu abrigo improvável, vejo, horrorizada, o líquido se espalhar pelo chão. Como nunca pensei sobre o funcionamento do sistema de esgoto de um ônibus, só posso imaginar um tanque gigante no formato de um estômago, nas entranhas do veículo, se enchendo até o limite, uma erupção iminente provocada pelas cartas amassadas. Uma coisa é certa: está começando a feder pra caramba — *eca*. Olho em volta, buscando na pequena cabine do banheiro algo para consertar a situação, qualquer coisa que faça parar o vazamento da privada: uma alavanca de emergência anti-inundação, uma bomba hidráulica ou algum tipo de botão ejetor para me lançar para fora do ônibus. Mas não existe alavanca, bomba nem botão ejetor.

A única opção é bater em retirada.

Da segurança do meu lugar na pia, me estico até o outro lado do banheiro e viro o trinco para a posição LIVRE. Balançando as pernas, consigo ganhar impulso suficiente para dar um salto decente, atravessar a porta e chegar ao corredor. Não é uma aterrissagem bonita, mas meus sapatos continuam secos, o que já é uma vitória. Abro o melhor sorriso *Quem, eu?*, fecho a porta e volto para minha fileira.

— Tudo bem, querida? — pergunta Arlene.

Dou outro sorriso *Quem, eu?*, deslizo pelas pernas dela e desabo na poltrona. Menos de trinta segundos depois, surge uma comoção nos fundos do ônibus. Olho para trás e vejo pessoas franzindo o nariz e abanando o rosto. Algumas riem, mas é uma risada de choque e surpresa, não de graça.

Olho para a fileira atrás da minha e vejo os ingleses me encarando com a gola da camisa cobrindo o nariz, como se fosse uma máscara de gás.

Então é assim que vai ser. Estou em um ônibus cheio de engraçadinhos.

Afundo de novo na poltrona, olho pela janela com o olho bom e não consigo deixar de sorrir de leve. Pela primeira vez em muito tempo, estou no lugar certo.

YALOBUSHA COUNTY, MISSISSIPPI

(1.317 quilômetros pela frente)

... 6 ...

Às vezes você precisa de uma coisa

1º de setembro — fim da tarde

Querida Isabel,

Sou uma coleção de esquisitices, um circo de neurônios e elétrons: meu coração é o dono do circo; minha alma, o trapezista, e o mundo, minha plateia. Parece estranho porque é estranho, e é estranho porque sou estranha.

Minha epiglote deslocada é o Motivo nº 3.

Há mais ou menos um ano, minha mãe me levou ao hospital porque eu não parava de vomitar. Depois de alguns exames, o pediatra disse que minha epiglote estava deslocada, algo incomum, mas com certeza nada com que se preocupar. A questão é, quando ele disse *deslocada*, entendi que ela estava perdida em algum lugar, o que acertou em cheio meu senso de humor. Imaginei um Criador distraído, coçando a cabeça e revirando o universo tentando encontrar a epiglote perdida de Mim. O médico prescreveu um remédio, mas meu esôfago infantil persistiu com tenacidade selvagem.

Com frequência, não tenho controle sobre onde e quando vomito, mas, em raras ocasiões, consigo forçar. Duas vezes desde a mudança, meu pai e Kathy me deixaram sozinha em casa. E, nas duas vezes, fiz uma visita ao quarto deles. Fiquei parada naquele carpete horrível, observando as duas escrivaninhas, uma ao lado da outra: o PC para o aspirante a blogueiro político, o Mac para a aspirante a escritora. Duas luminárias. Uma cama desfeita. Dois criados-mudos, um de cada lado, ambos com livros e lenços de papel. Metade daquelas coisas eu reconhecia, a outra metade era estranha. E, mesmo assim, estava tudo lá, misturado como se fossem um só, o familiar e o não familiar — a família com a não família.

Em geral, era nessa hora que eu vomitava. Do lado da cama onde Kathy dorme. Com a quantidade de desinfetante que ela usava, parecia que estava limpando a jaula de um gorila.

Mas, como afirmei no começo da carta, sou uma "coleção de esquisitices", e uma esquisitice só não faz verão.

O Grande Eclipse Cegante é o Motivo nº 4.

Uns dois anos atrás, houve um eclipse solar. Todos os professores e pais ficaram dizendo: *O que quer que façam, não olhem diretamente para o eclipse!* Sério, eles estavam surtando com isso. Bom, eu sendo o tipo de garota que sou, ouvi mais ou menos o que disseram, pensei mais ou menos no assunto, processei mais ou menos a informação e obedeci mais ou menos também. Fechei um dos olhos e encarei o eclipse com o outro.

Agora, sou cega de um olho.

Depois da crise inicial, fiz o que qualquer pessoa racional faria ao descobrir um problema misterioso: fui pesquisar na internet. E o universo on-line deu um nome ao meu problema (retinopatia solar), uma causa (é o que acontece quando se olha diretamente para o sol por muito tempo) e um prazo (em geral, não dura mais do que dois meses). Como já mencionei, isso aconteceu há uns dois anos, então acho que fiz as pazes com a potencial permanência da minha condição. (Acabei de me dar conta de que este parágrafo está cheio de parênteses. Acho que estou sentindo uma inclinação parentética no momento.)

(Continuando.)

Então, por que estou falando disso? Por que meus mistérios médicos são um dos meus motivos? Que bom que você perguntou. Desenvolvi uma teoria que gosto de chamar de "Princípio da Dor". Basicamente é: a dor torna as pessoas quem elas são.

Olhe em volta, Isa. Os genéricos estão em toda parte: pessoas radiantes em carros brilhantes, dirigindo rápido e falando sem parar. Elas usam palavras difíceis para contar histórias incríveis sobre lugares exóticos. Vamos usar como exemplo um menino da minha escola, Dustin Alguma Coisa. Ele fala o tempo todo sobre a "propriedade" da família. Não a casa. Uma droga de propriedade. A mãe dele contratou um mordomo/chef chamado Jean-Claude, que, de acordo com Dustin, dá aula de jiu-jitsu para a família todo dia de manhã, ao nascer do sol. (A aula é seguida de panquecas. Dustin nunca deixa de mencionar as panquecas.) Agora, seria fácil para mim olhar para Dustin e pensar: *Meu Deus,*

*que vida interessante! Como eu gostaria que minha vida fosse assim!
Coitadinha de mim!*

Mas existe alguma coisa por trás dos olhos de Dustin quando ele fala, um vazio, algo como uma lanterna se apagando. Como se alguém tivesse esquecido de trocar as pilhas do rosto dele. Esse tipo de vazio só pode ser preenchido com dor emocional, dificuldade e não sei mais o quê... a enormidade das coisas. A parte merda da vida. E nem a enormidade nem as merdas podem ser encontradas em panquecas no café da manhã. A dor é o que importa. Não são carros possantes, palavras difíceis ou histórias incríveis sobre lugares exóticos. E, com certeza, não é um criado filho da mãe metido a sensei com sotaque francês preparando café da manhã ao nascer do sol. Acho que o que quero dizer é que aprendi a aceitar minha dor como uma amiga, seja lá qual forma ela assumir. Porque sei que é a única coisa que me diferencia da mais miserável das espécies: os genéricos.

Uma última coisa sobre ser meio cega, porque estou começando a ficar irritada comigo mesma por não mudar de assunto: nunca contei a ninguém.

Câmbio e desligo,
Mary Iris Malone,
a Ciclope Maravilhosa



ARLENE, COM A caixa de madeira e o buquê variado de aromas matinais, e eu, com meus pensamentos fixos nas motivações das madrastas más, estamos sentadas na beira da estrada I-55, observando o ônibus balançar. (Carl, depois de parar de repente, nos fez descer do ônibus e agora está afundado até os tornozelos no que deve ser o equivalente a uma semana de esgoto acumulado.)

Guardo o diário na mochila e me atrevo a olhar em volta. Meus companheiros de viagem não estão lançando olhares afiados para mim — estão lançando verdadeiras cimitarras pelos olhos: uma família estilosa usando quatro camisas polo iguais; uma loira feia de dar dó, com pelo menos 1,95m de altura; dois japoneses em uma discussão acalorada; Jabba, o Barrigudo, com o rosto enfiado em um livro de ficção científica espacial; os ingleses joviais; um garoto que parece saído de um livro do Tolkien; o Homem do Poncho; e dezenas de outros, alguns tagarelando ao celular, outros murmurando de forma discreta, todos furiosos comigo por interromper sua viagem superimportante para Algum Lugar.

— Está escrevendo um diário de viagem, querida?

A doce Arlene, a rainha Arete da minha Odisseia, enrosca com vontade os dedos cheios de veias na caixa de madeira. Deixou a bolsa no ônibus, mas não a caixa.

— Desculpe — diz ela, corando. — Eu reparei no diário, mas não devia bisbilhotar.

— Não, tudo bem. É uma... carta, acho.

Ela assente, e, por uma fração de segundo, acho que o assunto morreu.

— Para quem? — pergunta.

Suspiro e olho para o ônibus sacolejando.

— Você não acreditaria se eu contasse.

Arlene pigarreia daquele jeito que os velhos fazem, quando não se sabe se é uma risada, uma tosse ou seu último suspiro.

— Você quer saber aonde estou indo?

Feliz com a mudança de assunto, assinto.

— Independence — diz ela.

— A terra da autonomia — sussurro, sorrindo.

Ela meio que ri, mas não de coração.

— É uma cidade em Kentucky. Meu sobrinho mora lá com o... com o namorado.

O jeito como viro a cabeça de repente faria alguém pensar que foi acionada por uma mola. Não que isso seja grande coisa, mas vindo de Arlene... Bem, talvez ela não seja tão conservadora quanto eu pensava.

Ela me olha de soslaio, um canto da boca se curvando de leve.

— O nome dele é Ahab.

— Do namorado? — pergunto, com um grande sorriso.

— Não. Do meu sobrinho. Não sei bem o nome do... do namorado. Ainda não conheci o rapaz. Eles abriram um posto de gasolina e estão indo muito bem, pelo que Ahab contou. Se bem que ele foi campeão de natação no ensino médio, então não sei ao certo por que abrir um posto de gasolina. Acho que todos precisam se sustentar de alguma forma.

A conversa está se tornando surreal. O sobrinho gay de Arlene, o campeão de natação chamado Ahab, e seu namorado sem nome moram em Independence, Kentucky, e abriram um posto de gasolina que está indo muito bem, pelo que ela sabe. Não sei o que dizer. Sobre nada disso. Então finalmente me decido por:

— Que bom para eles.

Arlene olha para a caixa, e, quando fala, parece que está falando com sua relíquia.

— Um tempo atrás, minha irmã mais nova, a mãe de Ahab, parou de atender as ligações dele. Nós morávamos juntas na época, e eu me lembro que ele ligava três, quatro vezes por dia, mas ela nunca atendia. Quando perguntei o porquê, ela não respondeu e começou a chorar. Então eu mesma liguei para Ahab. Perguntei o que ele tinha feito para que a própria mãe parasse de atender suas ligações. E sabe o que ele disse?

Balanço a cabeça.

— Ele respondeu: “Tia Arlene, você não acreditaria se eu contasse.” — O tom de Arlene muda. — Você não precisa me contar sobre as cartas, Mim. Se elas forem particulares, pode me mandar cuidar da minha própria vida. Mas não diga que não vou acreditar. Você ficaria surpresa com as coisas em que acredito hoje em dia.

Penso na história dela por um instante.

— Por que sua irmã parou de atender as ligações de Ahab?

Arlene não tira os olhos da caixa.

— Sabe, quando eu era mais nova, achava que, se vivesse o bastante, entenderia melhor as coisas. Mas agora sou uma senhora, Mim. E juro que, quanto mais vivo, menos as coisas fazem sentido. — Ela faz uma pausa, cerra o maxilar e continua: — Minha irmã não aprovou. O namorado. Ela nunca disse isso para mim, mas algumas coisas falam bem alto por conta própria.

Passamos um minuto inteiro sentadas em silêncio, vendo o ônibus balançar. Demoro esse tempo todo para processar a sabedoria de Arlene.

— Vou fazer um trato com você — anuncio, apontando para a caixa de madeira. — Você me diz o que tem aí dentro, e eu conto para quem estou escrevendo.

Arlene sorri para a caixa e olha para o ônibus.

— Lamento, mas prefiro não falar mais sobre isso.

Fico surpresa com minha decepção. Não só porque eu queria saber o que tinha na caixa, mas porque acho, bem no fundo, que estava pronta para contar a ela sobre Isabel.

— Ei, mocinha! — Acima dos pneus traseiros, a cabeça de Carl aparece em uma janelinha, os olhos fixos em mim. Seu topete parece especialmente arrepiado. — Venha aqui — diz ele, e desaparece dentro do ônibus.

Todas as cimitarras se viram na minha direção. Coloco a mochila no ombro, agradecida pelo sorriso de encorajamento de Arlene, e mergulho na barriga da baleia sacolejante.

Só conheci outros dois Carls na vida — um fabricante ilegal de bebida e um dono de loja de discos —, e os dois me ensinaram lições de vida importantes (ainda que bem diferentes). Carls são gente finíssima, pelo que sei. Mas, ao caminhar pelo corredor, ouvindo os grunhidos e ruídos de ânsia de vômito do terceiro Carl, começo a achar que a tradição acabou. Preparando as narinas, os pulmões e tudo o mais, enfio a cabeça no banheiro e sinto ânsia. O fedor não é deste mundo. Não é nem extraterrestre.

Essa merda (por assim dizer) é *megaterrestre*.

Encostado em um canto, um esfregão encharcado pinga algo não identificado em um balde. As luvas de Carl também estão sujas, e, ainda que o chão e o vaso estejam bastante limpos, aposto todo o dinheiro da lata de Kathy que o cheiro não vai passar. Ele se infiltrou em todas as estruturas do ônibus.

Pigarreio para anunciar minha presença.

O topete de Carl roça no teto enquanto ele tira as luvas e as joga dentro do balde do esfregão.

— Só quero ter certeza de que você não é cega.

Minha epiglote se agita. Carl não faz ideia do Grande Eclipse Cegante, nunca ouviu falar na minha retinopatia solar, mas...

Ele acende um cigarro, dá um trago e aponta para o aviso acima da pia.

— Leia aquilo ali para mim, por favor.

Aliviada, leio o aviso em voz alta:

— Use o cesto de lixo para papel higiênico e produtos de higiene feminina. Não jogue no vaso.

— Você prestou atenção às últimas quatro palavras? — Ele coloca o cigarro para fora da janela, bate as cinzas e dá mais um trago. — São grandes e estão em negrito, não é? Então. Sou forçado a perguntar... Você é cega?

Se fizerem um filme sobre a minha vida, ele mostrará como arranco aquele cigarro da boca dele e faço um discurso sobre os problemas que aquela coisa causa aos fumantes passivos. Além disso, falo sobre como ser gentil. Carl é interpretado por Samuel L. Jackson, e eu, claro, por madame Kate Winslet.

Tudo bem, Zooey Deschanel, então.

Tá bom. Uma jovem Ellen Page.

— Não sou cega — respondo.

Ele assente, dá um último trago e joga a bituca pela janela, confirmando minhas suspeitas: nem todos os Carls são iguais.

Depois de enfiar o esfregão em um armário minúsculo, ele me deixa sozinha no banheiro.

Fico me olhando no espelhinho e desejo mil coisas. Desejo que nunca tivéssemos saído de Ashland. Desejo que minha mãe não estivesse doente. Desejo que não tivéssemos ido ao Denny's naquele dia. Desejo que Kathy se jogue de um penhasco. Desejo que não tivesse jogado as cartas fora. Desejo que não tivesse comprometido as evidências. Desejo que ainda tivesse algo tangível, um não sei o quê... Alguma coisa.

Desejo que desejar fosse o bastante, mas não é.

Às vezes, você precisa de alguma coisa.

A metamorfose começa

— VOCÊ SE IMPORTA se eu sentar aqui?

Um sorriso familiar se abre para mim, fazendo minha epiglote entrar em órbita. E, simples assim, o Homem do Poncho ocupa a poltrona de Arlene. Da *minha* Arlene. Ele se inclina, tira os mocassins — com franjas na frente — e os desliza para baixo do banco. (Ao lado da bolsa da *minha* Arlene.) Então se vira para mim com um entusiasmo digno de um daqueles bonecos de mola e estende a mão.

— Não tive a chance de me apresentar — diz. — Sou Joe.

Pense rápido, Malone. Aponto para o ouvido direito e balanço a cabeça.

— Sou surda.

Ele abaixa a mão, mas o sorriso continua lá.

— Nós conversamos. Em Jackson.

A velha tenacidade Malone reaparece. Viro-me para a janela, fingindo não ter ouvido.

O restante dos passageiros ocupa as poltronas, o motor começa a roncar e o ônibus ganha velocidade aos poucos. Onde quer que Arlene tenha se sentado, vai receber a bolsa de volta agora mesmo. Talvez eu até acampe no corredor ao lado dela.

— Andei observando você — comenta o Homem do Poncho.

Duvido que existam três palavras mais assustadoras do que essas no mundo.

Vejo as árvores passarem pela janela. *Você não consegue ouvi-lo, Mary. Você é surda e não consegue ouvi-lo.*

— Batendo papo com a velhinha e o motorista — continua ele.

Se houvesse areia ali, eu teria enterrado a cabeça.

— Sei que você está me ouvindo.

Se houvesse concreto úmido ali, eu enterraria a cabeça *dele*.

— Antoine — murmuro, ainda olhando pela janela.

— O quê?

— Meu nome. — Eu me viro para encará-lo. Quero saber se o sorriso falso sumiu do rosto dele. — Meu nome é Antoine.

O Homem do Poncho (me recuso a chamá-lo de *Joe*) não desiste do sorriso. Que, aliás, está maior do que nunca.

— Você não mente muito bem, hein? — comenta.

— Melhor que você, aposto.

Ele suspira, se recosta no assento e tira um livro do poncho. Eu nem sabia que ponchos tinham bolso.

— Duvido.

— É mesmo? Por quê?

— Porque sou advogado.

Enquanto procuro o botão de DESLIGA, ele fala sem parar sobre seu escritório no sul da Louisiana, que fica em um pequeno apartamento que divide com a ex-secretária, atual esposa, blá-blá-blá, alguém me dê um tiro.

— Quer ouvir sobre meu último caso?

Abro a boca e dou um bocejo longo e falso, olhando bem para ele, e pisco devagar.

— Um tempo atrás — começa o Homem do Poncho —, um dos nossos maiores clientes... Você já deve ter ouvido falar...

Finjo procurar alguma coisa na mochila por um minuto inteiro.

— ... e não só isso, eles queriam processar por, veja só, um telhado fraudulento! Juro por Deus, não dá para inventar algo assim. Então...

Dou o suspiro mais alto que um humano é capaz de produzir.

— ... e essa é a melhor parte: era a empresa da *mãe* dele! Dá para acreditar?

Diante da torrente de falatório absurdo e incessante do Homem do Poncho, eu levanto a mão.

— Sim? — pergunta ele, achando graça.

— Desculpe, mas você parece não ter notado os indicadores.

— Indicadores?

Ele está sorrindo outra vez, como fez sob o toldo lá na Mosquitolândia. Meus Deus, que sujeito assustador. Não sei dizer bem por quê, mas sei o quê: tem alguma coisa ali, algo mais do que o típico palhaço repulsivo. De qualquer forma, está na hora de oferecer uma dose pesada de honestidade. Ousada e brutal, estilo Mim.

— É, escute, não tenho a energia para listar todas as deixas sociais... bom, da sociedade, que você ignorou, então vou apenas dizer o seguinte: *eu não estou nem aí, cara*. Fingi que bocejava, pisquei devagar, suspirei alto e fingi procurar alguma coisa na mochila. Cogitei matar você, além de uma variedade de formas de suicídio. Agora vou colocar em termos que sei que você vai entender: você roubou o lugar da minha amiga, e eu prefiro morrer a ouvir você falando. Meu caso, doutor, está encerrado.

Ele não está mais sorrindo.

— E qual é o veredito, *meritíssima*? — pergunta.

Encosto a cabeça na janela fria bem a tempo de ver o sol desaparecer.

— Uma liminar contra conversas fiadas.



ARLENE É, MESMO sem querer, uma bela sabotadora. Alguns minutos depois que emiti a liminar ao Homem do Poncho, ela apareceu para pegar a bolsa. O que não teria sido um problema se ela não tivesse usado meu nome. Mil vezes. Mim isso, Mim aquilo, e até uns *Como se soletra Mim, mesmo?*, o que me fez pensar se aquilo era sério. Nem preciso dizer que, depois que ela voltou para seu novo lugar, minha ação judicial em favor do silêncio desmoronou.

— Você gosta de ler, Mim? — perguntou o Homem do Poncho, folheando seu livro. — É alimento para o cérebro e para a alma.

O sol tinha se posto fazia um tempo. A maioria dos passageiros estava dormindo, mas alguns, como o idiota ao meu lado, liam com a luz do teto acesa. Estava chovendo de novo, mais do que antes, o que fazia a viagem ser angustiante. Os limpadores de para-brisa do ônibus eram hipnóticos, muito diferentes dos de um carro ou caminhão — como uma lixa em um azulejo.

— Tão delirante — murmura o Homem do Poncho.

Sua voz paira no ar, flutuando como uma pena. Pela primeira vez desde as alegações finais, me viro para ele, que está lendo um livro fino, a lombada costurada com linha vermelha e puída nas extremidades.

— O que você disse? — sussurro, olhando para o livro.

Ele o fecha, e eu vejo o título: *Individualism Old and New*.

— É de um filósofo — explica. — John Dewey. Está me deixando louco.

Não é o mesmo livro. Não é o mesmo livro. Não é o mesmo livro.
Ele estende o volume para mim.

— Ficou interessada? Fico feliz em emprestar.

Ignorando a oferta, eu me viro para a janela para observar a paisagem borrada — mas já caiu a noite, e está escuro demais lá fora e claro demais dentro do ônibus. Só consigo ver meu próprio reflexo, os ângulos pronunciados do meu rosto, meu cabelo comprido e escuro. Estou mais opaca do que nunca.

Fecho os olhos, e, do nada, o livro do Homem do Poncho desenterra uma antiga memória de infância guardada no cantinho do meu cérebro. Viajando pelas sinapses e pelos neurotransmissores, a lembrança é misturada até se transformar em uma massa deliciosa, pronta para ser servida: minha mãe sentada em sua poltrona vitoriana amarela, lendo Charles Dickens. Sou bem nova, talvez tenha oito anos, e estou andando de um lado para outro com um caixote de leite, fingindo que faço compras na sala. *“E quanto custam essas nozes?”*, pergunto, com uma voz fina. *“Estão em promoção, oitenta e dois dólares”*, respondo, com uma voz rouca. Meu pai, sentado na sua escrivaninha, supondo que não estou ouvindo por causa da minha pouca idade, tira os olhos da biografia de Truman e franze a testa. *“Você não está preocupada, Eve?”*, pergunta ele. *“Com o quê, Barry?”* *“Olhe só para ela”*, sussurra o papai, fechando o livro. *“Está agindo como...”* A frase paira no ar, incompleta, mas minha mãe entende. *“Ela não tem irmãos, Barry. O que você esperava?”* De novo, com o vinco na testa mais pronunciado, ele sussurra, com mais intensidade ainda: *“Foi exatamente assim que começou com a Isa. Vozes e tal. Exatamente assim.”* Mamãe fecha o livro. *“Mary não tem nada a ver com Isabel.”* Meu pai abre o próprio livro outra vez e afunda a cabeça no volume. *“Que Deus lhe ouça.”*

— Mim?

O Homem do Poncho me traz de volta ao presente.

— Que foi?

Ele levanta a sobrancelha e abre um meio sorriso, parecendo achar graça.

— Você meio que ficou... catatônica. Está tudo bem?

Faço que sim com a cabeça.

— Tem certeza? Eu posso... Não sei, talvez tenha algum médico no ônibus, ou coisa do tipo.

Ele olha para o corredor, como se um homem com um estetoscópio pendurado no pescoço estivesse sentado atrás de nós.

— Eu disse que estou bem.

O Homem do Poncho lambe o polegar e vira a página do livro.

— Que bom, porque eu estava chegando na melhor parte. Você não vai acreditar no que Dewey diz.

"Estou chegando na melhor parte, Eve. Aqui, ouça: "Sonorização do pensamento, alucinações auditivas em terceira pessoa, ideias delirantes de grandeza, embotamento afetivo, embora o afastamento..." Minha mãe o interrompe: *"O que você está lendo?"* Ouço o som de meu pai fechando o livro. *"Peguei na biblioteca. Se chama Personalidades psicopatológicas."* Tenho catorze anos e estou com o ouvido colado na porta do quarto dos meus pais. *"Esse livro é muito antigo, Barry. Isso é um barbante? A costura está se desfazendo."* Meu pai bufa. *"Não o torna menos relevante, Eve. O sujeito que escreveu, Kurt Schneider, é brilhante. Provavelmente daria um nó no Makundi. Olhe só isso, ele criou uma maneira de diferenciar o comportamento psicótico do comportamento psicopatológico."* Eu me deito no chão para tentar ver pelo vão da porta. As pantufas velhas da minha mãe se arrastam pelo quarto. *"Comportamento psicopatológico? Meu Deus, Barry."* Meu pai

suspira. *“Só estou dizendo o que vi hoje à tarde.”* Naquela tarde, “Erik com k” terminara comigo no intervalo do almoço. Quando meu pai foi me buscar, mais tarde, notou que eu estava agindo de maneira estranha. *“O que você viu foi nossa filha chateada por causa de um garoto”,* retruca minha mãe. Há um momento de silêncio, e então: *“Eve, ela estava fazendo perguntas para si mesma e respondendo.”* A voz do meu pai soa desesperada, triste, delicada. *“Igalzinho a Isabel.”*

— Certo, agora estou preocupado — diz o Homem do Poncho.

Minha epiglote deslocada palpita, se acalma e palpita outra vez. Pego o removedor de maquiagem na mochila e me levanto da poltrona, empurrando os joelhos do cara.

Não posso mais esperar.

Seguindo pelo corredor, ouço a fila interminável de caminhões acelerando lá fora, levantando uma quantidade absurda de água da chuva. Na penúltima fileira, Arlene está desmaiada no ombro de Jabba, o Barrigudo. Ele está lendo um romance de Philip K. Dick, nem um pouco incomodado com a cabeça pendente de sua companheira de viagem.

Dentro do banheiro, viro o trinco para a posição OCUPADO. A luz se acende automaticamente, inundando o lugar com um tom amarelado horrível, como se de repente tudo tivesse desenvolvido icterícia. No espelho sujo, vejo meu olho cego se fechar. Isso ainda me assusta, o fato da minha percepção não ter mudado. A única maneira de saber que meu olho ruim se fechou é vê-lo fechado com meu olho bom pelo espelho.

Minha mãe costumava comentar sobre como eu era bonita, mas eu sempre soube a verdade. Ainda sei. Meus traços, quando analisados separadamente, podem ser considerados invejáveis: maxilar forte, lábios carnudos, olhos e cabelos escuros, pele

morena. As partes atraentes estão todas lá, mas parecem meio deslocadas. Como se cada traço do meu rosto parasse um pouco antes do lugar ideal. Eu ajo como se não me importasse, mas me importo. Sempre me importei. E, meu Deus, o que eu não daria para colocar tudo no lugar.

Mas sou um Picasso, não um Vermeer.

Pego o batom da minha mãe no bolso — minha maquiagem de guerra. É um tubo preto com um anel prateado brilhante no meio. Faço de tudo para não usá-lo em público. Mesmo com uma bela dose de removedor de maquiagem, ainda fica uma mancha vermelha visível nas bochechas, como um blush. Mas, com ou sem mancha, preciso disso agora.

Começo pelo lado esquerdo, como sempre. Esse é um hábito primordial, e precisa ser exatamente o mesmo, linha por linha. Os primeiros traços são duas linhas formando um V, cuja ponta toca o arco do meu nariz. Depois, uma linha horizontal grossa na testa. Os próximos traços formam um V na bochecha direita, igual ao primeiro. Em seguida, uma linha grossa passando pelo meio do meu rosto, do alto da testa até a base do queixo. E, por fim, um ponto no meio de cada V.

— Até Picasso usava um pouco de blush — sussurro.

E é aí que acontece...

Pedido de troca

O QUE VOCÊ vê aqui, Mary? Olho meu reflexo no espelho trêmulo, segurando a pia para me equilibrar. Estou cega e molhada, meu nome é Mary, não Mim, e nunca entrei em uma briga, nunca estive em um barco, nunca pedi demissão, nunca fui a Veneza, nunca, nunca, nunca...

O chão cede, e eu caio para o lado, flutuando em uma estranha e súbita leveza, como se estivesse na água ou no espaço sideral. De muito, muito longe — um, dois, mil pedidos de misericórdia, gritos animais, furiosos e inflamados, desesperados para sobreviver. Um minuto, uma hora, uma vida — o tempo não existe, não existem coisas. Não tenho mais coisas. Tenho só sucata, vozes gritando e morte.

E, de repente, minha sinfonia de crescendos chega ao estrondoso e intenso Fim.

O ônibus parou.

Acesa. Apagada. Acesa — apagada — acesa. A luz icterícia pisca em intervalos aleatórios. Estou caída no chão, olhando para o espelho, agora quebrado. Como uma piada com uma conclusão ruim, a pálpebra direita fechada. Por um momento fico satisfeita por estar deitada, imóvel, um ciclope entre mil estilhaços de vidro. O ar passa depressa pelos meus pulmões, veias, braços e pernas,

espalhando-se como um vírus por todo o meu corpo. O ar ganha força e, de uma vez só, vai para minha cabeça.

Existe vida na minha vida.

À minha esquerda, a porta balança, presa pela dobradiça. LIVRE. A abertura é estreita, mas consigo me espremer e sair para o corredor do ônibus. Apesar da dor, eu me levanto do chão e olho em volta.

O ônibus tombou.

É uma mistura fervilhante de vidro, sangue, esgoto e bagagem, uma devastação de proporções cinematográficas. Assim como as luzes do banheiro, as luzes da cabine piscam a intervalos irregulares. Algumas pessoas se mexem, outras gemem, e outras não fazem nenhum dos dois. Carl está sangrando em mais ou menos seis lugares e tentando reanimar um dos japoneses desmaiados. Vejo o Homem do Poncho ajudando a Amazona Loira a se levantar, bem onde eu estava sentada. Fico parada, só observando, por não sei quanto tempo, até um machado atravessar a lataria à minha esquerda — o antigo teto do ônibus. Bombeiros se arrastam pelos escombros como formigas, carregando corpos inertes nos ombros, oferecendo primeiros socorros. Dois paramédicos — um mais ou menos da minha idade, com espinhas e cabelo ruivo desgrenhado — se aproximam do corpo inerte de uma mulher. O ruivo se abaixa e encosta o ouvido no peito dela. Então se afasta e olha para o parceiro, balançando a cabeça. Juntos, os dois a levantam da poltrona, e é nesse momento que vejo quem é: Arlene.

Minha Arlene.

Sou Mary Iris Malone e estou vazia, sem droga nenhuma dentro de mim. Tudo o que restou é uma vontade louca de fugir.

Preciso sair daqui.

Começo a cambalear, pisando em um traço amarelo. Depois em mais um, e mais um. *Estou andando na estrada. Dentro do ônibus.* As janelas, que acompanhavam a lateral do veículo, desapareceram, substituídas pelo asfalto preto molhado. As poltronas estão penduradas na parede, fileira após fileira. Passo por cima e ao redor dos outros passageiros, e é impossível não pensar em quais estão mortos e quais estão apenas inconscientes — a diferença entre passar por cima de uma pessoa e passar por cima de um cadáver.

Minha maldita epiglote trava e sucumbe. Vomito no chão à minha frente.

De repente, eu vejo. A Coisa das Coisas, impossível porém inevitável. Despontando por baixo de uma edição puída de um romance de Philip K. Dick, o canto da caixa de madeira de Arlene. Como uma cápsula do tempo, ela se mantém maravilhosamente intacta diante da aniquilação do mundo. Pego a caixa e cambaleio, caminhando por aquele ônibus bizarro. Saio pela abertura dentada no metal e sou transportada de um cenário de sonho para outro. A chuva encharca meu moletom em segundos e, de início, tudo que consigo pensar é: *Nem ouvi as sirenes.* Aperto a caixa de Arlene com força junto à barriga e olho ao redor devagar.

Um panorama surreal: caminhões de bombeiro, ambulâncias, policiais e pedestres curiosos se aglomeram, alheios à chuva, no meio da estrada. Atrás de nós, os faróis de mil carros se estendem por quilômetros, formando um engarrafamento gigantesco. A Amazona Loira está sendo colocada em uma ambulância. Jabba, o Barrigudo, está indo com ela, o que deve ter uns cento e trinta quilos de razões para acontecer.

— Aqui — diz uma paramédica, colocando o braço nos meus ombros —, vou ajudar você.

— Estou bem — respondo, desvencilhando-me dela.

Ela aponta para meu joelho, onde uma mancha vermelha se espalhou pela calça jeans.

— Então quer dizer que isso já estava aí, é?

Ela me leva para os fundos de uma ambulância, protegida da chuva, e trata meu ferimento. Quando termina, coloca um cobertor nos meus ombros e volta para os escombros encharcados sem dizer uma palavra. As pessoas entram e saem correndo do ônibus. Algumas choram, outras sangram, outras se abraçam, e não consigo deixar de pensar que, antes de isso tudo acontecer, era provável que eu conseguisse desembarcar em Cleveland em mais ou menos um dia e, com exceção de Arlene, não teria dado a menor bola para essas pessoas. Mas agora elas fazem parte disso, da minha vida, estão escritas na Minha História.

Arlene.

Engasgando em um turbilhão de lágrimas, tiro a caixa dela de debaixo do cobertor. *Que diabo vou fazer com isso?*

— Tudo bem, mocinha?

Carl surge ao meu lado, avultando-se como não sei o quê... uma Torre de Carl, acho.

— Estou, é só um corte. — Começo a tremer e aperto mais o cobertor, escondendo a caixa de Arlene. — O que aconteceu?

— Um pneu estourou — murmura ele. — Eu solicitei uma troca de pneus em Jackson, isso ou que trocássemos de veículo, mas ninguém me deu ouvidos. Ninguém nunca me dá ouvidos.

Nem me fale.

— Você estava viajando sozinha, não é? — pergunta ele.

— Estava. Já liguei para o meu pai e contei o que aconteceu. Ele disse que, contanto que eu não esteja machucada, é melhor continuar até Cleveland. Como vamos fazer isso, aliás?

Carl acende um cigarro e dá uma longa tragada. Meu Deus, ele parece bem machão fumando na chuva.

— Vou cuidar disso. Quem quiser pode passar a noite em um hotel de beira de estrada, e amanhã pegamos um ônibus novo. Com todas as despesas pagas, claro... — Ele não termina a frase, parece estar pensando em outra coisa. — Escute...

— Você é o motorista? — interrompe o paramédico ruivo.

Ele está tremendo na chuva, estendendo um celular na direção de Carl. Antes de aceitar a ligação, Carl — igualzinho a algum personagem de filme de ação musculoso — rasga a barra da camisa ensopada e me entrega.

— Para o rosto, mocinha.

Meu Deus.

Minha maquiagem de guerra.

Por algum motivo, parece mais do que apropriado que eu tenha cambaleado pelo ônibus destruído com o rosto pintado de vermelho. Mim, a princesa guerreira. Sobrevivente de guerra, e com uma ferida sangrenta para provar.

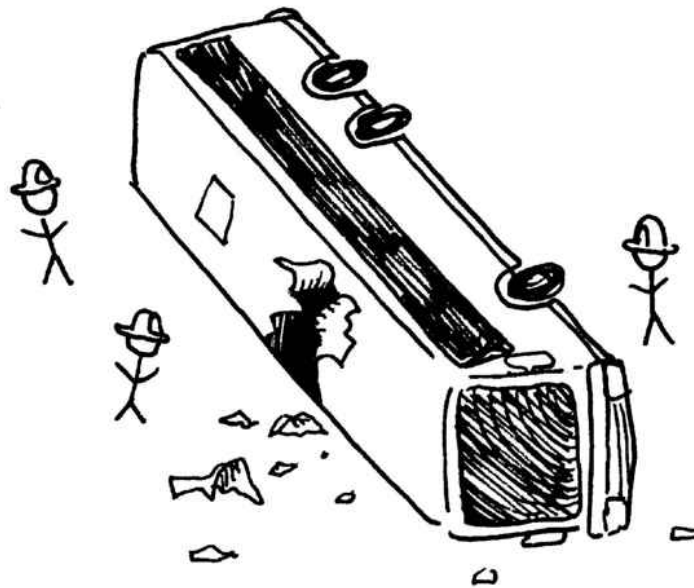
Enquanto Carl se afasta, mancando, para atender o telefone, limpo o rosto com o pedaço de camisa úmido e observo a caixa de Arlene. É bem pesada e tem uma daquelas fechaduras antigas. O conteúdo não se agita nem chacoalha, mas se mexe quando balanço a caixa de um lado para outro. No fundo, encontro quatro letras entalhadas fundo na madeira: AHAB.

... 9 ...

A metamorfose termina

1º de setembro — bem tarde

Querida Isabel,



MEU ÔNIBUS

(Depois de capotar na beira da estrada e provocar uma intensa tempestade de merda da qual eu talvez nunca me recupere direito)

Certo.

Eu desenho muito mal. Mas *isso*? Isso aconteceu. Comigo.

É sério.

PUTA QUE PARIU, FOI UMA CATÁSTROFE.

Desculpe.

Precisava desabafar.

Então. Seria fácil chafurdar no desespero, na derrota e na autopiedade, duvidar da minha capacidade e pensar várias outras coisas ruins a meu respeito, mas não vou fazer isso. Vou só escrever.

Vou escrever, e, assim, vai ficar tudo bem.

Vamos começar com um nome. Vou escrever esse nome, e não vai significar nada para você, mas, quando o ler, saiba que significa alguma coisa para mim. A dona do nome morreu no ônibus e, apesar de eu não conhecê-la tão bem, era uma amiga, e amigos não são fáceis de conseguir. Pelo menos, não para mim. Ela cheirava a biscoitos caseiros, usava sapatos esquisitos e falava coisas como "requinte". Esse é o nome.

Arlene.

...

...

...

Tudo bem.

Estou bem.

Estou a caminho do hotel, em uma van com mais umas doze pessoas. O ônibus estava cheio, mas a maioria dos passageiros não pareceu interessada em continuar o relacionamento com aquela empresa de ônibus.

Relacionamento. É exatamente isso. Ei, garota, sei que quase matei você esmagada, mas foi só dessa vez. Juro que não vai acontecer de novo.

Os caras da empresa são uns nojentos.

Infelizmente, não é como se eu tivesse muitas opções. De todo jeito, será preciso muito mais do que um acidente de ônibus em que vi a vida passar diante dos meus olhos e minha melhor amiga idosa morreu para me impedir de chegar a Cleveland.

Minha Missão é um baluarte impenetrável.

Continuando.

Minha maquiagem de guerra é o Motivo nº 5.

O batom favorito da minha mãe: o único item de maquiagem pelo qual já me interessei. Pode chamar isso de deficiência cosmética.

Percebi que isso era anormal por volta do terceiro ou quarto ano. (Dá para saber quando estão falando da gente, não é mesmo?) Mas eu não me

importava. Ia levando. Que venham as anormalidades. Esse era o meu lema. Até deixar de ser.

No oitavo ano, entrei para um time de hóquei de rua chamado Ashland Blackhawks. A liga era uma ação independente organizada por um monte de garotos, a maioria musculosa, procurando uma desculpa para bater em alguém. Eu era a única menina (sempre foi assim), então era raro baterem em mim.

O capitão do time, que também era o juiz, era um maluco de quinze anos chamado Bubba Shapiro. Enquanto os outros times eram advertidos por bater com o taco na cabeça ou nas canelas do time opoente, ou por todo tipo de conduta antiesportiva, nosso time recebia carta branca. Bubba tinha exatamente a aparência que você deve estar imaginando. Grande e forte — tinha até barba, o que naquela idade era algo digno de respeito. (Nem tanto da minha parte, mas, sabe como é, os outros fortões achavam o máximo.)

Um dia, um garoto chamado Chris York não apareceu para o treino, e Bubba fez um pronunciamento:

— Certo, pessoal, Chris saiu do armário hoje na escola, então a gente vai ter que se virar sem ele.

Levantei a mão e perguntei por que ele tinha entrado em um armário.

Os fortões deram risada.

Bubba perguntou se eu era idiota e emendou:

— Ele é veado, Mim. Uma bichinha. Tipo *Brokeback Mountain*. Ele é gay.

Mais uma vez, todo mundo riu. Mais uma vez, levantei a mão.

— Desculpe, mas... o que isso tem a ver com hóquei?

Bubba revirou os olhos e explicou que gays não gostam de esportes.

Bom, a questão é: eu também nunca gostei muito de esportes. O único motivo de eu ter entrado no time foi porque meu pai dizia que eu precisava de atividades extracurriculares para colocar nas fichas de inscrição para a faculdade. (Os homens Malone são famosos por exigirem demais de si mesmos.)

Essa associação entre esportes e identidade sexual continuou me intrigando até que, certa noite, enquanto minha mãe se maquiava, perguntei como eu podia saber se era gay.

— Me conta — começou ela, dando os últimos retoques no rímel — o que você acha do Jack Dawson.

Eu fiquei vermelha e sorri. Meus olhos, tenho certeza, começaram a brilhar. Meus pais sempre foram grandes defensores da classificação etária dos filmes

(ainda que eu desconfie que meu pai era o principal perpetuador disso), e, como a classificação de *Titanic* era treze anos, tive que esperar até — adivinha — meu aniversário de treze anos, quando minha mãe e eu assistimos ao filme repetidas vezes. Vimos *Titanic* vinte e nove vezes (esse é o número exato, não uma aproximação). Apesar de a história e os efeitos especiais serem dignos de reconhecimento, o motivo de amarmos o filme não era nenhum segredo. Leo DiCaprio, interpretando o nobre Jack Dawson, era lindo demais para o próprio bem. (Isa, juro que não sou uma dessas meninas que ficam suspirando toda semana por causa de uma celebridade diferente, mas, no caso do Leo, eu não conseguia evitar. Estaria mentindo se dissesse que não penso naquela cena nas caldeiras, naquele carro antigo... Uau, como está quente nessa van.)

Sorrindo, minha mãe estendeu o braço até a gaveta de maquiagem na penteadeira. Ela pegou um tubo vermelho com um anel prateado e brilhante no meio — era seu batom favorito, que ela só usava em ocasiões especiais.

— Sente-se aqui comigo, Mary. Vou mostrar umas coisinhas para você.

Pelos vinte minutos seguintes, recebi minha primeira e última maquiagem. Não tenho nenhuma objeção moral em relação a esse tipo de coisa, é só que... eu me conheço. E maquiagem não tem nada a ver comigo. Somando isso ao meu comportamento ousado, provocador e sem limites, acho que eu daria uma boa lésbica. Sem querer generalizar. Tenho certeza de que existem muitas lésbicas delicadas por aí, entupindo-se de sorvete e soluçando enquanto assistem a comédias românticas do começo dos anos 1990. Mas, no fim das contas, eu sou a madame Winslet naquele carro antigo com Leo, não o contrário. E, por mais simples que pareça, acho que entender quem você é — e quem *não* é — é a coisa mais importante de todas as Coisas Importantes.

Então a situação é a seguinte:

O desenrolar é o tópico mais pesado e desesperador que já existiu. Ou, como Bubba Shapiro diria, uma conduta antiesportiva. Mas você só precisa saber mesmo de duas coisas: a primeira é que faz um tempo que ando com o batom da minha mãe no bolso da calça, usando-o de vez em quando para pintar o rosto como a chefe de uma tribo indígena louca por guerras que está se preparando para a batalha. A segunda é que é vital que o batom seja devolvido para a verdadeira dona.

Preciso ir agora, porque acabamos de parar no estacionamento do hotel. Mais Motivos a seguir.



MINHA MÃE FEZ um mochilão pela Europa quando era mais nova. Eu me lembro dela falando sobre os albergues onde se hospedou, como eram uns pulgueiros, mas que ela não se importava. Tinham histórias para contar, pequenos pedaços de quem se hospedou ali antes — o que vestiam, o que comiam, em que acreditavam. Minha mãe explicou que adorava se hospedar em lugares onde “qualquer coisa poderia ter acontecido, mesmo que nada nunca acontecesse”. E ela sempre terminava as histórias dizendo: “Claro que todos cheiravam a cachorro molhado, sabe?”

Meu Deus, queria tê-la conhecido nessa época, nos dias gloriosos de mochileira. A mulher aventureira, que buscava viver o momento.

Enfio o diário na mochila e desço da van.

— Certo — começa Carl, mancando até a entrada do Motel 6.

O cara é um super-herói. Está enfaixado e machucado, mas não soltou nem um “ai”. Acho que a tradição continua. Se esse não é um Carl legítimo, não sei de mais nada. Ele distribui chaves com tampinhas de garrafa penduradas. A minha tem o número 7 rabiscado no topo.

— Esses são os quartos de vocês — anuncia ele. — A empresa vai mandar outro ônibus durante a noite. Pedi para a recepção ligar e acordar todo mundo às 6h30 da manhã, e aí vamos nos encontrar aqui às 7h30 em ponto. Se não estiverem aqui, vou deduzir que arrumaram outro transporte. Não sou babá de ninguém. Entenderam?

Um dos japoneses levanta a mão. Acho que é o que recebeu a massagem cardíaca de Carl no ônibus.

— Com licença, motorista — chama ele, sem nenhum sotaque. — Onde estamos?

Carl acende um cigarro e solta a fumaça pelo canto da boca.

— Memphis. Na fronteira com Graceland.

Todo mundo se afasta e vai na direção dos respectivos quartos. Pego a mochila com o espírito renovado. *Graceland*. Lar do artista favorito da minha mãe. Sem dúvida, é um bom sinal. O Homem do Poncho (que pelo jeito perdeu um sapato no acidente, porque está com um mocassim e um tênis grande demais) pisca para mim a caminho do quarto.

— Durma bem, Mim.

Vai pro inferno, esquisitão.

Enquanto vou para meu quarto, vejo uma farmácia do outro lado da rua. Tem um daqueles letreiros clássicos, com a lâmpada de metade das letras apagada. Em vez de FARMÁCIA, parece estar escrito F R Á I. Talvez seja o acidente, o sangue escorrendo pela minha perna ou a morte da minha amiga, mas de repente estou me sentindo viva e impulsiva. Preciso de uma mudança, e tem que ser agora.

Atravesso a rua deserta e entro na FRÁI, surpresa por encontrar o lugar aberto a essa hora. Somando a música de elevador e a iluminação artificial, parece que acabei de entrar em um disco voador. (Pelo jeito, meus alienígenas amam o sujeito que canta “Never Gonna Give You Up”. Porque, sabe, como não amar?) A funcionária atrás do balcão está lixando as unhas e cantarolando a música.

— Olá — cumprimenta ela.

— Olá. Vocês têm tesoura de cabelo?

— Corredor nove.

Ela aponta com uma unha muito caprichada.

Aperto o passo até o citado corredor e, depois de pensar um pouco, pego quatro pacotes de lenços removedores de maquiagem. No caixa, a garota sopra as unhas e fecha a compra.

— Quer mudar o visual? — pergunta.

— Algo do tipo.

Após atravessar a rua de novo, localizo o quarto entre os números 6 e 8. Vejo um imponente *L* de latão pendurado. Inverto a letra para transformá-la em um 7, mas ela cai de novo. Cansada demais para me importar, abro a porta e inspiro o doce aroma de cachorro molhado. E me pergunto o que pode ter acontecido neste quarto.

... Elvis compôs a canção favorita de minha mãe, "Can't Help Falling in Love"...

... um apicultor novato, insistindo em ter o mel mais fresco para o café da manhã, trouxe uma colmeia escondida...

... um rabino questionou a própria fé...

... uma prostituta fez um programa...

... alguém fez alguma coisa...

Neste quarto...

Jogo a mochila embaixo de um aparelho de ar-condicionado barulhento e tiro a tesoura da embalagem. No banheiro, olho para meu reflexo no espelho e visualizo uma nova eu: a Mim Moderna. Como Michelangelo olhava para um bloco de mármore, encaro o cabelo comprido e sem graça e sei qual será o resultado antes mesmo de começar. Dou tesouradas com ousadia, propósito e urgência, cortando o cabelo como sempre quis cortar, mas nunca tive coragem — moderno, chique, bem curto atrás e com mechas longas emoldurando o rosto, o chanel dos chanéis. E a franja, meu

Deus, a franja! Deixo comprida, logo acima dos olhos, reta e lisa o bastante para deixar Anna Wintour no chinelo. Como só um dos meus olhos funciona, preciso conferir duas, três vezes, para ter certeza de que os dois lados estão iguais. Quando termino, me admiro sob a luz fluorescente e enfim vejo a garota que sou. A garota que é chamada à sala do diretor, mas, em vez de ir, embarca em um ônibus para Cleveland. A garota que sobreviveu a um acidente catastrófico. A garota que fez justiça com as próprias mãos, figurativa, literal e *finalmente*.

E me sinto mais Mim do que nunca.

... **10** ...

Levantamento

7H42 ESTÁ EMBAÇADO.

7h43 agora ficou um pouco mais nítido.

7h44...

Groque, me esforço para sair da cama. Nunca fui uma pessoa matutina, mas acordar usando as roupas do dia anterior me faz repensar se sou mesmo uma pessoa. Tropeço pelo quarto e abro a cortina. Que bom, o ônibus ainda está aqui. Isso é bom. Se bem que não vejo ninguém ao redor dele, o que deve significar que todo mundo ainda está dormindo, o que deve significar que algum preguiçoso na recepção se esqueceu de nos acordar. Pego o telefone, aperto o 0 e espero. Depois de exatos trinta e dois toques (sim, eu contei e, sim, esperei, porque, na verdade, depois do décimo toque, virou um jogo chamado "Quantas Vezes Vai Tocar Até que Alguém Atenda a Merda do Telefone?"), escuto o clique do aparelho sendo atendido do outro lado. Só que... a pessoa não diz "alô" nem nada do tipo. Quem quer que seja, fica mudo.

— Alô? — indago.

— *Sim*, oi.

O sujeito tem um sotaque forte de origem indeterminada. Se fosse para chutar, diria que é da Estônia.

Ando com o telefone até o espelho acima da cômoda, para observar meu novo corte de cabelo.

— Oi.

— *Sim*, oi.

Bom, isso é estranho.

— Ah... oi, sim. Eu, hum, estava no grupo de umas doze pessoas que chegou ontem à noite depois que o ônibus capotou na estrada 55.

A resposta é o completo silêncio. O estoniano precisava ter aulas de etiqueta ao telefone, ainda que eu ache que elas deveriam ser lecionadas por alguém que fale sua língua nativa. Graças a Deus nasci com um suprimento infinito de persistência Malone.

— Bem, ontem à noite, Carl, que é nosso motorista, pediu para vocês nos acordarem às 6h30. E eu não recebi a ligação.

Silêncio.

— Detestaria que todo mundo perdesse o ônibus e tal. Ha, ha.

Silêncio.

Pigarreio.

Finalmente, a resposta surge do outro lado:

— *Sim*, oi. Ok.

Clique.

Eu me afasto do espelho e desligo, mas deixo a mão no telefone por um segundo.

Eu deveria ligar para meu pai. Só para avisar que estou bem. Por curiosidade, abro o zíper da mochila e pego o celular. Catorze ligações perdidas de Kathy. Caramba, é muita música ruim. Sinto o baque de alguma coisa, dor, talvez, no meu estômago quando vejo que meu pai só ligou uma vez. Passei uma noite fora, e ele ligou uma vez. E deixou uma mensagem.

Digito o código e escuto:

— *Mim*, é o... — Ele pigarreia. — *Sou eu, quer dizer, é o papai.* — Suspiro. — *Mim, onde você está? Estamos surtando um pouco.* —

Pausa curta. — *O diretor Schwartz disse que você anda matando aula. Se estiver com medo de a gente estar bravo, nós...* — Há uma longa pausa. Ouço Kathy dizer alguma coisa ao fundo. Meu pai responde. Ele deve ter coberto o bocal do telefone, porque não consigo entender. — *Escute* — recomeça, suspirando de novo —, *quero falar sobre aquela noite. Detestei a maneira como a conversa acabou. Você precisa entender, não importa o que tenha acontecido entre sua mãe e eu, eu vou...*

Desligo o telefone. Se meu pai quer discutir as *NOTÍCIAS BOMBÁSTICAS*, vai ter que me encontrar primeiro. Mas acho que não seria impossível Kathy chamar a polícia, o que poderia complicar as coisas. Talvez se eu avisar que estou bem sem dizer o que estou fazendo...

Primeiro penso em como vou formular as frases, depois abro o navegador do celular. O aparelho é primitivo, e, ainda que o Wi-Fi seja uma opção, com certeza não é barato. Se bem que, no momento, isso é só mais um incentivo. Depois de alguns segundos, estou conectada. Abro meu perfil no Facebook e atualizo o status:

“Não estou morta. Não fui abduzida. (Ainda que os ETs sejam, como sempre, bem-vindos.) Dou mais notícias quando puder.”

Releio o que escrevi algumas vezes, aperto “Publicar” e guardo o celular na mochila. Depois de um banho rápido, visto a roupa de baixo e uma camisa limpas, me xingando por não ter trazido outra calça. Coloco o mesmo moletom de capuz e a mesma calça jeans suja de sangue e dou uma olhada na caixa de Arlene. A fechadura de latão, a madeira avermelhada, tudo está em boas condições; a caixa quase não foi afetada pelo acidente. Não faço ideia de por que a peguei, é só que... deixá-la lá, no meio do nada, não parecia certo. Era óbvio que aquilo significava muito para Arlene, mas não é como se eu pudesse encontrar o sobrinho dela, Ahab, o nadador

sem noção que se tornou dono de um posto de gasolina bem-sucedido. Nem sei o sobrenome dele. Nem o de Arlene, na verdade.

Engolindo o nó-Arlene que se formou na minha garganta, deixo a caixa de lado e pego o Abilitol. Como uma sereia, ele me tenta com promessas sussurradas da tão evasiva Normalidade. Se eu estivesse em casa, seria um momento grandioso para meu pai, o momento em que ele explicaria, cheio de ansiedade, a função do comprimido. Ele usava sempre o mesmo tom quando falava do remédio, uma mistura de vendedor cheio de empáfia, traficante e pai nerd: "Ele equilibra os níveis de serotonina. Nivelas os elementos químicos do cérebro. Como a dopamina, esse tipo de coisa. Só vai organizar tudo, e assim você pode ter uma vida normal."

Sempre esperei que ele terminasse os discursos com um "Todo mundo está tomando, cara!" Pressão social é uma coisa, mas quando quem faz isso é seu pai, a situação é outra.

O frasco olha para mim com aquele olhar que só os frascos de remédios tarja preta têm, um olhar que redefine a arte da sedução. Eu o encaro de volta...

Mary Malone — Aripapilazone

10 MG — TOMAR UM COMPRIMIDO/DIA — VIA
ORAL

Repor receita: não

Quantidade: 45

Dr. B. Wilson

E então as lembranças voltam com tudo: Antoine derruba os cartões com borrões de tinta, que derruba Bach, que derruba o "O

que você vê aqui, Mary?”, que derruba, derruba, derruba...

Coloco um único comprimido cor-de-rosa na palma da mão e o observo com o olho bom. Pequeno. Forte. Tentador.

— Um anel para a todos governar — sussurro, e me arrependo na mesma hora.

Às vezes, algumas coisas são mais constrangedoras quando se está sozinho. Acho que, quando não tem ninguém por perto para ouvir a idiotice, você é forçado a suportá-la.

Pego a tesoura nova na cômoda e, tomada pelo espírito de rebeldia de Utopia, divido o comprimido em dois. Achei que ele fosse se despedaçar, mas isso não acontece. O corte é perfeito, bem no meio. Pego a garrafa d'água, engulo metade do remédio e jogo a outra metade no lixo.

Com a mochila arrumada, sento na janela e tiro do bolso a sexta carta da minha mãe. Úmida de suor e chuva, a tinta está desbotando um pouco, mas ainda dá para entender.

Pense no que é melhor pra ela. Por favor, reconcidere.

Lá no ônibus, eu estava tensa demais para notar as letras trocadas. Imagino minha mãe escrevendo aquilo de forma impetuosa e irritada. Ela só podia estar com raiva, para cometer esse tipo de...

O telefone toca.

Olho para o aparelho. Ele toca de novo. E de novo.

Não pode ser. Atravesso o quarto e tiro o telefone do gancho, duvidando que seja a ligação que imagino.

— Alô?

— *Sim*, oi... Serviço de despertador.

Clique.

Em alguns momentos eu, com toda certeza, cento e dez por cento, sem dúvida alguma, *preciso* rir de uma coisa. Porque, se eu

não rir, essa coisa vai me fazer enlouquecer de vez.
Coloco o telefone no gancho e rio até chorar.

Hiena contra Gazela

DEPOIS DE EMBARCARMOS no ônibus novo (muito melhor que o anterior), Carl entrega um envelope cheio de vales e cupons para cada um. Além de não ter ninguém na poltrona ao meu lado, encontro uma tomada logo abaixo da janela. Conecto o carregador de celular, guardo a mochila no compartimento de bagagem e passo a hora seguinte inteira assistindo ao garoto do outro lado do corredor comer um sanduíche de salame em um saco plástico. Por si só, aquilo não seria digno de nota, mas, como o garoto é idêntico a um Frodo Bolseiro mais jovem, acredito que seja, sim, digno de todas as notas possíveis. (*Vamos atravessar as Minas de Moria! Mas, antes, vamos repor as energias com esse embutido muito bem fatiado. Comam, bebam, aproveitem! Elfos! Salame! Viva!*)

— É por isso que não tenho namorado — sussurro, me virando para a janela.

Porque você mencionou O Senhor dos Anéis duas vezes antes do almoço, ou porque fala sozinha?

Tenho que admitir: não sei.

Algumas horas depois, paramos para almoçar em um lugar remoto. Carl pega o microfone e pede para não deixarmos objetos de valor no ônibus e anuncia quanto tempo vamos ficar ali.

— Se não estiverem de volta em quarenta e cinco minutos, vou deduzir que arrumaram outro transporte. Estamos a uma hora de

Nashville e, *desta* vez, chegaremos no horário. Não sou babá de ninguém, e podem ter certeza de que vou deixar vocês para trás.

É isso aí, Carl.

Quando descemos do ônibus, alguém pergunta sobre o restaurante, e Carl aponta para uma placa acima de um posto de gasolina ali perto.

CANTINHO DO ED: FRANGO E GASOLINA

A imagem em minha mente é, no mínimo, perturbadora: Ed, um veterano da Guerra do Vietnã insatisfeito, parado diante de um fogão com duas cigarrilhas cheias de cinzas, uma de cada lado da boca. Ele mexe uma enorme panela de sua famosa sopa de frango com petróleo. Isso também faz sentido, porque, apesar de eu sempre ter tido sorte com Carls, nunca conheci um único Ed que não quisesse matar com minhas habilidades ninja. Todos são canalhas da cabeça aos pés. Não entro no Cantinho do Ed com uma atitude otimista, mas sim como uma ninja.

Há quatro mesas de plástico, todas cobertas com toalhas xadrez. Espero o Homem do Poncho se sentar e escolho a mesa mais afastada dele. Infelizmente, todas ficam bem próximas.

— Mim! — sussurra ele. Então, apontando para o meu cabelo, faz um sinal positivo com o polegar. — Ficou ótimo!

Abro meu sorriso mais sarcástico, ergo um polegar e depois levanto o dedo médio bem devagar. Um careca com barba de motoqueiro e avental manca até a mesa do Homem do Poncho e o cumprimenta pelo nome.

— E aí, Joe, o de sempre?

O Homem do Poncho sorri, assente e começa uma conversa jovial com o sujeito.

Ele já esteve aqui antes.

Não tenho a chance de processar essa informação, pois o Motoqueiro Careca e Barbudo chega a minha mesa para anotar nossos pedidos.

— Que tipo de café você tem? — pergunto.

— Tipo? — repete o garçom, só que com sotaque do interior.

— É, sabe, da Etiópia, de Kona... Não é colombiano, é?

Sob a barba, o maxilar do garçom mastiga alguma coisa que imagino ser chiclete. Depois de alguns segundos de silêncio desconfortável, vejo o nome costurado no bolso da camisa: ED.

E tudo faz sentido.

— Deixa pra lá. — Solto um suspiro. — Quero só um sanduíche de frango.

— Não tem sanduíche de frango.

Opto pelo sorriso em vez do golpe de judô.

— O nome do seu estabelecimento indicava outra coisa.

Ele levanta a sobancelha, mastiga e não diz nada.

— Tudo bem — continuo. — Hambúrguer?

— E para beber? — pergunta.

— Fanta Laranja. Por favor.

— Só tem de uva. Tem Coca. Tem leite.

— Leite? Sério? — Odeio este lugar. — Tudo bem, vou querer... uma Fanta Uva, acho.

Ed dá a volta na mesa, anota todos os pedidos e desaparece. Para evitar a proximidade desconfortável dos estranhos, analiso o conteúdo do envelope grosso de vales que ganhei da empresa de ônibus. Um cupom oferece massagem pela metade do preço em um shopping de Topeka. O outro é para uma hora grátis na pista de

kart de um lugar chamado Dayton 500. Os únicos cupons úteis são três noites em um Holiday Inn, um vale-presente de quinze dólares da Cracker Barrel e alguns vales da empresa. Aparentemente, uma troca justa por quase nos matar.

Depois de uns dez minutos, uma bandeja de comida desaba no centro da mesa. Ed se inclina por cima do meu ombro, a barba roçando no meu rosto, e joga um prato para cada pessoa, anunciando os pedidos.

— E, por último, mas não menos importante... — Ele se vira para mim, não com um brilho no olhar, mas como um brilho na voz. — Um hambúrguer gourmet para a mocinha. E um *leitinho* para acompanhar.

— Eu não pedi...

— *Bon appétit!* — interrompe ele, e vai embora mancando com uma risada maníaca.

Cutuco o hambúrguer, que poderia muito bem ser usado como disco de hóquei. Depois de engolir metade com o leite, empurro o prato. Vou comer em Nashville.

Carl anuncia que faltam apenas quinze minutos. Pego a mochila e faço o longo caminho até os fundos do Cantinho do Ed. O banheiro tem duas cabines, uma pia suja, um espelho embaçado e a parede decorada com impropérios criativos. Passo o trinco, penduro a mochila no gancho e, tomando cuidado para não encostar em *nada*, faço xixi em tempo recorde. Depois de lavar as mãos, abro a mochila e, quando estou prestes a colocar os vales na lata de café de Kathy, ouço uma tosse.

Só uma vez. Baixa. Quase tímida. Mas sem dúvida uma tosse.

Ainda com o dinheiro na mão, olho por baixo da divisória. Ali, na segunda cabine — um mocassim e um tênis grande demais.

Que diabo...?

Devagar, os sapatos se mexem, e a porta se abre. O Homem do Poncho sorri para mim, os olhos passando pelo dinheiro nas minhas mãos.

— Olá, Mim.

Ainda ajoelhada no chão, fico paralisada, reduzida ao papel de Loira Peituda em meu próprio filme de terror.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto.

A perna dele roça no meu joelho quando vai até a pia e lava as mãos. Pensando bem, não me lembro de ouvir a descarga.

— Ah, acho o banheiro feminino muito mais tranquilo. Você devia ver o masculino. Faz esta pocilga parecer um hotel cinco estrelas.

Ele seca as mãos no poncho, se vira para mim e inclina a cabeça.

— Eu falei sério, Mim. Seu cabelo ficou lindo. E, também meio... inevitável? É a palavra certa?

Fuja, Mary. Agora.

Eu volto a me mexer, enfio tudo na mochila e vou na direção da porta.

— Estou de saída.

Ele bloqueia minha passagem, me prendendo ali dentro.

— Ainda não.

Respire, Mary. Tiro a franja dos olhos, afasto o pânico que ameaça aumentar mais, mais e mais...

— Vou gritar — aviso.

— Eu denuncio você.

Eu me encolho.

— O quê?

— Ouvi sua conversa com o Ed lá fora. Você não tomaria café Hills Brothers Original Blend nem que sua vida dependesse disso. O que significa que a lata de café que acabei de ver — ele aponta

para minha mochila — não é sua. Portanto, o que tem aí dentro *também* não deve ser seu.

As palavras são gélidas. Primeiro, atingem minha barriga, depois se espalham em todas as direções, enchendo meus ouvidos, cotovelos, joelhos, dedos dos pés — as extremidades de Mim, antes em agradáveis trinta e sete graus, agora são uma efígie glacial. Até aquele momento, a proximidade desconfortável do Homem do Poncho fora mantida sob controle pelos outros passageiros e pela fechadura das portas. Mas agora somos só nós dois. Sem nenhuma barreira, nenhuma proteção. Ele fica ali parado, mais alto do que eu me lembro e mais forte, bloqueando minha passagem até a proteção do bando. Sinto os olhos dele percorrendo meu cabelo, descendo pelo meu corpo, demorando-se onde não deveriam — e, pela primeira vez em muito tempo, eu me sinto uma menininha indefesa.

Ele se aproxima.

— Você é linda.

Começo a tremer; meus ossos e meu sangue estão totalmente alertas — é um instinto primitivo, predador contra presa, passado por milhares de gerações de mulheres que, como eu, temeram o inevitável. Já vimos o vídeo da hiena e da gazela, e sempre termina do mesmo jeito.

— Muito linda — sussurra ele.

Fecho o olho bom. Na minha mente, o banheiro se dissolve em tons de vermelho, os cantos se tornam mais escuros, como a vinheta de um antigo filme de arte independente. A metamorfose começa nos pés do Homem do Poncho, os sapatos descombinados rasgando-se na frente, revelando garras curtas e afiadas. A calça forma um volume nos joelhos e nas coxas, cada músculo pulsante definido sob o tecido barato. O poncho enrijece, endurece e ondula

até se transformar em um casaco de pele manchado e sujo; o preto, o laranja e o marrom do couro sarnento refletem a luz avermelhada do banheiro, e — pasmem! — a metamorfose do Homem do Poncho está completa, com um último acréscimo: Presas. Primeiro uma, depois outra, nascendo como dois carvalhos em solo fértil.

— Não vai acontecer nada — diz ele, a voz rouca. — Nada que você não queira.

E, com esse tom, eu me dou conta — eu *sei* — que não sou a primeira.

— Vai se foder. Sai da frente.

Ele segura meu braço logo acima do cotovelo. Seu aperto é firme e doloroso.

— Por que você diria isso para mim?

Grite, Mary.

— Você é boa demais — sussurra ele, aproximando mais o rosto. Sinto seu hálito, cada gota tão cinérea e falsa quanto eu imaginava. — Eu conheço você.

O grito que borbulha em meu estômago parece prestes a alçar voo, até que...

— Eu conheço sua dor — diz ele.

Minha dor.

— Eu quero ser seu amigo, Mim.

Meu nome é Mary Iris Malone, e eu não estou nada bem.

— Você quer ser minha amiga, não quer?

Sou uma coleção de esquisitices...

O aperto da mão dele no meu braço é agressivo.

— Também podemos ser mais do que amigos.

Um circo de neurônios e elétrons...

Seu hálito é quente.

Preparar...

Sinto os lábios dele frios nos meus.

Apontar...

Sua língua...

Fogo...

Das profundezas, minha epiglote deslocada localiza certo disco de hóquei encharcado de leite. Ela reúne cada grama de carne e laticínio parcialmente digeridos e, com toda a força e precisão, lança um jato de vômito espetacular diretamente na boca do Homem do Poncho.

Ele engasga, regurgita, *rosna...*

Eu dou meia-volta, destranco a porta e saio do banheiro, respirando a liberdade de uma rara gazela esperta.



2 de setembro — meio-dia

Querida Isabel,

Uma nota rápida: não acredito que a imaginação fértil seja tão benéfica quanto dizem. Sei que você tem uma, mas, caso contrário, agradeça aos deuses dos dons de nascença e siga com sua vida. No entanto, se for como eu, se tiver sido amaldiçoada com um amor pela narrativa, pelas aventuras em galáxias muito, muito distantes, por criaturas míticas de terras imaginárias que são mais reais para você do que as pessoas de carne e osso — ou seja, as pessoas *de verdade* —, bom, quero ser a primeira a dar os pêsames.

Porque a vida raramente é como você imagina.

Câmbio e desligo,
Mary Iris Malone,
Serva da Narrativa

NASHVILLE, TENNESSEE

(846 quilômetros pela frente)

... **12** ...

Anomalias

NA AULA DE inglês avançado do sexto ano, a professora propôs uma tarefa desafiadora: encontrar uma única palavra que nos descrevesse e escrever uma redação justificando o porquê. Durante duas semanas eu me debrucei no dicionário todas as noites, procurando a palavra que descrevesse Mim Malone em absoluto. No fim das contas, escolhi *anomalía*. (Eu estava entre ela e *atrevida*, e, pelos meus cálculos, seria mais fácil definir meus muitos humores com uma palavra cuja definição fosse “pessoa ou coisa que não pode ser explicada por uma única definição”. Achei que isso fosse um exemplo clássico de lógica irrefutável.) Eu me lembro do último parágrafo da redação como se o tivesse escrito ontem.

"Em resumo, sou cento e dez por cento anomalia, mais uns trinta e três por cento espírito independente e sete por cento gênio do pensamento livre. Minha soma total é cento e cinquenta por cento, mas isso já era de se esperar, sendo eu uma anomalia viva e pensante. É isso aí!"

Naquela época, eu terminava todos os textos com *É isso aí!*. O que trazia certa profundidade à pontuação — um pouco de classe alta em meio à burguesia digressiva. Se lembro bem, recebi um C-.

Mas, mesmo hoje, visto que uma anomalia é algo que desvia do padrão, da normalidade ou da regra, não consigo pensar em qualquer palavra mais apropriada para me descrever.

Odeio lagos, mas amo o mar.

Odeio ketchup, mas amo qualquer outra coisa feita de tomate.

Gostaria de ler um livro e ir a uma puta festa. (Eu quero tudo, *baby*.)

E, chegando ao terminal de ônibus em Nashville, eu me lembrei do quanto odeio música country — mas, caramba, não me canso de ouvir Johnny Cash, o avô do gênero. E, claro, Elvis, mas não considero que seja country de verdade. Eram os cantores favoritos da minha mãe. Nós duas costumávamos sentar no sofá velho da garagem e ouvir “Man in Black” ou “Heartbreak Hotel” até o fim — em vinil, claro, porque, na verdade, não existe outro jeito de ouvir música. Ficávamos absorvendo a honestidade sofrida daqueles dois barítonos, porque, que se dane, eles souberam viver, e, se havia alguém com compreensão íntima da dor sobre a qual cantava, eram Cash e Presley. Pelo menos, era o que mamãe dizia. Conforme fui crescendo, meu gosto mudou, mas, quando penso nisso, até a música que escuto hoje em dia tem um certo quê de honestidade trágica. Bon Iver, Elliott Smith, Arcade Fire — artistas cuja música não exige que a gente *goste*, e sim que *acredite*.

E eu acredito.

Acredito neles.

Carl para o ônibus no terminal e pega o microfone.

— Muito bem, meus amigos, bem-vindos a Nashville. Se este é seu destino final — ele sorri, e eu me pergunto se o dente lascado é cortesia do acidente —, bom, vocês chegaram. Se não, com certeza perderam o ônibus da conexão. Dirijam-se ao balcão de atendimento que o pessoal vai ajudar. E não se esqueçam dos

vales. Deus sabe que vocês merecem. — Ele pigarreia e continua: — Como funcionário da empresa Greyhound, peço desculpas pelo incidente perto de Memphis e espero que isso não os impeça de escolher nossos serviços no futuro. Como ser humano, peço desculpas pelo acidente perto de Memphis e não culparia ninguém por nunca mais querer andar em um ônibus da Greyhound. Agora caíam fora do meu ônibus.

Tenho como regra não aplaudir ninguém. Considerando que vou a poucos shows e eventos esportivos, isso nunca foi um problema. Mas, depois do discurso inflamado de Carl, o ônibus vai à loucura — e lá estou eu batendo palmas, apesar da regra.

Pego a mochila no compartimento de bagagem e sigo pelo corredor, mantendo o olho bom no Homem do Poncho. Depois do... podemos chamar de Incidente da Bile no Banheiro, tomei duas decisões importantes: a primeira foi parar de assistir a reprises de *Arquivo X*, já que minha capacidade para criar fantasias monstruosas correu solta por tempo suficiente. A segunda é não denunciá-lo. A coisa do *Arquivo X* decidi em uns três segundos. Já a parte de não denunciar o pervertido filho da mãe de poncho e mocassim, passei todo o caminho até Nashville pensando. E, ainda que nada fosse me dar mais prazer do que entregar aquele nojento para a polícia, chegar a Cleveland é algo que não está aberto a negociações. Ponto final. Se eu falar qualquer coisa sobre o Incidente da Bile no Banheiro, acabou. Serei arrastada de volta à Mosquitolândia, uma traidora entre os carniceiros sugadores de sangue. Além de não poder estar em Cleveland com minha mãe em um momento de necessidade, o Homem do Poncho sabe sobre a lata de Hills Bros. Acho que Kathy prestaria queixas, eu seria presa por roubo e, em vez de passar o feriado do Dia do Trabalho com minha mãe, passaria um tempo em um reformatório.

Conclusão: não sei ao certo se o Homem do Poncho vai atacar de novo. Mas, se eu denunciá-lo, tenho certeza de que será o fim da minha Missão.

Então, sim. É um saco. Mas, para ser sincera, não consigo pensar em um jeito de contornar a situação.

O Homem do Poncho está no começo da fila. Eu o vejo cumprimentar Carl com a cabeça e descer do ônibus. Então preciso pegar a passagem para Cleveland e me perder na multidão, rezando para as coisas terminarem por aí. Ele segue seu caminho, eu sigo o meu, e nenhum dos dois vai se encontrar outra vez.

Carl está sentado no banco do motorista, despedindo-se de todos que passam por ele. Quaisquer questões que eu tivesse no começo da viagem sobre a verdadeira natureza daquele sujeito foram respondidas, e já não me resta a menor dúvida: ele é um Carl de primeira. Sorrio, e até estou prestes a apertar a mão dele (o que requer muito preparo para mim), quando Carl segura meu ombro. Ele se inclina, os olhos cheios de uma astúcia familiar, e sussurra:

— Boa sorte, mocinha.

Em seguida, ele me solta, sorri e dá uma piscadela, e de repente sei exatamente com quem Carl se parece.

E não é Samuel L. Jackson.

Assim que desembarco do ônibus, sento no banco mais próximo e pego meu diário.



2 de setembro — tarde

Querida Isabel,

Vamos tirar mais uma camada da cebola gigante que é o meu raciocínio? Reggie é o Motivo nº 6.

Ele sempre ficava na mesma esquina em Ashland: coturnos até o joelho, cabelo bagunçado, rosto sujo, sorriso matreiro. Minha mãe dizia que Reggie sempre ficava na mesma esquina (Samaritan com Highway 511, se quiser os detalhes) porque aquele sinal de trânsito ficava na esquina do abrigo do centro da cidade.

Eu jogava futebol na YMCA às quartas depois da aula (mais atividades extracurriculares indesejadas). Da minha escola até a YMCA era uma linha reta pela Claremont até a East Main, um trajeto que de carro não levava mais do que cinco minutos, mas nunca fazíamos esse caminho. Em vez disso, minha mãe, os olhos brilhando com o desejo de apenas viver o momento, pegava a Smith Road até a Samaritan Avenue, depois a 511 até a East Main. Aquilo fazia a viagem levar dez minutos a mais, mas ela não se importava. Toda quarta-feira, sem falta, minha mãe baixava o vidro na esquina da Samaritan com a 511 e trocava três dólares por um sorriso e um “Deus lhe abençoe” do Reggie.

Um sábado, enquanto comprava alguma coisa, aconteceu de meu pai estar no carro conosco quando chegamos àquela esquina específica. Ele nunca tinha visto Reggie e, até onde eu sabia, não conhecia a generosidade da minha mãe para com os desabrigados. Quando paramos, mamãe foi baixar o vidro, mas, antes de conseguir apertar o botão, meu pai começou a falar sobre como os mendigos eram um bando de preguiçosos, a escória da sociedade e coisas do gênero.

— Ele podia arrumar um emprego — disse meu pai, apontando com o polegar na direção de Reggie — se não fosse um bêbado vagabundo.

Minha mãe olhou bem para meu pai e não disse uma palavra — apenas baixou o vidro do carro com toda a calma.

Reggie se aproximou.

— Tudo bem, Eve? Que linda manhã.

Ainda olhando para meu pai, ela respondeu:

— Linda mesmo, Reggie. Aqui está.

Fiquei preocupada com o que meu pai diria quando ela fechasse o vidro. Acho que Reggie sentiu a tensão, porque, depois de pegar o dinheiro, olhou bem para mim, no banco de trás, e piscou, os olhos cheios de uma astúcia reconfortante. Em seguida, voltando a encarar minha mãe, fez uma continência. Esse gesto sempre vinha acompanhado de um “Deus lhe abençoe”. Mas, naquela vez, Reggie disse:

— Boa sorte, dona Eve.

Minha mãe levantou o vidro sem tirar os olhos do meu pai.

— Boa sorte para você também — respondeu ela.

(Minha mãe sabia ser fria como gelo quando queria.)

Mais tarde, pouco antes de dormir, perguntei a ela se meu pai estava bravo por causa dos três dólares de Reggie. Minha mãe disse que não, mas eu sabia a verdade. Perguntei se meu pai estava certo, se Reggie não passava de um bêbado vagabundo. Minha mãe respondeu que, mesmo que fosse verdade, ela continuaria dando os três dólares. Disse que não cabia a ela descobrir quem estava mesmo morrendo de fome e quem estava fingindo.

— Ajuda é ajuda para qualquer um, Mary. Mesmo que a pessoa não saiba que precisa.

Eu disse que aquilo fazia todo o sentido, e era verdade.

E ainda é.

A questão é, Isa: minha mãe precisa de ajuda. Sei disso, mesmo que ela não saiba.

Câmbio e desligo,
Mary Iris Malone
Mendiga da Samaritan Avenue

Tudo soa melhor em vinil

— COM LICENÇA, VOCÊ sabe que horas são?

Tiro os olhos do diário e quase caio para trás. O estranho tem monocelhas, bigode farto, muitas espinhas, óculos com lentes de mais de sete centímetros de espessura e lábios absurdamente secos.

Tantas. Coisas.

Vomito um pouco na boca, mas me forço a engolir.

— Desculpe, eu... — ... *não sei para onde olhar*. Pisco com força, engulo em seco e só então consigo falar: — Sim — respondo, tirando o celular da mochila —, é quase uma da tarde.

Ele vai embora, me deixando sozinha com o celular. Vinte e oito ligações perdidas. Vinte e seis de Kathy.

Duas do meu pai.

Muito bem.

Tem uma lata de lixo ao lado do banco acenando para mim. Eu podia simplesmente jogar o aparelho fora e me livrar de Stevie Wonder e do seu lixo sonoro de uma vez por todas. Com relutância, guardo o celular e o diário com desenho de boneco de palitinho, vou até o balcão de atendimento e entrego o vale para a moça.

— Você está viajando sozinha? — pergunta a atendente, mascarando chiclete.

Dessa vez estou pronta, munida de uma nova estratégia.

— Sim, senhora. Meu pai está me mandando para Cleveland para morar com a minha mãe, sabe? Eles se divorciaram este ano, uma tragédia shakespeariana que acabou comigo a ponto de me fazer pensar em suicídio, mas, sério, como alguém consegue lidar com isso?

A mulher continua mascando, nem um pouco impressionada.

— Eu sei, eu sei — continuo, meneando a cabeça e sorrindo —, e, antes que você pergunte, sim, pensei em tomar calmantes, mas quantos? Com a sorte que eu tenho, tomaria só o suficiente para fazer um belo estrago, mas não para dar conta do recado, sabe? Serei condenada a percorrer as ruas de Cleveland, uma menina de passado trágico com meio cérebro, todo mundo sussurrando pelas minhas costas: “Lá vai a menina que fracassou em viver e morrer.” Então, sim, desisti da ideia dos calmantes, mas a coisa do carro na garagem, aquilo parece promissor, não acha?

Ela faz uma bola do tamanho de uma toranja, pega o vale e me entrega a passagem.

— Número 1.677, para Cleveland — anuncia —, sai às 13h32. Você tem meia hora, menina.

— Obrigada — respondo, pegando a passagem. — Você é incrível.

Lá fora, a cidade está agitada por causa do trânsito e da música. Turistas jovens e velhos entram aos bandos em lojas de botas de couro, de discos e de guitarras *vintage*, tentando aproveitar as promoções do feriado. Bandas ao vivo estão a postos na vitrine das lojas como manequins, anunciando agudos em vez de veludos. E os bares de música country — ah, meu Deus, os bares de música country! Até este momento, eu achava que fossem bares tranquilos mas cheios de gente estranha com quem eu nunca ia querer conversar. Na verdade, são lugares com música insuportavelmente

alta e cheios de gente estranha com quem eu nunca ia querer conversar. Passo por um onde uma banda toca alguma coisa sobre "popozões", que, só posso deduzir, é o Hino Oficial desses bares. Já sinto inveja de quem eu era há cinco minutos. Porque é impossível voltar a ser como era depois de conhecer um bar de música country.

Do outro lado da rua, vejo uma estátua em tamanho real do Elvis, e de repente nada mais importa. Seguro firme a mochila e me aproximo para olhar melhor. É meio triste, na verdade, ainda que não seja de todo irreal. O cabelo está bem parecido. É quando me ocorre: *minha mãe adoraria isso*. Por mais imperfeita que esteja a viagem até então, já parei em Graceland e em Nashville, duas cidades que são sinônimo de Johnny Cash e do Rei do Rock.

Isso é um bom sinal.

Dou mais uma olhada nos arredores e enfio os polegares nos bolsos. Começo a assobiar e a sorrir e faço minha melhor cara de tonta. Passem pra cá o chapéu de caubói, os bares de música country, as botas e os "popozões". Sou Mary Iris Malone, a superturista.

Atrás da estátua, vejo uma loja chamada Lojão dos Chapéus. Reunindo cada grama de tenacidade Malone, entro. O piso é de madeira, as pessoas falam alto, a música é não sei o quê... O primeiro chapéu à mão é malhado de preto e branco. Eu o pego e, só por curiosidade, leio a etiqueta: FEITO COM AUTÊNTICO COURO DE VACA. Puxa, isso é bom e nojento ao mesmo tempo.

Respiro fundo.

Experimento o chapéu.

Me olho no espelho.

Tiro o chapéu.

Saio da loja.

Se alguém perguntar, isso nunca aconteceu.

Passo os noventa segundos seguintes na loja ao lado, o Lojão das Botas, e mais de dez minutos em uma loja de discos. Vinis que outras pessoas já amaram são uma fraqueza que herdei da minha mãe, uma de que me orgulho. Eu tinha toca-discos muito antes dos meus colegas na escola decidirem que era legal. E, quando finalmente se renderam, nem fiquei com vontade de me exhibir. Tudo soa melhor em vinil. Não é uma tendência, é um fato.

Quase compro uma edição novinha de *Remain in Light*, do Talking Heads, mas mudo de ideia. Não dá para saber que tipo de despesas terei entre Nashville e Cleveland. E, por falar nisso...

O pouco de substância que o hambúrguer-disco-de-hóquei tinha me proporcionado foi colocado em uso durante o Incidente da Bile no Banheiro. Ou seja: estou faminta. Em uma barraca de tacos ali perto, peço três *carnitas* com coentro extra e como enquanto volto para o terminal. Quando chego, mantenho a cabeça baixa (no caso improvável de o Homem do Poncho ainda estar por perto) e pego a fila do ônibus 1.677 na plataforma B. Depois de alguns minutos, a fila avança. Enfio as mãos no bolso da calça jeans e seguro o batom da minha mãe.

Merda.

Devia ter comprado o vinil do Talking Heads.

Ela teria adorado.



2 de setembro — 13h32

Querida Isabel,

Minha mãe era o melhor despertador de todos os tempos. Toda manhã, sem falta, abria as cortinas para deixar a luz do sol entrar e sempre dizia a mesma coisa:

— Abra os olhos, Mary, e encare o mundo sem medo.

Bem assim. Era maravilhoso. (Claro, a ideia de encarar o mundo sem medo se transformaria em uma coisa completamente diferente depois do Grande Eclipse Cegante, mas isso é irrelevante.) A frase é um provérbio *cherokee* que minha avó ensinou a ela, e minha bisavó a minha avó, e assim por diante, até chegar à Índia *cherokee* original que cunhou a frase. (Meu avô era inglês, mas minha avó tinha sangue *cherokee*, o que, acredito, é um exemplo perfeito da história rindo por último.) Eu tinha muito orgulho dessa linhagem, Isa, e sabe o que fiz? Comecei a mentir sobre o tanto de sangue *cherokee* que corre em minhas veias. Eu tenho um dezesseis avos, mas quem não tem, não é? Então comecei a declarar que eu era um quarto *cherokee*. Parecia mais legítimo. Eu era nova, ainda estava no ensino fundamental, então fiz o que as crianças dessa idade fazem. Quanto mais admiração o fato ganhava de professores e amigos, mais próxima eu me sentia da minha antiga linhagem, das minhas parentes, da minha tribo. Mas a verdade sempre vem à tona, já diz o ditado. No meu caso, isso aconteceu com a risada histérica da minha mãe diante do diretor quando ele contou que a escola me presentearia com uma placa de honra ao mérito no próximo evento: o Prêmio de Conquistas dos Nativos Americanos.

Nem preciso dizer que nunca recebi o prêmio. Mas, até hoje, às vezes — em especial quando uso a maquiagem de guerra — sinto de verdade aquele sangue *cherokee* correndo pelas minhas veias, não importa o percentual de pureza. Então, de qualquer parte diminuta do meu coração que bombeie sangue *cherokee* autêntico, passo o ditado para você: abra os olhos e encare o mundo sem medo.

Não sei ao certo o que me fez pensar em toda essa coisa *cherokee*. Talvez seja a abundância de chapéus e botas de caubói que vi. Politicamente correto? Provavelmente não. MAS EU SOU UM DEZESSEIS AVOS *CHEROKEE*, ENTÃO QUE SE DANE.

De todo jeito, acabei de lembrar que tenho um pacote de batatinhas chips na mochila, então vou encerrar esta carta com outro provérbio *cherokee* da minha mãe.

Quando nasceu, você chorou enquanto o mundo se deleitava. Viva a vida de modo que, quando morrer, o mundo chore enquanto você se deleita.

Engraçado: quando eu era criança, eu não sabia se ria ou chorava quando mamãe dizia isso. Mas agora sei a verdade. Você pode rir e chorar, Isa. Porque os dois são basicamente a mesma coisa.

Câmbio e desligo,
Chefe Iris Malone



FECHO O DIÁRIO e giro o trinco para LIVRE.

O novo ônibus está longe de lotado, o que significa que ganhei a poltrona ao lado da minha outra vez. Considerando o conjunto raro de indivíduos a bordo, essa coisa de não ter ninguém ao lado não poderia ter mais valor. É um show de horrores, sério. Faz com que eu me lembre dos dias que passei no sul do país. Mosquitolândia: a pedra no meu sapato, o espinho no meu dedo, o veneno no meu vinho. Infelizmente, parece que a pedra, o espinho e o veneno estão me seguindo rumo ao norte.

29B está amamentando.

26A dormiu enquanto comia um pacote de salgadinhos.

24B está jogando Batalha Naval com 24A, com efeitos sonoros de guerra e tudo.

21D está com chinelos do Pernalonga e uma camiseta que diz

NINGUÉM LIGA PARA O SEU BLOG.

19A e 19B devem ser mãe e filha, uma bela dupla hispânica. Estão dormindo apoiadas uma na outra, e, na verdade, são até bem adoráveis. Então tudo bem, elas são normais.

E... *caramba*, 17C é lindo. Como não reparei antes? Passo por ele à minha esquerda, tomando o cuidado de não encará-lo. Parece aquele sujeito de *Across the Universe* (Ah, como é o nome mesmo?). De repente, meus amados tênis de segunda mão e meu moletom favorito, vermelho e de capuz, parecem a escolha errada. Claro, não são as roupas mais bonitas que tenho. A calça jeans está razoável, ainda que um tanto sanguinolenta no joelho. Mas o moletom... Hum. Eu deveria ter colocado a camiseta velha do Led Zeppelin da mamãe, que fica justa nos lugares certos. Pelo menos...

Que diabo?

Quando chego a minha poltrona, continuo de pé, paralisada. Tem um embrulho de papel — marrom, fino, quadrado — ao lado da minha mochila. Eu me sento, pego o embrulho e sei imediatamente o que tem dentro. Comprei discos de vinil suficientes nessa vida para saber quando estou segurando um.

Remain in Light, do Talking Heads.

Quase novo.

Cada miligrama de sangue vai para meu rosto quando me dou conta. Levanto a cabeça o suficiente para olhar acima da poltrona à frente.

E lá está ele.

O perverso de mocassim e poncho em pessoa, seis fileiras à frente, sorrindo como uma hiena.

No filme da minha vida, quebro o disco ao meio, abro a janela e jogo os pedaços na beira da estrada. Mas, como as janelas do ônibus não abrem, tenho que me contentar com a primeira parte. É uma pena, porque minha mãe ama tudo do David Byrne, mas não quero nada que venha do Homem do Poncho contaminando nosso tempo juntas. Tiro o vinil da capa e o quebro em dois.

A hiena para de sorrir.

Afundando no assento, respiro, penso e tento me ajustar à situação. É possível que ele não esteja me seguindo. É possível que tenhamos um caminho parecido. Então o quê? Evito ir ao banheiro? Passo o resto da viagem olhando por cima do ombro? Não é tarde demais para denunciá-lo, ainda que isso ainda sacrificasse a Missão.

Pense, Malone.

Jogo os pedaços do disco na poltrona ao lado. Lá fora, o céu da tarde passa em um borrão. Olho para ele com o olho bom e fico pensando... Tenho dinheiro. Tenho meu cérebro. Tenho minha intuição.

Então intua de uma vez.

Pego o itinerário que veio com a passagem. Próxima parada oficial: Cincinnati.

Opções.

Posso pegar um táxi. Ou... pedir carona.

É isso aí.

Sim. Que jeito melhor de chegar até minha mãe, ela, membro da associação de mochileiros da Europa?

Vou abandonar o ônibus.

Pego o saco de batatinhas na mochila. Estão quentes e crocantes, e, quando abro a embalagem, já tomei minha decisão.

Quero fugir de tudo: das paradas aleatórias, dos cheiros estranhos, da proximidade desconfortável do Homem do Poncho. Vou abandonar o ônibus em Cincinnati. Pelo menos estarei no estado certo. Na verdade, não existem desvantagens nesse plano, a não ser...

Mordo o lábio, me viro e olho para trás.

Clique.

17C está a três fileiras de distância, do outro lado do corredor, com uma câmera digital encostada na janela.

Clique.

Ele é mais velho que eu, provavelmente na casa dos vinte, então a gente se casar e viajar o mundo juntos não está completamente fora de questão. No momento, uma diferença de cinco anos pode parecer muito, mas, quando ele estiver com cinquenta e quatro, e eu, com quarenta e nove, bem, não vai ser nada.

Clique.

Tem alguma coisa nele, um quê de astro de cinema, mas não é bem isso. É como se o cara pudesse estar em Hollywood, não fossem sua veia humanitária, todo o trabalho voluntário que faz e a consciência limpa, sem dúvida cheia de verdade, integridade e carinho pelos desabrigados.

Clique.

Ele tem cabelo castanho comprido e lindos olhos verde-escuros. A barba rala não é pré-adolescente, é tipo... rústica, isso, mas não só. É como as de caçadores e construtores. E carpinteiros. Sugere certo tino com tudo o que tem a ver com a natureza. É a barba de alguém isolado em uma ilha deserta, é isso.

Clique.

A jaqueta azul-marinho de moletom com zíper combina perfeitamente com ele, envolvendo seu peito como uma... Bom, como alguma coisa. Os ombros não são largos nem estreitos, a calça jeans não é *skinny* nem folgada, as botas não estão limpas nem sujas.

17C é apenas a quantidade certa de si mesmo.

Ele é minha anomalia perfeita.

Clique.

Parecendo ter terminado de tirar fotos, ele desliga a câmera, guarda tudo embaixo da poltrona e pega um livro. Somando cabelo, botas, jaqueta e câmera, ele está mesmo fazendo jus à costa

noroeste do Pacífico, com seu estilo pré-hipster, pós-grunge. O que, devo dizer, eu adoro. Semicerrando os olhos, tento ver o que ele está lendo, ainda que eu não devesse...

Merda.

Olho para a frente. Será que ele me viu? Acho que viu.

Clique.

Preciso manter a cabeça no lugar...

Clique. (Aqueles olhos.)

... se pretendo levar o novo plano adiante.

Clique. (Aquele cabelo.)

Daqui a pouco estaremos em Cincinnati.

Clique. Clique. Clique.

Viro o saco cheio de migalhas, tentando acertar a boca, mas acabo jogando tudo no cabelo e no rosto. Ainda bem que existem poltronas de encosto alto.

INDEPENDENCE, KENTUCKY

(447 quilômetros pela frente)

Travessuras gramaticais

— QUANTAS BOLAS VOCÊ quer?

Olho para os mais ou menos doze sabores de sorvete atrás do vidro.

— Quantas posso pedir?

— Hã... Quantas *quiser*.

— Ah, sei, tudo bem. Bom, a questão — olho para o crachá da atendente —, Glenda, é que a quantidade que eu *quero* pode me matar. Tipo, vou cair dura aqui. Além disso, não estou a fim de quebrar recordes na categoria. Então... qual é o recorde atual de bolas?

Glenda suspira.

— Sete.

Bingo.

Ainda que Cincinnati esteja a uns vinte minutos de distância, nosso motorista (cujo nome já esqueci, mas que, posso garantir, não é nenhum Carl) insistiu em parar para comprar torta. Isso mesmo. Torta. Ele anunciou pelo microfone que a Lanchonete da Jane tinha a melhor torta deste lado do glorioso Mississippi e que nem por um decreto ele passaria por aqui sem comer uma fatia. Explicou que, se soubéssemos o que era bom, faríamos o mesmo e que com certeza agradeceríamos depois.

Naturalmente, decidi nunca mais comer torta. Para minha sorte, do outro lado da rua havia um lugar chamado — e não estou brincando — Lojinha de Laticínios Maravilhosos da Estrada. Não resisti. (E, na verdade, por que resistiria?)

Glenda serve o sorvete, eu pago e, alguns minutos depois, estou atravessando a rua com uma casquinha de chocolate duplo, café *espresso* com gotas de chocolate, framboesa, menta, caramelo e limão. Sou a menina mais feliz deste lado do maldito e glorioso oceano Pacífico.

As luzes de uma viatura policial piscam no estacionamento da Lanchonete da Jane. Não parece haver comoção, mas um policial dá sermão em alguém no banco traseiro do carro.

Eu me recosto no ônibus e vejo meus companheiros de viagem pela janela da lanchonete. É um daqueles trailers sem rodas, algo que nunca entendi direito.

Tirar as rodas de um veículo para torná-lo imóvel faz tanto sentido quanto comprar uma cama e usar a madeira para fazer uma cadeira. Mas não é isso o que me incomoda na Lanchonete da Jane. O que mais me irrita é a placa na porta.

“ENTRE”, ESTAMOS ABERTOS

Dou uma risadinha entre uma lambida e outra. As pessoas não conseguem se controlar quando o assunto são aspas. É como se ficassem paralisadas diante desse sinal de pontuação. Acho que não é nada grave, mas parece ser um tipo comum de exagero que poderia muito bem ser evitado.

Pela janela, procuro o Homem do Poncho, mas não o vejo em lugar algum. Não faz mal. Em menos de uma hora, darei *adiós* a

ele, de qualquer forma.

— Eu não sabia, Purje. Você não está ouvindo.

Um casal com chapéus de caubói idênticos sai da lanchonete, e a voz dos dois, com péssima dicção, se projeta pelo estacionamento.

— Estou, sim, amor, mas se você não conseguir se dar bem aqui em Independence, não vai conseguir em lugar nenhum.

Engasgo entre as lambidas azedas do limão.

— Ahhhhh, que porcaria, Purje, cala essa boca e escuta um segundo.

— Com licença — interrompo. — Vocês disseram Independence?

Os dois olham para mim com se preferissem me dar um tiro a responder. O homem cospe um pedaço de tabaco, que aterrissa a centímetros dos meus preciosos tênis de cano alto.

Enchanté, Purje.

— E daí?

Ah, meu Deus, é verdade. Estou aqui. Na cidade de Ahab, o sobrinho de Arlene, antes campeão de natação, agora magnata de posto de gasolina. Do outro lado da avenida, passando pelo viaduto, há pelo menos quatro postos de gasolina — pode ser qualquer um deles.

— Escuta — diz o cara, Purje —, esta é uma das maiores cidades de fronteira dos Estados Unidos. Prefiro beijar a bunda peluda de um macaco a ter que ouvir alguém denegrir Independence.

Paro um segundo para apreciar o fato de esse homem saber o significado de “denegrir”. A mulher enfia a mão direita no bolso do suéter, e, por um minuto, fico realmente com medo de que ela esteja armada. Em vez de um revólver, porém, ela tira uma garrafinha de bolso, dá um longo gole e a entrega a Purje.

— Claro que não, senhor. Eu jamais faria isso. Independence parece uma cidadezinha muito charmosa. Eu só...

A terra da autonomia.

— Você só...? — repete Purje, me encarando.

Do relativo conforto da poltrona do ônibus, a decisão de abandonar a viagem parecia bastante fácil, e a perspectiva de pegar carona até Cleveland, uma aventura perfeita. Mas, ao olhar para a zona rural do Kentucky, as dificuldades desse plano se assentam no meu estômago como um tijolo.

— Qual é o problema dela, Purje? — sussurra a mulher.

O homem balança a cabeça.

Jogo o resto do sorvete no chão e sigo para o ônibus.

— Obrigada, pessoal. Não percam a *finesse*.

Subindo os degraus aos pulos, vejo Arlene — a grande dama da velha guarda, rainha da fanfarrice geriátrica e minha amiga — segurando a caixa de madeira como se sua vida dependesse disso. E dependia. Agora tenho a oportunidade de entregar a caixa, terminar o que ela começou, honrar sua vida.

Tenho a chance de concluir a Missão de Arlene.

E me recuso a não aproveitá-la.

Pego a mochila do compartimento de bagagem e começo a andar em direção à saída quando uma voz me faz parar de repente.

— Você vai embora?

Do topo da escada, eu me viro e vejo 17C (controle-se, coração) de joelhos em uma poltrona nos fundos do ônibus. Ele está segurando a câmera perto da janela, e parece óbvio que interrompi algum tipo de sessão de fotos.

— O quê? — sussurro, de repente me perguntando em que diabo estava pensando quando cortei meu próprio cabelo.

— Perguntei se você vai embora — repete ele.

Volto para o corredor, tirando a franja dos olhos. É uma pergunta simples, que requer uma resposta simples, mas, por um momento,

minha língua parece estar colada no céu da boca. Tenho certeza de que preciso fazer uma plástica no nariz, minhas axilas estão coçando, e — que diabo?

Controle-se, Malone.

Assinto e sorrio, ele assente e meio que sorri, e, meu Deus, se isso é só um meio sorriso, mal posso imaginar como é a versão completa. Ele está com um olho roxo, algo que eu não tinha notado antes. Mesmo com o machucado, os olhos verdes são acolhedores — brilhantes, lindos, inesquecíveis. As sobrancelhas são grossas. Não como taturanas, mas grossas, como se tivessem sido desenhadas com uma caneta hidrográfica.

— Bem, boa sorte — diz 17C.

Lá fora, a viatura está bem na minha frente. Ele segue meu olhar, fica vermelho e tampa a lente.

— Certo — murmuro. — Boa sorte para você também.

Ele recosta-se na poltrona, fecha os olhos e murmura:

— Obrigado. — Então completa, quase em um sussurro: — Vou precisar.

No filme da minha vida, tenho cenas e falas, em vez de experiências e discussões. Em vez de amigos, um elenco; em vez de lugares, cenários. E neste momento — que definitivamente é digno de um filme —, eu pisco em câmera lenta. O foco da câmera se fecha nos meus olhos enquanto observo o enigmático 17C. O público está em silêncio, maravilhado, uma combinação de esperança, tristeza e desejo por romance se revirando na barriga. Infelizmente, a garota vai embora, e o garoto fica para trás, e era para ser assim. A probabilidade de suas histórias se cruzarem de novo não torna a trama muito plausível. Ainda que eu ache que isso dependa da definição que cada um tem de “plausível”.

Da distância de milhares de quilômetros metafóricos, uma voz doce soa em meus ouvidos. *Você ficaria surpresa com as coisas em que acredito hoje em dia.*

Incorporando a fé de Arlene — e com sua preciosa caixa de madeira na mochila —, desço do ônibus. Mais do que tudo, quero estar com minha mãe agora. Seja qual for sua doença, sei que ela precisa desesperadamente de mim. Mas todos os meus filmes favoritos têm uma coisa em comum: um momento peculiar em que dá para sentir que o diretor está contando a história dos personagens como se fosse a própria. É lindo, comovente e absurdamente raro.

Não sei o que tem nesta caixa, mas faço parte da sua história, assim como ela faz parte da minha.

Enquanto atravesso a rua, reflito sobre o papel de 17C no meu filme. É difícil que nossos personagens se encontrem de novo. Mas não vou descartar essa possibilidade, ainda não. Porque não há nada que eu odeie mais do que um final previsível.

Maldita atitude

— VEIO PEGAR A oitava?

Eu sorrio, mas não engano ninguém.

— Boa, Glenda. Mas, sério, como você está? — *Como você está?*
Eu nunca sei o que dizer às pessoas. Pigarreio e continuo: — Será que você saberia me dizer onde posso encontrar um posto de gasolina que pertence a um cara chamado Ahab?

Glenda se abaixa atrás do balcão e reaparece com uma colher.

— Sei que parece uma pergunta estranha, mas é importante — explico.

Mergulhando a colher em um pote de sorvete de creme com pedaços de cookie, ela pega uma bola generosa. Dou a Glenda um segundo, supondo que ela está pensando no assunto. No fim das contas, não está. Está é tomando sorvete com um vigor orgásmico.

Sei que não devo, mas não consigo me conter.

— É muito bom, não é?

Glenda estala os lábios.

— Não conheço ninguém com esse nome. A menos que você esteja falando de *Moby Dick*.

Eu consigo me imaginar pulando por cima do pote de sorvete de creme com pedaços de cookie, pegando Glenda pelo cabelo cheio de pontas duplas e enfiando a cabeça dela no sorvete. Podia ser minha marca registrada, aquilo pelo qual eu seria conhecida: o giro-

Mim. Observando a expressão satisfeita de Glenda, decido afogá-la em gentilezas. Levanto as mãos e faço aspas no ar enquanto digo duas palavras:

— Obrigada, Glenda.

A Lojinha de Laticínios Maravilhosos da Estrada fica bem perto dos quatro postos de gasolina, que se aglomeram do outro lado do viaduto — minha melhor chance de encontrar Ahab. Pego a mochila e atravesso a passarela. Toda vez que um carro passa lá embaixo, a estrutura inteira balança, e estas são as coisas que imagino: o chão desabando sob meus pés, a passarela cedendo enquanto caio na avenida, um bloco de cimento esmagando minha cabeça, uma nuvem monstruosa de escombros igual às dos vídeos do 11 de setembro...

Que merda, Malone.

Preciso me animar. Eu deveria fazer o que quer que as pessoas felizes fazem quando estão sendo felizes.

Tento assobiar.

Estilo Nick Drake.

É impossível, descubro. Seria o mesmo que tentar sapatear com a trilha sonora de *Tubarão*. Por falar nisso, talvez seja esse o motivo de eu sempre ter achado que Nick e eu teríamos nos dado tão bem. Aposto que ele não tinha paciência para esse tipo de gente que simplesmente exala bom humor por toda parte. (Descanse em paz, Nick. Descanse em paz.) Pelo restante do caminho, crio o equilíbrio perfeito entre feliz e miserável, o que, para minha surpresa, não são estados tão diferentes assim.

O posto mais próximo tem uma placa tão desbotada que não dá para identificar se é BP, Shell, Marathon ou sei lá o quê. Deve ser alguma coisa absurda, como Posto do Ed. Meu Deus, aposto que é exatamente isso. Parecendo um cacto do Saara, um orelhão

empoeirado sozinho e esquecido desponta em um canto do estacionamento, o que me lembra o celular, o que me lembra o Stevie Wonder, o que me lembra Kathy, o que me lembra meu pai. Eles devem estar preocupados. Devem estar surtando a esta altura.

Que se danem.

Abro a porta, que range.

— Boa tarde! — cumprimenta o Homem Atrás do Balcão.

Quase derrubo a mochila quando leio o crachá: OLÁ, MEU NOME É “ED” E ESTOU AQUI PARA AJUDAR. Meu cérebro explode em mil partículas de incredulidade.

É um Ed. Entre aspas. Parabéns, universo. Você venceu.

Dou meia-volta e saio do posto. Não quero nem saber se era o namorado de Ahab ou não. De agora em diante, tenho uma nova e rigorosa política: Eds, nunca mais.

O posto seguinte pertence a um sujeito chamado Morris, que é bem carrancudo e deprimido. Por sorte, ele responde a minhas perguntas rápido, com “sim” e “não”, e não preciso passar mais tempo com ele do que o estritamente necessário. O terceiro posto pertence a uma pessoa-que-não-é-Ahab. O último é um posto Shell de verdade, e a moça atrás do balcão estoura uma bola de chiclete gigante e me oferece cigarros de graça. (Às vezes acho que a Shell vai dominar o mundo, e não consigo acreditar que todos achem isso normal. Quer dizer, logo, logo, teremos moças estourando bolas de chiclete e oferecendo cigarros gratuitos para menores de idade em todas as esquinas dos Estados Unidos, e gostaria de deixar registrado que não acho isso certo.) Não sei como, acabo parando sob a mesma passarela que imaginei desabando, observando o ônibus acelerar rumo ao norte sem Mim.

Levanto a mão quando ele passa, não em despedida, mas como um “já vai tarde”.

E pronto.

Sozinha em Independence.

Que coisa terrivelmente adequada.

Pego o batom da minha mãe, giro o tubo entre os dedos e tento pensar no que fazer. Talvez seja o clima quente demais para a época, a constatação melancólica de que acabei de me despedir de 17C para todo o sempre, um resquício da personalidade de quinta categoria de Glenda ou a péssima noite de sono naquele hotel de beira de estrada, mas estou me sentindo rebelde e exausta. Todos os Ed, Morris e Pessoas-que-não-são-Ahab, todas as Garotas Que Estouram Bolas de Chiclete e Oferecem Cigarros Gratuitos e decepções intermináveis, todo o desencanto e as centenas de outras humilhações me deixaram esgotada.

Então que se dane.

Vou me sentar aqui no chão, só por um minuto.

Abraço os joelhos, abaixo a cabeça e olho para o chão. As rachaduras no pavimento têm o formato de um coelho. O focinho agitado, as patas longas, a cauda felpuda, está tudo ali.

Que estranho.

Coelho branco

— *MIM, POR QUE não se senta?*

— *Por que você não morre?*

— *Mary, sente-se. Sua mã... Kathy e eu temos uma coisa para contar a você.*

— *Uau, é mesmo? Que merda, pai.*

— *Caramba, Mim, olha a boca.*

— *Essa mulher aí não é minha mãe. E eu não sou Mary, não para você.*

— *Temos uma novidade, quer ouvir ou não?*

— *Ei, oi, eu sou Walt.*

Acordo de repente.

O coelho ainda está lá, mas com uma cor diferente. Esfrego os olhos enquanto um par borrado de tênis All Stars verdes entra em foco.

— *Ei, oi, eu sou Walt.*

Dos dois lados da avenida, as sombras das árvores estão mais longas, e o trânsito segue mais intenso, mais lento. Hora do rush. Eu solto um palavrão, levanto e limpo a sujeira da calça jeans. Minha perna machucada está latejando por causa da posição ruim em que cochilei.

— *Ei, oi, eu sou Walt.*

O dono dos tênis tem mais ou menos minha altura, minha idade e, pelo que sei, passou a tarde inteira ali, se apresentando. O cabelo que aparece por baixo do boné de beisebol do Chicago Cubs não é tão comprido quanto desgrenhado e arrepiado, como o pelo de um vira-lata de rua. Ele segura um cubo mágico em uma das mãos e uma garrafa de Mountain Dew quase vazia na outra. Antes que eu possa me apresentar, ele inclina a cabeça para trás e toma o último gole do refrigerante. Com autoridade.

Meu sorriso ganha vida própria.

— Olá, Walt. Meu nome é Mim.

Assentindo, ele estende a mão úmida. Trocamos um aperto de mão — e, de repente, tempo e espaço se alteram. É o verão antes do terceiro ano. Uma família acabou de se mudar para a casa do outro lado da rua. Eles têm um filho, Ricky, mais ou menos da minha idade. Temos o mesmo modelo de bicicleta — uma Schwinn neon incrível —, o que nos faz ficar amigos rápido. Ele fala de um jeito arrastado e demora para entender as coisas, mas anda depressa. Cada passo tem propósito, os pés são ágeis, como se ele sempre estivesse atrasado para alguma coisa. Passamos o verão todo juntos. E as coisas vão bem. Até que começam as aulas. *“Ei, Mim, já que você ama tanto o retardado do Ricky, por que não se casa com ele?”*, diz Ty Zarnstorff na frente de todo mundo no recreio. Eles riem. Não entendo bem o que Ty quer dizer, mas entendo o suficiente para saber que não é um elogio. Então dou um soco nele, quebro seu nariz e sou suspensa por um dia. À noite, no jantar, pergunto para minha mãe o que significa “retardado” e se Ricky é retardado. *“Retardado é uma palavra horrível usada por pessoas horríveis. Ele tem Síndrome de Down, mas isso só significa que ele é um pouco mais lento do que a maioria das pessoas.”* Alguns minutos depois, meu pai vai ao banheiro. Mamãe dá uma

garfada e limpa a garganta. *“Existem destinos piores do que ter a mente lenta”*, diz. *“Você quebrou o nariz do outro garoto, certo? O que fez a piada?”* Respondo: *“Sim, senhora.”* *“Que bom”*, diz ela, dando mais uma garfada.

— Ei, ei, você está bem?

Sou trazida de volta à realidade por um garoto que enfia uma garrafa vazia de Mountain Dew no bolso. Exatamente o tipo de coisa que Ricky faria.

— Você gosta de Mountain Dew, Walt?

Ele ri, ri pra caramba, e meu jovem coração quase derrete inteiro ali na beira da estrada.

— O que você está fazendo? — pergunta ele, voltando a atenção para o cubo mágico.

— Como assim?

— Quero. Saber. O. Que. Você. Está. Fazendo.

Talvez eu nunca mais pare de sorrir.

— Bom, eu... acabei tirando um cochilo embaixo desse viaduto, acho.

— Não — retruca ele, concentrado em resolver o cubo mágico. — O que você está fazendo, tipo, no mundo?

A pergunta de Walt é vaga na melhor das hipóteses, e sem sentido, na pior. Mas a questão é: sei exatamente o que ele está querendo dizer.

— Estou tentando chegar a Cleveland — respondo. Não é mentira, mas com certeza não responde o espírito da pergunta. — Até o feriado, se possível.

— Por quê?

O trânsito está bem engarrafado na avenida. Se vou fazer isso, agora é a hora. Começo a observar os motoristas para ver quem é a

melhor carona em potencial, ou seja, quem não parece um assassino com um machado.

— Os motivos são complicados, cara.

— Por quê? — pergunta ele, de novo.

Odeio a ideia de abandonar esse menino na beira da estrada, mas ele com certeza está acompanhado.

— Walt, você está com um amigo ou... com sua mãe ou alguma outra pessoa?

— Não. Ela está com os travesseiros brancos. No caixão.

Eu me viro para Walt. Ele parece estar falando sério.

— Ei, veja — diz, mostrando o cubo mágico, resolvido. — Pronto. Perfeito. Pronto e bem.

— Walt, onde você mora?

Ele olha para o alto e embaralha o cubo, como se não confiasse em si mesmo para não espiar.

— Nova Chicago — responde. — Você gosta de coisas brilhantes? Tenho muitas coisas brilhantes lá. E uma piscina. — Walt me olha de cima a baixo. — Você está bem suja. Seria bom usar a piscina. E temos presunto.

Meu nome é Mary Iris Malone, e eu estou cem por cento intrigada.

— Você quer vir comigo? — pergunta Walt.

Tiro a franja dos olhos e coloco a mochila nas costas. A alguns metros de distância, o trânsito avança devagar, o zumbido constante dos motores me atraindo.

— Não sei se posso, parceiro. Eu gostaria, mas...

Sem dizer uma palavra, ele dá meia-volta com lágrimas nos olhos e vai embora.

Enquanto o vejo se afastar, não consigo explicar por quê, mas sei o que acontece: eu me sinto uma idiota.

Um Subaru (com uma coisa de plástico presa ao teto como se fosse uma pochete gigante) para em meio ao trânsito; a janela do passageiro se abre.

— Precisa de carona?

Lá dentro, uma mulher de aparência simpática olha pelo retrovisor e, em seguida, sorri para mim. O filho dela, eu acho, está no banco de trás, jogando um video game.

— O trânsito está começando a andar, querida — diz. — Você vai ou fica?

Abro a porta do carro e entro.

— Obrigada.

— De nada.

Ela tira o pé do freio e avança devagar no trânsito intenso.

Passamos por uma construção branca abandonada, à direita. Quase branca, na verdade. O branco mais fosco que já existiu.

— Você está viajando por causa do feriado? — pergunta a mulher.

Coloco a mochila no chão entre os pés.

— Tipo isso.

— Você e todo mundo. — Ela aponta pelo para-brisa. — As pessoas realmente se empolgam nesses fins de semana prolongados, não é?

Assinto para ser educada. Do banco de trás, o garoto solta um grunhido e murmura alguma coisa sobre como morrer é chato. Imagino que esteja falando sobre morrer no jogo.

— Então — continua ela —, de onde você é?

— Cleveland — respondo, imaginando quantas perguntas essa carona vai me custar.

Coloco a mão no bolso para sentir o conforto da maquiagem de guerra.

— Bela cidade. Amamos Cleveland, não é, Charles?

Ela continua falando, mas não estou mais ouvindo.

Não estou fazendo mais nada.

O batom sumiu.

— ... para um jogo do Indians no aniversário do pai. Não foi, Charles?

Eu me abaixo, abro a mochila — a caixa, a lata de café, uma garrafa d'água, camisas, meias... nada do batom.

— Pare o carro — murmuro.

— Como?

Quando foi a última vez que o vi? Com certeza estava comigo quando desci do ônibus. Estava comigo quando aquela idiota me ofereceu cigarros. Estava comigo quando... Estava na minha mão quando peguei no sono.

— Você pode parar, por favor? Preciso descer.

— Tem certeza?

Tomara que esteja perto da passarela.

— Tenho, sim. Pare o carro.

A mulher, para sempre anônima, para o Subaru no encostamento. Pego a mochila, agradeço sem muita vontade e volto correndo para o viaduto.

Por favor, esteja lá.

Por causa do trânsito pesado, só avançamos alguns metros. Chego sem fôlego e vasculho cada centímetro perto de onde dormi, ali embaixo da passarela. Checo quatro vezes para compensar meu olho cego, mas não adianta. O batom não está lá. Olho para o chão, sem conseguir me mexer, sem conseguir pensar, só... sem conseguir nada. E, assim que a realidade bate — chegar à cama da minha mãe doente sem um dos principais motivos —, eu o vejo.

Não o batom.

Ajoelhada, esfrego as rachaduras no pavimento: o nariz, o rabo, as patas... um formato tão específico de coelho...

Você gosta de coisas brilhantes? Tenho muitas coisas brilhantes lá.

Vejo uma silhueta no horizonte: cada passo tem propósito, os pés são ágeis, como se ele estivesse atrasado para algum compromisso. Abaixo a cabeça e saio correndo.



— VOCÊ GOSTA DO Cubs? — pergunta Walt.

Todas as perguntas relacionadas ao batom perdido foram bloqueadas por questionamentos como esse. Eu gosto de amarelo? Eu gosto de linguixa? Eu gosto de dinossauros? É uma maratona de preferências, e aos poucos estou ficando esgotada.

— Não sei, Walt. Gosto.

Esportes são interessantes, reconheço isso; só não são interessantes para mim. Futebol americano, basquete, futebol e até hóquei, tudo parece meio inútil. Mas de beisebol eu entendo. Ou, pelo menos, não *desentendo*. Antes das *NOTÍCIAS BOMBÁSTICAS*, era uma das poucas coisas de que minha mãe, meu pai e eu gostávamos. O que nos atraía tinha alguma coisa a ver com a narrativa do esporte, acho: a personalidade única de cada jogador e de cada time; as estratégias complexas baseadas em quem estava rebatendo, quem estava na base e quem estava arremessando; as sutilezas, as distâncias, a história do esporte. Além do mais, era relaxante. Três horas por dia em um campo de grama bem aparada — acho que minha família idealizava esse tipo de recreação ociosa, considerando que era raro encontrarmos algo parecido perto da

casa em que morávamos. Nunca tive um time favorito, mas entendo o suficiente de beisebol para saber que o Cubs tem a pior sorte de qualquer time em todos os esportes oficiais. Tipo, na história da História, nenhum time foi tão azarado quando o Chicago Cubs.

— Quer ir a um jogo? — pergunta Walt, com uma expressão de pura animação no rosto. — Devíamos comer primeiro, mas depois podíamos ir a um jogo. Se conseguirmos ingressos. — Ele ergue o indicador, como se acabasse de ter uma ótima ideia. — Mas precisamos de ingressos. Ingressos.

Enquanto a hora passa, o trânsito flui e se transforma em um ou outro carro ou uma caminhonete dirigindo rumo ao pôr do sol. Fazemos o mesmo trajeto, no acostamento da avenida, a mais estranha das duplas.

— Então, Walt, eu não vou ficar brava nem nada, sabe? Se você tiver pegado o batom. Só preciso dele de volta. É muito importante.

— O batom brilhante? — pergunta ele.

Olho de soslaio para Walt, tentando descobrir se ele percebeu que acabou de se entregar.

— Isso, Walt. Tinha uma coisa brilhante nele.

Ele assente.

— Não, não peguei.

Enquanto me pergunto o que seria necessário para revistar esse garoto, ele pula a cerca de segurança da estrada e desaparece em um bosque ali perto.

— Por aqui, Mim!

Parada de novo embaixo do viaduto, só por um instante, a opção de continuar minha viagem sem a maquiagem de guerra era apenas isso — uma opção. Mas não é mais. A ideia de continuar sem ela, quando sei muito bem onde está...

Mais adiante, o sol rosado adquire um tom vermelho-escuro e logo vai desaparecer por completo.

Solto um suspiro e volto a olhar para o bosque cheio de sombras.

— Estranhíssimo — sussurro.

E, com o temperamento ousado da própria Alice, pulo a cerca e sigo meu coelho branco pelas árvores.

Pensando em fogos de artifício

UM DIÁLOGO DE mil folhas mortas / nos pés, nossas reações não verbais/ como árvores frondosas caídas. / Na conversa da floresta à noite; / diferente da estrada de dia.

Pare de pensar em versos decassílabos, Malone.

Sigo Walt, meu peregrino peculiar, colina acima. Depois de mais ou menos vinte minutos, o chão se torna um pouco mais plano. Cinco minutos depois, as árvores rareiam, e, de repente, entendo muito mais sobre a situação do garoto.

No meio de uma clareira, vejo uma velha barraca azul que parece um paciente com enfisema. A lona murcha está torta, rasgada, desbotada, despedaçada. Ao lado de uma fogueira apagada, uma variedade de panelas transborda de dentro de um engradado de leite. Camisas úmidas — com propagandas de empresas de telhado, ligas de futebol de salão e bandas de rock obscuras — estão penduradas em galhos esqueléticos nas margens da clareira.

Uma fossa rasa, cheia de fezes, permeia a clareira a quase dez metros de distância. Não sei se fico aliviada ou aterrorizada com os rolos de papel higiênico ali ao lado.

Nunca, penso, levantando a gola da blusa para proteger o nariz. Nem em um milhão de anos. Sério, um milhão. Eu não iria ao banheiro por um milhão de anos.

— É a minha terra, Nova Chicago — anuncia Walt, desaparecendo dentro da barraca.

Eu me afasto do fosso de merda e subo em uma rocha do tamanho de um carro bem pequeno. Leva algumas tentativas, por causa de minha desfalcada noção de profundidade, mas acabo conseguindo. Lá embaixo, ao longe, faróis ocasionais são o único sinal de vida humana. Parece mesmo isolado aqui em cima, como um filme de zumbi pós-apocalíptico. Por entre as árvores outonais com cada vez menos folhas, aperto o olho bom até os faróis virarem um borrão e se transformarem em estrelas brilhantes, provas cósmicas do mundo lá fora — o mundo que gira sem parar, ignorando mais do que este acampamento na montanha: ignorando o próprio garoto. Sei que é verdade, porque a mulher do Subaru não parou para Walt. Ela parou para mim.

— Pronta para nadar?

Walt se vira para mim, empolgado. Ele está sem camisa, segurando uma lanterna e usando shorts curtos e rasgados. Continua com o boné do Cubs na cabeça e o tênis All Star verde, assim como o sorriso contagiante que faz meu coração derreter. É o mesmo sorriso que meu pai e eu estampamos no rosto quando preparamos waffles, mas o de Walt, de alguma forma, é maior, grande como não sei o quê... A versão equivalente a um waffle *belga*, ou coisa do tipo.

— Aqui — diz ele, oferecendo um retalho de jeans. — Meu short extra.

Pulando da pedra, pego o short e o seguro diante do corpo. É um pouco largo na cintura e muito mais curto que quaisquer shorts que eu já tenha usado.

Walt ergue um dedo e me dá as costas.

— Minha piscina é por aqui.

Ele marcha em meio às árvores, o peito nu, as coxas brancas cobertas por uma penugem fina, ainda morrendo de rir, o indicador em riste, e sou obrigada a admitir: esse garoto não tem absolutamente nada neste mundo, e olhe como parece feliz. Sem família? Sem amigos? Sem casa? Sem problemas. Ei, oi, ele é Walt, está vivo, e isso já é suficiente. Diante dessa situação, meus problemas de repente parecem adolescentes demais. Como uma criança mimada fazendo birra e exigindo um brinquedo caro.

Vou com ele até o outro lado do fosso de merda, onde um lago turvo me recebe. Walt apoia a lanterna em uma pedra, abre os braços como se — *ta-dá!* — apresentasse um show. A água é turva e marrom, e lembra o líquido cheio de ferrugem e nojeiras jorrando do velho ônibus de viagem como de uma mangueira. Ignorando o medo da disenteria, eu me pergunto de quem são essas terras. Se alguma bactéria mortal da Amazônia não acabar comigo, uma bala, cortesia do dono do terreno, pode dar conta do recado.

Abro a boca para dizer *Desculpe, amigo, estou fora*. Mas, por algum motivo, as palavras que saem são:

— Me dê um minuto.

Vou para trás de uma árvore e tiro depressa o moletom, os sapatos, as meias e a calça jeans. *O que diabo você está fazendo, Malone?* É loucura, sei disso, mas, por alguma razão, não consigo parar de rir. Não sei o que é, mas, ao vestir o short indecente, quase caio no chão de tanto rir. Saio de trás da árvore e encontro Walt no meio do lago, jogando água no rosto, agindo como um bobo.

— O que aconteceu com sua perna? — pergunta ele, parecendo preocupado de repente.

— Sofri um acidente de ônibus — respondo, ainda rindo. — Mas estou bem.

— O ônibus se acidentou? — pergunta ele, saindo na margem oposta.

— Ele capotou na estrada. Mas estou bem, de verdade. Foi só um arranhão.

Walt, parecendo satisfeito, recua um pouco e ergue o dedo.

— É assim que se faz, Mim. Assim, veja só.

Ele corre para o lago com a ferocidade de um capitão da Guerra Civil liderando seus homens para a batalha. Mas também parece — e, se isso é possível, parece *ainda mais* — uma criança de cinco anos desengonçada que acabou de descobrir para que servem os braços e as pernas. É estranho, desajeitado e muito adorável. A alguns metros da água, ele tropeça nos próprios pés e vai rolando até o lago. A cabeça dele surge na superfície como uma maçã.

— Ha, ha! Viu só, Mim? Certo. Agora é sua vez.

Dou alguns passos para trás — fico imaginando se existe alguma coisa que eu não faria por esse garoto, mesmo que ele tenha roubado minha maquiagem de guerra — e me atiro nas profundezas turvas. O frescor da água é surpreendente, por dentro e por fora. Minha boca está doendo depois de todos aqueles sorrisos e todas aquelas risadas, mas não me importo, porque estou aqui com Walt, vivendo o momento.

Minha mãe teria amado esse menino.

Depois de uma rápida guerra de água com Walt (por que não?), boio de costas, deixando o lago se infiltrar entre os dedos das mãos e dos pés. Apesar da lua nova, o céu está claro, e, por um momento, eu a observo com o olho bom.

— Você vai ajudar sua mãe — sussurra Walt.

Não é uma pergunta. Ele está boiando a uns três metros de mim, me encarando na penumbra — não é assustador nem nada, só intenso. Ricky fazia a mesma coisa.

— Como você sabe, Walt?

Ele afunda a cabeça na água, me deixando no suspense. Depois de emergir, tira a água dos olhos e sorri para mim.

— Eu ouvi você falar. Enquanto estava dormido. Embaixo do viaduto.

Maravilha.

— O que mais eu falei?

— Blá-blá-blá fogos de artifício — responde ele, com delicadeza.
— E mais umas coisas. Não sei. Às vezes eu também penso em fogos de artifício.

É minha vez de mergulhar. Afundo o cabelo curto, tiro a franja encharcada dos olhos e desvio o olhar de Walt. Então esse menino ouviu minhas Grandes Questões.

— Eu entendo — sussurra ele. — Sua mãe precisa de você. E você precisa dela.

Em alguns casos, conversar só serve para fazer as lágrimas caírem. Então fico flutuando em silêncio, observando os toques finais desse luar perfeito, e, em um momento de revelação divina, percebo que desvios não são desprovidos de propósito. São uma passagem segura para um destino, evitando armadilhas pelo caminho. Flutuar no lago com Walt com certeza é um desvio. E talvez eu nunca saiba de que armadilhas escapei, mas posso dizer sem pestanejar: uma alma sincera é quase impossível de encontrar, e, se Walt é meu desvio, eu aceito de bom grado. Aliás, não ficaria nem um pouco surpresa se ele usasse a palavra "requinte".

Fecho o olho bom e me imagino vista de cima, como se fosse um mosquito sobrevoando o lago morno. Vejo Mim: o rosto pálido e frágil, a pele branca e molhada, os ossos finos e quebradiços, um exército de árvores ao redor. Boiando ao lado de um garoto que conheceu horas atrás, sentindo falta da mãe, da antiga vida, de

como as coisas costumavam ser. Agora chora, porque, depois de tanto rir, não consegue se livrar dessa saudade, umas das piores sensações do mundo...

Estou cansada de ficar sozinha.

— Você precisa de ajuda?

A voz discreta de Walt me traz de volta ao momento, à realidade, ao desvio.

Eu, Mary Iris Malone, sorrio para a lua nova. Limpando as lágrimas, imagino se as coisas finalmente vão mudar.

— Sim. Walt. Talvez eu precise.

Caleb

QUANDO SE TRATA da minha maquiagem de guerra, o círculo de confiança é mínimo. Inexistente, na verdade. Não existe círculo. Até o acidente de ônibus, sua existência era segredo absoluto. Talvez ainda seja. Entre o peso da morte iminente, seguida de ter obtido sucesso onde outros fracassaram — e, de fato, não existe sucesso maior do que a sobrevivência —, é possível que os passageiros tivessem questões mais urgentes do que reparar em Mim Malone andando por entre os escombros com riscos de batom no rosto, parecendo Atena, a deusa da guerra. Pelo menos é o que espero. Porque só de imaginar que o Homem do Poncho tenha visto esse meu lado já sinto vontade de arrancar os cabelos.

— Com quem vamos lutar?

— Com ninguém, Walt. Fique parado.

À luz da fogueira crepitante, seguro o rosto de Walt e o aceito no clube ultraexclusivo. Sem o batom (que deve estar na barraca azul), sou forçada a usar lama. Por sorte, lama é o que não falta por aqui.

— Pronto — anuncio, concluindo as setas com um ponto no meio.
— Terminei.

Ele sorri, ri e faz uma dança ao redor da fogueira.

— Quer que eu faça em você agora, Mim?

— Não, obrigada, cara. Eu me viro.

Mergulho o dedo na lama macia e, com precisão cirúrgica, aplico a maquiagem de guerra substituta. É a primeira vez que faço isso sem um espelho, mas, no fim das contas, tenho uma memória muscular incrível. Quando termino, pego outra lata de presunto e coloco-a diante do fogo, sentindo-me mais Mim do que nunca. Nós dois ficamos sentados, o rosto salpicado de lama, comendo como o rei e a rainha não sei de onde... Acho que da Presuntolândia.

Walt solta um arrote, então cobre a boca e dá uma risadinha, e eu me pergunto com quem preciso falar para eleger essa risada como a Oitava Maravilha do Mundo. Ela some aos poucos quando ele pega o cubo mágico.

— Gostei da maquiagem de mosquito — diz, em voz baixa.

Imagino o estado do Mississippi desabando e depois afundando no Golfo, exatamente como no meu sonho, sem deixar nada além de um exército de mosquitos furiosos.

— O quê?

Enquanto resolve o cubo mágico alegremente, Walt aponta para o próprio rosto e explica:

— É um mosquito.

Ele tem razão. Essas linhas que passei horas aperfeiçoando — vertical da testa ao queixo, os dois Vs nas bochechas e uma linha horizontal logo acima das sobrancelhas — podiam muito bem ser o desenho de um mosquito. Um mosquito magrela feito de palitinhos, mas ainda assim um mosquito...

— Você gosta de presunto? — pergunta ele, entre movimentos do cubo.

Ainda processando o fato de que passei esse tempo todo desenhando um mosquito na cara, não respondo.

— Comprei com meu dinheiro-do-pai — explica.

— O quê? — pergunto, ainda distraída.

— Meu dinheiro-do-pai. Ele me deu antes de me mandar para Charlotte. Está em um lugar escondido, junto com as coisas brilhantes.

Não sei qual parte dessa história quero questionar primeiro.

Espere. Sei, sim.

— Walt, seu pai mandou você para Charlotte?

Ele mexe o cubo mágico em silêncio, a cabeça baixa. Em pouco tempo, os quadradinhos vermelhos são alinhados.

— Walt, cadê o seu pai?

Ele olha para o céu por um instante, imerso nos próprios pensamentos.

— Walt?

— Chicago — responde ele, voltando a atenção para o cubo. A face verde fica pronta. — Ei, oi, o verde está feito.

Sendo o mais direta possível, tento de novo:

— Por que você não mora com seu pai, Walt?

Ele continua a mexer no cubo e me ignora. Penso no que Walt disse antes, sobre a mãe estar em um caixão. Se o pai ficou sozinho com o filho com Síndrome de Down — meu Deus, ele não iria simplesmente dar algum dinheiro ao garoto e mandá-lo embora. Walt não deve ter mais do que quinze ou dezesseis anos.

— O Cubs fica em Chicago — explica, com o lado branco alinhado. — Eles são bons. É meu time favorito.

Pobre garoto. Não tenho coragem de dizer a ele que, além de tudo, seu time de beisebol favorito é o pior de todos.

— Pois é, Walt. O Cubs é inacreditável.

— É mesmo — concorda ele, balançando a cabeça. — O Cubs é inacreditável. Devíamos ir ver um jogo um dia desses. Mas precisamos comprar os ingressos primeiro. — Ele ergue o dedo. — Ingressos.

— Do que vocês estão falando?

A pessoa atrás de Walt podia estar lá há cinco segundos ou uma hora. É assustador, mas, pior ainda, Walt não se abala. Ele não se levanta, não tira os olhos do cubo mágico, não se assusta nem um pouco. O dono da voz surge por entre as árvores como um predador cuidadoso. Ele é alto. Muito. E está usando um moletom vermelho com capuz igual ao meu.

— O Cubs, Caleb — responde Walt. — Estamos falando do Cubs.

O garoto chamado Caleb pega uma lata de presunto e se senta ao lado de Walt. Enfiando a borda da tampa entre os dentes, ele abre a lata.

— Walt, o que eu falei sobre o Cubs?

Ele franze a testa enquanto termina o lado azul.

— Que o Cubs é um lixo.

Caleb assente e dá uma mordida gigante no presunto.

— Exatamente. O Cubs é um lixo, cara. Sempre foi, sempre será, entendeu?

De repente, eu me dou conta da minha vestimenta escassa. Por algum motivo, não tinha me importado de usar o short na frente de Walt, mas com esse garoto novo... Bem, não vou me levantar e perambular com o short jeans curto e a camiseta molhada. Puxo os cobertores para as pernas, me cobrindo da melhor forma possível.

— O que vocês fizeram no rosto? — pergunta Caleb, olhando para mim do outro lado da fogueira.

Mas que merda. Eu tinha esquecido a maquiagem de guerra. Meu círculo de confiança, ao que parece, não para de crescer.

— Nada — respondo, tentando pensar em uma desculpa. — Estávamos só... nada.

Caleb assente e sorri, os dentes cheios de patê de presunto. Alguma coisa na voz, no sorriso, no cheiro, no cabelo, no nariz torto

e nos olhos astutos dele me deixam tão desconfortável quanto uma freira em um bordel, como minha mãe dizia. Ele está sentado na minha frente, um ser físico, mas, juro por Deus, Caleb parece mais uma sombra do que uma pessoa. Ele tira um maço de cigarros do bolso, enfia um na boca — junto com o patê de presunto — e o acende.

— Vocês só estavam *nada*, não é? — Ele agora está falando, além de mastigar e fumar. — Você é muito eloquente, querida.

— Meu nome é Mim, idiota.

Puxo o cobertor até o queixo e me imagino em um quarto pequeno a sós com Caleb. Ele está amarrado, eu tenho um par de *nunchucks*, duas *katanas*, duas *sais* e um bastão *bō*. Sou Mim, a Tartaruga Ninja perdida.

Ele joga a lata vazia no bosque e se levanta para pegar outra.

— Certo, *Mim Idiota*. Parecia que vocês estavam tendo uma bela discussão sobre mães, pais, flores, arco-íris e tal. *Meu* pai, bem, ele era um filho da puta bem criativo. Me espancava com objetos domésticos, sabe? Ferro de passar, panelas, torradeiras, coisas assim. E nem precisava ter motivo. Ele não era alcoólatra, o que, imagino, teria sido um *motivo*. A questão é: ele não precisava beber para sentir ódio, entende? Ele fazia isso muito bem sóbrio. Mas um dia eu cresci. E sabe o que fiz? Peguei o extintor da garagem e meti a porrada nele.

Caleb uiva e joga a segunda lata no bosque. Começo a me perguntar se ele não é meu oposto exato: um imbecil violento que fuma e joga latas de alumínio na natureza. A risada se transforma em uma tosse horrível, que me lembra os problemas respiratórios de Arlene. A principal diferença é: ela era idosa, e ele não deve ter mais que dezoito anos.

— Então o juizado me mandou para uma família adotiva — continua Caleb, depois de se recompor. — Na segunda noite, meu pai adotivo, um sujeito chamado... — Ele tamborila o dedo no queixo, mas dá para ver que é fingimento. Ele sabe o nome, ou está inventando. — Raymond, é isso. Raymond ameaçou me bater, mas eu já tinha chegado ao limite, sabe? Da frigideira para o fogo, como dizem. — Caleb solta a colher e olha para mim por cima da fogueira, os olhos em chamas. — Eu esfaqueei o filho da puta bem ali na cozinha.

Esse garoto é uma sombra. Uma sombra que fala, come, fuma e diz palavrões.

Walt se levanta, sem saber o que fazer com a colher até colocá-la no bolso, e vai até a barraca.

— Vou pegar mais cobertores.

Por um momento, Caleb e eu ficamos sozinhos. Evito fazer contato visual com ele e me concentro no chão.

Não olhe para a frente.

O barulho de Walt revirando a tenda se mistura ao crepitar da fogueira, que se mistura com meu coração acelerado, que se mistura com meu sangue bombeando, que se mistura com, que se mistura com, que se mistura com, que se mistura com...

Olho para a frente.

Através das chamas fracas, Caleb me encara, e eu me lembro do vazio familiar de um aparelho de televisão antigo. Quando era criança, meu pai se recusava a comprar uma TV nova. As cores nos cantos da tela estavam começando a desbotar, uma promessa de que em pouco tempo todos os filmes ficariam em preto e branco. Mas eis o que ficou na minha memória: aquela TV antiga, quando desligada, fazia um som assim que a tela ficava branca. E, com

esse som, as histórias e os personagens dos meus programas desapareciam, como se nunca tivessem existido.

Nos olhos de Caleb, vejo aquela TV antiga. Desligada.
Como se os programas nunca tivessem existido.



2 de setembro — tarde da noite

Querida Isabel,

Assuntos pesados e depressivos abundam! Surgem de toda parte, aliás. Caso você queira saber: acabei de conhecer alguém que me deixa morrendo de medo. Enquanto escrevo, ele está dormindo (eu acho, espero, rezo) do outro lado da fogueira, então preciso e ser rápida e silenciosa.

A questão é: essa pessoa me traz uma sensação terrível que tive uma vez, uma dessas sensações terríveis que talvez não fossem tão ruins quanto a memória que tenho dela. Então preciso escrever, porque, às vezes, escrever uma coisa é uma boa maneira de lidar com um problema. Então aqui vai.

Por três aniversários consecutivos, fugi de casa com meu amigo Henry Timoney para ir ao CineRetrô. Henry e eu ficamos amigos na biblioteca da escola, quando reparamos que ambos estávamos lendo *Jurassic Park*, de Michael Crichton. Nossa relação ganhou força quando Henry condenou o filme por permitir que o sr. Hammond fugisse de Ilha Nublar vivo. E, sendo uma purista literária racional, concordei. No entanto, manifestei a opinião de que o que faltava em sutilezas e precisão erudita, o filme mais do que compensava com efeitos especiais, fotografia e a excelência de Jeff Goldblum. Henry, sendo um purista cinematográfico racional, concordou. (Meus pais, como bons devotos de classificações etárias, não faziam ideia de que eu apagara uma maratona de Carol Burnett para gravar *Jurassic Park* quando o filme passara na TV em uma amostra gratuita da HBO. Eu assistia ao filme escondido fazia anos.)

— Parece que você sabe muita coisa sobre *Jurassic Park* — comentou Henry.
— Quer dizer, para uma menina.

— Eu sei muito sobre muitas coisas — respondi. — Quer dizer, para qualquer pessoa.

Henry assentiu e endireitou os óculos, e logo nos tornamos o que seríamos para sempre: amigos por falta de opção.

Só que o destino fez com que o CineRetrô, um cinema que só exibia filmes antigos, fosse exibir *Jurassic Park* naquele mesmo fim de semana — o fim de semana do meu aniversário de onze anos. Mas, como a classificação do filme era treze anos, meus pais nunca me deixariam ir.

Então Henry e eu elaboramos um plano infalível.

Comecei fugindo pela porta da frente depois do jantar, enquanto meus pais assistiam ao jornal. O irmão de Henry, um brucutu chamado Steve, tinha um amigo que trabalhava no cinema e que concordara em vender ingressos para nós, mesmo que não tivéssemos idade suficiente. Steve ia nos dar carona para o cinema e depois ia nos buscar. Eu me sentia sexualmente atraída por ele tanto quanto qualquer outra garota pré-adolescente. Steve era bonito? Sim. Muito. Extremamente. Mas não havia beleza suficiente no mundo para compensar o fato de que usava “literalmente” errado o tempo todo, exagerava no uso de “mano” e era incapaz de pronunciar “biblioteca” direito. Sempre saía algo como “Sabe, mano, eu literalmente morri ontem na bibioteca, quando...”. Mas, para meu desgosto, eu tinha onze anos, e ele era absurdamente másculo — minhas mãos estavam atadas.

Apesar da falta de sutilezas e de precisão erudita, *Jurassic Park* era dez vezes melhor na tela de cinema, e, quando terminou, Henry e eu juramos nunca mais criticar o filme. A caminho de casa, eu estava no banco de trás do Jetta de Steve, e, enquanto ele percorria as ruas cobertas de neve de Ashland, eu percorria com os olhos as curvas do músculo na sua nuca. (Tudo bem, tudo bem, era estranho, mas estou sendo honesta aqui — mesmo antes de saber o que era sexo, eu me conhecia.) Quando o carro chegou à minha casa, vi a luz da sala de TV se acender e soube na mesma hora que estava encrencada. Steve e Henry me desejaram boa sorte quando entrei. Meus pais estavam esperando no sofá, as pernas cruzadas, em silêncio sepulcral. Minha mãe se levantou e desligou a TV. Não é necessário entrar nos pormenores da conversa. Entrei direto no universo da punição.

De castigo por uma semana.

No meu aniversário de doze anos, minha insubordinação cinematográfica pagou os dividendos na forma de *Highlander II: A Ressurreição*. (É preciso

dizer, meus pais podiam ter economizado o castigo dessa vez; o próprio filme já era um castigo. Caramba.) Depois, Steve, o Sexy, nos levou para casa, e, como eu já era um ano mais velha, novas imagens surgiram em minhas visões: menos “coração disparado em um ringue de boxe” e mais “amassos sem camisa no chão do quarto”. E, ao chegar à calçada gélida da minha casa, não fiquei nada surpresa ao ver a luz da sala de TV acesa. Steve e Henry me desejaram boa sorte. Entrei e... mais uma semana de castigo.

Para meu aniversário de treze anos, escolhemos *O Iluminado*, que me deixou mal por semanas. Depois do filme, Steve nos levou para casa, e, como eu já tinha treze anos, vi como estava sendo boba. Em termos sexuais, Steve tinha morrido para mim.

Quando chegamos a minha rua, eu me preparei para o castigo. Fugir para ver um filme ruim, me divertir com Henry, voltar para casa com Steve e depois ser pega em flagrante — na época, eu não teria admitido, mas o flagrante fazia parte da tradição de aniversário tanto quanto o restante.

Mas, naquela noite, as luzes estavam apagadas. Quando desci do Jetta, tanto Steve quanto Henry me deram os parabéns por conseguir me safar. Assenti, atordoada, e entrei.

A TV estava ligada na sala vazia, mas no mudo.

Ninguém estava acordado.

Ninguém ficou bravo.

Ninguém se importou.

Meu Deus, Isa... Espero que você não saiba como é essa sensação.

Câmbio e desligo,
Mary Iris Malone,
Amiga por Falta de Opção

P.S.: Eu queria não ter escrito isto.

Os talismãs da decepção

ACORDO AINDA COM o short jeans, o rosto coberto de lama seca e uma dor de estômago absurda. O gemido — que começou nos dedos dos pés, subiu pelas veias e artérias, passando pelos órgãos, músculos, até chegar aos pulmões — quase escapa. Mas o poder cinético de um gemido não é nada comparado à força de vontade de uma Mim.

Sinto nos ossos o silêncio da madrugada. Não sei que horas são, mas meus ossos dizem que estamos em algum ponto entre duas e quatro da manhã.

Quando me sento, o diário cai do meu peito. Eu o guardo na mochila, coloco os sapatos e vou até o fosso de merda. (Parabéns, universo. Você tem um senso de humor incrível.) Ao passar pelas últimas brasas da fogueira, noto que a cama de Caleb está vazia, mas, no turbilhão da indigestão, isso parece quase trivial. Na verdade, nada significa muito no momento, além do imediatismo dos protestos da minha barriga e o embargo permanente ao presunto enlatado.

Depois de acalmá-la... Bem, aí as coisas começam a fazer sentido de novo. E a ausência de Caleb com certeza quer dizer alguma coisa. Antes de ter a chance de adivinhar o quê, ouço um barulho vindo da floresta.

Fico paralisada... quieta... prestando atenção.

Em algum momento durante a estadia em Nova Chicago, meus ouvidos se acostumaram à cacofonia ressonante dos pios dos pássaros e dos barulhos das folhas e dos galhos quebrando — os sons normais da natureza no outono. Fecho o olho bom e filtro esses sons como um mineiro procurando ouro.

Sim, ali — bem ali. Não tenho dúvida de que são sussurros.

Eu me aproximo do limite da clareira. Árvores esqueléticas e galhos esparsos, folhas mortas estalando como um pergaminho antigo, e o luar tênue — as florestas no calar da noite são muito assustadoras. Sigo na direção dos sussurros até um carvalho. Na base, uma única sombra, alta e dura, virada de lado, conversa animadamente com alguém que não consigo ver. Fico de joelhos e afundo os dedos na terra macia, desejando que o som da minha respiração desapareça. São duas vozes distintas.

— ... o plano é esse. Mas é para pegar tudo. Nada dessa merda de deixar metade.

— E a garota? — pergunta Caleb.

Depois de toda aquela falação na fogueira, eu reconheceria a voz dele em qualquer lugar.

— A menina é um problema, não é?

Estão falando de mim.

— Ela é bonitinha — diz Caleb. — Mesmo com a lama.

O céu está claro o suficiente para que eu veja a silhueta de Caleb, mas, do ângulo em que estou, não consigo ver a outra pessoa.

— Não perca o foco, Caleb. Se a menina ficar no caminho, vamos ter que dar um jeito nela. Você pode fazer isso, não pode? — Há uma breve pausa. A segunda voz tem um tom gutural, como se a pessoa estivesse comendo bolo enquanto fala. — *Caleb?*

— O quê?

A segunda pessoa faz um barulho como se estivesse cuspiendo ou coisa assim, então diz:

— Se a garota ficar no caminho, preciso saber se você vai cuidar dela.

Meu coração está em ritmo olímpico.

— Sim — sussurra Caleb. — Claro.

— Que bom. Estamos perto, consegue sentir?

Prendendo a respiração, eu me aproximo um centímetro e imagino como devo parecer — escondida na escuridão das árvores, com esse short ridículo, o cabelo despenteado grudado no rosto e sujo da água lamacenta do lago e, para completar, a maquiagem de guerra feita de lama, funcionando como camuflagem de verdade.

— Sim. Mais quatrocentos devem resolver.

— Porra, o garoto deve ter mais do que isso guardado. Agora, não esquece, da última vez que tentamos, o dinheiro estava escondido no fundo do saco de dormir. Então vamos olhar lá primeiro e depois procurar na mala.

Estou mais perto agora, dando a volta pelos arbustos e folhas. Avanço bem devagar, mas, se for mais rápido, perco o elemento furtivo. Preciso disso. O elemento surpresa é fundamental.

— Você e eu já tivemos problemas suficientes para duas vidas, sabe? Precisamos de um recomeço. Praias, garotas e, quem sabe, podemos até conseguir uma adaptação para o cinema. Caramba, nossa história deve valer milhões.

— Provavelmente bilhões — responde Caleb.

— Você é um idiota, sabia? Nada vale bilhões. De todo jeito, milhões já são o bastante.

Levo a ponta dos dedos à testa e noto que está úmida de suor. Eu me encolho o máximo possível, movendo-me rápido e com eficiência, em silêncio, e corro até a última árvore, depois me

abaixo e rolo até uma espécie de samambaia espinhosa. Posso afirmar que meus instintos furtivos não me decepcionaram. Estou em um ponto privilegiado, a posição perfeita para ver com quem Caleb está falando. Prendo a respiração e olho pela planta.

— Eu poderia ser escritor — comenta ele. — Sempre quis escrever.

Sinto um arrepio quando Caleb contorce o rosto em uma careta e responde a si mesmo:

— Isso, nós mesmos vamos escrever. Assim, vamos ganhar ainda mais dinheiro.

Então, de volta ao rosto e à voz originais:

— Claro, mais dinheiro. E pode até abrir portas para outros projetos.

Fecho os olhos, torcendo para que isso seja um sonho. Graças a alguma anomalia sônica e milagrosa, ouço a voz do meu pai, a quilômetros e quilômetros de distância, sussurrando no meu ouvido: *Aqui temos um relato raro em primeira mão dos sintomas schneiderianos de primeira ordem da esquizofrenia. Sonorização do pensamento, alucinações auditivas em terceira pessoa, ideias delirantes de grandeza, embotamento afetivo, irradiação do pensamento e alucinações auditivas e visuais...* De repente, estou na sala da minha casa, em Ashland, brincando de supermercado, fazendo as vozes do caixa e do cliente. *“Tem alguma coisa errada com ela, Eve.”*

Com os olhos ainda fechados, agarro a planta para me equilibrar. Ela fura minha mão. Um gritinho me tira das lembranças.

— Quem está aí? — pergunta Caleb.

O grito foi meu.

Agora é a vez de minha mãe sussurrar em meu ouvido...

Corra, Mary.

Eu me viro e me forço a atravessar o bosque, a correr por entre as árvores, ultrapassando os obstáculos dos galhos e do meu corpo. Sou Flecha Iris Malone, recordista olímpica de corrida por bosques, avançando em linha reta até meu alvo, a clareira. Saio do meio das árvores, mergulho na cama improvisada, puxo o cobertor até o queixo e fecho os olhos.

Caleb se aproxima, tropeçando nos galhos, o passo desengonçado destruindo a pureza dos sons. Fico ainda mais chocada com sua figura antinatural. Os passos esmagam e estalam, cada vez mais próximos. Ele deve estar a poucos metros agora. Os passos param bem perto da minha cabeça. Olhos fechados, coração disparado, sou uma estátua.

Minutos se passam.

Ele está ali parado, eu sei, esperando que eu faça o primeiro movimento.

Fingir estar dormindo diante de um psicopata no meio de um bosque é mais difícil do que parece, e já parece bem difícil.

Rezo para que meu olho direito esteja mesmo fechado e tento deixar a respiração mais lenta. Minha mão, que foi parar no peito quando mergulhei embaixo do cobertor, sobe e desce a cada respiração.

Os sons da floresta se dissipam.

Os sons do interior do meu corpo aumentam.

Ele está ali.

Eu sei.

Não se mexa, Mary.

Eu costumava deitar na cama com a mão no coração, bem como estou agora, e ouvir meus pais discutindo. Foi quando descobri uma coisa: se me concentrasse bastante, eu era capaz de ouvir meu próprio corpo acima dos gritos dos meus pais. O sangue correndo

nas veias, os músculos se alongando. Às vezes, eu conseguia até ouvir meu próprio cabelo crescendo. Era bizarro, sem dúvida. Mas o pior, de longe, era a amplificação das batidas do coração. Eu escutava aquele maldito bater incessante e pensava em todas as coisas que eu não fizera, em todas as coisas que eu sequer pensara em não fazer, todas as vezes que meu coração não seria partido, as coisas que levariam ao amor e a tudo o mais. E se agora — bem agora — bem *aqui* — eu ouvir meu coração parar de bater?

batendo...

batendo...

batendo...

Caleb não se mexe. Sua proximidade desconfortável é palpável.

A cada respiração, inspirar e expirar, o peito sobe e desce.

Penso naqueles dias, tanto tempo atrás, deitada na cama, apavorada não com os gritos, mas com o que significavam. E foi isto o que descobri: é impossível imaginar quando o coração vai parar de bater sem se perguntar se a hora é agora.



NADA DE CAFÉ.

É meu primeiro pensamento ao acordar.

Estou viva.

O segundo, por pouco.

Esfrego o ar do outono dos olhos, tentando reiniciar o cérebro.

— Bom dia, querida.

Do outro lado da fogueira, Caleb está me observando em toda a sua glória sombria, um cigarro pendurado na boca junto com uma

colher de patê de presunto. Ele pega uma lata da caixa e a oferece a mim. Tenho uma ânsia de vômito, engulo e balanço a cabeça.

— Sobra mais para mim — murmura ele.

Tremendo, eu me sento e coloco os cobertores nos ombros. Devo ter pegado no sono enquanto fingia dormir. Fui eficiente até demais, devo dizer.

— Dormiu bem?

Os cantos da boca de Caleb formam um leve sorriso.

— Sim — minto. — E você?

— Também.

Inspeciono a clareira depressa, evitando os olhos astutos de Caleb.

— Cadê o Walt?

— Fosso de merda — murmura ele, então mastiga e dá uma baforada. Eu o vejo observar a barraca e me pergunto se Caleb já foi atrás do dinheiro de Walt. Imagino que não, já que ainda está aqui.

Está tentando decidir o que fazer comigo.

Pego a mochila e começo a procurar os lenços umedecidos com removedor de maquiagem, louca para me livrar da maquiagem de guerra da noite passada. Lama ou não, os lenços devem resolver. Infelizmente, estão no fundo da mochila, me forçando a encarar os muitos talismãs da decepção que carrego: uma caixa de madeira (onde estás, Ahab?); um celular (trinta e nove ligações perdidas); um frasco de Abilitol (se o hábito faz o monge, eu sou uma herege); uma carta amassada (*Pense no que é melhor pra ela. Por favor, reconcidere.*); e, por último, mas com certeza não menos importante, uma lata de café Hills Bros. (Vejam só! A rainha do furto.) Uma manhã de decepções duras tende a descer pela garganta com mais facilidade junto com um pouco de café. Mas

como Nova Chicago parece investir mais nas carnes contaminadas e menos em grãos gourmet, sou forçada a engolir as decepções conforme elas vão chegando.

Encontro o removedor de maquiagem e começo a limpar a lama seca do rosto.

— Sabe... — diz Caleb.

O cigarro virou uma bituca. Ele dá uma última tragada, joga o resto nas cinzas da fogueira da noite passada e olha para a frente. Aquele olhos dissimulados despertam uma estranha combinação dentro de mim, um instinto de lutar e fugir. Como se esperasse que a frase se conclua sozinha, Caleb fica sentado com a boca aberta, a acusação pairando no ar, silenciosa. A questão é: nada precisa ser dito. Posso fingir até a morte que não sei o que ele quer, mas eu estava lá. Sei o que há no fundo de sua alma. Sei qual é o segredo obscuro de Caleb: não *quem* ele é, mas *o que* é. Uma sombra. Uma sombra assustadora, igualzinho ao Gollum.

— Ei, oi, Mim! — grita Walt, surgindo do bosque e abotoando a calça. Seu rosto ainda está coberto de lama seca. Quando vê meu rosto limpo, ele para. — A guerra acabou?

Que Deus abençoe e cuide da Dinastia Walt para todo o sempre!

— Acabou, Walt. Venha aqui, vou limpar você.

Caleb joga os cobertores na barraca, as acusações na ponta da língua.

— Bom — diz ele, bocejando. — Vou cagar no fosso e tomar banho no lago. Walt, quando voltar, quero conversar com você sobre uma coisa.

— Certo, Caleb.

Depois, olhando para mim, ele dá uma piscadela.

— Com você também, querida.

Ele desaparece no bosque antes que eu possa fazer minha careta de “vá à merda”. (E é uma careta incrível, que guardo só para os piores imbecis.)

Depois de limpar o rosto de Walt, guardo o removedor de maquiagem na mochila. Meu olho bom bate no frasco de Abilitol e, por uma fração de segundo, imagino que um urso-pardo enorme está me atacando de frente. Vejo as garras, os olhos vítreos, a língua de fora... Recupero o fôlego e guardo o remédio na mochila.

Dane-se. Posso pular um dia.

— Ei, Walt — digo, enquanto um plano começa a se formar. Ele está comendo o presunto (como se fosse a primeira, a última, a única vez) e observando um azulão pegar uma minhoca de um buraco. — Psiu. Walt — sussurro.

O pássaro parece desesperado para comer o café da manhã coberto de terra. Walt está fascinado.

— Ei, oi — responde ele, ainda olhando para o pássaro.

— Você já foi para Cleveland?

Ele desvia os olhos do pássaro carnívoro para olhar para mim. Ouço minha mãe de novo, sussurrando ao pé do meu ouvido: *Abra os olhos, Mary, e encare o mundo sem medo.*

Tenho pouca experiência, mas de uma coisa eu sei: momentos de conexão com outro ser humano são obviamente raros. No entanto, mais raros ainda são aqueles que conseguem reconhecer essa conexão quando a veem.

A câmera se fecha no olhar intenso de Walt. Depois corta para um close dos meus próprios olhos.

A conexão está ali, movendo-se sob a superfície, como aquela minhoca. Além do mais, nós dois sentimos.

Lá longe, Caleb espirra água, fazendo uma bagunça ridícula. Walt olha para o lago e sussurra:

— Ele não vai gostar.

Que a Dinastia Walt viva para todo o sempre, amém!

— Não vai mesmo, Walt.

Corra, corra, corra

É BOM TIRAR o short e vestir roupas de verdade de novo. A sensação é maravilhosa. Depois de colocar a mochila nas costas e prender bem as alças, encaixo um dos cobertores extras de Walt entre as alças e o peito. O garoto passou os últimos minutos guardando tudo em uma daquelas malas duras estilo anos 1950: latas de patê de presunto, cobertores e sabe-se lá o que mais saía daquela barraca azul decrépita.

— Certo — digo, colocando as mãos nos ombros dele. — Só precisamos voltar para a avenida. Podemos pegar carona lá, tudo bem? Só fique perto de mim e...

De repente, Walt levanta um braço. Ele está segurando o batom da minha mãe como se fosse a tocha olímpica.

— Encontrei sua coisa brilhante — anuncia, sem querer me olhar nos olhos.

Eu me aproximo, mas não consigo parar de olhar para Walt. Ele parece prestes a chorar.

— Obrigada, Walt — digo, pegando o batom.

Sem dizer mais nada, ele me dá um abraço delicado. Fico surpresa que pareça tão natural, como se um grupo de cientistas tivessem desenvolvido os braços de Walt para atender as especificações exatas de um abraço de verdade. Nesse abraço, sinto as coisas que ele tenta dizer, mas não consegue. Sinto sua dor

e inocência infantil, sua alegria desimpedida e não sei mais o quê... a vida, acho. Todas as coisas boas dos melhores lugares.

— Precisamos ir — sussurro, enfiando o batom no bolso.

Caleb ficou quieto, o que desperta todo tipo de cenários preocupantes na minha cabeça.

Walt endireita o boné do Cubs, pega a mala com uma das mãos, o cubo mágico com a outra e começa a descer a colina.

Na verdade, ele dispara.

Os arbustos são densos, mas não o atrapalham nem um pouco. Walt avança, desviando de moitas e árvores com agilidade surpreendente. Em contraste, sigo atrás dele como um trenó perdido e desajeitado em zigue-zague.

Um minuto depois, eu escuto — atrás de nós — uma terceira pessoa pisoteando as folhas. Walt também deve ter ouvido, porque aperta bastante o passo.

— Aonde vocês estão indo? — irrompe a voz de Caleb, áspera.

Dez passos adiante, Walt continua a pleno vapor.

— Mim? — grita ele, olhando para trás.

— Estou aqui, parceiro. Continue!

Atrás de mim, Caleb ofega como se quisesse dizer alguma coisa mas não conseguisse. Os cigarros com certeza fizeram um estrago, e seus pulmões estão implorando por ar. Infelizmente, não é só ele que está ficando sem energia. Ou os efeitos do sono agitado de ontem se manifestaram, ou minha energia juvenil está me deixando na mão. No sopé da colina, pulamos a cerca protetora de metal. É o começo da manhã em um fim de semana prolongado, então o trânsito está bem tranquilo. No momento, eu daria todo o dinheiro da lata de Kathy por um carro, um caminhão, uma van... *alguém*. Minha cabeça pesa, minha mochila me puxa para baixo, meus tênis me atrasam, o barulho das solas gastas no asfalto fica mais lento a

cada passo. Embaixo da passarela, passamos correndo pelo local exato onde conheci Walt. Foi ontem, mas, meu Deus, parece fazer um mês. Do outro lado, Walt dá a volta em uma colina minúscula, atravessa uma fileira de moitas e arbustos e chega ao chão de cascalho do estacionamento do mesmo prédio abandonado que vi da janela do Subaru. Quase branco. O branco mais fosco que já existiu. Uma única bomba no meio do estacionamento tem um aviso escrito à mão pendurado na alça da mangueira: 87 OU CAIA FORA.

É um posto de gasolina.

Como um maratonista de primeira, Walt acelera na reta final. Mesmo com a mala dura batendo nos joelhos, ele chega até a porta da frente pelo menos vinte passos antes de nós. Eu o vejo pegar um molho de chaves atrás da máquina de gelo, abrir a porta e entrar. Caleb está bem na minha cola. Forço minhas pernas em chamas a entrar e ouço Walt bater e trancar a porta bem no instante em que Caleb se joga no vidro. E, assim, Caleb e toda a sua marra desaparecem e são substituídos por um maníaco com olhos de zumbi esmurrando a porta, ofegando, furioso como um touro ensandecido.

Olho em volta, tentando recuperar o fôlego. Escuro e vazio; o posto ainda não abriu.

— Walt, o que estamos fazendo aqui?

— Obedecendo — responde ele, pulando sem sair do lugar. — Ele disse para correr. Correr e avisar. Quando surgir um problema, preciso avisar a ele.

Demoro um segundo para recuperar o fôlego, enquanto assimilo a resposta.

— Quem?

Walt se inclina para a frente, deixando a mala e o cubo mágico no chão de ladrilhos. Ele vai até as geladeiras com bebidas, pega uma garrafa de Mountain Dew, abre a tampa, dá um longo gole e limpa a boca na manga da blusa.

— O Karatê Kid — responde.

Revelações na laje

CARAMBA, ESSE MENINO é cheio de surpresas.

— Quem? — Só que soa mais como “que diabo você disse???”. Ele se vira para mim com uma expressão vazia e inclina a cabeça como um cachorrinho. — Walt?

Nada. Absolutamente nada. E então — tudo de uma vez. Ele joga a garrafa vazia no lixo, coloca a mala no balcão do caixa, passa para o outro lado com um salto e desaparece em um canto.

Como eu disse... *surpresas*.

Jogo a mochila no balcão e faço o mesmo. Os últimos dois dias foram duros com minha pobre perna. Nesse ritmo, o corte vai virar uma cicatriz horrível. Mais um item para minha lista de esquisitices médicas.

No canto, vejo os tênis verdes de Walt desaparecendo no último degrau da escada que leva a um alçapão no teto.

— Espere, Walt!

Caleb parou de bater à porta, o que é no mínimo preocupante. Eu o imagino rastejando como uma cobra pelas tubulações, sibilando, cuspidando, procurando, ansioso, uma entrada alternativa.

Depois de subir a escada, passo pelo mesmo alçapão e vou até a laje. Ainda é cedo, mas o sol já está bem forte, castigando o cascalho e o cimento. Canos largos, ventiladores e todo tipo de monstruosidade enferrujada surgem como mato a cada metro e

meio. Bem no meio do posto fica um tanque enorme, circular, como uma piscina, só que com bordas mais altas. Com pelo menos dois metros e meio de altura, o tanque ocupa mais da metade da superfície da laje.

— Cadê ele, Al?

Sigo a voz de Walt pela lateral do tanque e o encontro ao lado de um homem que parece uma baleia de cento e cinquenta quilos usando óculos de sol modelo avião. Ele está sem camisa, jogado em uma cadeira dobrável, tomando alguma coisa em um copo decorado com um guarda-chuva de plástico. O homem é assustadoramente pálido, o que as manchas de óleo escuras no rosto só deixam mais evidente. Em camadas infinitas, a barriga cai por cima da bermuda.

— Walt — digo, apontando para o sujeito gordo —, você também está vendo esse cara, não está?

A banha balança enquanto o homem ri. Ele bebe o daiquiri pelo canudinho e observa Walt e eu.

— Não, sou apenas fruto da sua imaginação, garota. O quê? Esperava uma lagarta fumando narguilé?

Walt, ignorando nossa conversa, pula de um lado para o outro.

— Cadê ele, Al? Cadê ele?

Atravesso a laje e me junto a eles na sombra parcial de uma palmeira falsa, fazendo meu melhor para não vomitar na banha da gloriosa Baleia Branca.

— Walt, precisamos ir embora, cara. Estamos vulneráveis aqui em cima.

— Quem diabo é você? — pergunta a Baleia Branca.

Uma imagem surge dos cantos mais ativos da minha imaginação: um carro trocando o óleo desse homem.

— Mim? — respondo.

É tudo o que consigo dizer.

— *Mim?! —* dispara ele. — Que raio de nome é esse?

É difícil acreditar que esse homem pudesse criticar alguma coisa em alguém.

— Você já terminou o daiquiri? Agora são o quê, oito da manhã?
— Eu me viro para Walt. — Escute. Não temos tempo para isso. Caleb é louco. É só uma questão de tempo até...

— Isso é falta de educação.

Eu viro e me deparo com Caleb dando a volta no tanque, segurando uma faca de caça de tamanho considerável. Um fio de sangue escorre das suas mãos até o chão de cascalho. Ele tosse, pega um cigarro do bolso de trás da calça e o acende.

— Desculpe, Al, tive que quebrar a janela para entrar. — Caleb dá um trago, e seus olhos inspecionam o lugar. — Cadê seu namorado?

Posto de gasolina mais namorado.

— Aula de caratê em Union — responde a Baleia Branca, estalando os lábios no canudo.

Um sorriso estranho surge no rosto de Caleb. Ele se aproxima, a ponta da lâmina brilhando sob o sol matinal.

— Como uma criança de seis anos — murmura.

Al aperta uma narina, e catarro jorra pela outra quando ele expira — igualzinho ao respiradouro de uma baleia. Colocando as mãos rechonchudas atrás da cabeça, ele suspira, e, por um momento, tudo fica quieto, como se nenhum de nós soubesse de quem é a vez de falar. Então, com uma sutileza digna de um homem de sua estatura, Albert rompe o silêncio:

— Você é um show de horrores, sabia, Caleb? — A cadeira dobrável range sob o peso dele. — É sério, a gente devia vender ingressos. As pessoas viriam de longe ver você falar sozinho. A

propósito, quando acontece, é algo natural, tipo, como colocar meias?

Caleb semicerra os olhos, mas não responde.

— Eu não deveria zombar — continua Albert, limpando as lentes dos óculos na bermuda. — Acho que é o tipo de maluquice que não tem jeito.

Caleb está paralisado, o sangue ainda escorrendo pelo corte na mão.

Al leva a bebida aos lábios. Um pedaço teimoso de morango fica preso no canudo. Ele chupa com mais força, entalado como Augustus no cano de vidro em *A Fantástica Fábrica de Chocolate*. Então engole e inclina a cabeça na direção de Caleb. Como um duelo de revólver à moda antiga, a questão não é quem saca primeiro, mas quem atira mais rápido.

— Saia da minha laje — manda Albert, e todas as suas barrigas balançam.

Caleb endireita os ombros, e, mais uma vez, noto o moletom de capuz vermelho. Igual ao meu. Imagino o Abilitol no fundo da mochila, envolto na escuridão do túmulo de lona, gritando uma promessa de normalidade.

— Eu não sou louco — sussurra Caleb, girando a faca nas mãos.

E, de repente, de meses atrás, surge a voz do meu pai: "*Aqui está, Mim.*" Pego o frasco e reviro os olhos. "*Não me olhe assim*", diz ele. "*Estou tentando ajudar. Acostume-se a tomar um no café da manhã, todo dia. O hábito faz o monge.*" Leio o rótulo, pensando em como foi que isso chegou tão longe. "*Pai, eu não preciso disso.*" Ele tira o suco de laranja da geladeira e serve um copo. "*Preciso que você confie em mim desta vez, Mim. Você não quer acabar como a tia Isabel, quer?*" É quando sei que ele chegou ao fundo do poço e vai usar qualquer coisa para me fazer colaborar. Pego o copo

da mão dele, joga o comprimido na boca e o engulo com o suco. Bebo até a última gota. Limpo os lábios com as costas da mão e encaro meu pai com intensidade. “*Eu não sou louca.*”

— Claro que você não é louco, Caleb — diz a Baleia Branca. — Só vive no mundo da fantasia, filho. Deus sabe que já estive no seu lugar. — Ele bate na própria barriga. — Mas que se dane, eu não trocaria isto tudo pelo seu grau de loucura, não por todos os frangos de *rotisserie* do Kentucky. Sabe por quê? Porque, no fim das contas, quando minha bunda gorda bate no colchão d’água da minha cama king size, eu durmo como um bebê. Sei muito bem quem sou.

— Ah, é? — indaga Caleb, girando a faca de novo, arqueando a sobrancelha a uma altura não natural. — E quem você é?

Albert, a Baleia Branca, dá um gole na bebida, estala os lábios, se reclina na cadeira e suspira.

— Eu sou Albert, seu filho da puta. Quem é você?

Quando Caleb se aproxima de Albert, agarro a maquiagem de guerra no bolso e imagino a longa lâmina atravessando aquelas camadas de gordura. Galões de líquido jorrando do corte como um hidrante, e artérias escondidas, que passaram as duas últimas décadas sendo estiradas e enchidas até o limite, expostas, cortadas, liberadas de sua carga. Todo aquele volume formaria uma poça ao redor dos calcanhares inchados, se acumularia embaixo da cadeira dobrável, depois o nível começaria a subir, erguendo da laje a carcaça de leviatã, sacudindo-a como uma camiseta, então a jogaria de cima do seu próprio posto de gasolina branco fosco e falido. Também seríamos levados pelo dilúvio de sangue, Walt e eu, como se estivéssemos na Arca de Noé, ou melhor, como os animais que sobraram, deixados para trás para se defender sozinhos no inevitável apocalipse até o fim do arco-íris.

É como eu imagino.

Mas não é isso que acontece.

Assim que Caleb chega perto da cadeira de Albert, uma figura indistinta se joga nele, derrubando-o no chão. Em segundos, Caleb se levanta de novo, atacando o novo adversário com a faca. À primeira vista, o homem parece ridículo demais para ser real. Está com uma faixa de tecido preto amarrada na testa como se fosse um ninja, óculos de proteção, uma corrente dourada e grossa no pescoço, uma regata florida e um short jeans absurdamente familiar. Encharcado dos pés à cabeça, ele sorri como se estivesse se divertindo muito.

Ao meu lado, Walt bate palmas, enquanto Albert ri e bebe seu drinque.

— Acaba com esse merdinha, Ahab.

Esqueça a epiglote, meu corpo inteiro treme quando escuto isso.

É ele.

São eles.

A luta não dura mais que um minuto. Com um chute circular que deixaria Jet Li orgulhoso, o lendário sobrinho de Arlene faz a faca de caça de Caleb voar da laje. Desarmado, o menino quase não oferece resistência. Com uma combinação de ganchos e chutes e alguns golpes graciosos no peito, no braço e na cabeça, Ahab imobiliza Caleb, que choraminga no chão de cascalho.

— Walt — diz Ahab, ensopado e sorrindo de orelha a orelha —, vá lá para baixo e ligue para a polícia. Peça para mandarem Randy aqui agora mesmo.

Walt ri e desce pelo alçapão.

— Você está bem, querido?

Ahab olha para Albert, o que me deixa imaginando como funciona a logística física da relação.

— Tudo bem — grunhe a Baleia Branca. — Graças ao meu príncipe em um cavalo preto.

— Branco — murmuro, ainda segurando a maquiagem de guerra e tentando absorver tudo o que aconteceu nos últimos minutos.

Ahab nota a minha presença, ao que parece, pela primeira vez.

— Quem é você?

— Essa é a Mimi — responde Albert, tomando o resto do seu daiquiri e pegando um drinque novo embaixo da cadeira.

Pigarreio.

— É Mim — corrijo, passando os nós dos dedos na lateral do tanque. — O que é isso?

— Chamamos de Pequod — responde Ahab. — É o lugar perfeito para tomar um pouco de sol e relaxar.

Levanto as sobancelhas.

— O quê? Lá dentro?

A Baleia Branca ri e dá um gole na bebida.

Ahab segura Caleb com mais força.

— É uma piscina, garota.

Meus olhos vão de Ahab até o tanque, e eu me pergunto que tipo de gente toma daiquiris e nada na laje de um posto de gasolina às oito da manhã em um dia frio de outono. Mas agradeço aos deuses por, sei lá, o que quer que eles façam. Porque, sem esses dois, eu estaria morta agora.

Walt volta correndo, dando a volta no tanque. Ou na piscina. Tanto faz.

— Randy está vindo — avisa.

— Que bom — diz Ahab, colocando Caleb de pé. — Vocês podem esperar lá embaixo até ele chegar. Randy é um filho da mãe, então deve querer levar vocês para a delegacia para pegar um depoimento só porque está entediado. Não comentem sobre a

piscina, ok? Ele iria encontrar algum regulamento da cidade que obrigasse a gente a desmontá-la.

Walt ergue o polegar e desce a escada. Fico imóvel por um instante, me perguntando se é o momento certo. Sem dúvida, não foi como imaginei que seria.

— O que foi, Mimi?

Eu me apoio em um joelho, abro o zíper da mochila e pego a caixa de madeira de Arlene.

Por um segundo, ninguém diz uma palavra. Finalmente, Ahab se manifesta:

— Onde você conseguiu isso?

A pergunta é sutil, não acusatória.

— Arlene — sussurro. — Sua tia. Eu estava no ônibus com ela. O que capotou.

Albert se endireita na cadeira e tira os óculos de sol. Tem alguma coisa nos olhos dele, um poço profundo de empatia.

— Qual é o problema de vocês? — resmungo Caleb, ainda preso por Ahab. — É só uma caixa.

Sem pensar duas vezes, Ahab puxa Caleb pelo capuz e o soca uma, duas, três vezes no rosto. Sangue espirra pelo chão de cascalho, junto com um dente. O olhar de Ahab não é assassino. É o olhar de um homem que fez o que precisava ser feito. Caleb cai no chão, inconsciente. Considerando a solenidade do momento que ele interrompeu, acho até que foi pouco.

Ahab está na minha frente, olhando para a caixa, depois para mim, e, de repente, começo a chorar. É loucura, porque Arlene era tia dele, não minha. Eu não a conhecia direito, não de verdade. Não sei qual era sua cor favorita, seu filme favorito, de que tipo de música ela gostava ou se preferia lagos ou o mar. Não sei sequer seu sobrenome. Mas talvez não sejam essas coisas que nos fazem

amar alguém. Talvez o verdadeiro amor seja mais sutil que isso. Talvez. E acho que Ahab me entende, porque apoia a mão no meu ombro. Ele também está chorando e não faz nenhuma pergunta, pelo que fico mais do que agradecida. Entrego a caixa e procuro alguma coisa memorável e eloquente para dizer. Arlene foi uma amiga gentil e verdadeira quando precisei, uma grande dama das antigas. Era a mais adorável das senhoras, e vou sentir muita falta dela. Tudo isso é verdade, mas as palavras que escolho são muito mais profundas.

— Arlene tinha cheiro de biscoito caseiro — sussurro em meio às lágrimas.

Ahab ri, eu também, e me dou conta de quantas vezes o riso acompanha as lágrimas. Albert se junta a nós, e, quando me viro para ele, o sol bate bem no meu rosto. Al coloca os óculos de sol na minha mão e me dá um tapinha nas costas.

— É seu. Por ter vindo até aqui — diz.

Ahab tira a corrente do pescoço. Pendurada nela, há uma chave antiga que se encaixa perfeitamente na fechadura. Ele a gira, e a caixa se abre com um clique.

Este momento é dele, não meu.

Pego a mochila, e já estava ao lado do tanque quando a voz dele me faz parar:

— Quer saber o que tem dentro?

Talvez seja o sol, ou a emoção de levar Ahab ao encontro de uma parte de sua tia morta, mas, seja qual for a razão — neste momento, na laje do posto —, sinto muita falta da minha mãe.

Eu me viro para trás e olho para Ahab pela última vez, para suas roupas ridículas e ensopadas, segurando a preciosa caixa de madeira. Atrás dele, seu namorado-baleia, que voltou a se sentar

na cadeira, descansa à sombra e toma um daiquiri como se estivesse nas praias de Aruba.

— Você pode até me dizer — respondo, após dar a volta no tanque. Em seguida, coloco os óculos escuros estilo aviador de Albert e abro o alçapão. — Mas eu provavelmente não iria acreditar.

... **22** ...

A rainha da energia

3 de setembro — final da manhã

Querida Isabel,

Diminua as luzes. Abra as cortinas.

Coloque música alta e percussiva de espião para tocar. (Filme noir, não James Bond.)

Parada à sombra das árvores, diante de uma piscina na laje, com gordos preguiçosos e bêbados, nossa heroína fica frente a frente com outro tipo de sombra: seu archi-inimigo, o Menino das Sombras (dum-dum-dum-duuuum!!!!). O Menino das Sombras testa a teoria da heroína de que não existem heróis sem falhas nem vilões sem virtudes. Se o Menino das Sombras tem alguma virtude, pensa ela, está muito bem escondida. Não é a primeira vez que sua teoria é colocada à prova, e não será a última.

Com a ajuda indispensável de seus aliados, nossa heroína escapa das garras do Menino das Sombras sã e salva — e viva. Mas, para seu desânimo, precisa lidar com o incompetente policial Randy, que, apesar de nossa heroína não ter feito nada de errado...

Certo, corta, corta, corta.

Desculpe, Isa — eu queria muito manter a baboseira Manto e Adaga, Bogart, anos 1940, preto e branco, mas, para ser sincera, não consigo. Estou morrendo de fome. E irritada demais. Estou faminta e irritada, e tenho certeza de que você entende.

Então.

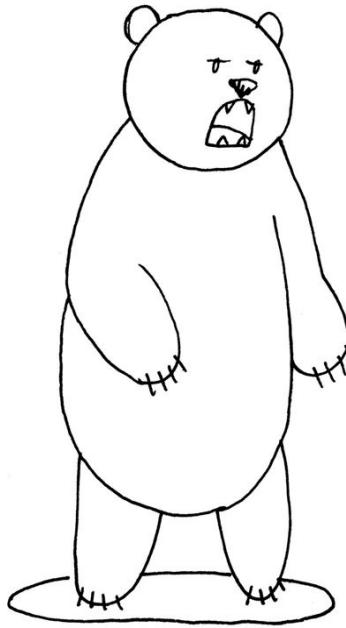
O norte do Kentucky parece estar passando por uma fase pesada e depressiva.

Como eu sei disso?

Bom, neste momento estou sentada em uma sala de interrogatório da delegacia de Independence. Não fui presa nem nada, mas, pelo jeito, coisas pequenas, como direitos constitucionais, não têm muita importância aqui em Independence. (Eu sei. Que ironia. Não consigo lidar.)

De todo jeito, parece que tenho um pouco de tempo, então vamos falar dos Motivos.

O Motivo nº 7 termina com um comprimido e começa com um urso-pardo.



URSO-PARDO
(Temido, Assassinado, Empalhado, Admirado)

Feroz? Sim.

Fora de lugar? Totalmente.

O objeto de decoração mais interessante da sala de espera do consultório do médico mais incrível do mundo? Pode apostar.

Ainda me lembro como se fosse ontem da primeira vez que fui ao consultório do dr. Makundi. A sala de espera tinha brinquedos para as crianças e revistas para os pais, mas também tinha aquela urso-pardo empalhado em tamanho real. Para todos.

Na primeira do que viriam a ser quase cem visitas ao consultório do dr. Makundi, fui direto até o enorme urso marrom e toquei sua garra. Tinha onze

anos na época, e era um urso, então, na verdade não tive escolha. (Tipo, era um urso. Um *urso*.) Fiquei ali parada, encolhida sob sua sombra imponente, olhando para aqueles grandes olhos vítreos, certa de que aquela coisa ia ganhar vida a qualquer momento e me engole inteira. Pensei em uma das minhas histórias favoritas quando criança: *Pierre*, de Maurice Sendak, sobre um leão que engoliu um menino malcriado chamado Pierre. (Você já leu esse livro? Meu Deus, é deliciosamente macabro!) Então, como eu era uma garota bem malcriada, tinha certeza de que o urso seria igual ao leão, ou seja, tinha certeza de que me engoliria inteira.

Mas não engoliu.

— Mim — chamou meu pai.

Era óbvio que meu pai não tinha respeito algum por ursos assassinados/empalhados. Com relutância, eu me afastei da assustadora taxidermia e me sentei em uma cadeira entre minha mãe e meu pai.

— Tudo bem para você estar aqui, certo? — perguntou meu pai.

Assenti. Afinal, havia um urso.

Minha mãe passou o braço por cima dos meus ombros.

— Se você não gostar de alguma pergunta que o dr. Makundi fizer, é só avisar, está bem? Podemos ir embora quando você quiser.

Meu pai, achando que eu não veria, revirou os olhos. (Revirar os olhos, combinado com a clássica bufada, se tornaria sua marca registrada, uma expressão que me assombraria por toda a minha adolescência.)

— Pode ser difícil às vezes — disse ele. — Mas você é *forte*, não é? Minha filha durona. Vai responder a tudo o que ele perguntar, não vai, durona?

Assenti, porque não fazia diferença, tinha um maldito *urso* bem *ali*.

Bom, vou logo ao que interessa, Isa, já que um monte de consultas médicas não são bem o que chamo de leitura empolgante. O dr. Makundi, no fim das contas, era mais do que um médico decente. Era um homem decente. Baixinho e rechonchudo, estava sempre de gravata-borboleta. O único indiano ruivo que já conheci. Sabe, ruivo igual aos Weasley. Aliás, ele costumava brincar que era um irlandês disfarçado. (“*Até meu nome está camuflado... MacCound!*”, brincava. E depois ria *com gosto*.) Ele me deixava falar quando eu precisava falar, e falava quando eu precisava ouvir. E até deixava Elvis tocando no fundo sem que eu precisasse pedir. Nos quatro anos seguintes, Makundi e eu não tivemos pressa em “chegar ao X da questão”, como ele chamava. O procedimento funcionava assim: espere, fale, pense, observe, escute. Conversar

com ele exigia paciência, além de certa ousadia e individualidade. Eu tinha bastante de ambas, então funcionava. Makundi tinha consultório próprio, o que, eu sei, não significa muito hoje em dia, mas ele fez à moda antiga. Não se prendia a nenhum tipo de ideia de tratamento popular, nem fazia um “toma lá, dá cá” com as poderosas empresas farmacêuticas. O dr. Makundi jogava jogos e contava histórias, porque, como dizia, “A vida é mais ficcional do que a ficção”. Fazia as coisas do próprio jeito. E isso bastava para mim. E bastava para minha mãe.

Mas meu pai não estava convencido.

Começou com um sujeito esperto chamado Schneider, que escreveu um livro esperto que ajudou muita gente. Meu pai leu o livro e aderiu à causa. Claro, causas podem ser coisas boas (veja a Otan, por exemplo. Ou criação de galinhas fora do confinamento), mas nem sempre são (como o Partido Nazista, por exemplo. Ou o surgimento do McNugget). Meu pai comprou a ideia de que havia “um jeito certo” de resolver os problemas. Ou melhor, de resolver o *meu* problema. E adivinhe quem não estava resolvendo meu problema direito? (Dica: ele tinha um urso.)

No começo do que viria a ser nossa última sessão — antes que o dr. Makundi tivesse ao menos a chance de fazer as contas, quanto mais chegar ao X da questão —, meu pai interveio:

— Precisamos conversar.

Foi o que disse. E, em uma espécie de rompimento unilateral e angustiado, meu pai explicou ao gentil dr. Makundi todas as decepções que ele nos causara.

... Schneider isso, e Schneider aquilo...

... os métodos de Makundi, ainda que louváveis, não eram mais relevantes na atualidade...

— E que atualidade é essa, sr. Malone? — perguntou o dr. Makundi.

— Considerando as novas descobertas da medicina — respondeu ele.

O dr. Makundi estava sentado do outro lado da mesa bamba de madeira, olhando por cima dos óculos, ouvindo meu pai expor aqueles pensamentos de segunda mão. Eu me lembro de observar o rosto dele enquanto meu pai falava, pensando que, de certa forma, o homem era fruto das próprias teorias, mais ficcional do que a ficção. Tínhamos passado incontáveis horas de sessão tentando apurar os fatos, reconciliar a realidade com qualquer irrealidade que existisse na minha cabeça. Mas, se o dr. Makundi, o médico indo-irlandês que

usava gravata-borboleta e amava ursos-pardos, tinha me ensinado alguma coisa, era que nosso mundo podia ser absurdamente irreal.

O bom doutor tirou os óculos e disse com muita calma:

— *Sintomas* de psicose, sr. Malone, não são psicoses em si. E tenho certeza de que o próprio Schneider concordaria com isso, caso estivesse aqui. Infelizmente, não está. A maior parte do trabalho dele, como tenho certeza de que o senhor já sabe, foi publicada nos anos 1920.

Ele piscou para mim e voltou a olhar para meu pai.

— O ano das novas descobertas da medicina, não é?

Duas semanas depois, entrei no consultório de um novo médico, um cujos métodos se alinhavam melhor com os de meu pai. Um cuja vida não tinha ficção, gravatas-borboleta nem Elvis.

E ele nem mesmo tinha um urso.

(Se eu estivesse escrevendo um livro, Isa, aqui seria minha quebra de capítulo. Não concorda? *Ele nem mesmo tinha um urso*. É isso aí!, seus babacas.)

Então... estou doente. Acho. E meu pai está preocupado. É claro. Acho que ele tem medo de a história se repetir da pior maneira.

Estou trazendo tudo isso à tona porque acabei de passar boa parte da manhã à mercê de uma faca de caça de trinta centímetros, o que, por si só, já é assustador. Só que — se é para eu ser sincera —, não era da faca que eu estava com medo. Meu medo era da pessoa segurando a faca. O Menino das Sombras.

Não sei se você lê quadrinhos, mas, em caso positivo, vai perceber que em geral não existe muita coisa separando o vilão do herói. Párias solitários, identidades secretas, infâncias conturbadas, incompreendidos por todos — com muita frequência, existe uma cena crucial perto do fim (costuma ser durante uma enorme tempestade cheia de trovões) em que o vilão tenta convencer o herói de que os dois são iguais.

Hoje de manhã, o Menino das Sombras me encurralou, e eu só conseguia ver aqueles grandes olhos vítreos de urso-pardo. E, em pouco tempo, os olhos de urso eram meus, e eu estava convencida de que nós dois éramos iguais. Não havia nuvens no céu, mas com certeza parecia uma daquelas cenas tempestuosas dos quadrinhos.

Então algo aconteceu — parada ali, na laje, eu me lembrei de uma ocasião, anos atrás, quando meu pai me levou para jogar minigolfe. Durante alguns dos primeiros buracos, eu tinha notado um movimento apressado do pulso, ou quem

sabe um rápido sorriso afetado, que me fez acreditar que ele não estava dando seu melhor. Estávamos na outra metade do campo: o simbólico campo do “moinho gigante”. Não lembro quem estava ganhando, mas a disputa estava acirrada. Mais do que deveria.

— Pai — comecei —, desta vez se *esforce* um pouco.

Ele pegou o taco e ergueu uma sobrancelha.

— *Desta vez?* Eu me esforcei todas as vezes, Mim. Você é uma profissional.

Eu estava parada atrás dele quando meu pai deu a primeira tacada. A bola rolou pelo gramado, passou pelo pequeno túnel, escapando por pouco de uma pá do moinho, e chegou ao outro lado. De onde estávamos, o moinho de 1,80 metro de altura bloqueava a visão do buraco, o que tornava impossível saber onde a bola do meu pai tinha caído.

— Tenho quase certeza de que errei — disse meu pai. — Vou lá ver.

Ele apoiou o taco no ombro e foi até o moinho, sumindo do meu campo de visão.

Enquanto meu pai estava longe, reparei que o campo à nossa frente tinha um daqueles espelhos de circo. O posicionamento dele fazia parecer que havia seis ou sete buracos, camuflando muito bem o buraco verdadeiro. Um casal jovem ficava acertando as bolas no espelho e xingando, depois sorria como se não se importasse. Por um instante, tentei descobrir qual era o buraco verdadeiro. Então eu o vi. Um dos lados do espelho estava inclinado na direção do nosso campo. Vi o reflexo do meu pai tirar a bola do buraco e colocá-la perto da borda da calçada, a uns três metros de distância. Ele abriu um sorriso e deu a volta no moinho, retornando a onde eu estava.

— Pois é — anunciou, dando de ombros. — Errei.

Meu pai, mesmo com todos os defeitos, ainda era meu pai. Ele não só tentou perder para que eu pudesse ganhar — ele armou tudo para que perder fosse inevitável.

Eu tinha gente. Gente que me amava. Gente que trapaceava para perder. Isso tem significado, Isa, e é algo que me separa do Menino das Sombras. E acho que é o que fez a tempestade passar.

As pessoas dizem que estou doente. Meu pai acredita nisso. Por insistência dele, faz mais ou menos um ano que estou tomando remédios.

Merda.

O policial Randy voltou.

Para resumir a história, não vou mais tomar o remédio, porque não preciso. Minha mãe achava que eu não precisava, assim como o dr. Makundi.

O nome do remédio é Abilitol.

E esse é o Motivo nº 7.

Câmbio e desligo,
Mary Iris Malone,
Ursa-parda Extraordinária!



— TERMINOU?

Assinto, guardo o diário e lanço ao policial meu olhar sarcástico de quem está prestando toda a atenção do mundo. (É muito bom.) Não somos suspeitos — um fato que mencionei *duas* vezes antes que ele nos enfiasse nesta sala —, mas isso não impediu a polícia de Independence de nos tratar como escória.

— Certo — disse o policial Randy, sentando o corpo esquisito do outro lado da mesa. — O que você acha que um homem na minha posição deve fazer?

Quero perguntar em que posição ele acha que está. As pesquisas dizem: *bola de boliche em cima de um canudo*. Sério, em todos esses anos, nunca vi um corpo como o dele; era como se alguém o tivesse segurado pelos pés e assoprado nos dedos. O homem está a um espirro de desenvolver escoliose.

— Não sei qual é o problema — respondo. — Já contamos o que aconteceu lá em cima. Você não pode nos prender aqui, não fizemos nada de errado.

Randy revira os papéis. Caramba, encarar essa cabeça gigante quase me faz desejar ter olhado para aquele eclipse idiota com os dois olhos bem abertos.

— Sabe o que eu fiz ontem? — pergunta ele. — Prendi um homem acusado de molestar crianças. Então me perdoe se não estou sendo muito cordial.

As palavras do policial Randy me levam para longe. (*Eu quero ser seu amigo, Mim. Você quer ser minha amiga, não quer?*) O clique do cubo mágico de Walt me faz voltar à realidade.

Tudo fica quieto por um instante. O policial Randy suspira e diz:

— Certo, escutem. Resumo da história: tenho dois menores envolvidos em uma possível tentativa de assassinato.

— Cara, nós somos as vítimas, não os criminosos.

— Eu sei disso. E, em circunstâncias normais, eu chamaria seus pais, explicaria a situação, diria para esperarem a ligação de um advogado e mandaria vocês seguirem caminho. Mas estas não são circunstâncias normais. São circunstâncias muito estranhas.

Policial, o senhor não faz ideia...

— Porque, quando faço uma pergunta simples: qual é o seu nome, de onde você é, onde estão seus pais, você se fecha. Ahab atesta seu caráter, diz que você estava indo para Iowa ou algo assim, mas ele é um idiota. De todo jeito, não é o suficiente para...

— Cleveland — interrompe Walt.

— O quê?

— Cleveland, não Iowa.

Walt está de cabeça baixa, concentrado no cubo.

Pense rápido, Malone. Eu me inclino por cima da mesa e baixo a voz:

— Certo, tudo bem. Senhor, meu nome é Betty, este é meu irmão, Rufus, e somos de Cleveland. Alguns anos atrás, fui

autodiagnosticada com questões de abandono e...

— Autodiagnosticada? — interrompe Randy.

— O que eu disse?

— Você disse autodiagnosticada.

— Exato.

Ao meu lado, Walt assente, enfático.

— Então — continuo —, depois que nossos pais morreram, a guarda do meu irmão passou para mim.

— Quantos anos você tem, Betty? — pergunta o policial Randy, rabiscando no caderno.

— Dezoito — respondo, mal conseguindo manter a expressão séria. — Então comecei a cuidar do Rufus. Bom, tive alguns episódios de abandono nos últimos tempos, bem feios, sabe? Então estamos indo para Boise morar com nossa tia Gerty. Tenho um emprego me esperando na Pringles, e a tia Gee concordou em nos deixar morar com ela no quarto de hóspedes em cima da garagem.

A caneta de Randy para de repente.

— Boise fica em Idaho — sussurra, com um sorriso de flagra se espalhando pelo rosto. — Ahab disse *Iowa*.

Limpo a garganta e cruzo os braços.

— Bom, pois é, como o senhor disse, Ahab é um idiota.

O policial franze as enormes sobrancelhas. *Meu Deus, faça ele acreditar na história*. Não dá para saber que tipo de coisa pode ser desencadeada por um policial curioso no norte do Kentucky. Posso dar adeus à minha Missão, com certeza.

— Esperem aqui — diz ele. — Vou falar com o capitão e ver o que consigo fazer para levar vocês para Boise.

A cabeça gigante sai da sala. Eu me levanto, coloco a cabeça para fora da porta e o vejo desaparecer em um corredor.

— Certo, Walt, preste atenção.

Eu me viro, esperando que ele ainda esteja no seu reino da fantasia com o cubo mágico. Em vez disso, Walt está parado bem atrás de mim, sorrindo, com a mala na mão. Deus abençoe esse menino.

— Não fomos presos, mas parece que vamos ter que fugir. Você vem comigo?

— Ei, oi, eu vou — responde ele, saltitando sem sair do lugar.

Fechando o olho bom, desejo que cada grama de dissimulação, velocidade e energia chegue aos meus pés. Minha mãe — a chama do meu pavio, o vento da minha vela, o tique-taque do relógio em meu ouvido — está doente. Faltam dois dias para o feriado. Tenho quarenta e oito horas. Eu inspiro, expiro, inspiro, inspiro, expiro. Estou energizada. Estou galvanizada. Estou mobilizada, oxigenada e totalmente acordada.

Eu sou Mary Iris Malone, a rainha da energia.

Entrando no corredor sem chamar atenção, meus fiéis tênis de segunda mão me levam para a frente (sempre em frente!), passando pelas atividades de cidade pequena da delegacia de Independence. Passamos pela janela à prova de balas que protege a ralé capturada da sociedade e pela cozinha minúscula, onde ficam o café de óleo de motor e a caixa de donuts amanhecidos. Com o espírito renovado e doses cada vez maiores de dissimulação e adrenalina — doses dignas de corredeiras furiosas —, seguimos meus amigos de tênis de velcro até a recepção da delegacia: passamos por uma senhora histérica porque perdeu o gato, um travesti debochado em trajes de vaqueiro (vaqueira?), um sujeito lindo de olho roxo...

Paro na mesma hora. Walt esbarra nas minhas costas, rindo.

O cara do olho roxo. É *ele* — 17C, do ônibus.

— Vamos — diz Walt, ainda rindo baixo. — Estamos fugindo.

Ele pega a manga da minha blusa e puxa todas as partes de mim
— menos o coração — porta afora.

As muitas perfeições de Beck Van Buren

— DESCULPE, MOCINHA. Não posso vender nada para você sem ver sua carteira de habilitação.

O sujeito tira uma maçã sei lá de onde e a enfia no meio da barba de Moisés. Acho que existe uma boca ali em algum lugar.

Depois da fuga, eu estava pronta para pedir carona quando Walt viu uma placa de VENDE-SE na janela de uma caminhonete azul no jardim desse sujeito. O problema é que, por certas razões, digamos *ciclópicas*, eu tenho evitado o exame de habilitação como o diabo foge da cruz.

Pego da mochila a autorização para dirigir — para a qual o grande estado de Ohio só exige um exame escrito — e a coloco bem diante do rosto de Moisés.

— Eu tenho isto. É quase a mesma coisa.

Ele dá uma mordida na maçã (que está bem fresca, pelo barulho) e mastiga, sem dizer nada.

Walt larga a mala, pega o cubo mágico e começa a trabalhar. Moisés ergue as sobrancelhas. Dá para ver que a paciência dele está acabando.

— Tudo bem — digo, pegando um maço de notas. — Que tal trezentos dólares? São cinquenta a mais do que o valor que você está pedindo, em dinheiro vivo.

Walt termina o lado vermelho do cubo, aperta meu ombro e faz uma dancinha na entrada da casa.

— Qual o problema dele? — pergunta Moisés, ainda olhando para Walt.

— Ele é o Walt, cara. E a sua desculpa, qual é?

Moisés para de mastigar por um instante e recua, pronto para fechar a porta.

— Certo, não, espere, espere, olhe, desculpe. Meu amigo e eu acabamos de sair da delegacia, então estamos...

— Viram Randy por lá? — pergunta ele, dando outra mordida na maçã.

— Eu... o quê?

— O policial Randy. Viram?

— Sim, mas...

— Como vai o filho da mãe? Continua um dedo-duro maldito?

Eu sou Mary Iris Malone, um saco de ossos estupefato.

— Você vai me vender a caminhonete ou não?

— Não — responde ele, de boca cheia.

Mexo no batom da minha mãe, no bolso da calça.

— Tudo bem, acho que começamos com o pé esquerdo.

— Menina, eu tenho mais o que fazer. Sem ver a habilitação, não posso vender a caminhonete. Agora você e seu... amigo aqui precisam sair da minha varanda.

— Eu tenho habilitação — anuncia uma voz atrás de nós.

Eu me viro para trás e dou de cara com 17C conferindo as fotos na câmera, parado na frente da casa que nem uma árvore enorme, como se estivesse enraizado ali há anos. Não sei como, mas o olho roxo só o torna mais desejável.

— E você é...? — pergunta Moisés.

A) Perfeito

B) O deus da Beleza Devastadora

C) Um exemplar perfeito da espécie, criado em laboratório por cientistas loucos para conquistar o coração de Mary Iris Malone

D) Todas as alternativas anteriores

Marco a alternativa *D*. Sem dúvida.

Ele guarda a câmara em uma bolsa de lona e pendura a alça no ombro.

— Meu nome é Beck — responde, indo até a varanda e passando um braço pelos meus ombros. — O irmão mais velho que não acha isso uma boa ideia. — Ele fica de lado, a míseros centímetros do meu rosto. — Eu falei para vocês me esperarem no estacionamento.

Tiro a franja dos olhos. Acho que eu pagaria, sei lá, uns quatrocentos dólares por cinco minutos diante de um espelho.

— É — respondo. — Desculpe... eu esqueci.

Meu vocabulário sagaz parece ter regredido aos balbucios de uma criança de dois anos.

Beck suspira e se inclina na direção de Moisés.

— Ela perderia o braço se não estivesse grudado no corpo.

— A cabeça — murmuro.

— O quê?

— Eu perderia a *cabeça* se não estivesse grudada — corrijo, revirando os olhos, rezando para parecer uma irmã.

— O que eu falei? — pergunta Beck.

— Você falou braço.

Ele solta o ar, desdenhoso.

— Acho que não.

— Walt? — chamo.

Sem tirar os olhos do cubo mágico, Walt confirma:

— O cara novo disse "braço".

Beck dá de ombros e volta a atenção para Moisés, que está perplexo. Quase consigo ouvir as engrenagens enferrujadas em sua cabeça processando nosso teatrinho. De algum lugar atrás dele, o sujeito pega outra maçã e dá uma mordida.

— Você disse dinheiro vivo, certo?



WALT JOGA A mala antiga na caçamba da caminhonete, nós três embarcamos e saímos da propriedade de Moisés, o comedor de maçãs. Beck menciona comida, e Walt e eu concordamos com veemência. Além de estar morrendo de fome, não estou muito empolgada com a ideia de compartilhar histórias com Beck. Adoraria saber quem ele é e aonde vai (sem falar em como foi parar na delegacia de Independence hoje), mas tenho certeza que ele está se fazendo as mesmas perguntas sobre mim. Mas teremos a chance de conversar sobre isso de barriga cheia.

Sob a insistência de Walt, Beck entra na fila do drive-thru de uma lanchonete fast-food chamada “Hambúrguer Medieval”. Quando esta viagem terminar, terei que entrar em uma dessas dietas detox que estão na moda para tirar do meu organismo toda essa carne processada.

— Existiam hambúrgueres na Idade Média? — indago, em voz alta.

— Ah, sim — responde Beck. — Nada mais reconfortante depois de um longo dia lutando nas cruzadas, saqueando, atravessando lamaçais e tudo o mais.

Meu Deus, ele é *esperto*.

— A Idade Média era bem úmida, não era?

— E sombria.

Walt, sentado entre Beck e eu, liga o rádio vintage da velha caminhonete e vasculha as estações. Parando em um jogo de beisebol do Reds contra o Cubs, ele junta as mãos e se inclina para escutar melhor.

A fila avança devagar e para.

— E então? — pergunta Beck.

Eu me viro e o vejo me encarando de braços cruzados.

— E então o quê?

— Que tal um nome, para começo de conversa?

— E que tal o *seu* nome?

— Eu já falei. É Beck.

— Imaginei que fosse, sabe, um apelido ou coisa assim.

Antes que ele possa responder, seu celular toca. Tirando o aparelho do bolso da jaqueta azul-marinho, ele olha quem está ligando e atende.

— Oi. — Pausa. — Não. — Pausa mais longa. — Claire, por favor, escute...

Fico inexplicavelmente interessada no relógio analógico do painel. Parece quebrado, porque nenhum dos dois ponteiros se move. Interessante. Muito interessante.

— Só vai levar uns minutos — diz Beck. — Eu sei. — Pausa. — Certo, Claire. — Pausa curta. — Obrigado.

Ele desliga.

Intrigada, eu?

— Então? — Ele me olha de soslaio. — Que tal um nome?

Desta vez, estou pronta.

— Como assim? Para a caminhonete? Ótima ideia. — Analiso os arredores, olho pela janela de trás e bato o dedo no queixo. — Eu diria que ela tem cara de Phil.

Beck sorri.

— Eu tenho um tio chamado Phil.

— Jura? — Bato no painel. — Então é Tio Phil.

Chegamos até o alto-falante. Eu me pergunto se Beck está tão feliz com a interrupção quanto eu. Um dos dois vai ter que ceder primeiro.

Fazemos os pedidos e vamos até a próxima cabine.

— Pronto — digo, pegando uma nota de vinte da lata de Kathy.

— Eu pago.

Beck nem insiste, o que me deixa ao mesmo tempo curiosa e irritada. Estacionamos enquanto ele entrega o hambúrguer e as batatas fritas de Walt, depois pega o próprio lanche.

— Então — diz, fechando o saco de papel.

— Hum, minha comida ainda está aí.

— Eu sei, e você vai recebê-la... por um preço.

— Mais do que os vinte dólares que eu já desembolsei?

Beck desembulha o hambúrguer, dá uma mordida e assente.

— Que delícia — diz, com a boca cheia. — Muito... medieval.

Abro um sorriso, sem saber se prefiro dar um soco ou um beijo nele.

— E como é exatamente o sabor medieval?

Ele levanta o saco com meu pedido.

— Não quer descobrir por si mesma?

Nunca participei de uma conversa assim, em que meu coração parece gelatina e meu cérebro foi parar nos pés. Eu deveria ficar irritada com o comportamento infantil dele, mas, no momento, o "deveria" está a quilômetros de distância.

No rádio, os locutores discutem uma interrupção por causa da chuva. Distraído, Walt ataca as batatas fritas. Beck já comeu

metade do hambúrguer. Reviro os olhos, dou meu suspiro mais dramático e ofereço a mão pelas costas de Walt.

— Tudo bem, eu primeiro. — Beck dá uma mordida enquanto aperta minha mão, e, se eu achava a beleza dele incrível, o toque é praticamente majestoso. — Meu nome é Mary Iris Malone... Mas só minha mãe me chama de Mary.

Conto tudo antes mesmo de me dar conta. Tirando alguns detalhes cuidadosamente omitidos (as *NOTÍCIAS BOMBÁSTICAS*, a maquiagem de guerra, a retinopatia solar — Meu Deus, que show de horrores!), começo a despejar tudo em Beck. Conto sobre o divórcio, a mudança e a conversa que ouvi na sala do diretor. Conto sobre a doença misteriosa da minha mãe, em Cleveland, as cartas que joguei na descarga, Arlene, Walt, Caleb e nosso episódio perigoso na laje que acabou nos levando à delegacia. É aquela cena no filme em que a menina nervosa não para de falar, mas, ao contrário dos imbecis, Beck de fato parece interessado no que estou dizendo. E, odeio admitir — talvez porque não gosto de ser a personagem mais previsível de meu próprio filme —, mas estaria mentindo se dissesse que não estava com minha expressão mais adorável no rosto o tempo todo. (Sinto quando minha expressão adorável está em ação.)

Quando termino, faço uma pausa para recuperar o fôlego.

— Espere, aonde estamos indo?

— Para o norte — responde Beck, entrando na rodovia. — Você disse Cleveland, não foi?

Eu me lembro vagamente de ele dar a partida durante meu solilóquio.

— Como assim? Você vai nos levar?

— De que outro jeito vocês vão chegar? — Ele me entrega a comida. — Tome. Estou oficialmente removendo o embargo.

Não sou contra comer batatas fritas enquanto estou indignada. Quando muito, a indignação é inflamada pelas batatinhas.

— Hum, estão incríveis. E, caso você tenha esquecido, Tio Phil é *meu*. Comprei com a minha grana. É por isso que vamos para Cleveland.

— É verdade. E, caso *você* tenha esquecido, a carteira de habilitação é minha.

— Só porque não tenho carteira... Meu Deus, sério, imagina essas batatas ainda quentes? Deixa pra lá, não quero nem imaginar. De qualquer forma, eu sei dirigir.

— Tenho certeza de que sabe. Mas, na verdade, não tem problema. Eu meio que estou de passagem, mesmo.

— Você está de passagem. A caminho de onde, o lago Erie?

Ele abre outro daqueles meio sorrisos.

— Canadá, na verdade. Ou melhor... Vermont.

Antes que eu tenha a chance de esclarecer que Cleveland não fica no caminho nem para o Canadá, nem para Vermont, o céu desaba. A chuva é forte, cada gota atingindo o para-brisa como se fosse uma bexiga d'água. Depois de alguns minutos apertando os olhos e se inclinando por cima do volante, Beck desiste e para no acostamento. Na nova quietude da caminhonete, o blá-blá-blá do rádio se mistura à chuva, criando uma espécie estranha de quase silêncio. Os locutores estão falando de estatísticas para matar o tempo durante a interrupção da chuva. O boné cobre o rosto de Walt, mas, fora isso, ele quase não se mexeu.

— Então você é de Cleveland? — pergunta Beck, dando um gole no refrigerante.

Balanço a cabeça e desembrulho o hambúrguer.

— Depois dessa merda toda, minha mãe meio que se mudou para lá. Era onde eu queria estar, de qualquer forma. Cresci em

Ashland, a mais ou menos uma hora de Cleveland.

— E sua mãe está no hospital por causa dessa... dessa doença, certo?

Eu me estico, abro a mochila aos meus pés e mostro o envelope com o número da caixa postal da minha mãe.

— Durante dois meses, recebi uma carta por semana. Então, três semanas atrás, elas pararam de chegar. Essa foi a última que recebi, e a única desde a mudança.

— Você acha que sua madrasta, Cassie...

— Kathy.

— Isso, Kathy. — Beck me devolve o envelope. — Você acha que ela está escondendo as cartas de você?

— Ela sempre chega à caixa de correio primeiro. Tentou me fazer parar de ligar tanto. É óbvio que Kathy não quer que a gente mantenha contato. Além disso... — Pego a sexta carta de Kathy. — Leia, é uma carta da minha mãe para Kathy, a única que não joguei no vaso. Tenho quase certeza de que ela perguntou se eu podia visitá-la, Kathy disse não, e minha mãe respondeu...

— Pense no que é melhor pra ela — lê Beck.

— Bingo.

Ele observa a carta por um segundo, enquanto dá um gole no refrigerante.

— Tem um erro.

— Eu sei.

— Por favor, reconsidere. — Ele me mostra o bilhete, como se eu não o tivesse lido cem vezes. — Ela trocou o "s" pelo "c".

— Eu *sei*.

Ele olha mais uma vez.

— Hum.

— O quê, encontrou algum erro de sintaxe?

Ele sorri e me devolve a carta amassada.

— Não deve ser nada.

— Bom, se não deve ser nada, então pode ser alguma coisa. O quê?

— *Nada.*

— Você não pode fazer “*hum*” e depois dizer que não é nada. “*Hum*” é alguma coisa. Você precisa me contar.

Ele morde o canudo com... não sei o quê... uma sensualidade de deixar as pernas bambas.

— Então. Você vai simplesmente acampar na frente dessa caixa postal e esperar que sua mãe dê uma saída do hospital para checar a correspondência?

Eu sorrio/o fuzilo com os olhos e — céus, minha expressão adorável volta com tudo. É estranho, mas não estou tão frustrada quanto *quero* estar. O que *quero* é ser o canudo de Beck por dois minutos. Engulo o último pedaço de hambúrguer (esperando que ele não tenha notado que demorei vinte segundos para respirar) e respondo:

— Eu tenho um plano: Primeiro, chegar a Cleveland. Segundo, resolver todo o resto. Esse é o meu plano.

— Infalível, se me permite dizer.

— Permito.

Walt nos interrompe com um ronco colossal. O barulho diminuiu um pouco, mas, mesmo assim, não entendo como ele conseguiu pegar no sono naquela posição.

— Qual é a história dele? — pergunta Beck.

Faço um relato básico do pouco que sei sobre Walt: mãe morta, gosta de “coisas brilhantes”, Nova Chicago etc. Para ser sincera, estou enrolando um pouco, tentando ganhar tempo para considerar a oferta de Beck de nos levar o resto do caminho. É uma ideia

atraente por muitas razões, a principal sendo que... Bem, eu nunca dirigi na estrada. Nunca dirigi muito, para falar a verdade. Com só um olho bom, é uma experiência meio "Evel Knievel na moto desafiando a morte". Algo digno das lendas do YouTube.

Beck pigarreia.

— Então, tem uma coisa que você precisa saber.

Lá vamos nós. Sem perceber, mudo de posição no assento. Minha curiosidade em relação a ele é sufocante, pois quero muito que ele seja real, seja bom, seja uma pessoa que não se importe em discutir assuntos pesados e depressivos.

Beck me olha nos olhos, se inclina na minha direção e diz:

— O tio Phil é um pervertido.

Nesse momento, meu cérebro se divide em duas partes bem diferentes. A primeira me encoraja a levar um susto, a levar a mão à boca, a dizer: "Não, o tio Phil, não! Beck, diga que não é verdade!" A segunda está em silêncio, imóvel, profundamente desapontada.

— Um total depravado — continua ele. — Na última reunião de família, contou para todo mundo que sua careca era na verdade um painel de energia solar para sua máquina de sexo.

Fico em silêncio. Imóvel. Profundamente desapontada. (A segunda parte parece estar vencendo.)

— O que foi? — indaga ele, notando minha reação nada entusiasmada. — Estou brincando. Quer dizer, não estou, o tio Phil é mesmo um pervertido, mas...

— Beck.

Solto um suspiro, e bem pesado, porque, apesar de não saber nada sobre esse sujeito, aposto todo o dinheiro da lata que ele é do Clube do Requite. Então qual é o problema? O que está me impedindo de seguir meus instintos?

O cubo mágico cai do colo de Walt. Eu o pego do chão e estendo a mão para desligar o rádio.

— ... *Quase todo ano, o Cubs parece recrutar todos esses novatos cheios de entusiasmo, só para vê-lo minguar, ou nunca atingir todo o potencial.*

Recolho a mão, deixando o rádio ligado.

Minha vida inteira, nunca senti nada parecido com instinto maternal. Na escala de adoração aos bebês, eu estou abaixo da tundra. Provavelmente algo normal para garotas de dezesseis anos. Mas Walt despertou um sentimento em mim, trouxe à tona um instinto de proteção que eu nem sabia que existia. Mais de loba que de mãe, talvez, mas mesmo assim... Alguma coisa. A mesma coisa que me impede de seguir meus instintos. E, apesar de não achar que Beck nos prejudicaria ou nos machucaria...

— Você está bem? — pergunta Beck, enquanto me vê processar as coisas.

Olho para o cubo mágico em minhas mãos e me pergunto quando foi que *eu* se tornou *nós*.

— Não precisamos que você nos leve a lugar algum, Beck — anuncio.

Beck não responde, e, por um instante, eu me lembro da cena de abertura da minha odisseia — a Mim do passado, sozinha em um ônibus vazio, impressionada com a loucura do mundo, ouvindo o barulho da chuva no teto de metal como se fosse uma manada de búfalos. Cenas de abertura são divertidas, porque você nunca sabe quais elementos vão mudar ao longo do tempo e quais vão continuar iguais. O mundo era, e ainda é, louco. A chuva estava, e ainda está, caindo. Olhando para Walt e, sim, até para Beck, sei que pelo menos um dos meus elementos mudou.

Deixei de ser *eu* para me tornar *nós*.

— Estou no terceiro ano da LSU — diz Beck, inclinando a cabeça no encosto do banco. — Ou... deveria estar.

Quantos anos tem um aluno de terceiro ano de faculdade? O que é imediatamente acompanhado por Meu Deus, qual é o meu problema? Acho que a primeira parte do meu cérebro não vai desistir sem lutar.

— Você quer a versão longa ou curta? — pergunta ele, fechando os olhos.

— Longa.

E ele começa, sem levantar a cabeça nem abrir os olhos em momento algum. Os roncões de Walt, o rádio, a chuva — o volume de tudo diminui enquanto Beck fala.

Depois de três anos estudando Ciências Políticas, ele descobriu que: a) odiava Ciências Políticas; e b) odiava a faculdade. Depois de um curso de verão de fotografia (aqui contive uma ânsia de vômito), ele descobriu sua "verdadeira paixão" (outra ânsia). Os pais, divorciados, não aprovaram. Beck pegou as poucas economias que tinha e comprou uma passagem de ônibus só de ida de Baton Rouge para Burlington, Vermont. Era para ser uma "peregrinação fotográfica" (e mais uma).

— Meus pais acham que estou na faculdade — conta. — Em uma universidade estadual importante como aquela, vai levar pelo menos uma semana até alguém notar.

Levantando a cabeça, ele sorri, mas não de coração. Então abre o saco de lona e pega a câmera. Ficamos ali em silêncio por alguns segundos, enquanto Beck tira fotos da chuva através do para-brisa.

— E o olho roxo? — pergunto, apontando para o rosto dele.

Isso na verdade é uma versão resumida do que eu queria perguntar: *Como você foi parar na delegacia de Independence, hein?*

Ele direciona a câmera para um inseto preso entre o para-brisa e o limpador.

— Dei um soco em um cara. Duas vezes, na verdade. Mas ele conseguiu me acertar uma vez.

— Lanchonete da Jane — sussurro.

Ele assente e começa a contar uma história nova. E, desde o início, já sei como vai terminar.

Estradas cruzadas

A PORTA DO banheiro masculino estava trancada.

Beck estava parado, esperando no corredor, quando uma menina hispânica saiu do banheiro feminino ao lado.

(19A e 19B devem ser mãe e filha, uma bela dupla hispânica...)

— Os olhos dela — contou Beck — estavam inchados e vermelhos, e achei isso estranho, mas ela devia ter uns treze anos, e, com meninas dessa idade, nunca se sabe. — Segundos depois, Beck viu um homem adulto sair do banheiro feminino. — Os olhos dele eram estranhos, meio vidrados ou coisa assim...

(Vejo seus olhos úmidos e brilhantes, mas não é choro nem chuva.)

O homem deu de ombros, apontou para o banheiro masculino trancado e disse:

— Não aguentei esperar.

Minutos depois, Beck entrou no banheiro masculino, fez o que tinha que fazer e, enquanto lavava as mãos, olhou no espelho. Atrás dele, havia uma única cabine. Ele franziu a testa e voltou para o corredor. Bateu à porta do banheiro feminino, mas não obteve resposta. Enfiou a cabeça para dentro e chamou em voz baixa:

— Oi?

Ainda nada. Confiante de que não havia ninguém lá dentro, Beck entrou no banheiro feminino e fechou a porta.

— Era estranho, sabe? — falou, a câmera pendurada no pescoço.
— Tipo, sombrio ou algo assim.

(O banheiro se dissolve em tons de vermelho, os cantos se tornam mais escuros, como a vinheta de um antigo filme de arte independente.)

Beck olhou em volta e notou uma cabine — *uma única cabine*. Ele se lembrou da expressão no rosto da menina, minutos antes, os olhos inchados e vermelhos de tanto chorar, e sentiu o sangue se esvaír do rosto e ir parar no estômago.

(As palavras são gélidas. Primeiro, atingem minha barriga, depois se espalham em todas as direções...)

Beck deu meia-volta, saiu do banheiro, atravessou o corredor e entrou na lanchonete.

— Vi a menina primeiro — contou. — Ela e a mãe estavam dividindo a mesa com um casal. A mãe estava conversando, mas a menina... a menina não dizia uma palavra. Parecia em choque.

(Já vimos o vídeo da hiena e da gazela, e sempre termina do mesmo jeito.)

Quando Beck olhou em volta, encontrou o homem sentado no bar, comendo torta.

— Como se nada tivesse acontecido.

(“Não vai acontecer nada”, diz ele, a voz rouca. “Nada que você não queira.”)

Beck foi até o bar com muita calma. E cutucou o ombro do homem.



— E AÍ DEI um soco nele. Dois. Na frente de um policial.

— O quê?

Beck ajusta o foco da câmera e continua tirando fotos enquanto fala.

— No fim, acabou dando tudo certo. O policial era um babaca doido para arranjar o que fazer.

— Randy? O da cabeça enorme?

— Ele mesmo. Você o conhece?

— Mais ou menos. Na verdade, não. Não importa, continue.

Beck ergue uma sobrancelha e confere as fotos que acabou de tirar. Ele não faz contato visual comigo há um tempinho, e eu me pergunto se ele está escondendo alguma coisa. Existe uma quantidade limitada de ângulos que uma pessoa pode fotografar a chuva batendo no para-brisa.

— O policial Randy nos interrogou — continua ele — e resolveu tudo. Fui banido da Greyhound para sempre, por brigar, e gastei meus últimos dólares no hotel Telhado Escarlata, em Union, ontem à noite. Eles me chamaram hoje de manhã para responder mais perguntas e me liberaram.

— E o Homem do Poncho?

Beck para de tirar fotos, mas não olha para mim.

— Como você sabe que ele estava de poncho?

Ouçõ a voz da minha mãe. *Conte para ele.*

— Eu só... Eu me lembro dele. Da sua expressão estranha, só isso. E do poncho.

Beck demora um segundo para responder a minha pergunta.

— Está na prisão.

— Ele foi preso?

— É claro. A menina contou tudo.

Olhei para a chuva e pensei nas luzes azuis e vermelhas no estacionamento da Lanchonete da Jane. Eu *sabia* que não tinha

sido a primeira vítima. E, para ser sincera, sabia que não seria a última.

Mas poderia ter sido.

Poderia ter dito alguma coisa. Eu mesma poderia ter salvado aquela menina, e então aquilo nunca teria acontecido. Mas a Missão viera em primeiro lugar. E agora — por *minha* causa — uma menina nunca mais será a mesma.

Coloco os óculos de sol de Albert e deixo as lágrimas escorrerem, duras e pesadas. A vida às vezes pode se uma bela filha da mãe, trazendo sentimentos à tona muito depois de você tê-los deixado para trás. Eu não sou só egoísta, sou covarde. A menina falou. Ela fez o que eu não consegui fazer.

Ela fez o que você não quis fazer, Mary.

— A gente tem que ir logo — diz Walt do nada.

Para falar a verdade, eu tinha até esquecido que ele está ali. Olho para Walt — que está bem acordado, sorrindo como uma criança na manhã de Natal — e luto contra a vontade de me jogar nele e beijar aquelas bochechas para sempre.

Beck olha para mim de um jeito enigmático, depois se vira para Walt.

— Ir aonde, parceiro?

— Para o jogo — responde Walt, aumentando o volume do rádio.

— ... e agora que a chuva finalmente parou, não consigo imaginar um dia mais perfeito no estádio. Então, mais uma vez, se algum ouvinte estiver interessado, ainda temos sete entradas de beisebol pela frente, e acabei de ser informado que ainda há muitos ingressos à venda.

Nesse instante, a chuva para.

Walt olha para a frente e aponta pelo para-brisa. A cidade inteira de Cincinnati se descortina diante de nós, em um cenário de tirar o

fôlego. Absorvo a claridade do dia com meu olho bom, encantada com a metamorfose súbita e maravilhosa. É uma paisagem digna de ser registrada.

— Beck — sussurro.

— Pode deixar — diz ele, levantando a câmera e clicando.

Que estranho: minutos atrás, Beck estava com a câmera apontada na mesma direção, fotografando uma coisa completamente diferente. A cidade, em toda a sua grandiosidade, estava ali o tempo todo, escondida pela tempestade.

Walt bate palmas, grita e pula no assento. Antes que eu tenha a chance de acalmá-lo, Beck vira a câmera de Cincinnati para Walt, e, por um instante, tudo fica em *slow motion*. O sorriso de Beck é intenso e sincero, um sorriso verdadeiro, nada jocoso. Minha mãe dizia que dá para saber muita coisa pela maneira como uma pessoa trata os inocentes, e Walt não é nada além da inocência personificada. Ricky também era. Penso em Ty Zarnstorff e seus clones, unidos no desdém mútuo por garotos que se desgarravam do bando. Não importava que o desgarrado fosse indefeso, ingênuo, frágil. Não importava que, em dado momento, Ricky tivesse desistido de tentar fazer amigos e se contentado com o desejo patético de ser deixado em paz. Não importava que eu tivesse ficado amiga de Ricky naquele verão e depois, que Deus me perdoe, o tenha ignorado no recreio, na aula, no refeitório e na educação física. Sou uma filha da mãe, não acredito que fiz isso. E meus instintos não mudaram. Em vez de me juntar ao riso, à alegria pura, como Beck fez, minha reação instintiva à empolgação de Walt foi acalmá-lo. Minimizar seu constrangimento. Minimizar o meu.

Viro para a janela, sorrindo meu próprio sorriso, mais tímida do que gostaria. E choro. Choro pensando nos Rickys e Walts do

mundo, sorrindo diante de todos os Ty Zarnstorffs. Choro porque nunca sorri assim, nenhuma vez na vida.

Choro porque amo. Por algum motivo, sempre amei.

... 25 ...

Nossa única cor

3 de setembro — mais ou menos fim da tarde

Querida Isabel,

— Sua mãe e eu vamos nos separar.

Sete palavras. Isso bastou para apagar os milhões que vieram antes. Eu já as ouvira, em filmes, na TV, e as lera em livros. Eu devia ter ouvido aquelas palavras dezenas de vezes na vida, mas, de alguma maneira, nunca... *na minha*, sabe? Minha mãe disse alguma coisa sobre “tempo para cuidar de si mesma”. Meu pai assentiu nessa parte. Ironicamente, era a demonstração mais evidente de consenso entre os dois que eu via em anos. Depois da minha mãe, meu pai fez um pequeno discurso sobre fazer o que era certo para nossa família, por mais difícil que fosse, que eles ainda não tinham resolvido os detalhes, mas que isso não mudava o quanto me amavam e blá-blá-blá. Era o tipo de discurso em que a primeira frase é a única que importa. *Sua mãe e eu vamos nos separar*. Pronto. Segue o jogo. *Esse é o discurso*.

Na noite em que me contaram, quase não dormi. E, quando consegui pegar no sono, foi agitado. (Esta carta não contém nenhum Motivo, então, se quiser pulá-la, Isa, vá em frente. Para ser sincera, não sei nem para quem são estas palavras: se para você ou para mim.)

No sonho, eu estava sentada na beira da cama dos meus pais, sozinha no quarto deles. Meu estômago ardia. A garganta também, como lava. Eu sentia minha língua formando palavras, mas, apesar de sentir a urgência delas, não conseguia ouvi-las. Alguma coisa caiu das minhas mãos, tombando no tapete com um barulho abafado. Olhei para baixo e notei meus pés descalços. *Como ficaram tão velhos?*, eu me perguntei.

Ao me levantar da cama, vi os pés velhos afundarem no tapete. Fiquei prestando atenção neles, porque não eram meus, e não se pode confiar nos pés de outra pessoa.

Como um navio cargueiro enferrujado no meio do oceano Atlântico, atravessei o quarto. Levei horas, dias; anos, até. Quando meu quadril bateu na penteadeira da minha mãe, eu já tinha aceitado a velhice. Levantando a cabeça aos poucos, vi a madeira avermelhada dos pés curvos da penteadeira, as gavetas com os puxadores de latão brilhante e, em cima dela, a bandeja de maquiagem. Em geral, a bandeja ficava cheia dos perfumes, blushes, sombras e corretivos favoritos dela. Mas, naquele momento, havia apenas um item: o batom. O mesmíssimo batom que ela usou na única vez que me maquiou.

No sonho, eu sentia o espelho alto da penteadeira à espreita. *Preciso olhar, pensei. Demorei uma vida inteira, atravessei um oceano, só para olhar.*

Então olhei.

Ri, chorei, ri.

Eu não sou eu, disse para o oceano, para os pés velhos, para o rosto no espelho. E era verdade. No sonho, o reflexo que me encarava de volta não era o meu.

Era o da minha mãe.

Levantei o queixo, as sobrancelhas e as mãos. Observei o queixo, as sobrancelhas e as mãos da minha mãe no espelho. Abri a boca. A boca dela se abriu. Pisquei. Ela piscou de volta. Eu falei, e ela falou.

Mary não vai entender o que estou tentando dizer, dissemos.

Tudo bem, respondemos. *Ela vai entender isto...*

Pegamos o batom. Com calma, tiramos a tampa e começamos a desenhar no rosto. Uma roda-gigante. Fogos de artifício. Um anel de diamantes, uma garrafa. Um disco. Assim que terminávamos, o desenho desaparecia. Desenhamos mais rápido, mil coisas, cada uma mais indistinta que a outra.

O desenho final foi mais metódico.

No espelho, as mãos e o rosto se juntaram para pintar o céu. Primeiro na bochecha esquerda, um risco decisivo. Desenhamos um V apontando para o nariz; depois, uma linha horizontal na testa. O terceiro traço era igual ao primeiro: um V na bochecha direita. Fizemos uma linha grossa da testa até o queixo e, finalmente, um ponto no meio de cada V.

Desapareceu, então desenhamos de novo. E de novo, e de novo, como um triste autômato, condenado a uma existência de movimentos invariáveis.

Finalmente, o desenho ficou.

O batom caiu no chão, em algum ponto entre nossos pés. Nosso rosto também estava velho, sem sangue.

A maquiagem de guerra é nossa única cor, dissemos.

Pela manhã, acordei suando.

Do quarto, eu podia ouvir meu pai do outro lado do corredor, conversando em voz baixa. Me levantei e, sem me dar ao trabalho de vestir a calça jeans, fui até o quarto dos meus pais. A porta estava entreaberta, o suficiente para eu ver lá dentro. Meu pai estava sentado na beira da cama, falando ao telefone. A voz parecia cansada e, mesmo de minha posição desfavorável, eu conseguia ver suas olheiras e notar que estava usando as mesmas roupas do dia anterior. Ele se despediu, desligou e ficou sentado por um segundo. Abri a porta.

— Oi, querida — disse ele, virando-se para mim. — Eu não sabia que você estava acordada.

— Pai.

Foi a única coisa que eu disse. E foi suficiente.

Ele começou a falar, usando palavras que não faziam nenhum sentido.

— Ela precisou ir embora. — Fiquei parada na porta, seminua, prendendo a respiração, repensando todas as verdades em que acreditava. — Vai ser só por um tempo, até ela resolver as coisas. — As palavras eram oblongas, disformes. Não cabiam em nenhum das caixas existentes, então fui forçada a criar uma nova. Com caneta vermelha, escrevi *CRESÇA*. — Ela queria se despedir, mas foi melhor assim.

Enquanto ele falava, entrei na caixa nova, fechei a tampa, abracei os joelhos e gritei com toda a força, sucumbindo às coisas horríveis de lugares horríveis.

— Mim? Você está bem?

Minha caixa se desfez.

— Se eu estou *bem*?

Fiquei olhando para ele por um segundo, sem conseguir acreditar... em nada daquilo. Do outro lado do quarto, vi a penteadeira da minha mãe — o espelho alto, a madeira avermelhada, os pés curvos. Meu coração disparou quando vi a bandeja de maquiagem. Atravessei o quarto, tomando o cuidado de não olhar para os pés. O sonho ainda estava fresco demais na minha mente.

— Mim, vá se vestir. Vamos conversar sobre isso.

A bandeja de maquiagem — em geral cheia de perfumes, blushes, sombras, corretivos — estava vazia. Tudo tinha sumido, menos um item: o batom. Estava

na bandeja, como restos indesejados.

— Mim — disse meu pai.

Peguei o batom da bandeja e fui para a porta.

— Mim.

Mas eu já tinha saído.

No meu quarto, parei diante do espelho que quase não usava e me lembrei da maquiagem de guerra do sonho, então comecei. A sensação foi boa.

Não sei por quê.

Pelos dois meses seguintes, ficamos naquela casa, e nesse tempo uma série de coisas aconteceu, incluindo, mas não se restringindo a (1) encontrei as palavras *dez passos fáceis para um divórcio em dez dias* no histórico de busca do Google do nosso computador; (2) meus pais se divorciaram doze dias depois, o que me levou a questionar em quais dos “passos fáceis” meu pai tinha errado; (3) Kathy, que nos atendera uma vez no Denny’s, começou a aparecer lá em casa; (4) recebi nada menos que uma carta vaga por semana da minha mãe, garantindo que tudo estava bem, que eu a veria logo etc., o que me fez (5) implorar a meu pai para ir morar com minha mãe em Cleveland, ao que ele respondeu (6) Fora de cogitação, ao que respondi (7) Que diabo está acontecendo?, e ele (8) se casou com Kathy e nos fez ir morar bem longe da minha mãe, o que nos levou a (9) quando as cartas da minha mãe pararam de chegar, seu telefone foi desconectado, e eu fui deixada cento e dez por cento sozinha neste mundo,ilhada em mim mesma, uma pessoinha triste e sozinha vivendo em uma tempestade de suor infestada de mosquitos em um estado todo errado.

Toda a droga do meu mundo tinha desmoronado, Isabel, esse é o resumo e a versão completa. E não importava para quem eu perguntasse, eu não recebia respostas. Por um tempo, fiquei brava com minha mãe. De verdade, eu poderia ter aguentado tudo aquilo, até as *NOTÍCIAS BOMBÁSTICAS*, se pudesse ter aquela *única* carta — vaga ou não — por semana. Apenas uma.

Mas estou começando a suspeitar de uma coisa, algo quase terrível demais para ser dito em voz alta. Entre as razões por trás das ações recentes de meu pai (e foram *muitas*), e se uma delas... meu Deus, e se uma delas for a doença da minha mãe?

E se meu pai tiver se livrado da minha mãe *porque* ela está doente?

Câmbio e desligo,
Mary Iris Malone,
Ilhada em Mim Mesma

CINCINNATI, OHIO

(400 quilômetros pela frente)

Lembre-se do ponto de encontrowski!

UM BANDO DE garotas está parado à nossa frente, todas carregando sacolas de compras idênticas. A imagem nas sacolas é de um grupo de jovens musculosos sem camisa em um píer. Estampadas no alto, em letras garrafais, estão as palavras VIVA SUA VIDA.

É uma sensação estranha, ficar decepcionada com a própria geração. Muito tempo atrás, troquei meu idealismo utópico — que estava relacionado a como as pessoas são e em que se interessam — por uma visão de mundo mais realista. Tudo começou antes do ensino fundamental. Amigos com peculiaridades interessantes, como polegares com hipermobilidade ou com reações intestinais hiperativas a queijo processado, de repente lutam para esconder exatamente aquilo que os torna interessantes. Antes que você perceba, está no ensino médio, imaginando se é a única pessoa que de fato leu *Admirável mundo novo*, em vez do resumo ou da página na Wikipédia. Ou está sentado no refeitório, refletindo sobre as complexidades do último filme do Christopher Nolan, enquanto a mesa mais próxima cheia de líderes de torcida discute algum reality show popular naquela semana e debate sobre quem faz o melhor boquete. Eu me convenci de que aquilo era só a escola. Claro, o mundo real seria diferente. Mas estou começando a me perguntar se o planeta inteiro não foi parar na Wikipédia.

As sacolas de compras, com o retumbante VIVA SUA VIDA, são um ótimo exemplo disso. Além de desencorajar a morte, a frase não significa absolutamente nada. Algum engravatado em algum prédio alto pensou que isso soava bem, e agora está estampado em uma sacola. Bem na minha frente, me fazendo querer desistir de viver a minha.

Walt, Beck e eu estamos na fila da bilheteria. Beck manda uma mensagem de texto para alguém, enquanto Walt segura uma borboleta pelas asas e a inspeciona.

— Vocês querem ingresso?

Um estranho para ao nosso lado. Ele está usando uma jaqueta camuflada, blusa de gola alta, luvas, protetores de ouvido e cachecol. Ou o cara está morrendo de medo de um frio repentino, ou ama acessórios de inverno. Na verdade, basta colocar um cachimbo na boca para ele virar um boneco de neve.

— Não, obrigado — responde Beck, guardando o celular.

O Boneco de Neve se aproxima.

— Tenho ingressos de primeira, cara. Só luxo. Na terceira base, sexta fileira. Logo acima da cabine. Um puta luxo.

Beck olha para a longa fila e depois para mim.

— Quanto? — pergunto.

O Boneco de Neve dá de ombros.

— Vocês parecem legais. Faço quatro ingressos por quinhentos.

— Dólares? O que é isso, o Campeonato Mundial? Os Yankees não estão na cidade, cara.

— Tem uma apresentação de fogos de artifício depois do jogo, por causa do feriado — explica o Boneco de Neve.

Ao meu lado, Walt enfia a borboleta na garrafa vazia de Mountain Dew. Então coloca a tampa e levanta os polegares para todo mundo, cheio de entusiasmo.

O Boneco de Neve observa Walt, depois se volta para Beck.

— Tudo bem. Quatrocentos... por três ingressos.

Eu me coloco na frente de Beck. Está na hora de dar fim a esse fiasco.

— Pago cem por três ingressos, cara. E mais três noites gratuitas no Holiday Inn.

Tanto o Boneco de Neve quanto Beck me encaram.

— Longa história — murmuro. Então me viro para o Boneco de Neve: — Olhe, o jogo já começou. É o Reds contra o Cubs, e aposto que você tem uma pilha de ingressos que em cerca de duas horas e meia não vai valer nada.

Walt enfia um graveto na garrafa, torturando a pobre borboleta.

— Cento e vinte, mocinha, e negócio fechado.

Eu me ajoelho e abro a mochila para pegar o dinheiro. Acima de mim, ouço o Boneco de Neve dizer:

— Sua namorada é durona.

Fico mais ruborizada que todos os rubores do mundo e feliz por ninguém poder ver meu rosto.

Com os ingressos na mão, nós três vamos até o estádio. Walt está literalmente pulando de empolgação, o que faz valer cada centavo gasto.

Beck estende o braço e nos faz parar em frente a uma estátua de bronze.

— Tive uma ideia. Se em algum momento alguém se perder, vamos combinar de nos encontrar aqui na estátua, pode ser? Tipo um ponto de encontro.

Levanto o ingresso.

— Temos isto. Podemos simplesmente nos encontrar nos assentos.

Os olhos dele vão até Walt e depois voltam para mim.

— Achei que podia ser um pouco mais... fácil, sabe? E divertido. Algo assim.

Penso no único jogo do Indians que vi, em como a multidão ficou maluca depois, todo mundo tentando voltar para os carros o mais rápido possível para evitar o trânsito. Uma olhada em Walt — que no momento ataca a borboleta, alheio ao mundo à sua volta — e concordo com Beck.

— Sabe, acho uma ótima ideia. Walt?

— Ei, oi — diz ele, sem tirar os olhos da garrafa. Lá dentro, as asas da borboleta param de bater e tremelicam em espasmos.

— Walt, olhe para mim, parceiro, isso é importante. Está vendo essa estátua?

Os olhos dele seguem meu dedo até o jogador de beisebol de bronze.

— Se você se perder de nós, venha direto para cá, tudo bem? Direto para o... — leio o nome na placa — Ted... Kluszewski.

Beck bate nas costas de Walt.

— Kluszewski é o ponto de encontro, Walt. Você vai conseguir lembrar?

— Sim — responde Walt, voltando para a borboleta. — Vou me lembrar do ponto de encontrowski.

Sorriso para Beck, um tipo de sorriso com olhos arregalados, do tipo “dá para acreditar em como esse garoto é incrível?”. Beck está com o mesmo sorriso no rosto.

— Acho que todo mundo vai se lembrar do ponto de encontrowski.



QUANDO PASSAMOS PELOS portões, seguimos as placas até nossa seção. Os vendedores estão em toda parte, oferecendo cachorros-quentes, cerveja, amendoim — um sujeito tinha até meia dúzia de garrafas de cerveja vazias coladas no chapéu. Assim que chegamos à fileira, Walt entrega a garrafa/caixão de borboleta para Beck.

— Banheiro — anuncia.

E, erguendo o dedo, desaparece rumo ao banheiro masculino.

Beck aproxima a garrafa do rosto e bate no plástico, para ver se a borboleta está viva.

— Pode declarar a hora da morte — digo, com uma careta.

Beck olha para o celular.

— Horário do óbito, 16h32.

— A pobrezinha não tinha a menor chance.

Ajoelho para apertar as tiras de velcro dos tênis. Em seguida, noto que Beck está admirando-os.

— *Très chic, non?* — digo, levantando o pé.

Ele assente.

— *Oui. Et...* velho em francês.

— *Vieilles.* E, sim, são velhos. Mas eu gosto de coisas velhas.

Ele me olha como se quisesse rir.

— Você gosta de coisas velhas?

— Claro. Esfarrapadas, gastas, puídas, desbotadas... É tudo prova de uma vida bem vivida.

— Ou talvez prova de uma vida só... *vivida.*

Sorrio, e, pelos minutos seguintes, ficamos observando as pessoas. Estou prestes a fazer piada sobre como as multidões não seriam tão ruins se não tivessem tantas pessoas, quando Beck diz:

— Por falar em vida e viver a vida, Mim, está vendo aquilo?

Ele aponta para o mesmo grupo de garotas que eu vi, com aquelas sacolas de compras ridículas.

Calma, Mary, não vá assustá-lo.

Assinto de forma tranquila, discreta, como se tivesse acabado de notar.

— Viva sua vida. — Ele ri, revirando os olhos.

Mas não é um revirar de olhos normal. É um revirar de olhos que contrai as íris, acompanhado de um suspiro e um dar de ombros. Na história da História, nunca ninguém revirou os olhos assim, e de repente não consigo lembrar o nome de nenhum garoto que já conheci. Não sei ao certo o que isso diz sobre mim, o fato de que esses olhos se revirando me deixaram com tesão. E, para ser sincera, não me importo. No filme da minha vida, eu me jogo nos braços de Beck, envolvo a cintura dele com as pernas, sinto o leve gosto amargo de sua língua na minha enquanto a gente se beija, e a multidão enlouquece. Walt — interpretado por um ator desconhecido em uma performance merecedora de Oscar — é um ministro de igreja. Ele nos casa bem ali, perto do banheiro masculino. Beck é um dos irmãos Phoenix, River (pré-*Viper Room*) ou Joaquin (antes da barba louca), e eu, como já estabelecido, sou a queridinha do indie Zooey Deschanel. Ou... tudo bem, uma Ellen Page jovem e hétero.

— Viva sua vida. Que tal “respire seu ar?” — sugere ele.

Sorriso.

— Coma sua comida.

— Feche seu zíper.

— Cuide do cachorro.

— Tome seu banho.

— Faça seu trabalho.

Beck balança a cabeça.

— Viva sua vida, Mim. O que quer que faça, apenas... viva sua vida, certo?

Walt volta do banheiro.

— Decidi uma coisa importante — anuncia.

Pegando a garrafa com Beck, ele a coloca bem diante do nariz.

— Vou chamá-lo de sr. Luke “Borboleta” Skywalker.

Beck e eu sorrimos um para o outro e, quando viramos na direção da nossa fileira, nenhum dos dois fala. Não temos coragem de dizer a ele que o sr. Luke “Borboleta” Skywalker seguiu o caminho de Obi-Wan.

As muitas falhas de Beck Van Buren

BECK VAN BUREN torcendo e batendo palmas é o melhor exemplo da natureza entusiasmada e contagiante de Walt. A primeira vez que o Cubs rebate da entrada, ganha a primeira base, mas, pela exuberância dos meus amigos, parece que acabaram de ganhar o campeonato. É mesmo uma beleza.

Reviro a mochila, encontro a lata de Hills Bros. e faço as contas. Comecei com oitocentos e oitenta dólares, menos cento e oitenta da passagem, sete dólares pela tesoura e pelo removedor de maquiagem. Entre aquele ponto e Nashville, tudo foi pago pela desastrosa empresa de ônibus. Três dólares nas *carnitas*, cinco no sorvete (na inimitável Lojinha de Laticínios Maravilhosos da Estrada), trezentos por Tio Phil, cinquenta e seis de combustível, dezenove no Hambúrguer Medieval, cento e vinte pelos ingressos e seis pelo meu programa oficial do Reds. Tenho um total de cento e oitenta e quatro dólares.

Droga, Malone.

Bem, o dinheiro não é *meu*.

— Vou comprar um pretzel — aviso.

O Cubs faz uma queimada dupla, algo que acontece com frequência, e muito bem. Beck e Walt jogam as mãos para o ar, como se o juiz tivesse cometido um erro.

— Você vai comprar um pretzel agora? — murmura Beck, folheando o programa. — Vai ser um longo jogo.

— É mesmo, Beck? Por favor, esclareça para mim os detalhes desse esporte estranho.

Eu me levanto e vou para o corredor.

— Ei, espera aí. Me passa seu telefone.

Tiro meu celular da mochila — como se não fosse nada — e o entrego.

— Antigo — diz ele, abrindo o aparelho. — Legal.

Estendo a mão.

— Se você vai me sacanear...

Ele digita alguma coisa e o devolve.

— Pronto. Agora você tem meu número. Só por garantia.

Abro um sorriso, imaginando se Beck consegue ver meu coração pulsando na garganta.

— Você é maníaco por segurança, não é? Pontos de encontro e números de telefone para emergências. Minhas roupas são chamativas o suficiente?

Ele balança a mão na frente do meu rosto e volta a prestar atenção no jogo.

— Seu pretzel está esperando.

Subo as escadas de cimento, sem conseguir conter meu sorriso de jovem adulta. Esse desvio com certeza já valeu a pena.



A FILA DEVE ter um quilômetro, mas não faz mal. Na minha experiência, a quantidade de tempo que uma pessoa está disposta a esperar por alguma coisa é um bom indicador do quanto a deseja.

E, no momento, “um quilômetro” é a distância exata que estou disposta a enfrentar por um pretzel salgadinho e macio.

Quando metade da entrada do jogo termina, o telão começa a transmitir uma corrida animada entre duas bolas de beisebol menino e uma bola de beisebol menina (o que é um feito anatômico e tanto). Perto de mim, uma mulher de largura considerável segura dois cachorros-quentes e um bolinho frito. Os olhos dela estão no telão, torcendo de leve para que a bola de beisebol menina ganhe. Há três crianças ao redor dela, sujas, quietas, olhos fixos na comida nas mãos da mãe. Uma das crianças pede um cachorro-quente, baixinho, ao que a mulher responde com uma sequência de palavrões e ameaças sobre ser interrompida enquanto está “ocupada”.

À nossa volta, outras pessoas estão de cabeça baixa, olhando o relógio, lendo programas, qualquer coisa para não ter que reconhecer a proximidade desconfortável daquela estranha horrível.

— Ei — disparo, sem conseguir me conter.

A mulher para de gritar e olha para mim como se eu tivesse acabado de surgir diante dela.

— Você sabe que é só uma animação, certo? — pergunto apontando para o telão. — As bolas de beisebol. *Elas* não podem escutar você.

Os filhos dela também estão me encarando, os rostos sujos, mas bonitinhos. Aponto para as crianças e olho bem nos olhos da mulher.

— Mas *e/es* podem.

Antes que eu me dê conta, todo mundo na fila está aplaudindo. A mulher começa a dizer alguma coisa, mas depois desiste. Abro um sorriso largo e dou tchau quando ela vai embora. Não vou fingir que não estou satisfeita com a reação das pessoas à minha volta, mas,

mesmo assim... O comportamento ridículo dessa mulher é exatamente o motivo de eu não ser muito fã de multidões. As estatísticas indicam que uma a cada dez pessoas é louca.

A fila avança devagar. Fico de cabeça baixa, acompanhando os passos do homem à minha frente.

Merda.

Minha epiglote palpita. Tudo emerge.

Os sapatos.

Antes que eu consiga chegar ao banheiro, ou mesmo virar a cabeça, vomito nas pernas do sujeito.

— Que diabo? — diz ele, a princípio baixinho. Uma raiva dessa magnitude precisa de tempo para assentar. — Ah, meu Deus. — Ele se vira, os olhos arregalados. — *Que merda é essa?*

Sem dizer nada, saio correndo e atravesso o corredor movimentado até o banheiro feminino mais próximo. Vômito escorre pelo meu queixo, deixando uma trilha atrás de mim, como em "João e Maria". Vou direto para a pia e termino de vomitar.

Mocassins.

Fecho os olhos.

Eu quero ser seu amigo, Mim.

Não adianta.

Você quer ser minha amiga, não quer?

Só consigo ver os sapatos.

E os olhos vítreos.

E se, pelo resto da vida, eu vomitar toda vez que eu vir um homem usando mocassins? Deus me ajude se algum dia for trabalhar em um banco. Muitos homens usam mocassins, e nem todos são pervertidos.

O espelho — coberto de poeira e terra, com uma camada fina e amarela de sujeira de banheiro — reflete um monte de olhares

curiosos.

— Você está bem, querida? — pergunta uma mulher de vestido florido.

Não respondo. Não consigo. Só encaro meu reflexo no espelho e me pergunto há quanto tempo meu olho direito está fechado.



— POR QUE VOCÊ demorou tanto? — pergunta Beck.

— Estava... ocupada.

Ele me observa.

— Achei que você tivesse ido comprar pretzel.

Eu me inclino e coloco a cabeça entre as pernas.

— Mim? Você está bem?

— Eu vomitei.

— Está se sentindo mal?

— O que você acha? — disparo, mais grossa do que pretendia.

Walt se vira para mim com o olhar mais preocupado do mundo.

— Você está doente, Mim?

— Não, Walt — respondo, erguendo o polegar. — Estou bem. Estou ótima.

Minha resposta menos que entusiasmada é recompensada com um gesto duplo de "Ok".

Beck dá um gole no Mountain Dew de Walt e tira a câmera da bolsa de lona.

— Mim tem sorte de ter um amigo como você, Walt. Muita sorte.

— Muita sorte — concorda Walt, sorrindo e assentindo.

Uma brisa fresca com cheiro de chuva sopra do rio Ohio, um pequeno gesto de gentileza no que, de outra forma, seria um clima

implacável. Beck tira algumas fotos, e o Cubs, como faz com perfeição há tantas décadas, perde com uma gloriosa sequência de erros e oportunidades perdidas. Na sinfonia da derrota, o Cubs não é só o violinista solo — é o condutor, o fagotista, toda a seção de percussão. E Walt, com aquele coração que Deus lhe deu, não perde um grama de entusiasmo. Na verdade, está totalmente enlouquecido, torcendo com vontade nas jogadas mais medíocres. O jogo chega ao final com o Reds vencendo de doze a três.

Alguns minutos depois, os fogos de artifício começam nos fundos da arena.

— Ah! Que máximo! Mim, Beck, vejam! Ei, oi, esse foi bom!

Sorrindo, eu me inclino na direção de Beck.

— Ele parece uma criança no Natal, não é?

Meus olhos vão da explosão no céu para os olhos de Beck — e, para minha surpresa, não há muita diferença.

— Eu menti — sussurra ele.

Cuidado, Mary. Tem alguma coisa bem frágil aí.

— Certo.

— Ahhhhhh, Beck, veja *esse!* — grita Walt.

À nossa volta, a multidão de torcedores celebra, ri, aponta, todos alegres e alheios a tudo, menos aos fogos de artifício. Beck e eu estamos com eles, mas não *com* eles. Isso me lembra um Dia de Ação de Graças, quando eu era pequena e sentava na “mesa das crianças”. Os adultos estavam bem ali, conversando sobre questões importantes de trabalho, melhorias na casa, eventos do bairro. O que não sabiam era que nada disso importava. Mas as crianças sabiam. Meu Deus, e como sabiam.

— Não é só uma peregrinação fotográfica.

— Uaaaaauuuuuu! — grita Walt, pulando sem parar.

Beck olha para o programa do Reds caído entre os pés.

— Claire — digo. — O telefonema?

Ele assente.

— Ela é minha irmã adotiva. Morou conosco por um ano, durante o ensino médio, antes de fugir. Éramos próximos, e a maneira como as coisas ficaram... Eu só preciso encontrá-la de novo.

Não digo uma palavra. Só fico esperando, ouvindo tudo tomar forma.

— Caaa... buuuuum! Ei, oi, esse foi ótimo!

— Ela está aqui perto — continua Beck. — Do outro lado do rio. Depois de ser expulso do ônibus, eu ia pedir carona, só faltavam vinte e cinco quilômetros, mas então vi vocês tentando comprar aquela caminhonete.

— Ha-ha! Ehhhh, ehhhh! Aaaah!

Walt parece prestes a ter um ataque cardíaco.

— *Aquela caminhonete* — eu o corrijo — tem nome.

Beck sorri, um sorriso de astro de cinema, um sorriso que meu olho esquerdo fotografa e manda para meu cérebro, que, por sua vez, envia um impulso elétrico direto para meu coração, que derrete no mesmo instante.

— Liguei para ela seis meses atrás — conta. — Organizei essa viagem para vê-la, mas... ela fica me ligando, me dizendo para não ir. Está tudo um desastre. — A voz dele está baixa, ao mesmo tempo efêmera e infinita. — Não sei mais o que fazer.

Apenas por um instante — só neste único instante — somos as duas únicas pessoas na mesa das crianças.

Estendo a mão e, delicadamente, levanto o rosto dele na direção do céu.

— Acho que você sabe, sim, Beck. E eu vou ajudar. Mas, agora, você está perdendo um show incrível.

Juntos, nós três observamos o céu explodir.

O que eu não daria para ver esses fogos de artifício com os dois olhos...

... 28 ...

Devou Park

3 de setembro — tarde da noite

Querida Isabel,

Eu tinha oito anos.

Meu pai estava tomando cerveja e mexendo na moto. Ele nunca andava nela, só mexia. Era uma das muitas peças faltosas do meu pai: a aptidão para o inacabado. O prazer que ele sentia no trabalho era raro encontrar na recompensa dos fins.

Nós três estávamos na garagem. Minha mãe tentava me explicar como funcionava uma vitrola. (Não lembro bem como essas conversas aconteciam, já que... bem, eu tinha oito anos. Então estou parafraseando, mas dá para ter uma ideia.)

— Sim, mãe, mas *como* a música vai daquela coisa — perguntei, apontando o pequeno dedo rechonchudo para a vitrola — para meu *coração*?

Minhas lembranças mais antigas da música não tinham nada a ver com ouvir, e tudo a ver com sentir.

— Certo — respondeu minha mãe, soprando a poeira de um disco do The Doors. — Isso se chama agulha. Ela corre por esses sulcos no vinil, está vendo? E depois acontece alguma coisa a ver com vibração ou algo assim, e tem um amplificador, acho, e depois outra coisa, e *voilà*. Música.

Meu pai, que nesse momento estava polindo a moto impecável, bufou.

— Sua garganta está incomodando, meu amor? — perguntou minha mãe, colocando o disco de vinil na vitrola.

Ele murmurou alguma coisa que não consegui ouvir e tomou um gole de cerveja.

— Pode pegar uma para mim, por favor? — pediu ela.

Meu pai saiu da garagem. Ficamos sentadas no sofá antigo da garagem, ouvindo Jim Morrison cantar "Break On Through (To the Other Side)".

— Que estranho — comentei. — Parece que ele está cantando de um jeito louco.

Mamãe assentiu.

— É porque ele *era* louco. Muitos roqueiros famosos eram.

— Como quem?

— Bom, lembra o Jimi Hendrix, o que tocou "Star Spangled Banner"?

Nossa, e como eu lembrava. (Você conhece essa versão incrível, Isa? É fantástica.)

— Lembro — respondi. — A guitarra parecia a voz desse homem — comentei, analisando a complexidade nebulosa de ser um astro do rock, tentando colocar aquela selvageria em palavras. — Tipo... só... louco e incrível e *incrivelmente louco*.

Minha mãe riu, e foi uma risada com vontade de viver o momento. Ela deixou a cabeça pender para trás, encostando no tecido xadrez do amado sofá.

— Esse Jimi ficou louco também? — perguntei.

— Ficou. Esse Jimi ficou incrivelmente louco.

— Mas por quê?

— Bom, por vários motivos, Mary. Drogas, fama e não sei mais o quê... Acho que, quando muita gente gosta de você ao mesmo tempo, às vezes isso deixa você louco.

— O que vocês estão fazendo? — interrompeu meu pai.

A voz dele estava baixa, mas eu me lembro de ele ter nos pegado de surpresa. Meu pai estava parado do lado de fora, perto da porta da garagem, uma cerveja em cada mão. Dava para ver minha mãe se perguntando quando tempo fazia que ele estava lá, escolhendo com cuidado as palavras que diria.

— Nada — respondeu. — Só conversando.

Meu pai não se mexeu.

— Ela tem oito anos, Eve. Que história é essa?

Por um segundo, ninguém se mexeu. Ninguém disse uma palavra. Aos oito anos eu já compreendia bem as coisas, mas me lembro de ter ficado confusa. Eu não conseguia entender o que na nossa conversa o deixara bravo.

— Eu não me importo — sussurrei, cruzando as pernas, fazendo de tudo para parecer fofa.

Parecer fofa às vezes interrompia as brigas antes que elas piorassem.
Meu pai colocou as cervejas no chão, foi até o sofá e me pegou no colo.

— Nem todo mundo fica louco, querida.

Minha mãe se levantou para pegar a cerveja.

— Caramba, Barry, eu não falei que *todo mundo* fica louco.

— Você falou o suficiente.

Mais tarde, eu pararia para pensar em como era estranho que essa obsessão de meu pai — que houvesse alguma coisa de errado comigo, algo sério o bastante para eu precisar de remédios sérios, médicos sérios e uma vida cheia de medidas sérias para evitar uma loucura mais séria — o estivesse deixando louco também. Mais tarde me ocorreria que, apesar das suas atitudes, meu pai de fato queria o melhor para sua família. Mas como fazer isso? Ele não tinha ideia. Mais tarde, eu entenderia que essa era a grande dicotomia: uma pessoa querer o melhor mas sempre despertar o pior. Meu pai fazia exatamente isso. Não era o bastante ajudar uma senhora a atravessar a rua. Ele tinha que sacar uma arma e dizer para ela ir rápido. Seus métodos não eram só ineficazes, eram insanos. Tal é o destino de homens bons que sucumbiram à loucura do mundo.

Mais tarde, eu me daria conta de todas essas coisas.

Mas, naquele momento, enquanto ele me levava para fora da garagem, enchendo minha testa de beijos, sussurrando palavras doces e reconfortantes em meus ouvidos — como se minha mãe tivesse acabado de me dar uma surra —, bem naquele momento, odiei meu pai. Odiei bastante.

Dentro de casa, ele me deixou no chão da sala.

— Pode ver TV pelo tempo que quiser, querida.

Peguei o gigantesco controle remoto da mesa de centro, corri para a cozinha e o coloquei no micro-ondas. Dois minutos na potência alta deram conta do recado.

E esses foram meus primeiros fogos de artifício.

E minha mãe não voltou para casa por horas.

Câmbio e desligo,
Mary Iris Malone,
Incrivelmente Louca



A ÚNICA COISA mais linda que estrelas brilhantes em uma noite fria são estrelas brilhantes em uma noite fria com Beck e Walt.

Guardei o diário na mochila, desliguei a luz do interior da cabine (o rádio ficou ligado) e me juntei a eles na carroceria da caminhonete. Depois do jogo, encontramos um canto em um parque abandonado ali perto, onde dava para ver a silhueta dos prédios de Cincinnati. Beck estava aproveitando a vista, tirando fotos a torto e a direito. Walt, depois de passar alguns minutos procurando alguma coisa na mala, dormiu de costas.

Deitei no meio da carroceria, me cobri com um dos cobertores extra de Walt e fiquei olhando para o céu. Apesar da má recepção, o rádio estava tocando uma música sobre um agente funerário, que o apresentador da emissora classificou como um dos “novos clássicos”. Não faço ideia do que isso signifique, mas, neste cenário perfeito, a combinação de música de baixo orçamento, céu estrelado e tempo frio é exatamente o que o momento pede.

Depois de um monte de fotos da noite (e mais do que algumas criaturas noturnas aterrorizadas), Beck se senta ao meu lado e encosta a cabeça na janela.

— Você acredita em Deus? — pergunta, seu hálito se condensando no ar frio da noite.

— Nossa, Beck. Direto ao ponto, hein?

Ele sorri.

— É o único jeito.

Algo nessas estrelas torna a pergunta inevitável, acho. As constelações piscam e se movem no céu, ganhando forma de um

homem alto com pele coberta de bolhas sussurrando verdades incisivas no meu ouvido.

— Você já viu um homem com o rosto realmente deformado? — pergunto. — Estou falando de algo muito nojento...

— Estou falando sério — Beck me interrompe.

Eu sento e me viro para ele.

— Beckett? Calma. Vou contar uma história séria, e essa vai ser minha resposta séria. Tudo bem?

Sorrindo, ele assente.

— Continue.

Limpo a garganta, preparando a melhor voz de narradora que tenho, bem no estilo Morgan Freeman. Não é *A Marcha dos Pinguins*, mas vai servir.

— Quando eu era criança, devia ter uns quatro anos, fui com minha mãe ao banco. Pode ter sido a farmácia ou a peixaria, mas, na minha lembrança, é o banco. Estávamos de mãos dadas enquanto ela conversava com alguém atrás de nós na fila. O homem na nossa frente estava de casaco e era alto. Como um gigante.

— Você tinha quatro anos — diz Beck.

Balanço a cabeça.

— A altura não está condicionada à minha baixa estatura. Para qualquer padrão, esse sujeito era alto. De todo jeito... Caramba, como isso é estranho... Eu lembro que ele tinha exatamente o mesmo cheiro que o queijo processado da Kraft Singles. Meio leitoso, doce, grudento, alguma coisa assim.

— Que nojo — sussurra Beck. — E que específico.

— Eu me lembro de chegar perto e tocar a barra do casaco dele. Quando o homem se virou...

Um calafrio sobe pela minha coluna até meu córtex, arrepiando os pelos dos meus antebraços e da minha barriga.

— O quê? — pergunta Beck, sentando-se.

Toco o lado esquerdo do rosto.

— Esse lado inteiro do rosto dele era um monte de bolhas. Como pasta de dente fazendo espuma ou... um amontoado de zeros, ou alguma coisa. Era cheio de bolhas. Não sei de que outro jeito descrever. Lembro que ele sorriu para mim, o que só piorou sua aparência. Como se o sorriso fosse uma faca de manteiga, cortando todas aquelas...

— Mim!

— Desculpe. Enfim, tentei processar o que estava vendo com meu cérebro infantil. Comparei aquele rosto cheio de bolhas com o que eu conhecia do mundo, mas não consegui. Aquilo não fazia sentido. Então, com o tato de uma criança de quatro anos, aponte para o rosto dele e perguntei o que tinha acontecido. Ele abriu ainda mais o sorriso e disse que Deus o tinha feito daquele jeito. “Foi um erro?”, perguntei. “Não”, respondeu o homem, sorrindo como bobo. “Só ficou entediado.” Não faço ideia do que aconteceu no resto do dia. Minha mãe deve ter entrado na conversa, considerando que o cara parecia um homem das cavernas coberto de bolhas.

Rindo de leve, Beck se deita ao meu lado.

Minha voz se transforma em um sussurro:

— Desde então eu me pergunto: se aquilo é o que Deus faz quando está entediado, eu detestaria ver o que acontece quando fica bravo.

Por um segundo, ficamos ali deitados, aproveitando o silêncio específico da natureza. A constelação do homem com a pele cheia de bolhas desapareceu. Ora, provavelmente nunca existiu.

— Então isso é um sim? — pergunta Beck.

Penso na pergunta original e respondo da única maneira que sei:

— Para ser sincera, não sei. A perspectiva de um Deus existir me assusta. Quase tanto quanto a perspectiva de Ele não existir.

A música do agente funerário chega ao clímax com um último refrão perfeito e termina com aquela força mística que tantas canções tentam obter, mas poucas conseguem: me deixa querendo mais.

— E você? — pergunto.

— O que tem eu?

— Você acredita em Deus?

— Ah, sem dúvida.

Considerando minha própria batalha espiritual, a convicção de Beck me pega de surpresa. Eu me sento, apoiada nos cotovelos, e olho para ele de cima.

— Como você pode ter tanta certeza?

— Você sabia que, quando nascemos, nosso corpo tem trezentos ossos? Com o tempo, eles...

— Ei — interrompo —, eu fiz uma pergunta.

Beck levanta uma sobrancelha.

— Mim? Calma. Vou contar uma história séria, e essa vai ser minha resposta séria. *Tudo bem?*

Faço um gesto com a mão.

— Continue.

— Então. Com o tempo, esses trezentos ossos se fundem até formar duzentos e seis. Não vou nem comentar como isso é estranho. Mais da *metade* fica nas mãos e nos pés, que são quatro das menores partes do corpo. E, mesmo assim, se você somar todos esses ossos, o esqueleto inteiro só é responsável por catorze por cento do peso total do corpo.

— Você é um maníaco da ciência.

— Talvez. Bem. Já sugeriram isso.

Meu Deus, eu quero mordê-lo.

— Então aonde você quer chegar?

— Eis aonde quero chegar: meu coração precisa continuar batendo para bombear um líquido vermelho chamado sangue por pequenos tubos chamados veias que atravessam essa unidade inteira chamada corpo. Todos os meus órgãos, em conjunto com o coração, precisam funcionar perfeitamente para esta forma de vida baseada em carbono chamada Beckett Van Buren existir nesta pequena esfera em movimento chamada Terra. São tantos detalhes que precisam funcionar de um *jeito específico* que é um espanto a gente não cair morto.

— Isso acontece, você sabe.

Beck solta um *ha-ha* debochado e expira, formando uma nuvem de condensação no ar.

— Acho que, para mim, a vida é mais misteriosa do que a morte.

— Que filosófico. Você deveria escrever um livro.

Mais um *ha-ha*, e de repente constato minha própria tentativa de atenuar a conversa com sarcasmo. Talvez por causa do horário, ainda que seja mais provável que o motivo seja meu fascínio embevecido por Beck, estou me comportando como uma aluna do primeiro ano na formatura: blasé, desajeitada, incapaz de qualquer pensamento original. Em um esforço de levar a conversa para um terreno mais sofisticado, digo o que deveria ter dito da primeira vez:

— Então você acredita em Deus porque está vivo?

— Acho que eu devia responder isso da próxima vez, não é?

O rádio toca uma música nova, que é boa, mas, se terminasse, ficaria tudo bem. Nada como a canção do agente funerário. Aquela

me deixou extasiada.

— Onde estava seu pai? — pergunta Beck.

— O quê?

— Na sua história, no banco ou na peixaria, ou sei lá. Onde estava seu pai?

— Ele nunca ficava por perto. — Faço uma pausa. — Na verdade, não sei por que disse isso. Ele sempre esteve por perto, mas, mesmo quando está, ele não... *está* lá, sabe? Não está presente. Ou, pelo menos, não desde que Kathy estragou tudo.

Ouço um uivar ao longe.

— O que você acha? — pergunto. — Coiote?

— E se você estiver errada? — pergunta Beck.

— É. Deve ser só um cachorro, ou algo do tipo.

— Não sobre isso. Sobre Kathy.

— O que quer dizer?

Beck muda de posição, desconfortável.

— Nada.

— Pode falar.

— Sabe, não conheço a história toda, mas você mencionou uma madrasta mostra mais do que algumas vezes, não sei... Você nunca me deu um bom motivo para não gostar dela.

Eu sou Mary Iris Malone, e conto até dez com toda a paciência que tenho. Respiro fundo, de um a dez. Meu rosto fica vermelho, e, pela primeira vez, os olhos de Beck não têm efeito algum sobre mim.

— Você não sabe do que está falando.

— Mim, eu não estava...

— Não sabe.

Não sei por quê, eu imaginava que nossa primeira briga seria diferente. (Algo como... durante a lua de mel em Veneza,

terminamos um tiramisu em algum restaurante mundialmente famoso que nenhum dos outros turistas idiotas conhece. Pedimos uma segunda garrafa de Cristal e discutimos sobre abri-la na gôndola a caminho do hotel Canal Grande, ou esperar e abrir no terraço do hotel. Algo assim.)

A segunda música termina. Já foi tarde.

— O plano de amanhã de manhã ainda está de pé? — pergunta Beck. — Ainda dá tempo de desistir, sabe.

— Beck. Eu preciso que você diga.

— Diga o quê?

— Que não sabe do que está falando.

Ele desvia o olhar, e eu realmente não sei o que está por vir. Ele assente uma vez e diz em voz baixa:

— Eu não sei do que estou falando.

Eu me sinto ainda pior, se é que isso é possível. Por alguns segundos ficamos deitados em silêncio, só olhando para a distância e a magnitude das estrelas. Penso em como as coisas mudaram rápido para mim. Mas essa é a essência da mudança, não é? Quando é gradual, chama-se crescimento; quando é rápida, mudança. E, meu Deus, como as coisas mudam: algumas coisas, nada, outras coisas, tudo... Todas as coisas mudam.

— Beck?

— O quê?

— Você sabe o que quer?

Uma pausa de um segundo.

— Como assim?

Não respondo. Ele sabe o que quero dizer.

— Achei que soubesse — responde.

— É.

— Quer dizer, eu achei que soubesse.

— É...

Sempre achei que, se o amor estivesse no caminho, eu o encontraria ou capturaria — nunca achei que tropeçaria nele. Apaixonar-se é um monte de caixas de bombons e cravos, “ele vai, ou será que não vai?”, beijos desajeitados, silêncios desconfortáveis, espinhas em momentos inoportunos, conversas pelo telefone às três da madrugada. Em outras palavras, não eu. Mas agora, ouvindo os roncos de Walt na caminhonete chamada Phil, não consigo deixar de pensar: *É claro*. Esta é a única maneira possível de acontecer comigo. Imperfeita. Extremamente esquisita. *Rápida*.

Um amor nascido não do crescimento, mas da mudança.

A voz da minha mãe soa em meus ouvidos. *Você está apaixonada por ele?*

Viro a cabeça para o lado. Com o olho bom, observo a silhueta de Beck e começo a sentir aquela combinação atemporal de júbilo, transpiração e indigestão.

Está, Mary?

— Então — sussurro —, você está no terceiro ano de faculdade. Deve ter o quê... vinte anos? Vinte e um?

— Nossa, Mim. Direto ao ponto, hein?

Nervosa demais, com frio demais, com motivos demais para sorrir, puxo o cobertor até o queixo.

— É o único jeito.

Ele se apoia no cotovelo e olha para mim e... Meu Deus, as pessoas estão erradas quando dizem que os olhos são a janela da alma. Janelas não provocam mudanças, apenas revelam o interior de alguma coisa. E, se os olhos de Beck não estiverem me transformando — e estou falando de revirar cada centímetro dentro de mim —, então não sei de mais nada.

— Que diferença faz? — pergunta ele.

Ele sabe qual é a diferença.

— Não diga isso. Você sabe qual é a diferença.

Suspirando, ele se deita de costas de novo, colocando uma das mãos atrás da cabeça e apoiando a outra no peito.

— Você sabe — repito.

A respiração dele se torna mais lenta. Percebo isso no ritmo da sua mão subindo e descendo no peito. Percebo no seu hálito quente se dispersando no ar noturno. Vejo a respiração dele ganhar corpo e formar duas palavras curtas e adoráveis:

— Eu sei.

Apatia arquitetônica

— CINQUENTA E DOIS, cinquenta e quatro, cinquenta e seis... cinquenta e oito.

Beck embica na entrada da garagem do número 358 da Cleveland Avenue e desliga o motor. O sol acabou de nascer; a neblina turva da manhã dá um toque extra de estranheza a esse monte de esquisitices. Esfrego a nuca, tentando me lembrar de nunca mais dormir na carroceria de uma caminhonete.

Estamos em Bellevue, do outro lado do rio Ohio. No trajeto pela cidade, passamos por um farol, um posto de gasolina, um Subway e o centro comercial mais decadente que já vi. Todas as vitrines das lojas estão cobertas de tábuas ou quebradas, e cada fachada é mais úmida e deprimente que a anterior.

— Certo — diz Beck. — Acho que a gente pode só... Certo, vou só... eu vou...

— Quer que a gente vá com você? — pergunto.

Ele sorri, mas, pela primeira vez, não é natural.

— Não, obrigado. Na verdade, com certeza, não. Esperem no carro. Vou só... tocar a campainha e ver o que acontece.

— Vai ser moleza — digo.

Beck olha pelo para-brisa.

— Moleza.

— Moleza?

Walt levanta a cabeça, emergindo da névoa do cubo mágico. Juro: por mais que eu ame esse menino, às vezes esqueço que ele está por perto.

— É uma expressão, Walt.

Beck ri mais do que a situação pede. Depois de o silêncio retornar, ficamos quietos por um minuto.

— Beck?

— Oi?

— Você precisa sair da caminhonete se quiser tocar a campainha. Secando o suor da testa, ele abre a porta.

— Me deseje sorte.

— Boa sorte — sussurro.

— Boa sorte! — grita Walt.

Mantendo a teoria de que os desvios têm suas razões, depois do jogo eu decidi que ajudar Beck era imperativo. Essa é a Missão dele. Como a caixa de Arlene, ou como encontrar minha mãe.

A Cleveland Avenue é a Cleveland de Beck.

Na entrada, ele procura a campainha, encontra, toca e espera. O número 358 fica espremido entre o 356 e o 360. Acho que essas casas de subúrbio são econômicas, mas esse tipo de projeto padronizado exala apatia arquitetônica.

— O que Beck está fazendo? — pergunta Walt.

— Ele vai ver uma velha amiga.

— Muito velha?

— Não, não é velha, só... deixa pra lá. Ela deve ter uns vinte anos.

Sem nunca ter visto Claire, é difícil saber o que esperar. Em geral, ouço um nome e sei na mesma hora com quem estou lidando. Walt, Beck, Carl, Arlene... são pessoas boas. Ao contrário de Ty, Kathy e Wilson. Mas Claire... Claire é difícil. Fico olhando de

dentro da caminhonete quando minha primeira Claire abre a porta, e, preciso dizer, não é um bom presságio para as Claires do mundo. Ela cumprimenta Beck com a testa franzida, algo que entendo como “não é um dia especialmente ruim, e este não é meu rosto especialmente franzido, mas estou franzindo a testa há tanto tempo que esta é a expressão normal do meu rosto”. Os olhos estão com olheiras profundas, e aposto todo o dinheiro da lata (ou, pelo menos, o que sobrou) que Claire é uma fumante inveterada.

Beck entra na casa e desaparece de vista.

Preciso fazer alguma coisa. Qualquer coisa.

— Ei, Walt.

— Oi? — pergunta ele, concentrado no cubo mágico, sem parar de mexer os dedos.

— Pode me fazer um favor?

— O quê?

Ele balança a cabeça como quem diz não.

— Preciso que você fique aqui enquanto dou uma olhada nos pneus.

— Nos pneus?

— É. Acho que ouvi um barulho na estrada. Só preciso ver se ainda estão... cheios de ar e tal. Pode fazer isso? Pode esperar aqui?

Ele olha para cima e mistura as cores do cubo.

— Posso.

— Que bom. Volto já. Não saia daqui.

Desço da caminhonete e corro até a última casa, a 350. Tomara que Walt continue concentrado no cubo mágico. Conhecendo esse garoto, se ele me vir, vai querer vir junto. E, se ele vier junto, terei mais chance nesta operação secreta se estiver montada em um alce. Para minha sorte, o projeto arquitetônico preguiçoso da casa

só perde para o tamanho minúsculo. Em pouco tempo, estou nos fundos da casa 358. Meu único plano incluía chegar perto da porta de tela, ou, quem sabe, invadir uma propriedade privada, mas, pelo jeito, a sorte está do meu lado. Apesar do frio, uma janela está aberta ao lado do aparelho de ar-condicionado. Caminhando por entre arbustos cheios de espinhos, paro embaixo da janela e tento ouvir. A voz de Beck é inconfundível.

— ... não acredito nisso. De jeito nenhum.

— Por que eu mentiria? — A voz de Claire Sisuda é tão triste quanto sua aparência.

— Depois de toda a merda que a gente passou, é uma ótima pergunta.

— Beck, é como eu já falei ao telefone, sinto muito mesmo.

O barulho de um isqueiro e, em seguida... fumaça. Formando uma nuvem do lado de fora da janela, bem acima da minha cabeça.

Sabia que ela fumava.

— Você aceita limonada ou algo assim?

— O quê? Não.

A conversa para por um tempo. Então, a voz alterada de Beck surge de novo:

— Eu realmente achei que... Não sei. Sei que faz tempo, mas achei que, quando chegasse aqui... quando você me visse...

Mais silêncio. Em seguida, Beck completa em um sussurro:

— Você realmente não se lembra de mim?

Outra nuvem de fumaça.

— Eu morei em várias casas. Foi uma época difícil para mim. Meu terapeuta diz que é normal, sabe, bloquear a dor?

Outra pausa, outra nuvem. Então a voz de Claire surge de novo, dessa vez, mais baixa:

— Sabe, eu não...

Mais silêncio, então Beck pergunta:

— Você está bem?

— Não. Quer dizer, sim, é só que...

— O quê?

— Não deve ser nada, mas... Eu fiz uma promessa, ou algo assim?

Outra pausa.

— Como o quê? — pergunta Beck.

— Nada. Tenho certeza de que não é nada. Você quer limonada?

Beck suspira.

— Preciso ir.

Abaixada, volto pelas casas, corro até a caminhonete e começo a chutar os pneus assim que a porta se abre. Enquanto Beck atravessa o gramado, enfio as mãos no bolso como se tivessem estado ali o tempo todo.

— O que está fazendo, Mim?

A voz dele soa trêmula.

— Só checando se a embarcação está pronta para navegar — respondo, pigarreando e abrindo meu sorriso mais casual, otimista e nada bisbilhoteiro. — Então, como foi?

— Tudo bem — mente ele, abrindo a porta do motorista. — Vamos embora.

Na caminhonete, Walt coloca o último quadradinho verde no lugar.

— Os pneus estão cheios de ar e tal, Mim?

— Estão, sim, Walt.

— Ei, oi, eu sou Walt.

— Isso aí — sussurra Beck, enquanto sai com o carro para a rua.

Passamos pelo centro de Bellevue em silêncio. Só posso imaginar o que está se passando pela cabeça de Beck agora. Ele veio até

aqui só para uma órfã fumante de testa franzida e com amnésia lhe oferecer limonada — duas vezes. É muito azar.

Em frente a uma sorveteria fechada e coberta de tábuas, um garotinho está sozinho, chorando desesperadamente. Não consigo deixar de pensar que é a única coisa que uma criança pode fazer hoje em dia. Não consigo deixar de pensar que é a única maldita coisa que faz sentido.

Segundas-feiras de Kung Pao

SEM POMPA NEM circunstância, limpo a maquiagem de guerra. Não há bexigas, confete nem buquês de rosas. Mesmo assim, encarando a mim mesma em mais um espelho sujo, sinto meu coração se encher com uma sensação de não sei o quê... talvez nostalgia. Nunca fui de correr, mas, agora que Cleveland está a míseras horas de distância, parece muito com a reta final.

Tenho quase certeza de que isso foi minha magnum opus.

Como quase tudo no restaurante, a porta do banheiro é toda de bambu: o carpete berbere desbotado é a terra, o papel de parede florido, o oxigênio, e — pasmem! — as sempre-vivas exóticas do Sudeste Asiático desabrocham como muitas das ervas daninhas comuns aqui na mesmice do nordeste de Ohio.

Então basicamente caminho de volta para a mesa atravessando o interior da Ásia.

— Você está corada? — pergunta Beck, mordendo um pedaço de espetinho de frango.

Merda. Mesmo com o removedor de maquiagem, o batom deixa manchas avermelhadas.

— Não — respondo. Mas devo estar. E, mesmo que não estivesse quando ele perguntou, agora estou. — Onde está meu pato?

Beck dá risada.

— Você sabe que isso soa ridículo, não é?

Walt, sem tirar os olhos do prato, começa a rir.

Deslizo pelo banco da mesa de bambu.

— Se eu quiser pato, vou comer pato. Além do mais, comida chinesa antes das onze da manhã não foi sugestão minha.

— Você não gosta de comida chinesa? — pergunta Walt.

Depois de comer o espetinho de frango, ele usa o palito para espetar uma ervilha.

— Amo a comida, Walt. Odeio os restaurantes. Quer dizer, todos menos um.

Beck e Walt preferiram o buffet e agora estão comendo frango agridoce. É preciso dar crédito aos chineses: eles conseguiram aperfeiçoar todas as variedades de frango.

— Qual? — pergunta Beck.

— O quê?

— Você disse que só come em *um* restaurante chinês. Qual?

— Que diferença isso faz? Não são todos iguais? A maioria parece...

Aponto para o buffet no meio do salão, onde uma fila de homens brancos com sobrepeso e olhar selvagem competem pelo primeiro lugar.

Beck mastiga um pedaço de brócolis.

— Você é bem doida, sabia?

— Perdoe-me por preferir minha comida imaculada.

— Imaculada? — repete Walt.

— Fresca. Intocada por estranhos nojentos e deformados que pagam \$5,95 e comem de uma só vez o suficiente para uma semana. Buffet é só... Não é comida, sabe? É *pasto*.

— Eu gosto de pasto — comenta Walt, bem na hora em que meu pato chega.

Depois de dar a última garfada, ele se levanta e volta para o buffet.

Beck o observa se afastar, tomando um gole d'água e franzindo a testa.

— Queria que a gente pudesse fazer alguma coisa por ele.

Dou uma mordida. A carne está meio dura para um pato, mas, considerando a conjuntura das coisas, não me arrependo do pedido.

— Como assim?

— É que, tipo, o garoto não tem casa. Para onde ele vai?

Dizer que eu não tinha pensado nisso seria apenas meia verdade. Já tinha considerado o destino de Walt, assim como o de Beck e o meu próprio. Mas, até o momento, só tinha me deixado pensar na fantasia. No filme da minha vida, Beck, Walt e eu formamos nossa própria família estranha, onde o amor e a honestidade superam tudo. Pegamos Tio Phil e atravessamos o país de uma costa à outra, arrumando trabalhos temporários quando possível, preparando um hambúrguer aqui, aparando um gramado ali. Ficamos hospedados em vilarejos remotos nas montanhas e, à noite, vamos beber em pubs e conhecemos donos de pensões, artesãos, fazendeiros e lenhadores da região, gente simples e de valor, do tipo que encontramos nas histórias. Gente. Não pessoas. Gente de verdade. E se, com o tempo, Beck se apaixonar perdidamente por mim, tudo bem. Isso não vai mudar nada (com exceção do esquema para dormir). Nosso amor um pelo outro só aumentaria o amor que sentimos por Walt. Sob nosso teto, ele teria todo o Mountain Dew que quisesse. Sob nosso teto, ele nunca perderia um jogo do Cubs. Sob nosso teto, teríamos risadas e amor, vivendo as nossas malditas vidas. Sob nosso teto...

Quanto à realidade, bem, essa eu passei bem menos tempo considerando.

— Eu me pergunto se poderia levá-lo comigo para Chicago — comenta Beck.

Paro no meio de uma mordida.

— É sério?

— O que você sugere? Que a gente simplesmente o largue no bosque outra vez?

Engulo o que estou mastigando. A comida de repente perdeu o sabor.

— Não estou sugerindo isso. Meu Deus, isso é... Por que você acharia que eu seria capaz de sugerir isso?

Beck passa a mão pelo cabelo.

— Olha. Na verdade, você está tentando... não sei... descobrir onde é sua casa, certo? E a dele?

Não respondo.

— Mim?

Walt volta para a mesa com o prato cheio.

— Ei, oi — diz, enquanto se acomoda.

Sinto que Beck está me observando.

— Mim — sussurra ele.

— Não estou com fome — digo, afastando o prato.

Minutos depois, a garçonete aparece com a conta. O papel vem em uma pequena bandeja com um punhado de biscoitos da sorte.

De repente, não consigo respirar.

Tiro uma nota de vinte e uma de dez da lata de café cada vez mais vazia, jogo o dinheiro na mesa e me levanto, carregando a mochila no ombro.

— Mim, espere — chama Beck.

Não respondo. Não consigo. Só consigo colocar um pé na frente do outro, cada vez mais rápido, mantendo a cabeça baixa, tentando

não desmaiar, não chorar, não vomitar. Tentando apenas respirar...
Deus, só quero respirar.



4 de setembro — fim da manhã

Querida Isabel,

Alguns Motivos surgem de surpresa, quando menos se espera. Este é estranho, considerando que, apesar de não conseguir identificar direito *por que* é um Motivo, sei que é. É como aquela peça pequena do meio do quebra-cabeça, a que a gente sabe que é importante, mas só depois de montar os cantos. Não sei se isso faz sentido, mas esse Motivo parece aquela pequena peça do meio.

O Motivo nº 8 é a tradição das segundas-feiras de Kung Pao.

Antes do divórcio, da mudança e de a merda ser jogada no ventilador, segunda-feira era meu dia favorito na semana. Minha mãe e eu entrávamos em seu velho Malibu, colocávamos Elvis para tocar bem alto e íamos para o restaurante chinês Evergreen, que tinha o orgulho de servir o melhor frango Kung Pao deste lado da Grande Muralha.

Em uma dessas segundas-feiras, minha mãe contou sobre quando foi de carona de Glasgow para Dover e quase caiu no rio Tâmis. Prestei atenção, absorvendo a história como uma esponja, fingindo não ter ouvido antes, apenas feliz em me banhar da magia das segundas. Ela terminou a história, e, juntas, morremos de rir. (Na história da História, nunca existiu alguém que risse como minha mãe, com tanta intensidade e juventude.)

Ela abriu um biscoito da sorte batendo-o na borda da mesa como se fosse um ovo e desenrolou o pequeno papel com cheiro de baunilha. Esperei pacientemente pelo *kitsch* celestial: *os portões para a liberdade, os anseios mais profundos e os amores verdadeiros revelados sob o luar*. Mas a sorte dela não foi tão fortuita assim.

Bem ali, olhando para o papel, minha mãe fez três coisas.

Primeiro, parou de rir. Foi meio trágico, na verdade, ver a risada evaporar daquele jeito. Segundo, tomou um gole de cerveja e colocou a sorte do outro lado da mesa.

— Leia, Mim — sussurrou ela.

Minha mãe nunca me chamava pelo apelido. Em seus lábios, soava estranho e gutural, como um estrangeiro pronunciando errado uma palavra simples. Olhei para a sorte, virei o papel para um lado, depois para o outro. Não havia nada escrito. Nenhuma palavra de sabedoria ou previsão catastrófica, apenas... nada. Uma tira de papel em branco.

A terceira coisa que ela fez foi começar a chorar.

Câmbio e desligo,
Mary Iris Malone,
Queridinha do *Kitsch* Celestial

Despedidas de faz de conta

FECHO O DIÁRIO com firmeza e desço do capô da caminhonete. Do outro lado do estacionamento, Beck e Walt saem do restaurante, e na mesma hora percebo que alguma coisa está errada. Beck está com o braço ao redor dos ombros de Walt, que parece andar com dificuldade.

— O que aconteceu? — pergunto, quando eles se aproximam da caminhonete.

Beck abre a porta e ajuda Walt a entrar.

— Ele parou do nada na metade do último prato. Disse que estava todo errado.

— Estou todo errado! — resmungo Walt, dentro da caminhonete.

— Viu só? — indagou Beck.

Subo no banco do passageiro enquanto Beck se senta ao volante.

— O que foi, parceiro?

— Minha cabeça, minha barriga, meu tudo. Estou todo errado.

De perto, vejo que o rosto dele está pálido e úmido. Encosto a mão na testa de Walt por alguns segundos.

— Merda. Ele está com febre.

— Bem, então... — responde Beck, pegando o celular.

— O que você está fazendo?

— Procurando o hospital mais próximo. — Alguns segundos depois, ele completa: — Estamos em uma cidade chamada Sunbury.

Parece que tem uma clínica pequena no fim desta rua, só que...

— O quê?

— Está fechada. Por causa do...

— Nem me diga.

— ... feriado.

Afasto a franja dos olhos.

— Como assim? Então as pessoas precisam esperar até depois do fim de semana prolongado para ficar doentes? — Entre nós dois, Walt começa a gemer, se balançando para a frente e para trás no banco. — Bem, precisamos fazer alguma coisa. Ele deve estar com intoxicação por causa daquele buffet de merda. Provavelmente vão precisar tirar todo aquele frango do estômago dele.

— O pasto! — geme Walt.

— Acho que encontrei um lugar aberto — anuncia Beck, olhando para o celular.

— Bom, então *vamos*.

Beck guarda o celular na jaqueta e dá a partida. Os gemidos de Walt ficam ainda mais altos, e, de repente, me dou conta de que não sei o sobrenome dele. *Como é que eu não sei isso? Que tipo de amiga eu sou?* Hospitais são sinônimos de papelada, e papelada é sinônimo de sobrenomes. Se for algo sério, estamos encrencados.

Alguns minutos depois, Beck para no estacionamento de um prédio comercial.

— Onde fica o hospital? — pergunto.

Ele desliga o motor e aponta pelo para-brisa.

CLÍNICA VETERINÁRIA DE SUNBURY

Centro de Atendimento para Animais

(ABERTO NOS FERIADOS)

— *Centro de atendimento para animais?*

— Vamos lá, parceiro — diz Beck, ajudando Walt a descer do carro.

— Centro de atendimento para animais? — releio a placa, só para o caso de eu ter entendido errado da primeira vez. Não. É isso mesmo. — Beck, você não pode estar falando sério...

Beck bate a porta. Fico olhando enquanto ele passa o braço de Walt sobre os ombros e o ajuda a entrar na clínica. (Correção: *centro de atendimento para animais*. Para animais.) Balançando a cabeça, saio da caminhonete e vou atrás deles.

A recepção parece a sala do diretor da minha escola: decoração minimalista em tons de marrom e vermelho, pôsteres cafonas, cadeiras de couro empoeiradas e revistas pré-históricas.

Uma garota com cara de nova surge de uma sala dos fundos, e, nesse momento, a ideia vai de ruim a ridícula. Ela está com o cabelo escuro preso em um coque e usa um uniforme cirúrgico que um dia deve ter sido azul. Mas não é mais. Está coberta de sangue da cabeça aos pés. Litros de sangue.

— Olá — diz, como se não fosse nada, como se fôssemos vizinhos de armário na escola, como se ela não tivesse acabado de tomar um banho de sangue e depois aparecido ali. *Olá*.

— Hum... — começa Beck. Ele olha para mim em busca de ajuda. *Pode esperar sentado*. — Certo — continua. — Bem, nosso amigo aqui está doente. É o que a gente acha. Quer dizer, ele está, é óbvio. Olhe só para ele.

A veterinária — que optei por acreditar que estava no meio de uma cirurgia, não de um ritual de sacrifício com um exército de seguidores sedentos de sangue vindos das profundezas do inferno — olha para Walt. Observo a mudança em seus olhos quando ela percebe. *Pois é*, tenho vontade de dizer. *Trouxemos humanos. Por*

favor, não dê uma de Sweeney-Todd. A expressão no rosto de todos deve ser óbvia. Ela olha para as próprias roupas.

— Ah, desculpem. — Ela dá risada. — Sentem-se. Vou me trocar e já volto.

Nós dois ajudamos Walt a se sentar em uma cadeira. Ele ainda está gemendo, mas, é preciso reconhecer, o volume diminuiu um pouco desde que saiu da caminhonete. Sento-me ao lado de Beck e o encaro.

— Funcionou em um episódio de *Seinfeld* — explica ele, evitando contato visual.

Não respondo.

Ele dá de ombros.

— Esquece, você deve ser nova demais.

— Para quê? Ver reprises? Eu vi *Seinfeld*, cara.

— Bom, você lembra o episódio em que Kramer acha um cachorro com uma tosse igual à dele?

Inclino a cabeça para o lado, contendo um sorriso e, por um segundo, ficamos só olhando um para o outro.

— Então... acho que minha melhor opção aqui é só, sabe, deixar o ridículo dessa frase marinando.

Agora é Beck quem está contendo um sorriso.

— Idem.

Juntos, contemos os sorrisos e deixamos o ridículo de nossas frases marinando.

Cruzo os braços.

— Ainda estou brava com você.

— Pelo quê?

— *Pelo quê?* — imito.

A veterinária volta alguns minutos depois, e, se eu estava com medo antes, agora estou apavorada. Seu cabelo castanho, de um

lindo tom café e com a quantidade certa de ondas, está solto. Ela trocou a roupa cirúrgica por uma blusa roxa justa, com um laço enorme no pescoço, uma saia preta plissada — não curta demais, mas curta o suficiente — e um par de sapatilhas. O rosto, agora limpo, tem aquele tipo de harmonia que só uma mulher enxerga. O pacote está completo com um sorriso deslumbrante — dirigido a Beck.

— Desculpem — diz ela, dando a volta no balcão. — Eu estava fazendo uma cirurgia emergencial de retirada de baço em um labrador de sete anos depois que um tumor, possivelmente provocado por um hemangiosarcoma, rompeu o baço. O pobrezinho estava com a barriga distendida, as gengivas pálidas, todos os sintomas. De todo jeito, o baço teve que ir embora, é *claro*, mas às vezes, quando você o retira... — ela junta os punhos e faz um gesto de explosão, completo com efeitos sonoros — ... é sangue pra *todo lado*.

Olho para Beck e faço uma nota mental para inventar um sinal secreto para futuras situações complicadas como essa, algo que signifique *me tire daqui*.

Beck se levanta, lendo meus pensamentos.

— Bom, não queremos atrapalhar. Você parece bem ocupada.

— Ah, o cachorro morreu — explica ela, jogando o cabelo por cima do ombro. — Vocês vieram no momento certo. Sou a dra. Clark, a propósito. Ou... Michelle, se preferirem.

Por um instante, ninguém responde. A voz de Walt surge baixa, surpreendendo a todos:

— Seu cachorro morreu?

De algum jeito, o garoto consegue acabar até com as situações mais estranhas com nada além de sua inocência cega.

— Michelle — interrompe Beck —, este é Walt. Achamos que ele está com intoxicação alimentar ou algo do tipo, e a... clínica para humanos está fechada por causa do feriado.

Walt, ainda encurvado na cadeira, parece paralisado pela presença da garota.

— Você é muito, muito bonita. — Ele aponta para os sapatos dela. — Sapatos brilhantes. — E depois para o rosto. — Dentes brilhantes. — Então abaixa a cabeça, assentindo. — Gosto do seu brilho.

A dra. Clark inclina a cabeça, sorri e... *mas que merda*, até o sorriso dela é harmônico. Apoiando um joelho no chão, ela passa um braço por cima dos ombros de Walt.

— Você é muito gentil, querido. Sinto muito que esteja se sentindo mal. Onde dói?

Walt coloca a mão na cabeça.

— Não estou mais todo errado, mas minha cabeça está. Minha cabeça dói.

A dra. Clark se vira para Beck, como se eu não estivesse bem ali ao lado.

— Vômito, diarreia ou os dois? — pergunta.

— Hum, nenhum — responde ele.

— *Ah, é?* — Ela segura o pulso de Walt, fica de pé e o ajuda a se levantar da cadeira. — Venha comigo, querido. Já voltamos. Fiquem à vontade.

— Seu cheiro também é brilhante — comenta Walt, desaparecendo com a dra. Clark pelo corredor.

Beck desaba da cadeira ao meu lado, inclina a cabeça e fecha os olhos.

— Estou exausto.

— Isso é comum quando se dorme em caminhonetes.

— Mim, não sei o que foi que eu disse que deixou você chateada, mas peço desculpas.

Só de ouvir Beck dizer isso em voz alta me dá calafrios. Ele só está preocupado com a gente, o que não é motivo para se desculpar. Penso em suas palavras no restaurante, sobre como eu estou tentando descobrir onde é minha casa. E é verdade, estou mesmo. Mas não é só isso. Durante toda a vida estive em busca do meu grupo, e, durante toda a vida, só encontrei o vazio. Em algum momento, não sei quando, aceitei o isolamento. Eu me encolhi em posição fetal e aceitei uma vida de observações e teorias, o que não é viver de verdade. Mas, se momentos de conexão com outro ser humano são tão raros, como foi que me conectei tão rápida e profundamente com Beck e Walt? Como é possível ter criado com eles, em dois ou três dias, uma relação mais profunda do que com qualquer outra pessoa em dezesseis anos? Passei a vida escalando encostas, vasculhando os quatro cantos da Terra, procurando desesperadamente algum outro ser humano que *me entendesse*. E acho que, se conseguir encontrar isso, vou encontrar meu lar. As palavras de Beck no restaurante me machucaram muito porque...

— Não sei como me despedir de você.

Ele abre os olhos, a cabeça ainda no encosto da cadeira.

— Eu sei.

Tudo fica em silêncio por um instante, enquanto tento dar forma a essas palavras impossíveis.

— Talvez não precise ser, hum, uma despedida *de verdade*, sabe?

— Se comparada a uma despedida de faz de conta?

— Na verdade, sim. Prefiro muito mais as despedidas de faz de conta às de verdade.

Beck sorri, boceja e se espreguiça.

— Então... acho que o melhor a fazer é só, sabe, deixar o ridículo dessa frase marinando.

Meu Deus, quero mordê-lo.

— Concordo — digo.

Fechando os olhos de novo, Beck muda a posição da cabeça no encosto da cadeira e, com um movimento certo, segura minha mão. Mesmo de olhos fechados, ele sabia onde me encontrar. Quero chorar por mil razões e rir por outras mil. Este é meu equilíbrio anômalo, o lugar onde Beck e eu podemos deixar o ridículo de nossas frases marinando junto com outras coisas. É um momento singular de clareza entre duas pessoas, e, raro ou não, não estou pronta para abrir mão disso.

Cheguei ao topo da encosta.

Vasculhei os quatro cantos da Terra.

E encontrei meu grupo.

Meu Deus, quase sinto inveja de mim mesma.

Segurando a mão de Beck no colo, encontro a coragem que nunca soube que tinha para deitar a cabeça no ombro dele.



— EI, OI!

Acordo atordoada. Walt está de pé à nossa frente e, apesar de não ter recuperado a aparência normal, tem um pouco mais de cor no rosto. Beck solta minha mão, senta-se ereto e esfrega os olhos.

— Há quanto tempo estamos dormindo? — pergunta.

— Uns dez minutos — responde a dra. Clark. Ela está sentada do outro lado do balcão, digitando alguma coisa no computador, e

posso até estar enganada, mas parece menos *Michelle* e mais *dra. Clark*. — Não quis acordá-los. Vocês pareciam tão... *confortáveis*.

O que passa pela minha cabeça é: *Vitória! Seu laço gigante, seu cabelo perfeito, sua saia curta e seus sapatos caros não são páreo para a perspicácia e as habilidades de Mim Malone, rainha da energia, chefe de uma tribo cherokee louca por guerras, conquistadora do Vodú Veterinário de todo o mundo!*

O que sai da minha boca é:

— E então, doutora, qual é o veredito? Vamos ter que retirar o baço de Walt?

A dra. Clark, ignorando completamente minha piada (hilária), pega uma folha da impressora e dá a volta no balcão. Ela entrega o papel e uma caixa de comprimidos a Beck.

— O que é isso?

— Aspirina — responde ela. — Queria perguntar... vocês por acaso comeram no buffet do Ming?

Todos ficam em silêncio por um instante. Dessa vez, sou eu quem começa a falar:

— Eu *avisei*, porra!

A dra. Clark sorri, mas não é um sorriso sincero.

— Seu amigo não teve intoxicação alimentar. Teve uma reação alérgica ao glutamato monossódico. Minha irmã teve a mesma coisa quando comeu no Ming. Se estiver com desejo de comida chinesa, é melhor ir aos restaurantes no centro da cidade.

— Mas nós comemos as mesmas coisas — argumenta Beck, observando a conta.

— O glutamato monossódico tem efeitos diferentes em pessoas diferentes — explica a dra. Clark, dando tapinhas nas costas de Walt. — A boa notícia é que ele só precisa dormir e se hidratar, aí

vai ficar novinho em folha. Enquanto isso, os comprimidos vão ajudar com a dor de cabeça.

Franzindo a testa, Beck me entrega a conta.

— Desculpe — eu me manifesto, lendo as informações. — Você está cobrando duzentos dólares por aspirina?

A dra. Clark pisca.

— Diagnóstico não é barato.

Diagnóstico. Claro.

Beck e eu nos entreolhamos.

— Eu não tenho essa grana — diz ele.

— Nem eu.

— Eu tenho na mala — anuncia Walt. — Meu dinheiro-do-pai.

Eu tinha esquecido completamente. Estamos arrastando a mala dele de um lado para outro, e não me perguntei nenhuma vez o que tinha lá dentro. Walt ainda não trocou de roupa. Aliás, a única vez que o vi abrir a mala foi ontem à noite, na caçamba do Tio Phil.

— Walt — digo, encarando Beck em busca de confirmação. — Tem certeza?

Ele assente, olhando para a dra. Clark como se estivesse disposto a pular de um precipício se ela mandasse. Detesto a ideia de usar o dinheiro de Walt, mas... é para a saúde *dele*.

Eu me levanto e vou em direção à saída.

— Já volto.

Lá fora, o sol chegou ao ponto mais alto, esquentando o asfalto do estacionamento. Abro o casaco de moletom, subo na carroceria da caminhonete e me ajoelho diante da mala de Walt. As fivelas prateadas dos dois lados estão fervendo. Trabalhando depressa, destranco e abro a mala. Não tem muita coisa lá dentro. Algumas camisas esfarrapadas, dois cobertores, um saco plástico cheio de papel-alumínio, cliques de papel e outras porcarias brilhantes, duas

latas de patê de presunto, o programa do Reds, o cubo mágico e, claro — sorrio quando vejo o short jeans. Embaixo do jeans puído, encontro uma carteira de couro cheia. Guardo-a no moletom e estou prestes a fechar a mala quando uma coisa embaixo dos cobertores atrai minha atenção. É brilhante, claro. *Deve ser uma calota*, penso. Quando levanto as camadas de tecido, encontro um porta-retratos de madeira e latão.

Nele, há uma fotografia. Walt exibe seu sorriso clássico, com o clássico boné do Cubs virado para trás, como se alguém o tivesse puxado. Atrás dele, uma mulher na casa dos trinta anos está com as mãos nos ombros dele. Ela o beija no rosto. Os dois estão na frente do Wrigley Field, no que parece ser um glorioso dia de sol. Sem dúvida, é a foto mais feliz que já vi. Sentindo um nó se formar na minha garganta, guardo a foto com cuidado embaixo dos cobertores, fecho a mala e volto para a clínica.

Beck está certo.

... **32** ...

A r e t a f i n a l

— MENTIRA — DIZ BECK.

Balanço a cabeça e sorrio, mesmo que seja a primeira vez que ache isso engraçado.

— Antes de eles se casarem, o nome dela era Kathy Sherone. Eu guardei o antigo crachá dela do Denny's, se você não acredita em mim.

Voltou a chover, ainda que menos intensamente do que em Cincinnati. Pela torrente, consigo ler uma placa na lateral da estrada 71 norte:

ASHLAND/WOOSTER — 93 KM
CLEVELAND — 190 KM

— Mas por que o hífen? — pergunta Beck.

— A mulher está além da compreensão lógica.

Ele mantém os olhos na estrada e balança a cabeça.

— Kathy Sherone-Malone.

— Sherone-Malone, que merda — sussurro.

Sentado entre nós dois, Walt segura a mala no colo, com a cabeça enfiada lá dentro e o boné enfiado na cabeça. Ele pegou no sono logo depois que saímos da Clínica Veterinária de Sunbury, se

bem que não sei dizer se foi por causa do problema (cinco pratos cheios de glutamato monossódico) ou da solução (quatro aspirinas extrafortes). Talvez uma combinação dos dois.

Não contei a Beck sobre a foto de Walt com a mãe. Eu mesma mal consigo pensar naquilo.

Fico encarando meus sapatos.

Estão bem longe de serem sapatilhas Tory Burch.

— Então — comento —, você pegou o contato dela?

— Peguei o quê de quem?

— *Michelle*. Você pegou o contato dela?

Beck dá um meio sorriso, mas não é sincero.

— Não, Mim. Eu não... peguei *o contato* dela.

Coloco os óculos de sol modelo aviador de Albert. Pode estar nublado, mas às vezes é bom se sentir outra pessoa.

— Se deu mal, Van Buren. Pense em todas as oportunidades que perdeu.

— Por exemplo?

— Bem, para começar, acesso ilimitado a baços de cachorro. O relacionamento valeria a pena só por isso. Banhos de sangue sexy, diagnósticos sussurrados na cama... Ela deve precisar de ajuda para fazer aqueles laços gigantes nas blusas.

— Eu faço laços como ninguém.

— Viu só? Além do mais, está na cara que ela vai receber um processo por negligência.

— E isso é bom?

— Para você, pode ser. Pode ficar ao lado dela no tribunal, como um bom marido...

— Marido?

— Namorado, que seja. Se fizer tudo direitinho, pode até conseguir seu próprio reality show.

— Droga! — exclama Beck. — Você tem razão. Eu devia ter pego o contato dela.

— Bem, cara, não é tarde demais. A não ser que... Vocês não tiveram uma despedida *de verdade*, não é? Se algum dia houve uma despedida de faz de conta, foi com a doutora... — joga o cabelo para o lado como se fosse três vezes mais comprido — *Michelle. Clark.*

Ele respira fundo, ergue as sobrancelhas e assente devagar.

— Se deu mal, Van Buren. Se deu mal.

Nunca fiquei tão satisfeita com o resultado de uma conversa nem tive mais confiança em minha capacidade de controlar a droga do mundo inteiro.

Nossa conversa não atrapalhou o sono de Walt. Se muito, os roncos ficaram mais altos que nunca.

Beck sorri para ele.

— Não acredito que levamos Walt ao veterinário.

— Pois é. Mas, para falar a verdade, ele é meio de estimação.

Damos risada porque o amamos, e, pela meia hora seguinte, descubro todo tipo de detalhe sobre Beck. Ele gosta de cheiro de livros mais do que de cheiro de bebês. Detesta Bill Pullman, mas acha Bill Paxton o máximo. Gosta de pimentão vermelho grelhado com qualquer coisa *menos* pizza. Odeia Rolling Stones, ensopados e lagos. Ama Beatles, comida tailandesa e o mar. E dirige muito bem. Na verdade, a concentração dele deve estar no nível de figuras como Carl L. Jackson, o que quer dizer muita coisa.

A conversa chega ao fim. Folheio o programa do Reds, meus pensamentos indo das fantasias à difícil realidade. Estou com a foto de Walt gravada na mente e, apesar de saber que Beck está certo (*precisamos* ajudá-lo), nem imagino como fazer isso.

— Ela era mesmo sexy — murmura Beck.

Cada gota de sangue do meu corpo vai parar no rosto.

— Quem?

— Michelle.

Eu viro a página.

— É.

Sinto os olhos dele em mim, mas não falo mais nada. Viro outra página.

— Você não acha? — pergunta.

— Claro. — Viro mais uma página, espero um instante. — A diferença de idade não é tão grande.

Não dá para dizer que estamos em silêncio em meio à chuva e aos roncos, mas, de repente, é o que parece. É pesado e desconfortável, nós dois ficamos enterrados sob o peso das palavras. Jogo o programa do Reds no painel.

— Desembucha.

— Desembucha...?

— O que Claire prometeu?

Não sei ao certo quem está mais surpreso com a pergunta, Beck ou eu. Depois de um considerável debate mental naquela tarde, eu tinha decidido não perguntar. Mas alguém precisava dizer alguma coisa, ou íamos acabar sufocando.

— Eu sabia que você estava lá fora. — Beck olha para a chuva forte, balançando a cabeça devagar. — Quando vi a janela aberta, tive certeza.

— Claro, claro, você é brilhante e sabe de tudo. Então, o que ela prometeu?

— Nada — sussurra ele, com a voz entrecortada. — Mas eu fiz uma promessa a ela.

Não falo nada. Não preciso. É como minha mãe ensinou: às vezes o silêncio é a melhor resposta.

— Mais ou menos um ano depois de Claire chegar, fomos avisados de que o pai dela tinha saído da prisão. Ela ficou mais do que feliz. Começou a falar de um jeito diferente. Por exemplo, se fôssemos comer em um lugar, ela dizia “Vou sentir falta daqui.” Ou, se fôssemos ao cinema e o filme fosse bom, ela dizia “Com certeza vou trazer meu pai para ver esse filme”. Tudo girava em torno do reencontro dela com o pai. Então alguns dias se passaram, mas não tivemos notícias. Então semanas, um mês... nada. A essa altura, todas as coisas dela já estavam na mala, Claire queria estar pronta para ir embora a qualquer minuto. Então, certa manhã, apareceu uma matéria no jornal, no caderno local. O pai dela havia sido assassinado a facadas tentando comprar drogas.

— Merda.

— Claire se trancou no banheiro do segundo andar. Dava para ouvi-la chorando na casa toda. Eu derrubei a porta com um chute e a encontrei na banheira. Tinha cortado os pulsos.

— *Que merda, Beck.*

— Ela não morreu, óbvio. Mas as coisas ficaram diferentes depois disso. Ela fugiu. Mais ou menos três meses depois, meus pais se separaram.

Por trás da segurança dos óculos de sol, encaro a chuva com o olho bom e tento me colocar no lugar de Beck. Ele tinha desperdiçado anos em um arrependimento que, quando confrontado, não era nada do que ele havia imaginado. Consigo ver Claire Sisuda sentada sozinha naquela casa apática de cidadezinha — cigarro, terapia, limonada, enxague e repita... Se o hábito faz o monge, o dela é um déspota.

— Você já teve a sensação de ter perdido algo importante, só para descobrir que a coisa nunca existiu para começo de conversa?
— pergunta Beck.

Não respondo. Não é esse tipo de pergunta.

— Antes de Claire fugir — continua —, enquanto ainda estava no hospital, olhei bem nos olhos dela e disse que sempre poderia contar comigo. Mas era mentira. E agora ela nem se lembra de mim.

Reconheço o tom. *E se... e se... e se...* Sempre jogo esse jogo do “e se?”. Mas isso é uma roubada, e eis o motivo: é impossível vencer. Perguntar “e se?” só pode levar a “talvez as coisas tivessem sido diferentes”, passando por “Será que a culpa foi minha?”.

No dia 15 de fevereiro, meu pai e eu fomos ao cinema. Eu me lembro da data exata porque o cinema estava fazendo uma promoção pós-Valentine’s Day de dois ingressos pelo preço de um. Depois do filme, meu pai insistiu em tomar café da manhã no jantar. Ele sabia que eu nunca recusaria. (O café da manhã é um dos traços principais dos genes Malone, e, gostando ou não, se você colocar ovos e bacon na minha frente, sou Malone até o fim.) Ele sugeriu o Friendly’s. Suspirei, sempre uma adolescente trágica, e disse que preferia o Denny’s.

Então fomos no Denny’s.

Nossa garçonete era uma aspirante a escritora: uma moça falante, empolgada, novata na indústria de alimentos. Meu pai pediu um Grand Slam (a metáfora das metáforas: panquecas, ovos, tiras de bacon e linguiça) e tomou três cafés. Como era raro ele beber café à noite, achei estranho, mas não falei nada. Nós comemos, fomos embora, e foi isso.

Só mais tarde, depois que todas as peças se encaixaram, foi que comecei a jogar o jogo do “e se?”. E se eu não tivesse mencionado o Denny’s? Era minha culpa ele ter conhecido Kathy? Talvez as coisas pudessem ter sido diferentes.

Xeque-mate.

A casa ganha.

Toda. Maldita.Vez.

Beck continua dirigindo, adentrando as estradas traiçoeiras do “e se?” enquanto procuro as palavras certas para algo que não tem resposta certa. Os limpadores de para-brisa, a chuva, os roncões — ainda estou nessa não sei o quê... nessa orquestra, acho. Nossa cacofonia de viagem. E, mesmo que as coisas estejam tensas, percebo como estou feliz por estar entre amigos. Claro, adoraria beijar/abraçar/casar/apertar Beck, mas, no momento, fico feliz de só estar com ele. às vezes, *estar* com alguém é meio subestimado, na minha opinião.

E lá estão elas.

As palavras certas.

— Você apareceu na porta da casa dela, Beck.

Ele começa a chorar. Eu viro a cabeça e observo a chuva com o olho bom.

— Você foi até lá. E isso significa mais do que você imagina.

ASHLAND, OHIO

(97 quilômetros pela frente)

Balas de gelatina sabor pêssego

4 de setembro — começo da noite

Querida Isabel,

Vou ser sincera com você, Isa, às vezes eu daria qualquer coisa para ser burra. Não estou dizendo que sou um gênio nem nada do tipo, e sei que parece estranho, mas às vezes penso em como deve ser maravilhoso ser idiota. Eu poderia ficar o dia todo sentada, comer salgadinhos sabor queijo e engordar enquanto assisto a novelas ou eventos esportivos japoneses no meio da tarde. Meu Deus, isso às vezes soa incrível. A melhor parte de ser burra, imagino, é simplesmente *não se importar*. É claro que eu poderia fazer todas essas coisas, claro, mas, no fim do dia, me sentiria péssima por não ter feito nada de útil.

(Acho que me desviei dos Motivos, não foi? Fazer o quê? Às vezes, a gente precisa seguir o fluxo.)

Conheci minha primeira Claire hoje de manhã e, como regra geral, estou oficialmente alertando você a ficar longe delas. São problemáticas. Essa Claire específica pode não ser gorda, mas com certeza adora salgadinhos sabor queijo.

Juro que, quanto mais velha fico, cada vez mais valorizo os maus exemplos em vez dos bons. É uma coisa boa, porque a maioria das pessoas é um bando de peões egocêntricos, neuróticos e autocentrados que insiste em usar óculos para miopia em um mundo hipermetrope. E é exatamente esse tipo de ignorância míope que gerou minha teoria visionária. Eu a chamo de "Teorema Mim do Macaco De Não Imitação", e se resume a isto: acredito que existem pessoas cujo único propósito na vida é mostrar ao restante de nós o que *não* fazer.

Câmbio e desligo,
Mary Iris Malone,
Aspirante a Idiota



ESTE POSTO DE gasolina é o pior de todos. Beck está colocando diesel, mas, do jeito que a frentista está olhando para ele, é de se pensar que está fazendo um strip-tease.

— Gostei do seu livro de boneco de palitinho.

— O quê?

Walt aponta para meu diário.

— O livro de boneco de palitinho. Irraado.

O homem de palitinho magrelo da capa, com os ridículos pés chatos, olha para nós do meu colo. O diário em si não resistiu muito, porém foi bem barato. Acho que esperar um Moleskine teria sido pedir demais.

— Walt, como você está se sentindo?

— Não estou mais todo errado, Mim — responde ele. — Estou todo certo.

Fiquei pensando nisso, nessa história de estar todo errado. De repente, faz todo sentido do mundo. Se não está tudo certo com alguém, a conclusão lógica é que está tudo errado. Faço uma anotação mental de comentar esse novo “waltismo” sensacional com Beck.

— Quer Mountain Dew?

Ele deixa o cubo mágico inacabado cair no chão e sorri para mim.

— É, foi o que pensei. Espere aqui, já volto.

— Certo. Eu espero aqui, você já volta. Com Mountain Dew.

Desço da caminhonete e atiro cimitarras pelos olhos para aquela interesseira do gueto colocando o combustível na nossa frente.

— Beck, você quer alguma coisa? Vou pegar *two* Mountain Dews.

— Pegue *three* — responde ele, fechando a tampa do tanque.

Quando entro no posto, não consigo deixar de pensar no quanto odeio lugares engordurados, fedidos, úmidos, inexplicavelmente sujos e inegavelmente horripilantes, o que é o mesmo que dizer que odeio postos de gasolina. Nunca entrei em um presídio de segurança máxima, mas imagino que seja como um grande posto de gasolina por trás de grades. Meu Deus, não aguento mais postos de gasolina.

Um caixa gorducho cospe tabaco em uma caneca, o que me faz pensar em Albert e Ahab, o que me faz sentir falta de Arlene. (Uma verdadeira dama da velha guarda, que descanse em paz.) Três Mountain Dews e um saco de balas de gelatina sabor pêssego depois, vou até o caixa.

— Só isso — anuncio, soltando os refrigerantes e as balas de gelatina —, mais o combustível da caminhonete azul.

— Você devia ter pagado antes. Eu podia mandar prender você.

— Não seria a primeira vez esta semana.

O Gordão do Caixa ri e digita alguns números em uma caixa registradora velha.

— São \$83,75.

— *O quê?* Certo, e sem as balas?

Sob o peso do olhar do Gordão do Caixa, pego o restante do dinheiro de Kathy.

— Até mais, cara.

— Até, mocinha.

Dou meia-volta, levanto o polegar direito de um jeito meio profissional e faço um ok com a mão esquerda, o que é bem difícil,

considerando que estou carregando três Mountain Dews e um saco de balas de gelatina, mas consigo. Estou quase na porta quando passo por uma pilha de jornais que faz meu coração parar.

Apague isso.

A pilha de jornais remove meu coração cirurgicamente e pisa nele como se fosse uma lata de refrigerante vazia.

— Tudo bem, querida? — pergunta o Gordão do Caixa.

Assinto, mas a resposta é não. Sou Mary Iris Malone, e não estou nada bem. Estou em choque.

Um folheto, bem ao lado do jornal e da saída, bem na altura dos olhos, diante do meu rosto...

Sempre odiei essa foto.

Sempre.

"Não vai pentear o cabelo, Mim?" Jogo o cabelo comprido para trás e dou uma mordida no waffle. *"Já penteei, pai."* Ele está parado ao lado da torradeira, esperando o próprio waffle ficar pronto. Muito tempo antes, havíamos trocado a forma de waffle pela seção de congelados do mercado. *"Sério? Parece que você acabou acordar. Usou o secador?"* Minha mãe entra na cozinha, com pantufas esfarrapadas e olheiras enormes. Finjo não notar. *"Mãe, por favor, explique para o papai as consequências de usar o secador de cabelo."* Ela não diz nada e vai direto para a cafeteira. Olho de novo para meu pai. *"São incomensuráveis, pai. As consequências não podem ser mensuradas."* Meu pai não responde. A presença da minha mãe na cozinha parece tê-lo afetado. Meus olhos vão de um para o outro, e me pergunto por quantas noites isso vai continuar. Minha mãe espera o café ficar pronto. Papai dá meia-volta e sai batendo o pé. No instante em que ele vai embora, os waffles saltam da torradeira. *"Mãe"*, sussurro. Ela olha para baixo, abre a boca e murmura: *"Agora não, Mary."* Meu pai volta e joga uma

blusa verde de gola alta para mim. *"O que é isso?"*, pergunto. Ele tira os waffles da torradeira. *"É dia de tirar foto na escola, Mim. Você precisa vestir algo que impressione."* Seguro a blusa de gola alta, um presente de Natal do ano anterior que enterrei na cômoda assim que ganhei. *"E o que isso significa?"* Ele dá uma mordida, olha para minha mãe em busca de apoio, mas não encontra. *"Você precisa se vestir como a pessoa que quer ser, Mim, não como a que é."* Dou uma mordida no meu waffle e respondo com a boca cheia: *"Bom, eu não quero ser uma revendedora Amway. E não vou passar a porra do secador no cabelo."* Minha mãe sai da cozinha. Meu pai mastiga o waffle e fica olhando ela ir embora. Ele vai até o armário e pega o Abilitol. *"Já tentamos do seu jeito"*, diz ele, colocando os comprimidos na minha frente com um baque. *"E tenha modos, pelo amor de Deus."*

A lembrança desaparece.

Enquanto estou parada naquele posto de gasolina dos infernos, olhando para mim mesma na foto, tenho a sensação intensa de que o eu da foto me olha de volta. Ela está usando a blusa verde de gola alta. O cabelo está tão seco quanto o Saara. E, ainda que a tinta preta esteja desbotada, as palavras são ofuscantes.

DESAPARECIDA

MARY MALONE, 16

VISTA PELA ÚLTIMA VEZ EM JACKSON, MISSISSIPPI, COM MOLETOM VERMELHO DE

CAPUZ E CALÇA JEANS

SE TIVER QUALQUER INFORMAÇÃO, POR FAVOR, LIGUE PARA 601-555-6869

Minha epiglote está em algum lugar da estratosfera.

Coloco a mão no bolso e aperto o batom de minha mãe. Meu Deus, isso é... isso é... Bom, com certeza não pode ser considerado nada. Sem dúvida é alguma coisa. A alguma coisa mais alguma coisa que já existiu.

Saio correndo do posto e entro na caminhonete.

Walt ergue as sobrancelhas.

— Ei, oi, cadê minha Dew?

— Aqui. — Enfio a garrafa nas mãos dele e abro o pacote de balas de gelatina.

— Você está bem, Mim? — pergunta Beck.

(Primeira bala, engolida.) Eu odiava mesmo aquela blusa de gola alta.

— Mim?

(Segunda bala, engolida.) Só se passaram o quê, três dias? Só Kathy para ter um ataque por causa de três dias. Deve estar tentando provar para o meu pai que se importa, mas, sério, registrar meu desaparecimento na polícia?

— Mim!

Engulo a terceira bala de gelatina.

— Oi?

— Está. Tudo. Bem?

Não. *Estou toda errada.*

— Está — minto.

Beck balança a cabeça e dá a partida.

— Espere — sussurro.

(Quarta bala, engolida.) Minha lembrança daquela manhã é idêntica à de mil outras dos tempos mais sombrios. Minha mãe, pantufas, silêncio. Meu pai, waffles, negação. Enxague e repita. E repita. E repita, e repita, e repita...

— Podemos ajudar?

A voz de Walt me traz de volta ao presente. Viro o corpo, levanto o boné dele e o beijo no rosto.

— Walt, meu Deus, você é incrível.

— Ei, oi, eu sou Walt!

— Mim, o que está acontecendo? — pergunta Beck.

— Nada, é só que... precisamos fazer um último desvio.

Os olhos de Beck são inquisidores, como se estivessem dentro da minha cabeça, andando com uma lanterna, inspecionando certo canto empoeirado. *Ah*, diz o pequeno Beck na minha cabeça, *entendi. Sim, precisamos mesmo cuidar disso.*

— Para onde? — sussurra ele, com aquele meio sorriso.

Aponto para a estrada.

— A próxima saída.

— Woouoooooster! — exclama Walt, entre goles de Mountain Dew.

(Quinta a nona bala, engolidas.)

— Wooster, não, parceiro. Ashland.

Estalagem de Ashland

QUANDO CHEGAMOS A Ashland, o sol já se pôs faz tempo. Beck sugere estacionar em algum lugar e dormir na carroceria da caminhonete de novo, ao que Walt diz:

— Tio Phil machuca meus ossos.

Beck sorri, e mil Mims metafísicas fazem uma dança ao som de “Celebration”, de Kool & the Gang.

Walt se oferece para pagar um hotel. Depois de alguma discussão, Beck e eu concordamos em usar uma pequena quantia do dinheiro-do-pai de Walt e encontrar o hotel mais barato das redondezas.

— Que tal trinta e três dólares a noite? — pergunta Beck, ao voltar de um hotel encardido de um andar só chamado Estalagem de Ashland.

— Cama com traças? — pergunto, descendo da caminhonete. — Suspeito? Perigoso?

Beck pega sua sacola de lona e a mala de Walt.

— Ou seja, em outras palavras: perfeito.

— Outras palavras *mesmo*.

Coloco a mochila no ombro e decido não comentar sobre a teoria da minha mãe a respeito de hotéis de beira de estrada e seu conseqüente lugar de destaque no meu coração. É melhor Beck achar que sou igual às outras garotas nesse sentido. Melhor achar

que penso que hotéis de beira de estrada são pulgueiros imundos, cheios de bichos e manchas de esperma.

Lá dentro, o quarto é barato e pequeno, até mesmo para o padrão de hotéis de beira de estrada baratos e pequenos: duas camas de solteiro, um criado-mudo, um sofá pequeno, uma cômoda minúscula com uma TV. O carpete, de um tom marrom acinzentado, tem o que Deus permita que sejam manchas de café espalhadas a cada metro. Olho para cima e vejo que o teto também está manchado, o que parece um feito interessante.

Beck enfia a cabeça dentro do banheiro e assobia baixinho. Quando me junto a ele à porta, a primeira coisa que noto é o vaso: se fosse mais baixo, seria um buraco no chão. A pia parece mais uma saladeira de porcelana; quase não é funda o bastante para lavar as mãos. Mas o pior de tudo é o chuveiro. Se o banheiro é pequeno, o boxe é feito para oompaloompas.

— Isso pode ser problemático — comenta Beck.

— Problemático? — pergunto, com uma sobrancelha erguida. — Para um hobbit, talvez. Para nós, é *impossível*. O chuveiro não deve estar a mais do que um metro e meio do chão.

Ele sorri para mim, inclina a cabeça e pronto — tem início a gelatinização do meu coração e o derretimento do meu cérebro.

— Não imaginei que você fizesse o tipo Terra Média, Mim.

— Ah, com certeza.

— Percebi — responde ele, voltando a olhar para o chuveiro. — Bom, vai ser preciso mais do que um Nazgûl para me impedir de tomar banho hoje à noite. Vou ter que dar um jeito.

Ele vai para perto de Walt, que está vendo TV, e me deixa imaginando Beck Van Buren “dando um jeito”. Em um chuveiro. Tomando banho. Com... água, e o sabonete, e...

Controle-se, Malone.

Passamos os quinze minutos seguintes assistindo a Walt morrer de rir com um episódio antigo de *I Love Lucy*. O celular de Beck toca e, enquanto ele sai para atender, decido enfrentar o chuveiro do Condado.

Está longe de ser ideal, o que significa que preciso ficar abaixada o tempo todo, e a água não está tão quente quanto eu gostaria, mas é um banho, e fico grata por isso. Depois, pego as últimas roupas limpas que tenho, incluindo a antiga camisa do Led Zeppelin da minha mãe. Coloco a calça jeans manchada e me viro para o espelho, para ver se consigo dar um jeito no cabelo. Depois de algum esforço, não fica tão ruim. O corte funcionou mesmo, ao que parece. Mais rebelde do que moderno, talvez, mas, mesmo assim... nada mau. Eu me olho de cima a baixo.

Algumas coisas poderiam ser melhores: o queixo, o nariz e as maçãs do rosto ainda são Picasso demais.

Algumas coisas poderiam ser piores: as pessoas pagam milhões por um Picasso.

Milhões, Mim. Você vale milhões.

Quando abro a porta do banheiro, já não me sinto tão péssima, o que realmente quer dizer alguma coisa.

— Vocês já pensaram no jant...

Na TV, Lucy amassa uvas com os pés em um vinhedo, mas ninguém está assistindo. O quarto está vazio.

Atravesso o carpete com os pés descalços (evitando as manchas como se fossem minas terrestres) e olho pelas cortinas. A caminhonete sumiu. Beck e Walt sumiram. *Eles sumiram*. Solto as cortinas. *Eles sumiram*. É um grande peso — sinto primeiro nos ombros, afundando como uma âncora até as profundezas de Mim. *Eles sumiram*. Meus cotovelos estão pesados. Minhas mãos e meu quadril também. Minhas coxas, meus joelhos, meus pés, pesados,

pesados, pesados. *Eles sumiram*. Estou afundando em mim mesma, desabando até o fundo desse peso imenso. É um oceano. *Eles...*

A porta se abre.

— Ei, oi.

Walt entra, carregando uma sacola plástica. Beck está logo atrás, com outra sacola. Walt senta-se na cama, tira uns pacotes de salgadinho e um Mountain Dew de lá e dá risada quando Lucy começa a brigar com outra mulher no barril de uvas.

— Ficamos com fome — explica Beck, revirando a sacola. — Fomos procurar algo para jantar no posto de gasolina. Espero que você goste de carne-seca...

Beck para de falar quando olha para mim. Seu rosto muda, e, apesar de ter aprendido a maioria das expressões dele, essa é nova.

— Você está... bonita, Mim.

O sorriso forma raízes no meu estômago. Vai crescendo, envolvendo peito e braços, ombros e pescoço, antes de surgir no meu rosto. Encontro a única palavra entre o que quero e o que deveria dizer:

— Obrigada.

Depois do jantar de posto de gasolina, Beck decide tomar banho (*opa*), e Walt logo pega no sono. Diminuo o volume da TV e me deito no sofá enquanto começa outro episódio de *I Love Lucy*. Em algum momento, Beck ressurgiu do banheiro vestindo uma camisa cinza de gola V limpa e calça jeans. Está com o cabelo molhado, e, embora eu tente não imaginá-lo naquele banheiro minúsculo, dando um jeito e tudo o mais, não consigo evitar.

— Não costumo assistir a essa série — comenta Beck —, mas essa moça parece adorar causar problemas. — No momento, Lucy

enfia tabletes de chocolate na blusa. — Não entendo bem esse negócio.

— É... uma comédia pastelão sexy?

Beck olha para a tela outra vez, perplexo. Lucy está com a boca cheia de chocolates, como um esquilo se preparando para o inverno.

Um esquilo *doído* por chocolate.

— Isso era para ser sexy? — pergunta Beck, colocando o telefone para carregar no criado-mudo.

— Pois é, eu também não entendo. Acho que a maioria das garotas dos anos 1950 estava ocupada equilibrando livros na cabeça e preparando tortas. E joelhos também eram bem sexy nessa época, acho.

— Joelhos?

Assinto.

— E Lucy mostrava *muito*... os joelhos.

Beck vai até o outro lado do quarto e estica a mão para o interruptor.

— Posso desligar?

Assinto, bocejo e encolho as pernas no sofá. Na nova escuridão, Beck se senta ao meu lado, e, juntos, assistimos à atuação clássica de Lucille Ball enquanto faço de tudo para não atacá-lo.

— Já reparou como todos os quartos de hotel de beira de estrada têm o mesmo cheiro? — comenta ele.

Juro que ele e minha mãe seriam amigos.

— Cachorro molhado — respondo.

— O quê?

— Minha mãe, quando era mais nova, mochilava pela Europa.

— Uau, é mesmo?

— Ela é inglesa.

— Ah.

— Ah, nada. Ainda é incrível.

— Certo. Quer dizer, claro que é.

— Então ela ficava em um monte de albergues e dizia que todos tinham o mesmo cheiro. De cachorro molhado.

Beck cheira o ar.

— É isso mesmo.

Os roncos de Walt são como um trem de carga, mas estamos cansados demais para rir.

— Por falar em mães — começa Beck —, eu contei para a minha. Por telefone. Agora há pouco. Mais cedo, na verdade.

Demoro um segundo para absorver a frase.

— Você contou a ela sobre o que está fazendo? Sobre Claire e tudo o mais?

Ele assente.

— O que ela disse?

— Ela disse... — Walt se remexe no sono, grunhindo. Beck passa a mão no cabelo molhado e fala mais baixo: — Ela disse que largar a faculdade é um grande erro. Disse que eu devia ir para casa. Falou um monte de coisas, na verdade. Mas sabe o que ela não disse? Não perguntou como Claire está.

A dor dele é visível, mesmo à luz fraca da TV.

— O que você vai fazer?

— Não faço ideia. — Ele olha para Walt por um segundo, balança a cabeça e volta a olhar para a TV. — Eu a vi, sabe.

— Sua mãe? Quando?

— Não, não... Esqueça. É besteira.

Encaro Beck, esperando que ele continue. Ele vai continuar. Sei disso, e ele também. Depois de quase um minuto, ele volta a falar:

— Eu vi Claire saindo do banheiro da Lanchonete da Jane.

— O quê?

— Não a Claire *de verdade*. Quer dizer, a menina não se parecia nada com ela. Mas, quando saiu do banheiro, os olhos dela mostravam... — a vida, ao que parece, só faz as melhores piadas depois que a gente esquece que estava na história. De repente, sinto vontade de vomitar — ... uma puta dor, sabe? Ela estava destruída. Pelo mundo.

A voz de Beck se dissolve, junto com a luz azulada do quarto, e sinto aquelas coisas: sinto o peso do mundo. Sinto uma puta dor.

Vou gritar.

Eu denuncio você.

— Mim? Você está bem?

Sinto os olhos dele percorrendo meu cabelo, descendo pelo meu corpo, demorando-se onde não deveriam...

— Mim?

... pela primeira vez em muito tempo, eu me sinto uma menininha indefesa. "Você é linda, sabia?"

— Não sou — digo, mas não sei em que altura.

"Você é boa demais", sussurra ele, aproximando mais o rosto.

— Eu não sou boa — digo. — Não sou nada boa, Isabel.

— É, sim, Mim — diz uma voz reconfortante e fresca como uma fonte. — É, sim.

Não vai acontecer nada.

— Mim, olhe para mim.

Nada que você não queira.

— *Olhe* para mim.

Abro os olhos. Ou olho. E estou cheia das coisas como são, da minha coleção de esquisitices, minha noção de profundidade limitada, como se não bastasse ver apenas metade do mundo, parece ser sempre a metade errada.

— Mim — sussurra Beck.

Nunca amei tanto o som do meu nome.

— Oi, Beck.

O rosto dele entra em foco, diante de um teto manchado e familiar. Não sei como, mas fui parar no chão. Minha cabeça está no colo dele e suas mãos estão na minha nuca. Naqueles olhos, vejo algo que nunca vi, nem nele, nem em ninguém. É uma mistura de intensidade, fogo e lealdade.

— Eu sabia — sussurra ele, balançando a cabeça. — Quando você o chamou de Homem do Poncho, merda, eu sabia.

Beck e eu continuamos naquela posição, no chão, noite adentro. Não falamos. Não precisamos falar. O sono se aproxima, e não me importo. Porque, mesmo entrando no mundo desconhecido do sonhar, ainda vou conhecer Beck. Em algum ponto, ele me carrega até a cama e se deita ao meu lado. Não é estranho, embora talvez devesse ser. Não é errado, ainda que com certeza devesse ser. Eu me encolho ao lado dele e apoio a cabeça em seu ombro. Ele me envolve com um braço, e juro que um dia fomos um único corpo, um supercontinente separado milhões de anos antes — como meu projeto de ciências do quinto ano — e agora reunido em uma Nova Pangeia caleidoscópica.

— Sou Madagascar — digo, sonolenta.

— Você é o quê?

— Eu sou Madagascar. E você é a África.

Ele aperta meu ombro, e acho que entende. Aposto que entende.



SOU DESPERTADA PELAS pontas soltas do meu cérebro, um pensamento mais persistente que o sono.

— Beck — sussurro.

Não faço ideia de que horas são, nem de quanto tempo faz que estou dormindo assim. A TV ainda está ligada. Está escuro lá fora.

— Beck. Está acordado?

Sinto a respiração dele ficar presa no peito quando pigarreja.

— Estou.

Por um instante, tenho total consciência de minha juventude e da imprudência que vem com ela. Tenho consciência da escuridão e de todas as possibilidades que ela oferece. Tenho consciência da nossa proximidade confortável, do cheiro dele, de *estarmos juntos*. Mas minhas pontas soltas são mais persistentes do que a imprudência da juventude, das possibilidades da escuridão, até mesmo do que a proximidade confortável de Beck.

— Achei que você tivesse ido embora.

— O quê?

— Antes, quando saí do banho. Você tinha sumido. Você e Walt. Achei que vocês tivessem me deixado para trás.

Tudo fica quieto. Quando começo a achar que ele pegou no sono de novo, Beck responde:

— A gente não deixaria você, Mim. Não desse jeito.

— Não de que jeito?

— Assim... de um jeito tão seco — diz ele, pigarreando de novo.

— No mínimo, você teria uma despedida de faz de conta.

E é quando sei o que isso é. Ou melhor, o que *não* é. Me lembro da nossa conversa da noite anterior, sob as estrelas, na carroceria do Tio Phil, e sei.

— Não é só uma quedinha, sabe.

Falo isso com a cabeça no braço dele — quero que Beck sinta minhas palavras em seu corpo.

— Eu sei — diz ele.

— Não é.

— Eu sei.

Diga a ele, Mary.

É profundo, real e clássico pra cacete. É uma fortaleza de paixão, um acidente — uma colisão fatal de neurônios e elétrons e filamentos, meu circo de esquisitices se transformando em uma única coisa, implodindo com uma chama violenta. É... não sei o quê... minha coleção de coisas brilhantes.

É amor.

Não digo nada disso, mas não porque estou com medo. Abraçada a Beck, talvez nunca mais sinta medo. Eu não digo porque não preciso. Ele sabe o que é.

Sinto Beck se mexer, na cama. Ele vira de lado, na minha direção, o rosto perto do meu. Olhamos um para o outro por um instante, em silêncio, imóveis. Absorvo os olhos verdes dele, com o roxo e tudo. Absorvo o nariz reto, o maxilar coberto por uma barba por fazer. Absorvo as sobrancelhas, grossas e selvagens na medida certa.

E sinto antes mesmo de acontecer.

Beck se inclina e beija minha testa. Não é rápido, mas delicado e cheio de tristeza, alegria e de tudo o que existe entre essas duas. A sensação da barba dele fica muito depois que os lábios se foram. O hálito é fresco e agradável, como eu imagino que seja uma estação de esqui, ou um clube de jazz noturno. E, quando começo a imaginar como seria sentir o cheiro, o gosto, a sensação, de seus lábios nos meus, seu peso sobre meu corpo, unir Madagascar com a

África para sempre, ele sussurra a resposta para a pergunta da noite anterior.

— Eu sou velho demais para você, Mim.

Outro beijo na testa, mais leve agora, e ele se afasta. Beck se levanta da cama. Na penumbra, eu o vejo ir até o sofá e se deitar. E é isso. Fim de jogo. Minha fortaleza de paixão desaba à minha volta, as ruínas mais arruinadas que já vi.

E então, com nada além de duas palavras sutis que atravessam um quarto manchado, Beck a reconstrói:

— Por enquanto.

... **35** ...

Olfativa Lane

5 de setembro — manhã

Querida Isabel,

Na minha primeira carta, eu me declarei incapaz de floreios. E é verdade. Em um dia normal, você pode até dizer que sou infloreável. (Meu Deus, essa palavra existe?) Mas esta manhã não está muito normal, o que quer dizer que me sinto alerta. Diligente. Feliz como uma pessoa matutina e, sim, até com um pouco de floreios. Então, aproveitando essa rara energia pré-meio-dia, reli algumas das cartas anteriores e gostaria de, a partir de agora, fazer algumas erratas. Espero que você não se importe. Bem...

Primeira Errata: em referência a essas erratas, acabei de dizer “espero que você não se importe”. Na verdade, não dou a mínima. Até serem entregues, estas cartas pertencem à autora. Farei todas as correções que quiser, como é meu direito, quer você se importe ou não. (É isso aí.)

Segunda Errata: em 1º de setembro, escrevi isto sobre a dor: “... sei que é a única coisa entre mim e a mais miserável das espécies — os genéricos”. Apesar de ser verdade que a dor vai impedi-la de ser tornar uma genérica, retiro o que disse sobre esse grupo específico ser “a mais miserável das espécies”. Mas não se engane: de todas as características deploráveis disponíveis às pessoas, tentar ser algo que você não é, nem de longe, é mais miserável. (Eu sei.)

Terceira Errata: em 2 de setembro, escrevi “não acredito que a imaginação fértil seja tão benéfica quanto dizem”. Fui ainda mais longe, lamentando o fardo de ter tal imaginação. Pensei no assunto e, à luz dos acontecimentos recentes, gostaria que você ignorasse tudo o que escrevi sobre imaginações. Não trocaria a minha por um grama de praticidade.

Quarta Errata: na minha última carta, escrevi "... a maioria das pessoas é um bando de peões egocêntricos, neuróticos e autocentrados que insistem em usar óculos para miopia em um mundo hipermetrope". Ha, ha. Clássico Mim. Cheia de cinismo mordaz, não é mesmo? Bem. Apesar de acreditar nisso, é possível que eu não tenha sido justa com uma parcela da população: as pessoas boas. Existem algumas por aí. E, tudo bem, prometo não me demorar no tema (para que você não comece a pensar que sou membro de carteirinha dos genéricos), mas minha cabeça vai explodir se eu não falar sobre uma dessas pessoas boas. Não vai ser um desses momentos "querido diário, conheci um garoto, e ele é, tipo, incrível. Agora minha vida, tipo, tem sentido e tal! rs".

Enjoo instantâneo, não é? Certo. Mesmo assim...

Conheci um garoto. E ele é, tipo, incrível. E tal. Risos.

Meu fotógrafo encantador. Meu príncipe de nylon azul-marinho, heroico e imperfeito. Minha nova Pangeia. O nome dele é Beck, e ele é lindo, inteligente e gentil. Ele desafia meu espírito enquanto conforta todo o resto. Beck está me ensinando a ser alguém melhor, e, quando a gente encontra alguém que desperta esse tipo de inspiração, não larga mais.

A última coisa que vou dizer sobre ele é que Beck é meu amigo. Sei que soa cafona, mas prefiro isso a todas as outras opções. Cometi alguns erros espetaculares na vida, mas um em especial ganha dos demais. A solução para esse erro é tão simples que é enlouquecedora, tão importante que vou sublinhar, colocar em letras garrafais e profetizar.

Pronta?

Aqui vai.

NÃO SUBESTIME O VALOR DA AMIZADE.

Receio que qualquer elaboração só vá servir para diminuir a simplicidade poderosa dessa declaração. Então, por ora, vamos deixar assim.

Câmbio e desligo,
Mary Iris Malone,
Às Vezes Uma Pessoa Matutina



EXISTEM POUCAS COISAS mais deprimentes do que ver sua casa de infância destruída. A mesa de centro com mil manchas de condensação — sumiu. As aquarelas compradas de, literalmente, um *artiste* golpista nas ruas de Paris — sumiram. A namoradeira manchada que ninguém se lembra de ter comprado, mas todo mundo insiste em manter — sumiu. Nenhum móvel. Nenhuma luz. Nenhuma vida.

— Acho que não tem ninguém aí — diz Beck, mexendo na trava digital presa à maçaneta.

Desvio os olhos da janela do número 18 da Meadow Lane e engulo o nó na minha garganta.

— Sabe, é uma ótima casa, qual é a demora?

Beck vai até a placa de VENDE-SE, enfia a mão no bolso, depois no outro.

— Merda.

— O quê?

Ele corre até a caminhonete e revira a bolsa de lona.

— Devo ter deixado o celular no hotel.

Tiro meu celular da mochila e vou até a placa.

— Beck, Beck, Beck. Você perderia a cabeça se não estivesse grudada.

— Você quer dizer o braço?

Sorrimos um para o outro, lembrando nossa primeira interação. Eu nunca contaria isso a ele, mas passei a considerar aquele nosso primeiro encontro, completo com jantar (maçãs) e um show (Walt e seu cubo mágico).

Ligo para o número na placa, mas ninguém atende. Mentir por telefone já é bem difícil, mas mentir em uma mensagem... Acho que não sou capaz de tamanha proeza. Clico para ver o histórico de chamadas. Eu só tinha limpado uma vez, em Nashville. Desde

então, Kathy ligou sessenta e oito vezes. (Stevie Wonder deve estar com nódulos inflamados na garganta.)

Walt está cantarolando sozinho, andando de um lado para outro e encarando o chão.

— Walt, você está bem? — pergunta Beck.

Ele não responde. Está perto da entrada da garagem, andando em círculos e olhando para os próprios pés, e, quando começo a me preocupar que esteja doente de novo, ele para de uma vez e levanta um dedo no ar.

— Já sei!

Beck e eu olhamos um para o outro enquanto Walt pega uma pedra do tamanho de uma bola de beisebol.

— Walt — chama Beck. — O que você está fazendo, cara?

De repente, Walt dispara até a porta da frente.

— Walt, espera!

Mas é tarde demais. Em um único movimento ágil, ele bate na maçaneta com a pedra, arrancando a fechadura digital — e a maçaneta — de uma só vez. Olhando para mim com o que, juro, pode ser considerado o sorriso mais satisfeito do mundo, ele faz uma reverência e gesticula para que eu entre.

— Primeiro as damas — diz.

Beck sorri quando eu passo.

— Esse garoto é cheio de surpresas.

Dentro da minha antiga casa, uma onda de familiaridade almiscarada invade minhas narinas e, com isso, estou em casa. Sinto a mão de Beck na minha. Apesar de estar muito grata pela presença dele, pelo seu toque, preciso fazer isso sozinha. Como se tivesse lido meus pensamentos, ele aperta minha mão de leve e solta.

— Vamos voltar para o hotel rapidinho. Ver se acharam meu celular. Tudo bem?

Assinto.

— Vocês vão voltar?

— Claro.

Ele me dá um abraço rápido, joga o braço nos ombros de Walt e desaparece pela porta da frente.



EU ME LEMBRO de ouvir dizer, certa vez, que a área do cérebro que interpreta o olfato está localizada ao lado da área em que as lembranças ficam armazenadas. Assim, uma pessoa pode literalmente cheirar uma lembrança. (Talvez Beck esteja certo. Talvez o corpo, e todo o seu milagre enigmático, seja mesmo algo divino.)

Parada sozinha no meio de minha antiga sala, de repente sinto vontade de comer castanha-de-caju e jogar video game, algum jogo sangrento. Eu me lembro...

... de um Natal, anos atrás, quando minha mãe teve uma fase meio século XVIII e decidiu decorar a árvore com velas de verdade em vez de luzes pisca-pisca. A árvore pegou fogo, esturricando o carpete e deixando um cheiro peculiar, até mesmo agradável, de pinheiro almiscarado. Esse também foi o Natal em que ganhei um novo PlayStation e descobri as deliciosas castanhas-de-caju.

Tiro a franja dos olhos, enfio a mão no bolso e pego a maquiagem de guerra. Por impulso, toco o olho defeituoso para ver se está aberto. Posso não ser capaz de ver a diferença, mas, às vezes, é bom saber que está tudo no lugar. Inspirando o cheiro de

almíscar, de cinzas de árvore e de tempos mais felizes, abaixo a cabeça e deixo meus tênis de velcro e cano alto mostrarem o caminho.

Na sala de jantar, o cheiro almíscarado dá lugar a um tipo diferente de defumado. Atravesso o aposento e abro uma janela. Meu nariz arde, e o fundo da língua fica dormente. Eu me lembro...

... de uma vez, quando tinha uns nove anos e peguei meu pai fumando escondido. Acho que minha mãe sabia, mas era segredo para mim. Ele estava bem ali, soprando a fumaça pela janela, quando perguntei se podia experimentar um. Papai ofereceu o maço com um sorriso no rosto.

“Claro”, respondeu ele.

Eu o observei com suspeita.

“Qual é a pegadinha?”, perguntei.

“Nenhuma. Vá em frente.”

Peguei um cigarro, surpresa com o quão leve parecia em meus dedos. Meu pai o acendeu para mim e me disse para inspirar fundo. Obedeci e inspirei fundo, decidindo que meu pai era muito mais legal do que parecia. O que foi logo seguido por meus pulmões decidindo escapar do corpo e vômito jorrando nas venezianas preferidas de mamãe. Não consegui sentir gosto por uma semana. Foi meu primeiro e último cigarro.

Na varanda dos fundos, absorvo os cheiros do quintal: as lilases, a doçura leve do fertilizante, o domínio do outono sobre o decadente verão. Por instinto, procuro por vaga-lumes e sinto uma solidão inconsolável. Eu me lembro...

... das noites quentes de verão, ao anoitecer, quando meu pai enfiava um taco nas minhas mãos e me ensinava a acabar com os vaga-lumes. Uma tacada direta, dizia ele, era recompensada com uma explosão de meleca neon. Ele chamava isso de “bola de

meleca". Eu sempre soube que ele queria um filho, e isso só ficava mais óbvio nas noites de "bola de meleca". (Eu quase sempre errava de propósito, pobrezinhos.)

E ali, no canto direito do quintal, a garagem. Sinto cheiro de cerveja barata e cera de carro. Tantas lembranças de meu pai lavando a preciosa moto nunca usada de novo e de novo enquanto minha mãe e eu ouvíamos música. E o sofá velho dela, que, como eu, rumou para o sul. Viro-me para a casa, pensando na última conversa que tive naquele sofá. Não seria surpresa encontrar mais dor do que algodão naquelas almofadas de tecido xadrez.

Volto para a casa e olho para a porta do porão: alta e pesada, como o portão de uma prisão em um filme medieval. E a fechadura, sempre quebrada, fica ali pendurada como se nada tivesse acontecido. Como se meu mundo todo não tivesse desmoronado naquele porão. Depois da porta, não deve haver nenhuma reminiscência olfativa.

Eu respiro fundo e continuo.

Vou para a outra escada, a segura, que leva para cima. Catorze degraus, bem como me lembro. No último, eu me abaixo para evitar o teto inclinado, passo pelo espaço para se arrastar/ depósito (um cantinho onde já fiz xixi dormindo) e vou direto para meu antigo quarto. Absorvo os cantos rachados do papel de parede e a mancha de sangue amarronzada no canto (minha primeira menstruação). Meu beliche desnecessário se foi. Meu pôster debochado do *Titanic* se foi. Minha máquina de escrever, meu futon, minha coleção de discos de vinil, minha luminária de lava — *tudo* se foi, mas a essência do quarto é a mesma. Eu perambulo, pondero, inspiro. O perfume do meu quarto é composto de partes iguais de Neutrogena, lágrimas salgadas e uma autodescoberta desajeitada. Eu me lembro...

... do oitavo ano, quando Tommy McDougal terminou comigo perto do poste de espirobol (o que não tinha bola nenhuma pendurada). Ele disse que eu parecia um menino. Que meus peitos eram pequenos. Que eu era uma nerd. Que não queria sair com alguém que usava palavras mais difíceis que ele. Eu respondi que torcia para que ele estivesse preparado para copular consigo mesmo pelo resto da vida, o que esperei que funcionasse em diversos níveis, mas, como ele não entendeu a palavra, só funcionou em um: me fez sentir ainda pior. Naquela noite, me tranquei neste quarto e soluzei, alternando entre Elvis (*Heartbreak Hotel*) e Elliott Smith (*Either/Or*). Fiz o mesmo quando "Erik com K" me deu um pé na bunda, quando as brigas dos meus pais pioraram e quando eu só precisava de barulho para abafar os sons dos meus órgãos trabalhando. É triste, na verdade. Despejei uma vida de lágrimas no auge da minha adolescência sem ninguém além das minhas anomalias musicais para sentir minha dor.

Continuando.

No fim do corredor, entro no quarto de meus pais. É um *pot-pourri*. É o perfume. São as pantufas esfarrapadas. Como uma pequena órfã, a penteadeira da minha mãe jaz sozinha no canto mais distante, o único móvel deixado na casa. Não resisto, vou até lá e tiro a maquiagem de guerra do bolso.

É isso.

Marco Zero.

O batom da minha mãe. O quarto da minha mãe. A penteadeira da minha mãe.

Eu me pergunto: como seria se ela entrasse por essa porta agora? Se me encontrasse pintando o rosto como uma chefe *cherokee* politicamente incorreta? O que eu diria? A verdade, espero. Que, em minha busca pela originalidade e honestidade nas

relações, além de cem outros não sei o quês, essa ação, apesar de estranha e socialmente desajustada, faz mais sentido do que quase qualquer outra coisa no mundo. E, mesmo que seja críptico e um pouco estranho, às vezes críptico e um pouco estranho são melhores que se submeter ao sistema. Talvez contasse a ela como a maquiagem de guerra me ajudou em uma época em que parecia que ninguém se importava com o que eu queria ou com quem eu era. Talvez reunisse a coragem para dizer aquelas palavras que tão poucas pessoas conseguem dizer: *Não sei por que faço as coisas que faço. Às vezes, essas coisas não têm explicação.*

Talvez.

Eu giro o último pedaço de batom do tubo e olho para o reflexo do quarto de minha mãe atrás de mim. Na minha cabeça, o sonho ainda está fresco: nossos pés velhos atravessando o quarto tão devagar quanto um navio cargueiro; nosso batom é a tinta; nosso rosto, a tela; e entramos em ação. Fazemos riscos incontáveis vezes, mas nada permanece. Nada além da maquiagem de guerra. Nossa única cor.

É uma linha tênue: onde minha Mãe termina e Mim começa.

Tudo tem a mesma inicial.

— Que adequado — digo em voz alta, levando a maquiagem de guerra à bochecha esquerda. A seta vem primeiro, a ponta encostando no arco do nariz.

Neste momento, das profundezas da minha mochila, Stevie Wonder me interrompe com um gemido. Pego o celular e silencio o toque.

— Desiste, cara. Não sinto o mesmo por você.

Volto o olhar para o espelho, pronta para o traço horizontal na testa, a ponte que liga as duas setas...

— Achei que encontraria você aqui.

Com a mão no rosto, fico paralisada.

— O que você está fazendo? — Ouço o flip do celular se fechando. — Mim, eu...

— Que *diabo* você está fazendo aqui?

— Bonito, Mim. Muito bonito.

O movimento volta. Sem me dar ao trabalho de tirar a pintura incompleta, dou meia-volta e encaro minha madrastra de frente. Na verdade, a maquiagem de guerra faz todo o sentido.

— Vai se foder, Kathy.

Ela sorri, e seus olhos se enchem de lágrimas. Kathy acaricia o pequeno volume da barriga com movimentos circulares. Não consigo deixar de me perguntar se a pequena Isabel consegue sentir. Cuidando da própria vida, nadando nos dejetos de seu pré-parto — será que ela sabe que existe um mundo inteiro aqui fora, esperando para amá-la, destruí-la, enojá-la e admirá-la, desapontá-la e impressioná-la? Será que sabe sobre nós? Acho que não, considerando que tem o tamanho de uma manga. Meu Deus, queria que ela pudesse plantar seus pequenos pés ali, agarrar o útero de Kathy com toda a força e transformá-lo em seu lar, doce lar. Tenho certeza de que é apertado, mas, caramba, é muito melhor do que aqui fora.

— Mim, não consigo imaginar como você está se sentindo. Mas você precisa entender, seu pai e eu ficamos *loucos* de preocupação. — Ela entra no quarto e se aproxima de mim. — Sei que você me culpa. Mas...

— Você não é minha mãe.

Declaro isso com muita calma, como um fato, como se estivéssemos em um tribunal, e Kathy estivesse tentando provar o contrário. Ela começa a chorar, e o que diz em seguida me atinge como um tapa.

— Eu não preciso ser sua mãe para me importar com você.

Ela está próxima o bastante para que eu sinta seu cheiro: é composto de partes iguais de desinfetante, tacos e negação teimosa. Eu me lembro...

Notícias bombásticas

— MIM, POR QUE não se senta? — perguntou meu pai.

— Por que você não morre?

O suspiro clássico dele. Em seguida:

— Mary, sente-se. Sua mãe... Kathy e eu temos uma coisa para contar.

— Uau, é mesmo? Que merda, pai.

— Caramba, Mim, olha a boca.

Apontei para Kathy, que parecia à beira das lágrimas.

— Essa mulher não é minha mãe. E eu não sou Mary, não para você.

— Temos uma novidade, quer ouvir ou não?

— Barry... — começou Kathy, mas mudou de ideia.

— Tanto faz. Diga logo.

Afundei no sofá velho da minha mãe, o local de tantas lembranças embaladas por discos de vinil. (Em Ashland, depois que minha mãe foi embora, meu pai disse que não queria mais o sofá. Disse que não ia combinar com “nossas coisas”. Eu perguntei o que ele queria dizer com “nossas”. Ele não respondeu. Eu disse que literalmente pularia do telhado ao mesmo tempo em que engolia um vidro inteiro de comprimidos para dormir antes de ir para o Mississippi sem a droga do sofá. (Isso meio que encerrou a discussão.) Antes que eu me desse conta, meu pai e Kathy também

estavam no sofá, me espremendo no meio. Pelo canto do olho bom, vi que os dois estavam de mãos dadas atrás da minha cabeça e, por um segundo, tentei fazer minha epiglote deslocada entrar em ação. Meu Deus, teria sido uma vomitada histórica.

Kathy falou primeiro. Duas palavras, cada uma simples o bastante por si só, mas cuja força combinada conjurava uma pandemia catastrófica de loucura.

— Estou grávida — sussurrou ela, ruborizando, e trocou um sorriso com meu pai. Em seguida, olhou para mim. — Mim, você vai ganhar uma irmãzinha.

Eu sabia que minha reação estava sendo cuidadosamente estudada, como se a qualquer momento eu pudesse me jogar de uma janela fechada. Na verdade, não era má ideia.

— Vocês estão de brincadeira, não é? — exclamei, olhando de um para o outro. — O casamento de vocês foi, tipo, ontem.

Os sorrisos, já forçados e nervosos, ficaram bem conturbados. Eles se entreolharam, olharam para mim, e, antes que qualquer um pudesse dizer alguma coisa, eu sabia o fim inevitável daquela história horrível. Era tudo previsível demais. Observei Kathy: pela primeira vez, notei que, sim, de fato, os seios dela estavam um pouco maiores, e, sim, ela havia engordado desde o casamento, e, sim, seu rosto estava um pouco mais corado e inchado. Lágrimas se formaram nos seus olhos enquanto ela me observava processar tudo.

Pisquei.

O divórcio havia acabado de sair quando eles se casaram.

Respirei.

O casamento foi muito rápido, todo mundo comentou. A mudança para o sul foi ainda mais apressada.

Meu nome era Mary Iris Malone, e eu não estava nada bem.

— Grávida de quantos meses, exatamente? — murmurei.

Meu pai apoiou a mão no meu joelho. A mesma mão que polia de novo e de novo uma moto nunca usada. A mesma mão que tirou a bola de golfe do buraco para que eu pudesse ganhar. A mesma mão que, quando eu era criança, me deu palmadas e me alimentou, a perfeita personificação de um anti-herói.

E, puta merda, meu herói tinha *estragado tudo*.

Encarei meu pai nos olhos pela primeira vez em semanas, chocada com a tristeza que encontrei neles.

— Você a traiu? — sussurrei.

Ele tentou dizer alguma coisa, mas engasgou com as próprias palavras.

Eu também estava chorando, mas a pergunta saiu de forma clara.

— Você traiu a mamãe?

— Mary — disse ele —, isso é...

— Nunca mais me chame assim.

Fiquei sentada lá, paralisada, me perguntando se aquela verdade gélida um dia ia derreter, se a loucura do mundo podia ser curada.

No quarto dos fundos, alguém tinha deixado a TV ligada.

"... sem meios de saber quantos soldados estão desaparecidos ou até mesmo se estão vivos. Fontes próximas ao Pentágono estão, como sempre, mantendo o sigilo. Nesses momentos de incerteza, só nos resta rezar pelas famílias e pelos nossos entes queridos. De volta para você, Brian."

"Obrigado, Debbie. Essa é Debbie Franklin, de Cabul. Mais uma vez, para quem acabou de ligar a TV, NOTÍCIAS BOMBÁSTICAS do Afeganistão..."

Afundei no antigo sofá da minha mãe e deixei a grande notícia bombástica assentar. Como um quebra-cabeça gigante, mil peças

distintas ganharam a forma de uma única coisa, feia e vergonhosa.

— Ela vai se chamar Isabel — anunciou Kathy, entre lágrimas.

— O quê?

— Sua irmã. Vai ter o nome da sua tia. Vai se chamar Isabel.

Claro que vai, pensei. Mas não comentei nada.

Meu pai tirou um saco de papel do nada e o colocou no meu colo. Tinha um grande laço vermelho amarrado de qualquer jeito no topo.

— Que merda é essa?

A ideia era falar palavrões com a maior frequência e do jeito mais ofensivo possíveis.

— É um diário — respondeu Kathy.

Como se isso explicasse tudo. Como se um diário fosse uma troca justa por meu pai ter sido infiel e engravidado uma mãe substituta.

— Para quê eu preciso da porra de um diário?

Kathy pigarreou e olhou para meu pai.

— Para escrever cartas para sua irmã — sussurrou ele.

Olhei para o pacote, mas só para poder evitar o contato visual.

— Li sobre isso — continuou ele — e achei que podia ser uma coisa que você gostaria de tentar. Desse jeito, você pode conversar com sua irmã antes de ela nascer. E, não sei... pode ajudar a processar as coisas. Ou algo do tipo.

Abri o laço, tirei o papel e segurei o diário. Não era uma encadernação em couro nem nada, e alguns cantos já estavam começando a dobrar. *Ele está se desculpando*, pensei. *Este é o pedido de desculpas dele*. Mas era barato de todas as maneiras possíveis. Um pedido de desculpas de verdade custa alguma coisa, porque você precisa ficar ali como um idiota e dizer em voz alta para o mundo todo ouvir: SINTO MUITO. E o mundo, como sempre,

responderia com um sonoro “Claro, claro que sente”. Meu pai nunca faria isso, não sei nem se ele seria capaz. Esse tipo de humildade requer uma capacidade de amar que ele nunca provou ter.

— Claro, se você quiser entregar o diário para ela um dia, talvez deva evitar certos assuntos pesados demais. Ou, pelo menos, depressivos.

Olhei para ele, me perguntando como eu podia ser fruto daquele homem.

— E como você sugere que eu faça isso, pai, considerando que nossa família tem certa tendência à depressão e a pegar pesado?

Ele revirou os olhos e bufou.

— Eu estava brincando, Mim. Tentando aliviar um pouco a tensão. Claro, escreva o que quiser. Conte para a pequena Isa sobre as atrocidades da vida. Só espero que também se lembre de algumas coisas boas.

Olhei para o diário e, de repente, me lembrei daquele dia, muitos tempo antes, quando lia aos pés da tia Isabel.

— Posso amarrar as pontas soltas do meu cérebro — falei.

Só que não era para ter saído em voz alta. Meu pai e Kathy se entreolharam, a preocupação deles pesada no ar. Sufocante, na verdade. Ainda segurando o diário, me levantei do sofá.

— Ah, espere — disse Kathy. — Eu comprei tacos.

Olhei para ela, me perguntando o que tinha acabado de dizer. Não podia ser “eu comprei tacos”. Com certeza, até ela podia entender que “tacos” não era a coisa certa a dizer ao fim daquela conversa colossal. Com certeza...

— Você o quê?

Ela piscou.

— Da Casa do Taco. Achei que a gente podia jantar e... conversar.

Não, eu estava errada. Ela não tinha entendido. Nunca entenderia. Eu me virei e sai.

— Querida, aonde você vai? — perguntou meu pai.

A pergunta de fato não era *aonde*, era *quando* e *como*. Eu sabia o onde, porque já tinha pesquisado.

1.524 quilômetros, pensei. 1.524 quilômetros...

CLEVELAND, OHIO

(1.524 quilômetros até a Mosquitolândia)

O melhor pra ela

— MAS, SÉRIO, VOCÊ tem que me contar como fez isso.

Vou ignorá-la. Por toda a eternidade, se possível.

— Estou falando do corte de cabelo — diz Kathy. — Ficou muito bom.

Pego o removedor de maquiagem da mochila e limpo o batom do rosto. Beck e Walt estão atrás de nós, no Tio Phil. A viagem de volta à Estalagem de Ashland não deu em nada. O celular de Beck está oficialmente desaparecido, talvez roubado por alguma faxineira insatisfeita ou um funcionário da manutenção. Eles chegaram no momento em que Kathy e eu estávamos saindo. Eu daria o dedinho do pé para ficar com os dois, mas Kathy tem o poder de extrair a graça de qualquer coisa. Sua única condição para nos deixar continuar a viagem até Cleveland foi que ela me levasse pelo resto do caminho.

— Você ainda está usando esses tênis — comenta ela.

É seu último esforço para me fazer falar, e, preciso dizer, é uma jogada bastante previsível. Não mordo a isca.

— Sabe... — começa ela, mas depois balança a cabeça. — Esqueça.

— Estou tão cansada de ouvir isso!

De coração, eu tinha toda intenção de não falar com ela, mas aquilo foi demais.

— Isso o quê? — pergunta Kathy.

— Começar uma frase e depois dizer “esqueça”. Como se fosse possível para mim não ficar aqui sentada, tentando descobrir o que você *ia* dizer, antes de mudar de ideia.

— Bom, o que eu *ia* dizer não era bem da minha conta.

— Ha! Certo. Claro. Bom, que tal voltarmos no tempo para você usar esses mesmos princípios escrupulosos para basicamente todas as decisões que tomou nos últimos seis meses?

Ela respira fundo e passa a mão na barriga, que cresceu bastante nos últimos cinco dias.

— Você está brava. Eu entendo.

— Brava? Kathy, minha vida era boa antes de você aparecer. Não era perfeita, mas era boa. Então você surgiu, e de repente minha casa não era mais minha casa, era algo provisório, como um maldito albergue. Meu pai não é mais meu pai, é meu pai de meio período. Minha mãe não é mais minha mãe, e você sabe o que aconteceu com ela? *Ela foi embora*. Junto com a minha vida, e foi *você* quem tirou essas coisas de mim, deixando esse não sei o quê... essa sombra de meio período no lugar, e agora você e meu pai de meio período vão ter uma filha em tempo integral. E você quer que eu faça o quê? Seja parte da família? Obrigada, mas dispenso.

Kathy entra na primeira saída e pega uma estrada secundária. Ficamos em silêncio por um tempo, evitando a proximidade desconfortável uma da outra.

— Quer você goste ou não, Mim, esta família precisa de você. Agora mais do que nunca. Isabel vai precisar da irmã mais velha. Ela vai...

— Eu li as cartas, sabia? As que minha mãe mandou para você, pedindo ajuda.

Kathy fica em silêncio, o que já é meia batalha vencida. A outra metade é matá-la de vergonha.

— Ela está doente, certo? — pergunto. — Está morrendo?

Silêncio.

Eu balanço a cabeça.

— O que quer que seja, ela pediu sua ajuda. O mínimo que você podia ter feito era colocar uma merda de uma TV no quarto dela.

— Você ainda está com elas? — pergunta Kathy, em voz baixa. — Com as cartas?

— Eu poderia fazer a mesma pergunta.

Kathy me olha de soslaio. *O olhar da culpa.*

— Não sei o que você quer dizer com isso, Mim.

— Quer dizer que, três semanas atrás, parei de receber cartas da minha mãe. Foi bem súbito, na verdade. E talvez você saiba o motivo, já que toda vez que eu chegava da escola, a caixa do correio estava vazia.

— O que você está sugerindo? Que eu estou... *escondendo as cartas* da sua mãe, Mim? Eu nunca faria isso.

— Certo. Tudo bem. Assim como você nunca sugeriria que eu parasse de ligar para ela. Ou me impediria de ir visitá-la.

Kathy está balançando a cabeça com uma expressão confusa no rosto, e preciso dar o braço a torcer: eu não esperava esse nível de atuação. Pego a sexta carta, a única que restou, e a seguro como se fosse a tocha olímpica.

— Parece familiar? Aqui, vou refrescar sua memória. — Abro o papel amassado, estico a carta no colo e pigarreio. — “Pense no que é melhor pra ela. Por favor, reconcidere.”

Minha epiglote é um beija-flor, que meu coração acompanha a cada batida.

De repente, eu me lembro do “hum” de Beck, no dia em que o conheci. Ele viu o envelope com a caixa postal de Ohio, viu o bilhete e disse “Hum”.

Olhando mais de perto, os garranchos da carta são bem diferentes da letra cursiva familiar de minha mãe... Eu me lembro da primeira linha da primeira carta, o centro da minha bola de neve epistolar. *Em relação à última carta, minha resposta é não.* Fico olhando para o bilhete nas mãos, como se o estivesse vendo pela primeira vez: *Pense no que é melhor pra ela. Por favor, reconcidere.*

— Foi você que escreveu isso — murmuro.

As palavras saem sem querer, em um sussurro. Kathy está olhando para o horizonte pelo para-brisa, a boca entreaberta. Os olhos estão marejados, e eu não me importo. Quero machucá-la, quero bater nela, quero enfiar os dedos nos olhos dela.

— Nós perguntamos se você podia visitá-la — confessou Kathy. — Quando Eve disse não, fiquei tão irritada que nem consegui escrever direito.

— Mas não faz sentido. — Por mais apavorada que eu esteja de completar o quebra-cabeça, preciso ir até o fim. — Por que você ainda teria uma carta que foi escrita para *outra* pessoa?

Ela está chorando, esfregando a barriga cada dia maior.

— Ah, querida...

E, de repente, sei a resposta.

— Diga, Kathy. Por que você estava com uma carta que escreveu para outra pessoa?

Preciso ouvir em voz alta. Essa coisa só tem validade depois que eu ouvir.

Kathy seca o rosto e coloca a mão na minha perna.

— Nós amamos muito você. Você precisa acreditar nisso.

— Fala de uma vez, *porra*.

Ela afasta a mão e enxuga as lágrimas antigas, que dão lugar a novas.

— Ela mandou de volta, Mim. Eve mandou a carta de volta.

Todo o ar foge do meu corpo. De uma vez, todos os efeitos debilitantes da dieta daquela semana e das noites mal dormidas me atingem de uma vez. Estou cem por cento exausta. Estou quebrada. Não, estou morta.

— Não interessa — afirmo, o que é uma mentira. Encosto a cabeça no vidro frio da janela e completo: — Isso não muda nada.

A estrada interestadual ficou para trás faz tempo. Dirigimos em silêncio por um labirinto sinuoso de estradas secundárias, olhando para os altos milharais de Ohio. Eu me concentro na única coisa que pode me impedir de bater a cabeça no painel: meus amigos. Pelo espelho lateral, vejo os lábios de Beck se mexendo. Walt está concentrado em alguma coisa em seu colo. Não consigo nem ver o rosto dele, só o boné do Cubs. Deve estar mexendo no cubo mágico pela milionésima vez. Meu Deus, como aqueles dois fazem falta! É bizarro quando penso nisso. Uma garota pode passar a vida toda sem sentir falta de alguém e então, três dias depois — bum —, não consegue imaginar a vida sem essas pessoas.

— Era o que eu estava falando sobre amigos, Isa.

Kathy lança um olhar confuso para mim.

— O quê?

Meu rosto fica vermelho. Merda.

— Nada — respondo, olhando pela janela.

Mas é, sim, alguma coisa, Isa. É uma coisa muito importante.

A redenção do boneco de palitinho

MAGNÓLIAS!

De todas as árvores em todos os lugares em todas as épocas, tinham que ser magnólias, aqui e agora. E aos montes. Alinhadas em perfeita simetria de cada lado do caminho, as árvores que simbolizam o estado do Mississippi se elevam, imponentes, como uma centena de soldados da Marinha em posição de sentido. O PT Cruiser de Kathy passa entre elas. Pela janela do passageiro, vejo um gramado imaculado, um campo verde, extenso e abundante, cada folha de grama aparada com atenção e cuidado. O caminho é reto e direto como uma flecha, apontando para um antigo casarão de pedra. Um solar, na verdade. Um solar imponente: sem venezianas, nem calhas, apenas ângulos retos. Esse lugar combinaria bem com alguma série chata de época da BBC. Aliás, eu não ficaria nem um pouco surpresa de encontrar Keira Knightley passeando pelos campos, enrolada em um xale e chorando um pouco exageradamente a morte do marido da irmã. (Eles eram amantes, sabe? Meu Deus, Keira, pare com isso.)

Passamos por uma placa com as cores do arco-íris:

**CENTRO DE REABILITAÇÃO
SOLAR DA MONTANHA:**

CUIDADO HOLÍSTICO PARA DEPENDENTES QUÍMICOS E DEPRESSÃO

Minha epiglote deslocada de repente parece mais deslocada que o normal.

— O que estamos fazendo aqui?

Parando em uma vaga ampla no estacionamento, Kathy desliga o carro.

— Você queria ver sua mãe. — Ela confere a maquiagem no retrovisor, abre a porta e sai. — Você não vem?

Eu me encolho quando ela bate a porta. Por um instante, cogito morar dentro do PT Cruiser. Eu podia comer aqui, dormir aqui, ter uma família. Qualquer coisa para não ter que sair e enfrentar essa situação.

De repente, as palavras de Kathy na sala do diretor Schwartz ecoam em meus ouvidos: *Ela vai vencer a doença. Eve é uma guerreira.*

Sou uma criança. Não sei nada sobre nada. E menos ainda sobre tudo.

Walt bate na janela do passageiro, sorrindo como um louco, encostando o programa do Reds no vidro.

— Veja! — grita ele. — Igual ao seu livro de boneco de palitinho.

Em algo que parece a lição de casa de uma criança da pré-escola, Walt desenhou o diagrama de boneco de palitinho mais glorioso da história dos bonecos de palitinho — ou dos diagramas, ou de qualquer coisa, na verdade. É mil vezes melhor do que meu “livro de boneco de palitinho”. Nem um pouco magrelo. Três figuras de pé diante de uma explosão de fogos de artifício. Cada uma tem múltiplas setas apontadas para diversos objetos em seu corpo ou ao redor. A figura à esquerda é mais alta que as outras. Ele está

parado ao lado de uma caminhonete e tem alguma coisa em volta do pescoço. Acima, escrita em letras maiúsculas, a legenda: MEU MIGO BEK. Pequenas setas indicam que a caminhonete é o TIU FILL, e o objeto no pescoço dele é a CÂMERA. A figura à direita tem músculos gigantes. Acima da cabeça, a inscrição: WALTER. Um objeto esquisito na mão direita dele tem um rótulo que diz MOUNTEN DIU, e um quadrado na mão esquerda diz CUBO COLOURIDO. A figura no meio sou eu. Acima da minha cabeça está escrito: MINHA MIGA MIM. Estou com sapatos enormes e malucos, marcados com SAPATOS (TIRAS X-TRAS). Estou usando óculos de sol, também indicados, e uma mochila, que tem a legenda MOXILA. Ao meu lado, no chão, há algo comprido com a legenda BRILHANTE DA MIM — meu batom.

Estamos de mãos dadas, sorrindo de orelha a orelha.

Li uma vez que a língua grega tem quatro palavras para amor, dependendo do contexto. Mas, ao sair do PT Cruiser e me lançar nos braços perfeitamente abraçáveis de Walt, acho que os gregos estão errados. Porque meu amor por Walt é uma coisa nova, sem nome, algo louco e selvagem, jovem e entusiasmado. E, apesar de não saber o que esse novo amor tem a oferecer, sei o que ele requer: lágrimas de gratidão.

Eu choro mais.

E mais.

E mais ainda.

Atrás de mim, a voz de Beck é um bálsamo.

— Oi — diz ele. — Eu sou Beck, e a gente conta coisas um para o outro.

Eu me desvencilho de Walt e seco os olhos.

— O quê?

— Hum. Oi? Ela está *grávida*?

Pego a mochila, inclino a cabeça e — uau, lá está minha expressão adorável de novo. Vai ser minha perdição.

— Ah, sim. Isso.

— Ah. Sim. Isso. Mim, isso é uma maldita informação *pertinente*. Além do mais, explica bastante coisa.

— Por exemplo?

Ele olha para o alto da escadaria do solar, onde Kathy acabou de passar pelo portão duplo da entrada.

— Um certo desdém por uma certa madrasta, pelo qual um certo alguém quase esganou outro certo alguém quando esse outro alguém mencionou o assunto na carroceria de uma certa caminhonete. Você sabe a que estou me referindo, não sabe?

Contenho um sorriso.

— Sabe, acho que o melhor a fazer é deixar o ridículo dessa frase marinar.

Ele passa um braço por cima dos meus ombros e o outro pelos de Walt, e nos leva pelas escadas. É um andar comunitário cheio de vida, amor e desejo de viver o momento. Estou — de norte a sul, de leste a oeste — mundialmente entregue.

— Ei, Mim, gostou do desenho? — pergunta Walt, segurando o programa como se fosse um recém-nascido.

Beck se inclina para mais perto do meu ouvido.

— Ele trabalhou nisso o caminho todo. O garoto está mais do que empolgado para mostrar o desenho para você.

Esse conjunto móvel de Walt-Mim-Beck faz com que eu me pergunte se existe algum tipo de cirurgia para gêmeos siameses ao contrário. Ou, no caso... trigêmeos siameses.

— Walt, isso é uma obra-prima. Eu amei. Cada palitinho.

Somos forçados a nos soltar, já que subir escadas ao mesmo tempo é praticamente impossível e nada adequado para trigêmeos

siameses.

— Então — pergunta Beck. — Irmão ou irmã?

A princípio, não respondo. Não consigo. Escrevi a palavra e devo tê-la repetido centenas de vezes em outros contextos. Mas nunca em voz alta, aplicada a mim. Olho Beck nos olhos.

— Irmã.

— Legal. Já escolheram o nome?

— Isabel.

Beck para três degraus antes do fim da escada. Olho para ele e vejo algo mais claro que uma sombra passar por seus olhos.

— Que foi?

— Nada.

— Aham. Desembucha, Van Buren.

Ele sobe mais um degrau, para e passa a mão no cabelo.

— Ontem à noite, no hotel... acho que você mencionou o nome dela.

— O quê? — Olho para Walt, como se ele pudesse oferecer ajuda. E, por ajuda, quero dizer ressuscitação. Massagem cardíaca. A manobra Heimlich. Aquelas placas elétricas que literalmente dão choque para fazer você voltar à vida. Walt está com a cabeça mergulhada no programa do Reds. Pensando bem, não deve ser o melhor candidato ao choque elétrico. — Quando?

— Durante a sua... não sei do que chamar... crise?

Às vezes, meu cérebro dói. Não é uma dor de cabeça. É uma dor de cérebro. Pode acrescentar isso à longa lista de mistérios médicos de Mim, mas, agora, meu cérebro dói muito. Subo os três últimos degraus, imaginando como foi meu surto e quantos pensamentos íntimos devo ter anunciado: monólogos internos, teorias que ninguém deveria conhecer além de mim, palavras que colocam a revelação do nome de minha irmã não nascida no chinelo.

Então Beck segura minha mão, e minha dor de cérebro diminui. (Em vez de dor, as cortinas se levantam para uma deslumbrante apresentação de canto e dança da Broadway de quando Rodgers e Hammerstein estavam no auge.)

No topo das escadas, somos recebidos por uma placa nas cores do arco-íris ao lado da entrada.

ESTE É SEU NOVO COMEÇO

POR FAVOR, DEIXE AQUI TODAS AS SUAS INSEGURANÇAS E NEGATIVIDADE, VOCÊ NÃO VAI PRECISAR DELAS LÁ DENTRO. DESTE PONTO EM DIANTE, VOCÊ VAI VIVER SUA VIDA.

— Que pena que não me lembraram de respirar meu ar — comenta Beck, abrindo a porta com um meio sorriso.

Mas não é o meio sorriso de sempre, todo lindo e discreto. Esse é diferente, sem brilho. Extremamente sem brilho.

— Mim — começa ele.

E, de repente, meus braços estão ao redor dele, porque não quero que Beck termine a frase.

Não quero que eles entrem, porque isso não é para eles.

É minha caixa de madeira.

É um abraço profundo e poderoso, e Walt vira de costas, porque até ele entende que não tem nada de romântico nem engraçado. Minha boca, a centímetros do ouvido de Beck, sussurra a costumeira frase por vontade própria.

Beck beija meu rosto e responde linda e simplesmente:

— Está, sim, Mim. Você está.

Pensei em todas as vezes que eu achei que não estava bem, em todas as vezes que talvez eu estivesse. Se ao menos Beck Van

Buren estivesse por perto para me dizer o contrário...

Ele se afasta e passa um braço pelos ombros de Walt.

— Vamos ter um Novo Começo quando você voltar. Certo, Walt?

— Ei, oi, eu sou Walt.

— Exatamente — diz Beck, piscando para mim.

Uma imagem: meus dois melhores amigos abraçados, tão diferentes e tão parecidos, cheios de cores, enigmas e vida, encaixados no lugar certo como o cubo mágico de Walt. Seguro a mochila com mais força, me perguntando se algum dia vou ter amigos assim de novo.

— Exatamente.

Solar da Montanha

O CENTRO DE Reabilitação Solar da Montanha me dá um tapa no rosto com toda a decoração da entrada. Entre um pilão de manteiga e uma sela de rodeio, estou pensando que esse lugar me deve desculpas — mas não só a mim. Este lugar deve um pedido de desculpas a todo mundo que teve a infelicidade de atravessar suas portas do inferno.

Em um tapete, uma águia-careca voa por montanhas cobertas de neve — é majestosa, patriótica e, acima de tudo, insuportável. Por trás das montanhas, um sol arroxeadado se põe nos meus sapatos fúcsia. Há um enorme busto de Daniel Boone em um canto, imponente, à frente de um exército de pinturas a óleo como se fosse um general: um lince selvagem, um horizonte absurdamente lindo, um diagrama de pássaros em seu hábitat natural, todas as pinturas em formação impecável, esperando os comandos do corajoso general Boone (*sic*).

É o ridículo ampliado.

Depois de encontrar o banheiro feminino mais próximo, entro correndo e bato a porta. Mas é difícil escapar da resiliência das águias. Elas também vieram voando até aqui, pelo menos uma centena, batendo as asas pela liberdade, pairando, voando em círculos, arremetendo, decididas a se libertar da sua prisão de papel de parede. Tem uma tapeçaria asteca pendurada na parede acima

do vaso sanitário, acrescentando um não sei o quê... algo turquesa à mistura. Um pequeno cacto está em um vaso na pia, torto e solitário.

Caio de joelhos, me inclino para a privada, levanto o assento e vomito.

Ela está aqui. Neste inferno horrível, cafona e cheio de águias.

Aquilo sai de mim em uma torrente...

Sozinha.

Todos os conteúdos semidigeridos do meu estômago...

Perdida.

Meu Deus, como este lugar fede.

Ela está aqui.

Às vezes, quando fica ruim assim, imagino meu coração, meu estômago, meu fígado, meus rins e meu baço, tudo o que há dentro de Mary Iris Malone, vertendo de mim como uma mangueira, deixando para trás um corpo vazio e murcho, um colchão de ar furado, um manequim mole. Eu seria a Mim Renascida. Poderia recomeçar. Seria um belo de um recomeço.

Desabo no tapete do banheiro (um registro medonho de caubóis e índios, completo com um búfalo correndo e um revólver antigo) e tento recuperar o fôlego. Um minuto depois, alguém bate à porta.

— Mim? Você está bem?

Eu me sento, pego um pedaço gigante de papel-toalha e limpo a boca.

— Já vou sair!

Acima da privada, um aviso diz:

**USE O CESTO DE LIXO PARA PAPEL HIGIÊNICO E
PRODUTOS DE HIGIENE FEMININA
NÃO JOGUE NO VASO**

E, como dominós, as memórias desabam. Um banheiro amarelado derruba o mais Carl de todos os Carls, que derruba Arlene, que derruba a sabedoria dos mais velhos, que derruba a inocência juvenil, que derruba, que derruba, que derruba...

Olhando para a descarga, dou um sorriso. A jovem Mim de Nem Tanto Tempo Atrás encontrou novos amigos ao descobrir o poço da amizade totalmente aberto, um elenco completo de salvadores.

Minha mãe está aqui, neste lugar medonho. Mas não há Carls, Arlenes, Baleias Brancas, Karatê Kids, Walts fabulosos nem Beck Van Burens perfeitos para salvar o dia. Existe apenas nossa heroína, e, mais uma vez, ela está por conta própria.

Na pia, jogo água no rosto e enxáguo a boca. Não tem espelho, então olho para o cacto inclinado.

Sozinho.

Torto.

Uma lata de lixo fica no canto, formando uma trajetória perfeita. Com a precisão, habilidade e determinação de uma leoa, jogo o vaso do cacto na lata de lixo do outro lado do banheiro — um arremesso perfeito. Seco as mãos na calça jeans e saio do banheiro do sudoeste americano para todo o sempre, e já vou tarde.

No fim do corredor, Kathy está conversando com o sujeito da recepção. Ele é alto, atraente e um pouco mais velho que eu. Quando me aproximo, minha madraستا endireita o corpo.

— Você está bem?

Assinto e sorrio para o recepcionista, que, visto mais de perto, não é tão bonito assim. Como um *connoisseur* de bons vinhos perdido em um vinhedo fajuto, a beleza de Beck Van Buren me estragou para sempre.

— Você deve ser Mim — diz ele, exibindo dentes tortos. — Como está se sentindo hoje?

— Excelente. Escute, acabei de interditar o banheiro feminino, então talvez seja bom espirrar alguma coisa com aroma de pinho por lá. Ou floral. O que tiverem no estoque. Mas precisa ser forte. Ter peso, sabe?

Ele olha para mim embasbacado, mais feio a cada minuto.

— Desculpe, você... você o quê?

— Eu chamei o raul.

Ele inclina a cabeça.

— Pus para fora? — tento outra vez. — Comi ao contrário? Devolvi tudo?

Agora os dois estão me encarando.

— Eu vomitei no banheiro, cara. E está fedendo.

Eles ainda estão me encarando, mas com uma expressão completamente diferente no rosto.

— Aliás, onde posso conseguir um Mountain Dew? — pergunto, estalando os lábios. — Parece que mastiguei um tubo de cola de madeira.

O recepcionista olha para Kathy de um jeito que interpreto como “ela está falando sério?”. Os olhos de Kathy respondem com um “totalmente”. O Recepcionista Razoavelmente Bonito sai correndo, espero que para pegar um Mountain Dew.

— Vamos — diz Kathy, seguindo por um corredor.

— E meu refrigerante?

— Você quer passar mais tempo aqui do que o necessário?

Ao meu lado, o busto de Daniel Boone tem um sorriso de “está falando comigo?”.

Corro para alcançar Kathy e noto, não pela primeira vez, como ela tem um jeito de andar curioso. É uma combinação de ousadia, insolência e sabedoria das ruas. Os brincos balançam, os cachos artificiais se movem, a calça jeans justa demais a acompanha, as

unhas de acrílico batem, o cinto ofuscante brilha, os peitos grávidos oscilam — nesse momento, preciso aplaudir Kathy e todas as fashionistas iludidas que vieram antes dela, se apegando com tanta força à juventude perdida quanto às Louis Vuittons falsas.

Ela me entrega um pedaço de papel com o número 22 anotado com uma caligrafia razoavelmente bonita. Ao passar pelo quarto 11, gotas de suor se formam na minha testa. Sinto — e ouço — meu coração batendo em seus confins, enviando vibrações pela caixa torácica, pelo estômago que acabou de ser esvaziado, pela pele, pela camiseta do Led Zeppelin, pelo moletom vermelho.

O quarto 17 passa como um borrão. Meu Deus, estamos indo rápido.

A decoração do corredor estreito combina com o resto do lugar: pinturas a óleo da natureza, tapetes fofos, papel de parede florido com um monte de águias ridícul...

— Pronta? — sussurra Kathy.

— O quê?

Ela aponta para a porta: quarto 22. Do outro lado, ouço a voz de barítono clara e profunda de um homem que soube viver a vida.

... **40** ...

A viagem de volta

6 de setembro — meio-dia

Querida Isabel,

Escrevo para você com a maior das urgências. Escrevo sobre assuntos pesados e depressivos. Escrevo para ensinar e aprender, para expurgar e preencher. Escrevo para falar e escrevo para ouvir. Escrevo para contar a maldita verdade, Isa.

Sendo assim...

Eu tinha seis anos quando a tia Isabel se enforcou no porão.

Ela tinha vindo de Boston nos visitar. Lembro que, no dia anterior ao suicídio, Isabel estava sentada na sala e tinha sugerido que eu lhe mandasse uma carta quando ela voltasse para Boston. Mas eu era tão impulsiva naquela época quanto sou agora. Decidi que não podia esperar tanto. Então, no dia seguinte, sentei no meu quarto e escrevi uma carta sobre nada... Apenas uma carta. E fui procurá-la. Procurei pela casa toda, em cada cômodo. Finalmente, como última alternativa, resolvi ir ao porão. A porta era dessas antigas e pesadas que rangem ao abrir. Então você pode imaginar como isso me assustava quando eu era pequena. Além do mais, tinha uma grande fechadura de latão, mas, desde que todo mundo se lembrava, estava quebrada. (Muitas vezes me perguntei como minha vida teria sido se a fechadura não estivesse quebrada, ou se eu estivesse com medo demais para descer. Mas estava quebrada, e eu fui corajosa, e foi sempre assim.) Desci para o cômodo escuro chamando a tia Isabel o tempo todo. Não preciso dizer que ela não respondeu.

Ela nunca mais responderia.

Eu a encontrei ali, enforcada, os pés a centímetros do chão — a centímetros da vida. Mais tarde, eu juntaria as peças: tia Isabel tinha uma doença na cabeça, mas decidiu parar de tomar os remédios. Por orientação médica, foi ficar com a família. Escreveu cartas (com assuntos muito pesados e depressivos, imagino) para o médico e, finalmente, decidiu que a vida não valia a pena.

Não resta dúvida de que nosso pai se culpa tanto pela morte da irmã quanto pelo choque que isso provocou na filha (eu, não você). Não resta dúvida de que isso alimentou suas suspeitas sobre minha própria doença, que ele acha que podia ter feito mais para salvar a tia Isabel, que talvez pudesse ter feito mais e me impedido de *encontrar* tia Isabel. Que talvez pudesse ter feito mais e me impedido de me *tornar* tia Isabel. Mas eu não sou ela, nunca fui. Um dia, espero que ele perceba a verdade.

Então. O elefante na sala. Seu nome é uma homenagem a ela. Pois é. Ha. Ha. Ha. Hilário, não é? Ou, se não engraçado, ilógico. Quer dizer, Isabel é um nome lindo, não me leve a mal. Mas, caramba, são boas-vindas pesadas a um mundo cheio de fragilidades.

Então por que fizeram isso? Por que dar a você o nome da figura mais trágica da família? Vou lhe dizer, mas, quando você ler o que estou prestes a escrever, lembre-se do que já falamos sobre Motivos. Eles são complicados. Às vezes, quase impossíveis.

Certo, aqui vai: eu ia me chamar Isabel.

(*É isso aí, certo?*)

Então você deve estar se perguntando o que aconteceu. Por que eu *não* me chamo Isabel? Por que sou Mary Iris Malone? (Por quê, de fato?)

Começou com uma promessa.

Antes de você e eu nascermos, nossa avó, Mary Ray Malone, morreu de câncer de pulmão. Reza a lenda que, em seu leito de morte, ela pediu para o papai e a tia Isabel levarem adiante o nome da mãe dela (Isabel) caso um dia tivessem uma filha.

Eles concordaram.

Entra Eve Durham (minha mãe), a figura do Outro Lado do Atlântico. Pouco depois de se casarem, Eve informou a Barry que estava grávida, e Barry informou a ela que, se o bebê fosse menina, se chamaria Isabel. Então Eve informou a Barry que odiava o nome Isabel. Barry insistiu. Eve insistiu ainda mais. No fim das contas, ele cedeu, com a condição de que usariam o nome da

mãe dele — Mary. Minha mãe disse que tudo bem, mas que queria algum tipo de flor no nome.



A CARA DE BARRY MALONE
(Ao ouvir a notícia de que a esposa queria a porra de uma flor no nome da filha)

Então eu nasci, a improvável Mary Iris Malone, uma anomalia caleidoscópica desde o início.

O apelido Mim pegou rápido. Só de vez em quando meu pai me chamava de Mary, e só por acidente. Mas não posso culpá-lo. Meu nome — minha existência — é um lembrete constante de sua promessa quebrada.

É onde você entra, Isabel. Você torna nosso pai pleno. Através de você, ele obtém a redenção. Cumpra a promessa. Aliás, vou fazer uma previsão: papai nunca vai chamar você de qualquer coisa além de Isabel. Você não terá apelidos.

Meu Deus, tenho tanta inveja! Enfim...

Estou com sua mãe agora, voltando para o Mississippi. Mosquitolândia. É como tenho chamado o lugar. É feio, eu sei, mas de que outro jeito podemos dar um chute no saco de um estado inteiro? Optei pela zombaria.

A verdade é que o Mississippi não parece meu lar. Por enquanto. Até ontem, eu achava que meu lar ficava em Cleveland, com minha mãe, mas, meu Deus, como estava errada.

Lar é complicado.

Até mais que os Motivos.

É mais do que um depósito para sua vida e suas coleções. É mais que um endereço, ou até a casa onde você cresceu. As pessoas dizem que lar é onde o coração está, mas acho que talvez lar *seja* o coração. Não um lugar ou uma época, mas um órgão, bombeando vida na minha vida. Pode haver mais mosquitos e madrastas do que eu imaginava, mas ainda é meu coração. Meu lar.

Uma verdadeira Nova Pangeia caleidoscópica.

Minha esperança para você, Isabel, é que seu lar seja fácil. Óbvio. Desejável. Mas aposto que não vai ser nada disso. Aposto que você vai ter que lidar com sua própria Mosquitolândia. Boa sorte.

Não decidi se vou continuar escrevendo depois que você nascer, ou se minha Lista de Motivos é mais um diário de correspondência pré-natal. Parte de mim acha que seria uma ótima maneira de oferecer uma vida de conselhos e de contar minhas histórias conforme forem surgindo, em vez de esperar você crescer para ouvi-las. Mas, até lá, você pode perder o interesse. Ou eu posso esquecer tudo, porque vou estar velha. Ou morta. Esta é a questão da vida: você não sabe quanto tempo tem até morrer, e, até lá, não vai saber muito de nada.

Talvez eu continue. Escrevendo, quer dizer. Isso me faz bem. E sentir-se bem é um privilégio hoje em dia.

De todo jeito, imagino que você queira ouvir meu nono e último Motivo. A coisa das Coisas, o talismã precioso, o cerne de minha cebola gigante de Motivos. Está pronta? Aqui vai:

Isabel Sherone-Malone, *você* é o Motivo nº 9.

E, para ser honesta comigo mesma, você foi o único motivo que importou de fato. Meu pai quis se divorciar da minha mãe? Tudo bem. Quis se casar com outra mulher? Tudo bem. Quis que nós três fôssemos morar bem longe da minha mãe, da minha vida, do meu mundo? *Foda-se*. Mas ele e a nova esposa terem um filho?

Fim de papo.

E então ontem aconteceu. O Solar da Montanha aconteceu. Entrei em um quarto, e minha vida mudou. (Você precisa se preparar para isso. Às vezes, você entra em um quarto uma pessoa e, quando sai, se tornou outra, totalmente diferente da anterior.) Minha Missão, quando concluída, acabou se

tornando algo totalmente diferente. Sua mãe teve um grande papel nisso. Ela abriu as cortinas empoeiradas e revelou muitas verdades. Um dia, vamos falar mais sobre isso. Vou lhe entregar estas cartas e preencher as lacunas o melhor que puder. Você provavelmente vai ter perguntas a fazer, e tudo bem. Vou dar respostas sinceras. Porque, mesmo que a verdade seja complicada, é preciso afogar as pessoas pra valer nela, se quiser ter algum valor. Lembre-se disso, Isa. Seja uma criança sincera. Balance uma bandeira para que todos vejam. E, a propósito... seja uma criança que gosta de surpresas. Grite de prazer com filhotes de cachorro, cupcakes e festas de aniversário. Seja curiosa, mas alegre. Seja leal, mas independente. Seja gentil. Com todos. Trate todos os dias como se fosse o dia dos waffles. Não se contente com o primeiro menino (ou menina), a menos que ele (ou ela) seja a pessoa certa. Viva a droga da sua vida. Faça isso com vontade, porque, meu Deus, não existe nada mais triste do que uma existência sem prazer. Saiba quem você é. Ame a si mesma. Seja uma boa amiga. Seja uma criança com esperança e substância. Seja uma criança com apetite, Isa. Você sabe o que eu quero dizer, não sabe? (Claro que sabe. Você é uma Malone.)

Certo, por enquanto é isso. Nos vemos do outro lado.

Caramba, prepare-se.

Câmbio e desligo,
Mary Iris Malone,
sua Irmã Mais Velha

Por trás das cortinas

AO ENTRAR NO quarto 22, a silhueta da minha mãe chama minha atenção, como aconteceu naquele fatídico feriado, exatamente um ano atrás. Ela está sentada em uma poltrona reclinável, de costas para mim, olhando pela janela. Lá fora, o sol está se pondo. Seu brilho sutil joga uma luz nefasta na minha mãe, que se torna ainda mais intensa porque parece não afetar mais nada no quarto. Ao lado dela, há um aparelho de som na mesinha. Quando a música termina, o CD gira e emite um zumbido, e a música começa de novo.

Elvis no repeat.

Merda.

Isso é ruim.

— O que você está fazendo aqui? — pergunta ela, sem se virar.

A voz soa estilhaçada. Não preciso me esforçar muito para me lembrar da última vez que a vi. A noite em que ela se sentou ao lado do meu pai. A noite do discurso de uma linha. Minha boca fica paralisada, minha testa derrete, minhas mãos ficam tensas. Estou cento e dez por cento despreparada para isso. Minha única reação é tão elementar que até eu me encolho.

— Feliz Dia do Trabalho, mãe.

Meus tênis de segunda mão me levam até ela. As sombras mudam conforme me aproximo, de marrom para azul, mais claro,

mais escuro, e mais claro de novo.

— Mary, você não deveria ter vindo aqui.

— Eve... — A voz de Kathy surge do nada. Levei apenas alguns segundos para esquecer que ela estava presente. — Ela veio de longe para ver você. Você não faz ideia...

Minha mãe vira a cabeça e interrompe Kathy com um olhar. E, assim, no meu momento dos Momentos, vejo o rosto da minha madrasta e me dou conta do quanto eu estava errada sobre ela.

Mamãe volta a olhar pela janela e sussurra alguma coisa baixo demais para que eu consiga ouvir. Giro o batom dela no bolso e me aproximo mais; estou perto o bastante para tocar seu ombro. Ela finalmente me olha nos olhos, e, pela primeira vez, a vejo; meu Deus, eu a vejo pelo que é, pelo que foi e pelo que sempre será. Vejo milhões de quilômetros de vida, um milhão de vidas em uma, um milhão de dores de cabeça, de corações partidos, de dores no cérebro, um milhão de ingredientes naqueles olhos. A receita é esta: alegria natural e tristeza adquirida, amor encontrado e amor perdido, fogos de artifício, biscoitos da sorte, astros do rock famosos, garrafas vazias, compaixão verdadeira, falsos começos, ficar acordada até tarde, a luz da lua, a luz do sol, ser esposa, ser traída, estar ao meu lado, ser minha mãe, ser, ser, ser.

— Eu já fui amável, mas ele nunca me amou.

Assinto e não consigo mais segurar. Do fundo do meu corpo até meus olhos (um morto, um vivo: as lágrimas não discriminam). Sou tomada por uma urgência de contar a ela sobre o Grande Eclipse Cegante, que sou meio cega há dois anos e nunca contei a ninguém. Quero que ela seja a primeira a saber. Quero que ela saiba tudo sobre minha viagem, todas as pessoas que conheci pelo caminho. Quero que ela saiba sobre Beck e Walt. Sobre Arlene e a dose extra de Carl no Carl. Sobre a Mosquitolândia e nossa casa

horrível, comprada pelo preço módico de “tudo em que eu sempre acreditei”. Porque, no momento, olhando para esse corpo vazio que um dia foi minha mãe, parece que nada mais pode ser verdade. Sinto falta das segundas-feiras de Kung Pao e de formar uma aliança contra meu pai. Sinto falta da rebeldia do beco e de dar dinheiro a Reggie. Sinto falta de como as coisas eram.

Sinto falta de *casa*.

Quero dizer tudo isso a ela, mas não o faço. Não consigo. É como correr uma maratona e parar a um passo da linha de chegada. Então fico parada. Pensando.

Penso em uma conversa de uma década de idade. Da boca deformada de um homem coberto de bolhas na fila do banco, da farmácia ou da peixaria, não importa. A conversa viaja por um buraco negro no tempo e no espaço, para além de todas as estrelas, a luz e o sol em todas as galáxias do universo. Então chega a seu destino final, no planeta Terra, Estados Unidos, Ohio, Cleveland, Centro de Reabilitação Solar da Montanha, quarto 22, ouvidos da Mim.

“Foi um erro?”, perguntei.

“Não”, respondeu o Homem da Pele cheia de Bolhas, sorrindo como um bobo. “Deus só ficou entediado.”

Daquele momento até agora, refleti sobre as peculiaridades de um Criador irritado. E agora eu sei. Vejo na baba drogada pingando do rosto da minha mãe, antes tão jovial. Vejo no batalhão de especialistas treinados designados para cuidar dela. Vejo na decoração deste pesadelo chamado Centro de Reabilitação Solar, e sei o que Deus faz quando fica bravo: uma pessoa com capacidade para o vazio. Mas não do vazio constante de Dustin, Caleb ou do Homem do Poncho. Um vazio drenado. Uma pessoa que um dia foi plena. Uma pessoa que viveu, sonhou e, acima de tudo, se

importou com alguma coisa — com *alguém*. E, dentro dessa pessoa, ele deposita a possibilidade do *desaparecimento* (acabou; escafedeu-se) a ser substituído pelo Grande Vazio. Sei que isso é verdade porque, neste instante, um Grande Vazio está me olhando bem nos olhos.

— Mary — sussurra o Grande Vazio.

Seguro a mão dela pela primeira vez desde aquele fatídico feriado, em algum ponto entre a rebeldia e a mediocridade. Chorando, olho pela janela, torcendo com todas as forças para que ela não diga o que sei que vai dizer.

— Eu sinto muito — murmura, entre soluços. — Eu nunca quis que você me visse assim. Eu sinto muito.

— Está tudo bem, mãe. — Minhas palavras saem em borbotões feios e nasais, e eu a abraço com mais força do que já abracei alguém. — Está tudo bem — repito, porque, se continuar dizendo isso, talvez se torne verdade. *Está tudo bem, está tudo bem, está tudo bem, está tudo bem.*

Deixo a mão no ombro dela e olho pela janela, meio esperando que fogos de artifício explodam ao longe. Meu Deus, não seria perfeito? Nenhum surge, mas tudo bem. Ainda é o feriado do Dia do Trabalho. É só um tipo diferente de rebeldia.

Kathy puxa minha mão.

— Hora de ir embora — sussurra ela, me levando em direção à porta.

Assinto e beijo a testa de minha mãe. Eu me viro e noto uma penteadeira — não *a* penteadeira, mas uma bem parecida — ao lado da cama. É de madeira escura, cheia de entalhes de vinhas, algo que deve ter sido popular um dia. Apesar de ela chegar até a cintura, um espelho preso na parte de trás vai até o teto, como se tivesse lugar próprio. Atravesso o quarto, noto no espelho uma

rachadura da espessura de um fio de cabelo, de cima a baixo. Paro bem no centro, uma metade do rosto de cada lado da rachadura.

Lado direito de Mim, lado esquerdo de Mim.

Dividida ao meio.

Meu reflexo é uma receita improvisada de ingredientes vencidos: abatido, estranho, mundano, saudoso, envelhecido, exausto — para citar alguns. De um lado da rachadura, meu olho direito está quase fechado. O zíper do moletom acompanha a rachadura do espelho. Noto que o tecido vermelho tem um tom mais profundo, mais sujo, mais denso, de sangue.

Uma imagem: o lado direito de Mim se virando para o lado esquerdo e fazendo muitas perguntas. Tocando a penteadeira, eu me lembro do sonho que tive meses atrás: os pés velhos, os sussurros, o reflexo dos *nossos* rostos. A bandeja de maquiagem não está lá, mas a maquiagem está: perfumes, blushes, sombras e corretivos. Tudo está ali, menos um item.

Tiro a maquiagem de guerra do bolso da calça jeans e o giro nas mãos. Assim como eu, está diferente, viajado, com uma ponta mais pronunciada. Sem nunca ter terminado o último desenho, ainda sobrou um pouco. E sei exatamente como usá-lo.

Com passos controlados, atravesso o quarto e paro entre minha mãe e a janela. Abaixo a cabeça e vejo em seus pés as mesmas pantufas esfarrapadas — bem ao lado dos meus pés com os mesmos tênis esfarrapados. Tantas semelhanças...

Giro o tubo e, como uma fênix renascendo das cinzas, ele também ressurgiu, pronto para entrar em ação. Kathy está parada em silêncio na porta. Ela não tenta me impedir, nem me apressar.

— Você está diferente — murmura minha mãe.

Sou pega de surpresa, porque, por alguma razão, ela não parecia uma pessoa que ia dizer alguma coisa.

Levanto a cabeça para olhar nos olhos dela.

— Cortei o cabelo.

Minha mãe balança a cabeça e se aproxima do meu ouvido.

— Você parece a minha Mary.

As lágrimas se tornam uma enchente. E agora tenho uma nova imagem: meu frasco fechado de Abilitol, o verdadeiro talismã da decepção, escondido no fundo da mochila. Faz dias que parei de aceitar o monge do hábito, e, no entanto, me sinto mais Mim do que nunca.

Seco os olhos, coloco a mão no ombro da minha mãe, seguro o batom entre o polegar e o indicador e me inclino.

— Vou mostrar umas coisinhas para você.

Ela sorri um pouco, eu também, me lembrando minha primeira e última maquiagem. Pinto os lábios dela, com cuidado para não borrar os cantos difíceis e sair da linha. Ela olha para mim, os olhos cheios de não sei o quê... espanto, gratidão, constrangimento, amor. Tudo isso, e de uma vez só.

Quando termino meu trabalho, dou um passo para trás e admiro a obra. Ainda é uma sombra de seu antigo eu, mas existe alguma coisa ali, algo que estava ausente minutos atrás — uma centelha de juventude, ou um pouco de luz em seu olhar. Não é muito, mas já é alguma coisa.

— Veja só — sussurro, sorrindo e chorando. — Você é amável.

Beijo a testa da minha mãe e aceno para Kathy. Antes de sair do quarto 22, deixo o batom na nova penteadeira, onde é seu lugar.

Novos começos

ACOMPANHO KATHY PELAS portas da frente do Solar da Montanha e coloco os óculos de sol de Albert.

— Nem me dei conta de como estava escuro lá dentro — comenta ela.

Metáfora é a palavra que me vem à mente.

— Que tal comida chinesa, Mim? Estou morrendo de fome.

A imagem do papelzinho em branco do biscoito da sorte atravessa minha mente, mas, antes que eu possa dizer “não, obrigada”, algo muito mais importante me ocorre.

— Você está vendo Beck ou Walt em algum lugar? — pergunto, olhando em volta.

Kathy está revirando a bolsa enorme.

— Droga. Acho que deixei as chaves na recepção. Já volto.

Ela volta para dentro, e eu aperto os olhos, esquadrihando o gramado. Uma olhada rápida para o estacionamento, e meu pobre coração — depois de sofrer tanto no quarto 22 — começa a dar cambalhotas. Tio Phil, a leal caminhonete azul enferrujada, sumiu.

Pego o celular para ligar para Beck, mas lembro... *O celular dele*. Essas lembranças não derrubam outras, elas destroem: um celular perdido derruba a Estalagem de Ashland, que derruba *I Love Lucy*, que derruba uma vaga de estacionamento vazia, que derruba, que derruba, que derruba.

Vamos ter um Novo Começo quando você voltar. Certo, Walt?
Coloco a mão no peito, sentindo o coração bater...

Ei, oi, eu sou Walt.

batendo...

Exatamente.

batendo...

Sinto o zoom da câmera se fechar nos meus olhos.

E as vozes, Mim? Teve outro episódio nos últimos tempos?

Sinto a plateia assistindo.

Sintomas de psicose, sr. Malone, não são psicoses em si.

Sinto a plateia esperando.

Eu sou Mim Malone. Sou Mim Malone, e estou só.

Sinto o moletom vermelho, a piscina na laje, o frasco de Abilitol.

Eu não sou louca.

Sinto a vaga de estacionamento vazia.

Você já teve a sensação de ter perdido algo importante, só para descobrir que nunca existiu, para começo de conversa?

Sinto todas as pontas soltas.

Sinto... uma força, me puxando como uma correnteza, me puxando para o mar, para o mar de árvores, me levando para o fundo. É um lugar estranho: plantas e animais, uma sociedade secreta de criaturas, uma vida de luta e sobrevivência — e a luta por sobrevivência. A paisagem está borrada, mas o chão parece firme. Olho para mim mesma, Aqua-Mim, como se através de uma lente: sombreada, azul, nua sob a água, nadando contra a corrente, prendendo a respiração. Ela nada até uma planta com as cores do arco-íris, uma planta que a impele a viver sua vida, uma planta oferecendo a possibilidade de um Novo Começo. Ela se segura na planta, sente o peso começar a diminuir, a cabeça emergir e...

Respiro.

Colado no meio do folheto dos Novos Começos, encontro meu bote salva-vidas. Uma obra de arte de bonecos de palitinho. O programa do Reds. Com caneta hidrográfica — prova física e permanente da realidade —, meu nome escrito na frente. Arranco o programa do folheto, rasgando vestígios de índigo, violeta e amarelo da paleta sanguínea. Folheando as páginas, vejo o lindo diagrama de Walt e, de alguma maneira, sei que há mais. Na página seguinte, por cima do surrado cartão de resultados do Cubs, o roteiro dos meus queridos bonecos de palitinho:

Ei, oi, Mim! Ha. Beck disse que vamo embora, então vamo mas já estou com saldade. Quando tava fazendo as coisas, lembrei de quando a gente se conheceu em baixo da passarela, e que você era engrassada dormindo, acho que nunca te disse. E bonita. Você tava bonita. Vou sentir sua falta quando tiver lonje, mas ele tá dizendo que a gente vai se ver no jogo, então vamo fazer isso. Vamo se ver mal posso esperar!

Do seu amigo pra todo sempre.
Walter

Não achei que pudesse chorar mais. Eu estava errada.

Na página seguinte, vejo os garranchos de Beck, escrevendo sobre a foto de algum jogador promissor. Mesmo entre as lágrimas, rio da saudação.

Querida Madagascar,

— Não sei como me despedir de você — disse Mim, olhando nos olhos devastadoramente lindos de Beck Van Buren.

— Eu sei — responde Beck, em um tom devastadoramente belo.

Que tal, Mim? É para a minha biografia, a História Devastadoramente Real do Incrível Beckett Van Buren. Literário demais? Certo, que tal isto...

— Não sei como me despedir de você — disse ela.

— Eu sei — responde ele.

E eu não sei, Mim. Meu Deus, não sei mesmo.

Mas tive uma ideia...

No caminho para cá, Walt me mostrou uma fotografia. Ele está com a mãe na frente do Wrigley Field, e não sei se você viu a foto, mas, Mim, esse menino está 100% feliz. Sabe, um carregamento eterno de Mountain Dew feliz, e talvez a mãe dele tenha morrido, mas e se não morreu? De todo jeito, se Walt tem família em algum lugar, eu pretendo encontrá-la. Chicago é bem longe, mas acho que Tio Phil encara o desafio. Você encontrou seu lar. É a vez do Walt.

Ontem à noite, prometi que não ia abandonar você de forma definitiva. Por favor, acredite quando eu digo: vou cumprir essa promessa. E, apesar de ainda não saber como me despedir, sei de um certo personagem devastadoramente lindo que gostaria de outra chance. Então aqui vai:

— Não sei como me despedir de você — disse ela.

— Eu sei — respondeu ele.

Os dois estão sentados, tentando encontrar palavras impossíveis. Ela as encontra primeiro:

— Talvez não precise ser, hum, uma despedida de verdade, sabe?

Ele olha para ela e se pergunta como teve tanta sorte.

— Se comparada a uma despedida de faz de conta?

— Na verdade, sim. Prefiro muito mais as despedidas de faz de conta do que as de verdade.

— Tudo bem — diz ele, beijando-a de leve na testa. — Quando esse dia chegar, você terá sua despedida de faz de conta.

FIM

COM AMOR,
ÁFRICA

P.S.: Tenho certeza de que você já percebeu a esta altura, mas eu basicamente roubei sua caminhonete. Eu me sinto um babaca, só para você saber. Por favor, não dê queixa. Vou reembolsar você no jogo. O que me leva a...

P.P.S.: Vire a página para sua despedida de faz de conta...

Quase sem conseguir respirar, viro a página seguinte do programa. É a programação dos jogos do Reds para o ano que vem. Uma partida específica está circulada com caneta vermelha: Jogo de Abertura. Reds vs. Cubs. E, ao lado, cinco palavras em tinta vermelha: "Lembre-se do ponto de encontrowski!"

Imagino Walt com uma borboleta na garrafa e Beck com a câmera no pescoço. Estamos parados, juntos, perto da estátua de algum jogador de beisebol que se transformou em ponto de encontro. O jogo de abertura é no começo de abril, e, de repente, mal posso esperar até a primavera.

— Tudo bem, Mim?

Olho para a frente, me perguntando há quanto tempo Kathy está ali parada.

— Tudo — respondo, colocando o programa na mochila. — Encontrou as chaves?

Ela me mostra o molho de chaves, chacoalhando-o.

— Estava na minha bolsa o tempo todo. Então, que tal comida chinesa?

Seguro as alças da mochila e desço os degraus de pedra até o estacionamento com Kathy.

— Pode ser mexicana?

— Para falar a verdade, eu não me importo com o que a gente vai comer, contanto que seja logo — diz ela, tirando uma mecha tingida do rosto. — Isabel está faminta. O que me faz lembrar, acho que vamos ter que dividir a viagem: metade hoje, metade amanhã. Fico cansada muito rápido hoje em dia.

Kathy passa a mão na barriga duas vezes, e eu me pergunto se minha irmã consegue sentir o toque da mãe. Espero que sim. E espero que ela saiba que esse tipo de amor não é uma coisinha à toa. É uma coisa enorme, talvez a maior de todas. É o tipo de amor minigolfe, o tipo de amor que Claire e Caleb nunca tiveram. Talvez aqueles dois nunca tenham tido uma chance justa. Talvez, se tivessem tido pais que os deixassem ganhar jogos inúteis, ou mães que acariciassem sua barriga de grávida, reafirmando para o Feto Claire e o Feto Caleb que, sim, ainda que o mundo seja uma merda

sem tamanho, ainda existia beleza, que estão esperando por eles — talvez Claire e Caleb tivessem saído diferentes.

Vejo Kathy andando em direção ao carro e penso em meu pai — em como a irmã e a primeira esposa dele eram mulheres incrivelmente complicadas, dadas a assuntos pesados e depressivos. Não me admira que ele quisesse que eu evitasse esses temas específicos com a pequena Isabel. E não me admira que ele tenha se casado com Kathy Sherone-Malone, a mulher do café da manhã Grand Slam e unhas postiças, alguém totalmente descomplicada, dada a assuntos divertidos e alegres.

Parada ao lado da porta do passageiro, olho para Kathy por cima do teto do PT Cruiser.

— Então é por isso que você não queria que eu ligasse para ela — digo. — E foi por isso que ela parou de escrever. E foi por isso que meu pai nos fez ir morar do outro lado do país. Para que eu não tivesse que vê-la assim. Para que a gente pudesse ter um... sei lá... um recomeço.

Ela coloca a chave na porta do carro e para.

— Não vamos fazer isso, está bem?

— Fazer o quê?

— Isso. Essa coisa em que a gente conversa sobre isso até o assunto se esgotar e não sobrar nada em que... pensar, sabe?

O engraçado é que eu sei. Sei muito bem.

Dentro do carro, Kathy liga o rádio. Maravilha das maravilhas, é o maldito Stevie Wonder, nos dizendo por que ligou.

— Desculpe — diz Kathy, vermelha.

Ela muda de estação.

Contra todos os meus princípios, volto para o Stevie. Em seguida, pego a lata de Hills Bros. da mochila e a devolvo.

— Aqui está. E me desculpe. Vou devolver o dinheiro.

Ela pega a lata, dá de ombros e a joga no banco de trás.

— Se você me ensinar a cortar o cabelo assim, estamos quites.

— Feito.

— Escute, Mim... — Ela inclina a cabeça e suspira, e eu sei, o que quer que Kathy fosse dizer, mudou de ideia. — Pronta para ir para casa?

Um filme começa a passar na minha cabeça, e é como abrir as cortinas de novo: os personagens da viagem fazem uma reverência em agradecimento...

Carl dirige um ônibus da Greyhound para Algum Lugar, EUA, reunindo uma dose extra de Carl quando um trailer o ultrapassa sob a chuva. O túmulo de Arlene, um feixe de esperança na Terra da Autonomia, diz: “Aqui jaz Arlene, uma grande dama da velha guarda, se é que já houve uma.” Claire continua franzindo a testa, enquanto se serve de um copo de limonada em sua apropriada casa de cidadezinha apática. Ahab e a Baleia Branca estão abastecendo combustível, quebrando tudo, nadando e tomando sol. O policial Randy, assim como o dr. Wilson antes dele, inventa novas maneiras de enrugar a testa, formar rugas, balançar a cabeça, suspirar e duvidar. A dra. Michelle Clark, com sangue, órgãos e dentes perfeitos, gostaria de dizer oi.

Os vilões desta odisseia — o Homem do Poncho e Caleb (também conhecido como “Menino das Sombras”) — estão entoando uma canção triste por trás das grades, encarando dez a vinte anos de cárcere. E, apesar de ser um fim merecido, eu me lembro de uma certa Amazona Loira que foi ajudada durante um acidente de ônibus pelas mãos mais improváveis. E me lembro de duas vozes distintas em meio às árvores, e uma delas podia até ser considerada triste e solidária. E fico fascinada com as virtudes dos vilões.

E o que dizer de meus heróis? Meu querido Walt, entusiasta do cubo mágico e apaixonado por Mountain Dew, sentado no banco do passageiro da amada caminhonete Tio Phil, rindo uma risada para os anais da fama. E Beck, meu príncipe de nylon azul-marinho, com aquele cheiro (tudo de bom no mundo), aquele sorriso (idem) e aqueles olhos verdes profundos, baixando o vidro e deixando o vento bater no rosto. E, apesar de ser um fim merecido, eu me lembro da inclinação de um certo alguém ao furto de coisas brilhantes. E me lembro de uma confissão de desonestidade mobilizada pelos fogos de artifício. E fico fascinada com as falhas dos heróis.

Mas talvez exista um pouco de preto e branco. Nas nossas escolhas. Nas *minhas* escolhas.

Sorrindo, acrescento nossa heroína aos cumprimentos. Ela está com Beck e Walt, rindo de alguma coisa peculiar e adorável que Walt disse, e agora estamos discutindo o Cubs, e novos começos, e... ah, meu Deus, o dia do jogo de abertura já está chegando?

Sinto a falta deles mais do que dá para acreditar. Mais, muito mais.

— Mim?

— Sim — digo. — Vamos para casa.

O PT Cruiser de Kathy, embalado pelas doces melodias de Stevie Wonder, dispara entre as magnólias perfeitamente alinhadas. Por trás dos óculos escuros, meu olho bom desafia o sol a terminar o que começou, a tirar a visão que me resta. Mas o sol não o faz, porque não estou falando sério. Não é pra valer.

Em um impulso, procuro o Abilitol na mochila, pego o frasco e o analiso. Pela primeira vez, noto que o canto do rótulo está começando a soltar. Termino de tirá-lo, revelando uma série de avisos, incluindo os riscos associados ao seu consumo.

“... os efeitos colaterais comuns relatados por usuários de Aripapilazone podem incluir dor de cabeça, fadiga, ansiedade, náusea extrema...”

Náusea extrema.

Um canto escuro do meu cérebro espana a camada de poeira e ganha vida diante da esperança de redenção. Será possível? Minha epiglote deslocada pode não ser nada além de uma reação ao remédio? Leio a outra lista, relacionada à retirada do medicamento.

“... os possíveis sintomas da descontinuidade repentina do Aripapilazone incluem vômito, vertigem, náusea extrema, sudorese noturna...”

Náusea extrema: um efeito colateral tanto de tomar os comprimidos quanto de não tomar. Como as virtudes do vilão ou as falhas do herói, o Abilitol é só mais um dos muitos tons de cinza.

Olho para a frente, admirando o gramado bem-cortado e refletindo sobre a loucura do mundo. Tanto Beck quanto meu pai se culpam pelo que aconteceu com a irmã. E passaram anos tentando não cometer o mesmo erro de novo. Mas meu pai está procurando alguma coisa dentro de mim que pode nunca ter estado lá. E, se ele estiver certo — se houver algo sombrio aqui dentro —, preciso de alguém ao meu lado que entenda o lado ficcional da vida. Alguém que entenda a diferença entre suítes e concertos. Preciso de um urso no consultório, não de uma cobra disfarçada.

Preciso de Makundi.

Abro a tampa de segurança, baixo a janela e seguro o frasco para fora. Tenho certeza de que existem pessoas por aí que dependem do Abilitol para enfrentar o dia. Caramba, ele deve ter até salvado vidas. Mas, ao pensar na última vez que tomei uma dose, me rendendo aos monges do hábito naquele ônibus vazio em Jackson, posso afirmar: estou vendo as coisas com muito mais clareza agora.

Devagar, sem hesitação, viro o vidro de ponta-cabeça, esvaziando os comprimidos na frente das magnólias em formação militar. Pode ser difícil por um tempo. Posso até enfrentar a abstinência. Posso até ter que ligar para o irlandês disfarçado, o bom dr. Makundi, para pedir uma prescrição. Mas vai valer a pena. Porque esta é a minha vida, a única que tenho. E se eu precisar escolher entre uma vida com Abilitol e uma vida cheia de Vida... Bem, não é uma escolha de verdade, é?

Depois de algum tempo, Kathy liga a seta e olha pela janela.

— Me avise quando der passagem do seu lado, Mim.

Meu Deus, o céu está com um tom azul-cobalto perfeito. Um azul novo, puro, natural. Nunca notei como esse azul era lindo até agora.

— Está livre? — pergunta Kathy, ainda olhando pela janela do motorista.

Viro de lado, olho para a parte de trás da cabeça dela e então me dou conta: minha madrasta é uma completa estranha. Não sei nada sobre ela, nada sério. E nunca contei a ela nada sobre mim.

— Mim? Podemos passar?

Meu nome é Mary Iris Malone, e eu estou vendo tudo diferente.

— Sou cega — sussurro. — Do olho direito.

Porque, às vezes, uma coisa só tem validade depois que é dita em voz alta.

AGRADECIMENTOS

Um obrigado para meus pais, por, entre outras coisas, me mostrar como é uma família funcional de forma boa o bastante para que eu pudesse escrever sobre uma tão disfuncional. Para todo o clã Arnold e Wingate: eu estaria perdido sem sua paciência e apoio por todos esses anos. Tenho a melhor família da história das famílias.

Um obrigado de coração para meu agente, Dan Lazar, cujo tino editorial e cuja destreza literária são insuperáveis. Para Torie Doherty Munro, Cecilia de la Campa, Angharad Kowal, Chelsey Heller e toda a minha família na Writers House: estou para sempre em débito por vocês terem dado vida a Mim.

Ken Wright, você é meu “editor perfeito”. Este livro seria terrível sem seus sábios conselhos e sua orientação. Alex Ulyett, milhares de obrigados por seu cérebro genial. Devo a vocês dois mais do que imaginam. Para Theresa Evangelista e Andrew Fairclough, por produzir a obra de arte que é a capa do livro, e para Eileen Savage, pelo projeto original do miolo e pelos desenhos fabulosos de Mim. Para Tricia Callahan, Abigail Powers e Janet Pascal, que fizeram o copidesque — e para todos na Viking/Penguin, que tornaram minha primeira experiência com publicação uma alegria incomparável: MUITO OBRIGADO.

A comunidade de escritores é muito melhor do que o ato de escrever. Então agradeço aos meus superiores: meus críticos — Ashley Schwartz, Josh Bledsoe e Erica Rodgers —, por fazerem deste livro o que ele é; minha boa amiga e parceira de críticas,

Courtney Stevens, por eu-nem-sei-por-onde-começar; Jessica Young, Lauren Thoman, Kurt Hampe e Tiffany Russell, que ofereceram ajuda e deixaram suas digitais por todas as páginas; Ruta Sepetys, por ter lido o manuscrito e pelo incentivo; Becky Albertalli, Jasmine Warga e Adam Silvera, pelos milhões de e-mails, biscoitos, colchonetes e por se juntarem a mim nessa canoa furada (para sempre #beckminavidera); Rae Ann Parker, Kristin O'Donnell Tubb, Sharon Cameron, CJ Schooler, Victoria Schwab, Genetta Adair, Daniel Lee, Steven Knudson, Dawn Wyant, Sarah Brown, Helene Dunbar, Paige Crutcher e Patsi Trollinger.

Um obrigado especial para: meus irmãos Campeões pelo mundo (Campeões, unidos!); minha nora, Michelle, pelos termos veterinários e a genialidade para livros juvenis; Rachel Smith (Smitty's House of Pain) e todas as velhas loucas do Glen Leven; Mim Brumley (porque dá); Carl Meier (um verdadeiro Carl) e todos da Black Abbey, pela "inspiração"; Daniel Meigs, pelas habilidades fotográficas; Stephanie Appell e todos na Parnassus Books; Amanda Connor, da Joseph-Beth Booksellers, em Lexington; Jeremy e Tiffany Lee; Seth Worley; Stephanie McGuire e Sarah Hummel, pela orientação sem igual. Um ENORME obrigado para a Society of Children's Book Writers and Illustrators, cujo trabalho intenso, sabedoria e senso de comunidade me moldaram como escritor. E um zilhão de obrigados a você, leitor, pois sem você nada disso seria possível.

Elliott Smith me forneceu mais do que uma trilha sonora enquanto eu escrevia — ele me ensinou que uma voz honesta é mais atraente que uma voz bonita. E também tenho uma dívida de gratidão com Alexandre Desplat, Slowreader, Bom Iver, Nick Drake, M. Ward e Jon Brion, que criaram as notas perfeitas para Mim. E um obrigado especial para o lendário David Byrne, por permitir que eu

usasse suas palavras quando as minhas não pareciam boas o bastante.

Obrigado a meu filho, Winn, que, sem querer, foi quem me fez escrever este livro.

E, por fim, para minha esposa, Stephanie: estou cento e dez por cento certo de que algum cientista louco criou você em laboratório para se encaixar perfeitamente nas especificações de David Wesley Arnold. Você me amou de verdade.

SOBRE O AUTOR

© DANIEL MEIGS



DAVID ARNOLD mora em Lexington, Kentucky, com a esposa (adorável) e o filho (agitado). Já trabalhou como músico / produtor freelance, pai em horário integral e professor de pré-escola. Acredita no poder da gentileza e da comunidade. E batatinhas chips. Acredita muito em batatinhas chips. *Mosquitolândia* é seu primeiro livro.

LEIA TAMBÉM



Claros sinais de loucura
Karen Harrington



Passarinho
Crystal Chan



Quase uma rockstar
Matthew Quick